UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JOÃO PAULO DESCONCI

O QUE A PSICANÁLISE ENSINA?
COMO ENSINÁ-LO?

São Paulo
2022

JOÃO PAULO DESCONCI

O QUE A PSICANÁLISE ENSINA?
COMO ENSINÁ-LO?

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação, Linguagem e Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Leny Magalhães Mrech.

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação da Publicação
Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

DD441Oq

Desconci, João Paulo
O que a Psicanálise ensina? Como ensiná-lo? / João Paulo Desconci; orientadora Leny Magalhães Mrech Mrech, Leny. -- São Paulo, 2022.
172 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Educação, Linguagem e Psicologia) -- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Psicanálise. 2. Jacques Lacan. 3. Sigmundo Freud. 4. Ensino. 5. Transmissão. I. Mrech, Leny, Leny Magalhães Mrech, orient. II. Título.

JOÃO PAULO DESCONCI

O que a Psicanálise ensina? Como ensiná-lo?

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação, Linguagem e Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Leny Magalhães Mrech.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____

Instituição:_____Assinatura:_____

São Paulo

2022

Para Nalu.

AGRADECIMENTOS

Agradeço carinhosamente a Professora Leny Mrech, por orientar meu caminho, pela confiança, pela oportunidade de compartilhar minhas dúvidas e inseguranças e, sobretudo, pela sua amizade.

Gostaria de agradecer, especialmente, à minha revisora, Dalila Lemos, que me ensinou a escrever Psicanálise com letra maiúscula.

A Rinaldo Voltolini, pela supervisão no PAE e pela experiência de ensino vivenciada diretamente em suas aulas.

E a cada um dos professores, servidores e colegas que conheci no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Aos colegas da CLIPP, que sempre estiveram disponíveis para a conversa, bem como, aos colegas da Escola Brasileira de Psicanálise, pela inspiração e pelo trabalho incessante. Ao desafio insistente colocado a partir da transferência de trabalho que angustia, mas convoca a não renunciar ao desejo.

À minha analista, Carmen Silvia Cervelatti que, de sua posição, sempre me convidou radicalmente ao ato de reconhecer o meu desejo.

À Vanessa Nahaz, a quem devo toda gratidão e homenagem, *in memorian*.

Em especial ao Prof. Doutor Edmilson Antônio Dias, mestre maior.

À Sara Isabel Behmer, grande amiga e incentivadora do meu trabalho.

À Aline Allain, doce amiga que trago comigo desde o primeiro encontro com o texto freudiano.

À Sarah Alves e Matheus Gonzaga, companheiros de jornada na vida, pela via da amizade mais generosa.

À Daniela Cordeiro, Lorena Duarte, Ricardo Crestani, Natascha Symanski, Elizabeth Rinaldi, Fernando Vasquez, Paula Dias, Thereza Nardelli, Vivian Gayeski, Inaê Rosas e a todos os maravilhosos amigos por vir.

À Luiz Henrique Viana, *in memorian*. Saudades.

À Luana Desconci, com carinho, pelas dicas espertas e sugestões.

Ao meu tio Gilberto Pante, pela presença e descontração.

Ao meu padrasto, Everson Boscato Palhano, pelo carinho e amizade.

Ao cunhado Carlos Renato Braga, meu irmão que sempre torce por mim.

Gostaria de agradecer, com amor, à minha avó Bernardina Levandoski Arce.

À minha mãe e melhor amiga, Luzia Levandoski Arce - este é seu presente de aniversário!

À minha tia Laura Arce Pante, que, junto com minha mãe, foram minhas primeiras professoras.

E, especialmente, agradeço a minha “irmãe” Melina Desconci, a maior aliada e incentivadora, em sua generosidade e carinho, determinação e inteligência.

Dedico com entusiasmo este trabalho a Nalu Desconci Braga, minha afilhada e sobrinha. Escrevi isso tudo visando transmitir-lhe a alegria de viver.

Aproveito para declarar meu amor a cada uma delas, mulheres da minha vida, com todo o meu coração.

Ao meu querido avô Romualdo Arce (*in memorian*), modelo em sua simplicidade para ensinar.

“Sonhar o sonho impossível,
Sofrer a angústia implacável,
Pisar onde os bravos não ousam,
Reparar o mal irreparável,
Amar um amor casto à distância,
Enfrentar o inimigo invencível,
Tentar quando as forças se esvaem,
Alcançar a estrela inatingível:
Essa é a minha busca”.

Dom Quixote

“Não sabendo que era impossível, foi lá e fez”.

Jean Cocteau

RESUMO

DESCONCI, João Paulo. O que a Psicanálise ensina? Como ensiná-lo? Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2022.

A pesquisa investigou as contribuições sobre o conceito de ensino a partir da descoberta freudiana do inconsciente. A decorrente subversão da razão, a partir de um saber estranho à consciência e que, portanto, não se sabe, implica na impossibilidade de ensiná-lo. O estudo revelou como a educação pode ser moralizada e repressiva, contribuindo para o adoecimento neurótico e prescindindo de uma discussão sobre a articulação entre normas e particularidades individuais.

A Psicanálise, portanto, denuncia a definição de um ensino de modo geral que se apoia em perspectivas pré-estabelecidas e acaba por suturar experiências particulares, permitindo elaborar uma noção tal cujos interlocutores implicam-se a partir de uma enunciação singular e não anônima.

Avançando no debate científico, a partir da linguística estrutural, e posteriormente, lançando mão da lógica, da matemática e da topologia, o discurso analítico propõe uma distinção entre ensino e transmissão, a partir da função significante e da instância da letra, alcançando um doutrinal de ciência próprio que visa a transmissão integral da psicanálise, não sem o cuidado com o sujeito.

Justifica-se este estudo para a Universidade e para a Educação, na busca pela atualização do tema, a partir do que a Psicanálise ensina, e como ensiná-lo, especialmente na Escola Brasileira de Psicanálise.

Palavras-chave: Jacques Lacan; Sigmund Freud; Psicanálise; Ensino; Transmissão e Educação; Ciência; Universidade; Escola de Psicanálise.

ABSTRACT

DESCONCI, João Paulo. What does Psychoanalysis teach? How to teach it? Thesis (Master's degree). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2022.

The research investigated the contributions on the concept of teaching from the Freudian discovery of the unconscious. The resulting subversion of reason, from a knowledge that is foreign to consciousness and that, therefore, is not known, implies the impossibility of teaching it. The study revealed how education can be moralized and repressive, contributing to neurotic illness and dispensing with a discussion about the articulation between norms and individual particularities.

Psychoanalysis, therefore, denounces the definition of a teaching in general that is based on pre-established perspectives and ends up suturing particular experiences, allowing the elaboration of such a notion whose interlocutors are involved from a singular and non-anonymous enunciation.

Advancing in the scientific debate, starting from structural linguistics, and later, making use of logic, mathematics and topology, the analytical discourse proposes a distinction between teaching and transmission, from the significant function and the instance of the letter, reaching a doctrinal of science itself that aims at the integral transmission of psychoanalysis, not without the care of the subject.

This study is justified for the University and for Education, in the search for updating the theme, based on what Psychoanalysis teaches, and how to teach it, especially in Escola Brasileira de Psicanálise.

Keywords: Jacques Lacan, Sigmund Freud, Psychoanalysis, Teaching, Transmission and Education, Science, University, School of Psychoanalysis.

RÉSUMÉ

DESCONCI, João Paulo. Qu'enseigne la psychanalyse? Comment l'enseigner? Thèse (Maîtrise). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2022

La recherche a étudié les apports sur le concept d'enseignement de la découverte freudienne de l'inconscient. La subversion de la raison qui en résulte, à partir d'un savoir étranger à la conscience et donc non connu, implique l'impossibilité de l'enseigner. L'étude a révélé comment l'éducation peut être moralisatrice et répressive, contribuant à la maladie névrotique et dispensant d'une discussion sur l'articulation entre normes et particularités individuelles.

La psychanalyse dénonce donc la définition d'un enseignement en général qui s'appuie sur des perspectives préétablies et finit par suturer des expériences particulières, permettant l'élaboration d'une telle notion dont les interlocuteurs sont impliqués à partir d'un énoncé singulier et non anonyme.

En avançant dans le débat scientifique, en partant de la linguistique structurale, et plus tard, en utilisant la logique, les mathématiques et la topologie, le discours analytique propose une distinction entre enseignement et transmission, de la fonction signifiante et de l'instance de la lettre, atteignant une doctrinale de la science elle-même qui vise la transmission intégrale de la psychanalyse, non sans le soin du sujet.

Cette étude est justifiée pour l'Université et pour l'Éducation, dans la recherche d'une mise à jour du thème, sur la base de ce qu'enseigne la psychanalyse, et comment l'enseigner, en particulier à Escola Brasileira de Psicanálise.

Mots-clés: Jacques Lacan, Sigmund Freud, Psychanalyse, Enseignement, Transmission et Éducation, Science, Université, École de Psychanalyse.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Redes de sobredeterminação 1-3 e α, β, γ e δ.....24
Figura 2 – Esquema L.....25
Figura 3 – Fórmula da Metáfora (a).....28
Figura 4 – Fórmula da Metáfora (b).....30
Figura 5 – Fórmula da Metonímia.....30
Figura 6 – Algoritmo fundamental.....31
Figura 7 – Discurso do Mestre.....63
Figura 8 – Discurso do Psicanalista.....64
Figura 9 – Lugares ou posições no discurso.....103
Figura 10 – Os quatro discursos.....103
Figura 11 – Esquema SIR.....113
Figura 12 – Figura apresentada por Sócrates.....119
Figura 13 – Experimento geométrico do buquê invertido.....121
Figura 14 – Variação da ilusão do buquê invertido.....121
Figura 15 – Um esquema da análise, a palavra na transferência.....122
Figura 16 – Metáfora Paterna.....124
Figura 17 – Esquema R.....125
Figura 18 – Esquema I.....126
Figura 19 – Tríade imaginária, o pai e o Esquema do fetichismo.....127
Figura 20 – Tabela da Falta de objeto.....127
Figura 21 – Lógica da castração.....129
Figura 22 – Eixo Mãe-criança.....129
Figura 23 – Ponto de basta.....132
Figura 24 - Triângulos e grafo em construção.....133
Figura 25 – Grafo do Desejo completo.....133
Figura 26 – Primeiro esquema da divisão.....135
Figura 27 – Faixa de Moebius.....136
Figura 28 – *Cross cap*.....136
Figura 29 – Toro.....137
Figura 30 – Garrafa de Klein.....137
Figura 31 – Fórmula do Sujeito Suposto Saber.....142

Figura 32 – Quatro fórmulas e Discurso do Analista.....147
Figura 33 – O Nó Borromeano.....147
Figura 34 – Tábuas da Sexuação.....149
Figura 35 – O Nó Borromeano [enlaçado], anéis separados e ligados pelo sinthoma.....152
Figura 36 – O Nó Borromeano, Gozo fálico, Gozo do Outro e o sentido.....153
Figura 37 - Nó de Lacan.....153

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....1

MÉTODO.....9

***Corpus* teórico**.....19

Tesauro.....35

A Escola Brasileira de Psicanálise.....40

Capítulo 1: Painel geral.....55

Capítulo 2: FREUD e a Educação.....65

Capítulo 3: O impossível de ensinar.....84

A Ciência.....90

O Ensino.....95

A Universidade.....104

Capítulo 4: LACAN e seu ensino.....109

A Primeira.....113

A Segunda.....145

A Terceira.....150

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....155

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....167

Anexos

Corpus teórico

Tesauro

INTRODUÇÃO

Foi a partir da convergência entre os três fatores que nomeiam a área de concentração onde se insere este trabalho – **Educação, Linguagem e Psicologia**, que esta pesquisa de gênero teórico buscou identificar as contribuições de Freud e Lacan quanto ao conceito de ensino, a partir da subversão psicanalítica.

No entanto, gostaria de assinalar que o meu caminho não foi na direção do que é ensinar no sentido amplo – no contexto da Educação, por exemplo. De fato, é por meio da associação entre a Pedagogia e a Psicologia, característico da Educação contemporânea que a Psicanálise – entendida de início como parte integrante dessa última, adquire valor para o campo educativo. De todo modo, uma distinção entre Psicologia e Psicanálise se faz necessária.

Por trás da aparente diversidade da Psicologia, existe uma unidade ideológica garantidora do indivíduo, a personalidade, conceito paradoxal. Descrito de modo abstrato, mesmo no que se refere ao que lhe é inconsciente, o indivíduo acaba por ser isolado das relações que dão significados à sua existência, ao serem tomados como produtos de uma potencialidade psicológica inerente: a sociabilidade.

De outro lado está o sujeito do inconsciente, definido como efeito do significante, constituído nos significados de suas relações, estruturalmente dividido entre o que sabe e sua verdade e de intencionalidade equívoca, em função dos processos psíquicos que são inconscientes. Por meio de sua clínica, a Psicanálise demonstrou o inconsciente como sendo da ordem do erro, do desconhecimento e do equívoco e isso só foi possível após ser dada importância à fala do paciente. Nesse sentido, Freud fazia uso do termo Psicologia no sentido de delimitar a materialidade não biológica do inconsciente. Mais tarde, Lacan encontraria o justo termo para essa materialidade: a linguagem.

Freud elevou o entendimento de processos psíquicos – que até então eram entendidos como residuais (como se fossem efeitos de processos orgânicos cerebrais) – tais como sonhos, esquecimentos e atos falhos, tomados por ele como fenômenos de linguagem e de pensamento. Em seu texto *O inconsciente*

(1915/2010), Freud afirma que a suposição da existência do inconsciente é necessária e legítima, uma vez que a consciência tem muitas lacunas:

> [...] a identificação entre o psíquico e o consciente é totalmente inadequada. Ela rompe as continuidades psíquicas, nos precipita nas insolúveis dificuldades do paralelismo psicofísico, fica aberta à crítica de superestimar sem fundamentação razoável o papel da consciência, e nos obriga a deixar o âmbito da pesquisa psicológica, sem nos trazer compensações de outros campos.
>
> (FREUD, 1915/2010, p. 77)

Ao comentar a descoberta do inconsciente e a revolução que essa trouxe à humanidade, Freud, em seu texto inaugural da Psicanálise, *A interpretação dos sonhos* (1900/2019, p. 13), que começa com a apresentação da literatura científica sobre o problema do sonho, afirma que o *eu* não é senhor em sua própria casa, já que, pela existência do inconsciente, sempre haverá uma parte de não saber em cada um de nós.

O desdobramento dessa hipótese é o de que aquele que fala não sabe o que diz e, como o que se transmite é a falta daquele que ensina, o desejo é condição *sine qua non* para que a transmissão aconteça, uma vez que é justamente ele que é transmitido. A angústia é incluída, funcionando como combustível que alimenta o desejo de saber.

Esta pesquisa deparou-se constantemente com a impossibilidade de definir um ensino de modo geral. Mais além, visando superar as perspectivas pré-estabelecidas que acabam por suturar experiências particulares, permitindo-me elaborar uma noção de ensino cujos interlocutores implicam-se a partir de uma enunciação singular e não anônima.

Atualmente se denomina ‘ensino’ à transmissão metódica de saberes estandardizados e se verifica imediatamente se esse saber foi aprendido corretamente. Porém, esse nome convém quando se trata de um saber cuja transmissão não é uma aprendizagem ou objeto de verificação, tal como se dá Psicanálise? Esse paradoxo acarreta que, se é pedagógico e a palavra se fecha para que nada do inconsciente apareça, o ensino seria mais um exercício de poder e até mesmo um obstáculo ao saber.

Uma distinção entre ensino e transmissão se impõe partindo, portanto, da experiência demarcada pelo inconsciente em sua distinta relação com a razão e com o saber.

Nesse sentido, Mrech, em seu livro, *Mas afinal, o que é educar?* (2005, p. 13), ao se perguntar como atingir o real da Educação, indica que a Psicanálise traz outra resposta que pode nos servir de orientação a partir do curso de Jacques-Alain Miller, *A Orientação Lacaniana – O lugar e o laço* (2000-2001). Na lição publicada na revista *Opção Lacaniana,* Psicanálise pura, Psicanálise aplicada & psicoterapia (MILLER, 2017), ele aponta as premissas dessa distinção:

> [...] o que não pode ser permitido é que a Psicanálise, em sua dimensão ou em seu uso, em sua preocupação terapêutica, seja atraída, empurrada e mesmo mortificada por essa espécie de não-psicanálise que é ordenada com o nome de Psicoterapia.
>
> (MILLER, 2017, p. 3).

Os termos estabelecidos por Miller (2017) visam ecoar a diferença das três: **Psicanálise pura** e **Psicanálise aplicada (à terapia)** em relação à **Psicoterapia**. A Psicanálise pura é a noção de uma Psicanálise como uma prática que toma seu ponto de partida na transferência que Lacan apresentou como um algoritmo do saber e que, sendo levada às suas últimas consequências, encontra um princípio de parada – condição para especificar a relação com o real. Sendo assim, a Psicanálise pura, com o seu objetivo de passe, sustenta-se numa confiança dada ao saber: se há saber no real, é claro que um acontecimento de saber sustenta-se.

De outro lado, há uma dificuldade de se exprimir a diferença entre Psicanálise e Psicoterapia, pois existe um aspecto platônico que traz ao psicanalista a extensão crescente da Psicoterapia sob a forma vizinha da análise. Segundo o autor, a psicoterapia estaria inscrita no discurso do mestre, pois ali o sujeito reclama uma identificação que se sustente e sofre quando essa vacila, isto é, a urgência dessa reclamação visa restituir-lhe tal identificação. Assim, a noção de Psicanálise aplicada (à terapêutica, ou mesmo outras aplicações como na educação, por exemplo) vem como um lembrete para que não deixe de ser Psicanálise, a ponto de Miller (2017) afirmar que a psicoterapia *per se* não existe.

Para o caso da educação, especificamente, uma Psicanálise aplicada se faz possível ao aprofundar as questões levantadas pelo educador na sociedade contemporânea e isso significa tomar como objetivo a Psicanálise como uma prática.

Durante muitos anos, Sigmund Freud foi o único psicanalista. Sua perspicácia e habilidade na escrita permitiram-lhe dar início à Psicanálise, bem como apresentar suas constatações teóricas. Assim, conquistou adeptos, fundou uma instituição que visava manter a unidade de sua prática e, ao longo de sua obra, indicou condições e conteúdos necessários para a difusão da Psicanálise. Como pioneiro, tinha sua maneira particular de analisar, tirando da experiência o domínio da transferência e das resistências, por exemplo.

No artigo *A questão da análise leiga* (1926/2014, p.155-198), Freud indica a postura adotada em favor dos seus seguidores. Na ocasião, Theodor Reik fora acusado de violar uma antiga lei austríaca contra o charlatanismo, por praticar a Psicanálise sem ser médico. A partir disso, Freud interveio sobre as opiniões que existiam na sociedade psicanalítica sobre a exigência de uma formação na medicina.

Nessa ocasião, a exigência de que a psicanálise se restringisse aos médicos foi interpretada por Freud como uma derivação do repúdio inicial da parte deles, na ocasião de seu surgimento. Ele propunha, portanto, que "[...] *charlatão é todo aquele que efetua um tratamento sem possuir o conhecimento e a capacidade necessários para tanto.*" (1926/2014, p. 171). Em seguida, destaca: "*Firmando-me nessa definição, aventuro-me a afirmar que – não somente nos países europeus – os médicos formam um grande contingente preponderante de charlatões na análise*." (FREUD, 1926/2014, p. 172).

Freud conta que os psicanalistas, médicos ou leigos, seus colegas, eram "[...] *pessoas de educação acadêmica, doutores em filosofia, educadores, juntamente com algumas mulheres de grande experiência na vida e marcante personalidade*." (1926/2014, p. 185). E, indicando a importância de não restringir a Psicanálise à medicina, em favor de Theodor Reik, Freud responde a seu interlocutor a seguinte pergunta: "*Como e onde se pode aprender o que é necessário para praticar-se a Psicanálise?*" (FREUD, 1926/2014, p. 170).

Travando essa 'Conversação com uma pessoa imparcial'[1], Freud apresenta o que ocorria no seu consultório, apontando os conteúdos que – para além da medicina, são necessários a um praticante, e as diretrizes que devem ser seguidas para os devidos avanços na formação.

[1] Subtítulo dado ao artigo, indicando o método de sua explanação.

> Um esquema de formação para analistas ainda tem de ser criado. Deve ele abranger elementos das ciências mentais, da Psicologia, da História e do estudo da evolução. Há tanto a ser ensinado em tudo isso que é justificável omitir do currículo qualquer coisa que não tenha relação direta alguma com a prática da análise.
>
> (FREUD, 1926/2014, p. 192).

Tendo sugerido os conteúdos quanto ao que a Psicanálise ensina e, visando explicar como havia contribuído para o campo da Educação especificamente, Freud escreveu em seu artigo:

> Minha cota pessoal nessa aplicação da Psicanálise foi muito leve. Em um primeiro estágio, aceitei o *bon mot* que estabelece existirem três profissões (ofícios) impossíveis – educar, curar e governar –, e eu já estava inteiramente ocupado com a segunda delas. Isso, contudo, não significa que desprezo o alto valor social do trabalho realizado por aqueles de meus amigos que se empenham na educação.
>
> (FREUD, 1926/2014, p. 125).

O artigo *Análise terminável e interminável* (FREUD, 1937/2018, p. 274) gira em torno da questão do fim da análise, da inconstância dos grandes resultados, mesmo que não se vise nem à cura nem à felicidade. Decerto, a conclusão pode ser pensada teoricamente, mas, na prática, parece irrealizável. Duas interpretações possíveis: ou essa imperfeição provém da juventude da Psicanálise ou ela deve ser entendida como uma de suas características atemporais. Em outros termos, ou bem esse sucesso insuficiente apresenta-se como um fracasso a se reduzir ou bem ele se ressalta de uma qualidade a se preservar.

Em seu artigo, Freud nunca deixa de evocar a primeira dessas hipóteses: talvez, ele não saiba disso o bastante ainda; talvez esses resultados insuficientes decorram lentamente de antigos casos, nos quais baseou sua reflexão; talvez, mais tarde, quando já não nos seus primórdios, essa particularidade se amenizará: um sucesso seguro é então transferido para o futuro, pois se leva em conta a atual inconstância sobre uma construção teórica ainda mal assegurada. Existe nisso um propósito modesto, sobretudo cauteloso, de Freud.

No entanto, associando a Psicanálise a outros dois ofícios impossíveis – *governar* e *educar* – é como se ele não pudesse se livrar completamente da ideia de que esse sucesso insuficiente é um dado incontornável. Ele assegura que é, de início, que estamos certos de fracassar, para empregar o termo forte. Basicamente, se o fim é sempre incerto, o sucesso insuficiente é, em contrapartida, previsível desde o início:

a decepção e a impotência estão no começo. Fazendo incidir o impossível sobre a finalidade, Freud confronta o ato da Psicanálise a uma não-finitude fundamental, de alguma forma constitutiva. Os dois outros ofícios, já conhecidos há mais tempo, compartilham da mesma impotência e a Psicanálise segue seu rastro.

Desde Freud, muitos outros psicanalistas foram de grande importância e dentre eles, Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981), foi um teórico de fundamental importância para o ensino e a difusão da Psicanálise no mundo. Dedicado a retomar os conceitos freudianos a partir dos conhecimentos de sua época, Lacan visava restabelecer os conceitos em sua aplicação original, em detrimento do uso instrumental da teoria que ocorrera após a morte de Freud.

De objetivo exploratório, a pesquisa se lançou em uma triagem do material bibliográfico, definindo um *corpus* teórico, a partir do qual foi estabelecido o plano de leitura, análise e interpretação, de modo sistemático, a fundamentar teoricamente esta Dissertação. Em seguida, tomei como estratégia mapear o significante “ensino”, na produção do tesauro anexo que orientou a eleição dos textos trabalhados, para elucidar seu percurso histórico do conceito, ao longo da Obra de Lacan. A partir disso, foi possível eleger os textos a serem lidos no que se refere à formalização da formação do analista, suas implicações e referências originais (a partir de Freud ou de outros pensadores referidos).

Para Lacan, a associação livre tem sua estrutura a partir do deslizamento significante, ou seja, é propriamente da cadeia simbólica que determina o lugar da interpretação, diante das formações do inconsciente. Igualmente, para além da nosologia médica, situar os afetos e as referências imaginárias em relação à palavra foi o que permitiu a Lacan definir o *inconsciente*, a *repetição*, a *transferência* e a *pulsão* como conceitos fundamentais.

Busquei, portanto, uma perspectiva de associação livre: a partir desse levantamento *(corpus* teórico + tesauro*),* escolhi os materiais que julguei interessantes e me chamaram a atenção, promovendo uma leitura possível dentre várias - segundo minha orientadora, uma *leitura em filigranas*. Servindo à composição da escrita, a pesquisa sustentou o campo de saber da Psicanálise como um conjunto aberto, tal como ela se propõe, seja pelo resgate do inconsciente vivo, seja a partir da proposição de que conceitos psicanalíticos ocorrem por aproximações, assintoticamente.

Finalmente, no que se refere ao psicanalista, o ser do analista como elemento não-desprezível nos efeitos da análise – que deve inclusive ser exposto em sua conduta no fim da partida, este trabalho buscou sustentar um desejo decidido e o comprometimento com a descoberta freudiana e sua letra e, mais especificamente, a partir de uma pergunta sobre meu próprio percurso de formação continuada.

Outras atividades também contribuíram para a minha participação no ambiente acadêmico da Faculdade de Educação da USP, sobretudo, na aproximação com a atual pesquisa que já se desenvolve ali:

- dos aprendizados pela participação ativa nas aulas das disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação da FEUSP e do IPUSP, bem como, de eventos acadêmicos afins;
- da disciplina ministrada pela minha orientadora, Leny Magalhães Mrech, sobre Autismo, na FEUSP, donde surgiu uma publicação pessoal minha, intitulada *Clínica e desconexão no autismo* (2019, p. 114), na Carta de São Paulo, *Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. Texto esse apresentado na ocasião das VIII Jornadas da Seção São Paulo da Escola Brasileira de Psicanálise, *Amor e Sexo em tempos de (des)*conexões, em 2018.
- da experiência de monitoria de duas disciplinas ministradas pelo Professor Doutor Rinaldo Voltolini, proveniente do estágio de docência, no Programa de Aperfeiçoamento do Ensino – PAE;
- do procedimento de leitura integral das referências bibliográficas fundamentais e complementares exigidas nas disciplinas cursadas e monitoradas;
- e, especialmente, da submissão regular às análises críticas da professora orientadora Leny Magalhães Mrech, tendo contado ainda com ensinamentos e sugestões da Banca de Qualificação (em março de 2019), a partir das quais a pesquisa também adquiriu maior criticidade e orientação.

Justifica-se esta dissertação, portanto, pela importante subversão a que se pretende uma Psicanálise preocupada com o respeito pela articulação entre normas e particularidades individuais, bem como por sua difusão – causa defendida constantemente por ambos os autores, sobretudo, por inseri-la no debate científico.

Além disso, a dimensão ética da Psicanálise – para além da epistêmica, exige esclarecimento, justamente por se tratar de uma experiência para além da aquisição

de conhecimentos, mas que acontece no singular, seja no nível privado da análise pessoal ou da cínica e sua supervisão, seja no exercício coletivo, diante da comunidade da Escola de Psicanálise ou nos Institutos, seja na universidade e na pesquisa.

Por mais que alguns psicanalistas, ao lidarem com questões educativas, partam da afirmação de Freud que se refere à Educação como algo impossível de modo restrito, Laurent afirma em seu texto *Reflexões sobre a forma atual do impossível de ensinar* (2000) que, tomando-a de modo estereotipado, ignoram que "[...] *dizer que é impossível ensinar, é dizer que é preciso, incessantemente, remeter ao canteiro de obras tudo o que apareceu, em um dado momento, como uma solução para essa aporia*" (LAURENT, 2000, p. 5).

Nesse sentido, o autor aponta dois registros distintos: por um lado, aquele do estudo das disciplinas necessárias ao saber do psicanalista; por outro, a transmissão propriamente dita da maneira como é preciso ler o inconsciente, não como coisa morta, uma significação completa, um manual de Psicologia, mas como uma coisa viva. Partir desse ponto não foi sem consequências para a presente pesquisa, revelando-se constantemente como uma experiência de enfrentamento do impossível de ensinar.

Assim, esta dissertação subdivide-se em:

- método, onde são apresentadas as motivações que determinaram o objeto de pesquisa, das condições particulares da pesquisa em Psicanálise, da constituição do pesquisador e da função da escrita em seus desafios; do tesauro, como instrumento e do *corpus* teórico, delimitado como campo de pesquisa; além de uma apresentação da Escola Brasileira de Psicanálise;
- painel geral do debate entre Psicanálise e Educação tomado neste trabalho;
- as contribuições de Freud à Educação;
- a questão do ensino da Psicanálise e o impossível de ensinar;
- o ensino de Lacan.

MÉTODO

A Psicanálise, simultaneamente, é um procedimento para investigação de processos mentais inconscientes (inacessíveis a outras formas de pesquisa), um procedimento terapêutico e um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação sobre seu objeto. Por isso, uma certa distinção entre o Freud clínico e o Freud produtor de conhecimento deve ser mantida.

Freud aponta o mérito de a Psicanálise reivindicar para si a coincidência da pesquisa e do tratamento, mas indica que a técnica que serve a uma contradiz, a partir de certo ponto, a outra. Afirmar que a Psicanálise compreende não só um método de investigação, senão também, de tratamento corresponde a dizer que a Psicanálise não é feita nem só de investigação nem só de tratamento.

De outro modo, que a Psicanálise não se define apenas pelo exercício de investigação de conceitos, o que resultaria numa hipertrofia da especulação – termo também freudiano para tratar dessa inflação da dimensão investigativa de uma pesquisa – tampouco pela pura terapêutica, sem nenhuma formalização conceitual, o que nos reduziria aos equívocos de uma prática intuitiva e pouco rigorosa.

Por vezes, as teorias da Psicanálise tornam-se objeto de estudos sistemáticos, ora de estudos históricos, ora de reflexões epistemológicas, assim acontece quando a Psicanálise é o objeto da pesquisa e o pesquisador não precisa ser psicanalista. Podem ter como alvo, entre outros, processos socioculturais e/ou fenômenos psíquicos transcorridos e contemplados fora de uma situação analítica no sentido estrito (embora também aí se constate uma dimensão clínica e se observem efeitos terapêuticos). Outras vezes, alguns conceitos psicanalíticos são mobilizados como instrumentos para a investigação e compreensão de variados fenômenos sociais e subjetivos. Nas ciências naturais e nas ciências sociais ou humanas, concebe-se um sujeito ativo debruçado metodicamente sobre seu objeto, munido de conceitos, instrumentos e técnicas de descoberta e de verificação – ou refutação – de suas hipóteses. Essa concepção sugere certa distância entre o pesquisador e seu referencial teórico.

A pesquisa com método psicanalítico, por outro lado, consiste em um processo onde, após a pesquisa, o objeto, o sujeito (pesquisador) e seus meios de investigação (conceitos, técnicas) são transformados. Com o psicanalista, o deixar-

se fazer pelo objeto de pesquisa e, em contrapartida, construir o objeto à medida que avançam suas elaborações e descobertas faz da pesquisa um momento na história de uma relação que não deixa nenhum dos termos tal como era inicialmente. Da mesma forma, não se pode definir externamente e a priori o que seja um analista, apenas o que ele faz e, ainda assim, somente pelo efeito de suas intervenções, no *a posteriori* de seu ato.

Certamente, o valor de tais observações reside no fato de que, através delas, nos será possível insistir na aproximação entre a Psicanálise e a universidade instituída como interrogação por Freud, viabilizando ainda a formalização de um método de pesquisa que não defina a priori o que seja o fazer analítico no rigor de sua especificidade.

A demanda à produção de saber que se instala sob o nome de amor é inerente à própria estrutura da transferência e, portanto, irá requerer inevitavelmente manejo por parte do analista. Isso nos permitirá observar que “manter-se analista” no universo acadêmico é tão árdua tarefa quanto em qualquer outra situação, mesmo que possamos traçar especificidades em cada uma delas.

A afirmação freudiana de que a Psicanálise é uma notável combinação, pois compreende não só um método de investigação, senão também, um método de tratamento baseado na etiologia assim descoberta, serve-nos como eixo fundamental em torno do qual se concentram os pressupostos utilizados na formalização e na aplicabilidade do método de pesquisa clínica em Psicanálise, se configurando e se sustentando na produção de algum saber possível sobre as próprias sutilezas de tal relação.

Vale também ressaltar que o estabelecimento de tal indissociabilidade entre os termos investigação e tratamento não pode ser pensado como uma superposição nem como uma pacífica harmonização entre eles. Pelo contrário, por mais que Freud tenha se referido a uma notável combinação entre investigação e tratamento para dizer do método analítico, importa-nos ressaltar que, de fato, o que ocorre na experiência é uma dissimetria entre ambos os termos, já que a dimensão investigativa não dá conta de traduzir por completo o novo de cada experiência.

Mrech, em seu livro *A construção do pesquisador* (2019), por meio de temáticas cruciais, tais como a relação professor-aluno, a cultura acadêmica e a metodologia de pesquisa, investigou, à luz da Psicanálise lacaniana, o processo de

orientação de pesquisa como um processo de constituição, tanto do lado do orientador quanto do orientando. E, assim, analisou alguns impasses partindo de uma tríplice incidência:

a) o objeto de pesquisa que se constitui no recorte investigativo;
b) o pesquisador que se constitui ao assumir a ação de pesquisar; e
c) o texto que é fruto dessa decisão.

a) O objeto

Em 2016, foi realizado o X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise: *O corpo falante. Sobre o inconsciente no século XXI*, no Rio de Janeiro. Em sua intervenção de encerramento chamada *Habeas Corpus*, Jacques-Alain Miller (2016) conta que, em 1999, participou de um colóquio (MILLER, 1999/2004, p. 10-133) que tratava das relações entre Lacan e as matemáticas. Em sua contribuição, *Un rêve de Lacan*, Miller (1999/2004) tratou como um sonho de Lacan o desejo de associar a Psicanálise não somente à linguística estrutural, mas também às matemáticas e, especialmente, à lógica matemática. Segundo Miller, de fato, toda a geração estruturalista acreditou no mesmo sonho.

A partir dessa inspiração, o projeto inicial visava estudar os matemas, uma vez que Lacan propunha uma álgebra que correspondesse à lógica simbólica, que partisse da matemática e da lógica e estabelecesse sua legitimidade, porém, não sem o sentimento de prudência e cuidado sobre o sujeito.

Em seu escrito chamado *O aturdito*[2] (1972/2003, p. 448), Lacan aponta que o matemático tem com sua linguagem o mesmo embaraço que o psicanalista tem com o inconsciente, por não saber do que está falando, mesmo quando se certifica de que é verdade.

Assim, suas considerações sobre o discurso da matemática colocavam em evidência o interesse em assegurar a transmissão da Psicanálise e, especialmente, a noção de que não há formação do analista que seja concebível fora da manutenção do dizer de Freud inferido da lógica que toma como fonte o dito do inconsciente, afirmando a existência do sujeito.

[2] Publicado em *Scilicet*, nº 4, Paris: Seuil, 1973, p. 5-52.

Assim, um dizer que se especifica pela demanda – e cujo estatuto lógico é do que se trata no discurso analítico – só pode ser tomado ao ser confrontado com o dito. Da experiência discursiva, não se pode prescindir definitivamente e o caso do dizer que é a interpretação, no que incide sobre a causa do desejo, é privilegiado como exemplo.

No que se refere ao ensino, Lacan (1972/2003, p. 449) se apresenta como um racionalista e reivindica, como metodologia científica, o modelo de ciências como a física e a matemática, privilegiando a lógica em seu esforço de formalizar a Psicanálise e fazê-la operar dessa forma: "*Lembro que é pela lógica que esse discurso toca no real, ao reencontrá-lo como impossível, donde é esse discurso que a eleva a sua potência extrema: ciência, disse eu, do real*.*".*

Se a matemática forclui a singularidade, nem por isso deixa de ser, na fundação, aquilo que provoca a sintaxe que se estabelece. Como ciência, esse ponto original passará a se fazer presente como axioma. Temos aqui as fórmulas, que se colocam como letras apriorísticas, depuradas de questionamentos e portadoras de universalidade absoluta, a quem seriam facultadas a transmissão integral, ferramenta fundamental nas elaborações de Lacan, sob a forma dos matemas.

Se o matema lacaniano pode ser entendido como função do real no saber, teríamos a acrescentar que ele se refere afirmativamente à ausência, pois o que é integralmente transmissível é a inscrição da ausência de sentido, não propriamente como o vazio do sem sentido, mas sob a forma de uma afirmação.

Os matemas, para um psicanalista, têm serventia apenas quando se faz existir neles o que neles inexistiria se nos mantivéssemos a concebê-los como puras fórmulas matemáticas. Um matema, em si, é pura associação de letras. É apenas na sua manipulação que, caso a caso, um sujeito específico faz com que aquela fórmula venha a se produzir, para ele, como portadora de sentido. Quando nos propomos a manipulá-los, percebemos que nem tudo se reduz a sua literalidade.

Assim, de sua álgebra fundada nos matemas, passando pelos grafos até a composição do nó borromeano, encontramos em Lacan um esforço de sustentação de um ponto de incompletude como via para a própria transmissão do real em jogo na experiência psicanalítica. Partindo de seu aforisma de que "[...] *não há metalinguagem."* (1972/2003, p. 449), Lacan afirma que, a partir da teoria dos

conjuntos, foi possível "[...] *isolar na lógica o incompleto do inconsistente, o indemonstrável do refutável, ou até acrescentar-lhe o indecidível.*" (1972/2003, p. 452).

> Não há outro estofo a lhe dar senão esta linguagem de puro matema, com o que me refiro àquilo que é o único a poder ser ensinado: isso, sem recorrer a nenhuma experiência, a qual, por ser sempre, tenha o que ela tiver, fundada num discurso, permite as locuções que, em última instância, não visam outra coisa senão estabelecer esse discurso. (LACAN, 1972/2003, p. 473).

Trata-se, portanto, de uma distinção entre os modos de leitura da ciência e da Psicanálise, como pretendemos desenvolver ao longo deste trabalho. Vale introduzir a perspectiva de que a formalização não corresponde a uma exigência de sentido, mas sim, de transmissão, no sentido estrito. Uma distinção entre ensino e transmissão, se faz necessária, a partir da crítica à *dizência* - do lado do ensino, em favor do resgate do inconsciente enquanto vivo.

Do mesmo modo, podemos afirmar que a possibilidade de formalização que a escrita científica instaura é corroborada por uma operação de leitura aparelhada pela produção de sentido, pela lógica que orienta o modo como se recolhem os elementos aí depositados, quer sejam tomados como já escritos ou como depositados no próprio ato de leitura, no que este comporta de uma escrita.

É como limite à ideia de uma transmissão integral que Lacan nos levará de um suporte a outro, com seu recurso à matemática, em suas diversas modalidades de escrita, de certa forma passando por uma desilusão quanto à concepção do matema na perspectiva de uma possibilidade de transmissão integral (MILLER, 2016).

Milner, em seu livro *A obra clara* (1996, p. 99), trata do matema como um pivô do segundo classicismo lacaniano, considerando que apenas tal noção "*permite articular umas às outras as proposições relativas ao doutrinal de ciência, à letra, a matemática e à filosofia*.". Além do *O aturdito* (1972/2003, p. 448), o *Seminário XX – Mais ainda* – é repleto de fontes sobre o tema. É ali, inclusive que Lacan profere porque a formalização matemática era seu objetivo e ideal: "[...] *porque só ela é matema, isto é, capaz de se transmitir integralmente*" (1972-73/1985, p. 108).

O autor aponta duas questões: da função e da forma do matema, e da questão mais geral da matemática e seu status. A noção de matema repousa sobre

uma tese que concerte à matemática, no entanto a distinção permanece, uma vez que existem referências de Lacan que não derivam da doutrina do matema. Por outro lado, o surgimento de uma doutrina explícita do matema modificou a relação que Lacan tinha com a matemática e, por essa razão, com a matematização. Trata-se do princípio do doutrinal de ciência que determina a transmissibilidade da Psicanálise, o que se distingue do ensino.

Segundo Milner (1996), durante muito tempo, se supôs necessária à transmissão do saber a intervenção de um sujeito insubstituível – o mestre, definindo o dispositivo ligado à *episteme*. É precisamente isso que o matema exclui, uma vez que o mestre antigo – como um termo insubstituível, foi substituído pelos professores, justamente porque a ciência moderna se fia inteiramente nos funcionamentos literais da matemática. Daí decorre também a degradação do professor que experimentamos na contemporaneidade, quando o ensino se restringe a uma questão de posição, e não, de sujeito.

Uma vez que a doutrina do matema articula-se a uma doutrina do mestre como pura determinação posicional, só esta é compatível com o doutrinal de ciência, evidenciada pela *Teoria dos Quatro Discursos* de Lacan, onde a distinção entre termos e posições se desenvolve completamente (salvo as peculiaridades do *objeto a*).

Milner, em *A obra* clara (1996), chega afirmar que, no matema e na determinação estritamente posicional do mestre, se articula o *status* da Escola, como correlato institucional do matema, cuja função maior consiste em assegurar uma transmissão integral, sendo a partir da letra que a matemática é o paradigma da transmissibilidade, uma vez que ela não é o significante.

> O significante é apenas relação: ele representa para e é aquilo através do que isso representa; a letra mantém, decerto, relações com as outras letras, mas ela não consiste apenas em relações. Sendo apenas relação de diferença, o significante é sem positividade; mas a letra é positiva em sua ordem. A diferença significante sendo anterior a toda qualidade, o significante é sem qualidades; a letra é qualificada (ela tem uma fisionomia, um suporte sensível, um referente etc.). O significante não é idêntico a si, não tendo um si a que uma identidade possa ligá-lo; mas a letra, no discurso em que se situa, é idêntica a si mesma. O significante sendo integralmente definido por seu lugar sistêmico, é impossível de deslocá-lo; mas é possível deslocar uma letra; assim a operação literal por excelência deriva da permutação (testemunha a teoria dos quatro discursos). (MILNER, 1996, p. 104).

Portanto, a topologia lacaniana não é uma substância que situe além do real aquilo que motiva a prática e não é também uma teoria. É importante que a impossibilidade de dizer a verdade do real se motive por um matema, mas pelo qual se situe a relação do dizer com o dito. Consequentemente, deve-se dar conta de que haja cortes do discurso (como a interpretação, por exemplo) que modifiquem a estrutura e é por isso também que o analista deve ser, antes de tudo, o analisado, sendo justamente por essa ordem que se traça sua carreira.

Nesse sentido, este trabalho se deparou com impasses que modificaram o objeto de pesquisa ao longo do processo, uma vez que foi se transformando e adquirindo maior complexidade ao longo das leituras. A dificuldade de abordar os matemas diretamente, sem antes tomar a questão do ensino, se impôs e me levou a tomar essa discussão por outra via. Assim, tornou-se necessário investigar o desenvolvimento do ensino de Lacan, visando localizar os determinantes das suas mais complexas formulações, em sua insistência.

De fato, são distintas as contribuições em diferentes momentos que Lacan dispõe em seu percurso. Os conceitos vão sendo reformulados de modo operativo ao longo de sua obra, tornando o ensino uma série de respostas à questão da transmissibilidade da Psicanálise que ocorreu em mais de um estilo.

A orientação inicial de Lacan consistiu em defender a herança freudiana, especificamente, dividindo, como ele se expressa em seu *Discurso de Roma*[3] (1953a/2001), a técnica de decifração do inconsciente, por meio da linguística, e a teoria das pulsões, posteriormente (p. 143).

A grande solução encontrada para o impasse de escrever a pulsão como se essa fosse simplesmente parte da cadeia significante foi o *objeto a*, em suas peculiaridades: uma vez que, ao mesmo tempo, faz parte da armadura da fantasia, está no âmago da pulsão e tem certas propriedades significantes (MILLER, 2016).

Lacan não depôs suas armas ao longo de suas construções, reviravoltas e acréscimos, sempre subversivos ao sustentar a posição do sujeito dividido entre seu

[3] Redação do discurso proferido por ocasião da apresentação do relatório "Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise" no *I Congresso da Sociedade Francesa de Psicanálise*, realizado em Roma, em 26 e 27 de setembro de 1953. Publicado na revista *La Psychanalyse*, PUF, vol. I, 1956, p. 202-11, e 241-55.

saber e sua verdade. Especialmente, a partir da lógica, constituiu as condições de tomar o saber como um *não-todo* e, por mais que ele tenha definido a Psicanálise como o tratamento do real pelo simbólico, em seu *Seminário XI* (1964/2017), sobre os conceitos fundamentais, algo sempre escapa nos defrontando com a dimensão ética e com o impossível.

b) O pesquisador

No nível do pesquisador, o impasse inicial se deu frente à incomensurabilidade dos elementos envolvidos na transmissão do saber, sobretudo pelo aporte inconsciente apontado pela Psicanálise no jogo erótico com o conhecimento.

A constituição do sujeito pesquisador, portanto, trouxe uma crise compreensiva diante das questões encontradas. Mais precisamente, a dissertação pôde ser mais bem compreendida em seu potencial de provocação interna das estruturas ou categorias psíquicas engendradas no saber, para além do que é capaz o conhecimento propriamente dito, enquanto por ser elaboração consciente.

Tal como Freud afirmara na sua última conferência introdutória à Psicanálise, a *Conferência 35*, denominada *Acerca de uma visão de mundo* (FREUD, 1933/2010, p. 321), que a ela é totalmente inadequada para criar uma visão de mundo própria, devendo aceitar aquela da ciência, mesmo que distanciada em sua definição. Segundo ele, a Psicanálise aceita o caráter *uno* da explicação do mundo, mas apenas como um programa cuja realização é adiada para o futuro, de resto, negativamente, é determinada pela limitação ao que é cognoscível, apontando que a Psicanálise não reivindica ser totalmente coesa ou constituir um sistema e é demasiado incompleta.

De início, a pesquisa buscava um eixo histórico e de desenvolvimento do conceito de ensino em Lacan, a partir do interesse em articulá-lo com sua topologia ao longo dos seminários e escritos. Para isso, as citações referidas ao termo “ensino”, de cada um dos escritos, seriam articuladas aos esquemas que são encontrados tanto neles quanto nos seminários ao longo da dissertação – trabalho hercúleo.

A respeito ao inconsciente do pesquisador, distinta da posição do analisante, a transferência parece ocorrer em relação à própria Psicanálise ou mesmo com a universidade. O desejo de saber sobre a teoria passou pelo processo de

desconstrução de um ideal que visava dar conta de todo o saber sobre o ensino, e que foi se deparando com um real que escapa, ao fundamento da castração e do encontro com os furos no saber. Uma vez orientado pelo inconsciente e, sobretudo, pela angústia ao lidar com o impossível, e em concordância com os referenciais teóricos adotados, trata-se de uma pesquisa implicada na empreitada interpretativa desse ponto opaco.

Além do mais, esse impasse permitiu que o pesquisador se deslocasse de uma posição obsessiva de recenseamento da bibliografia, para um sentido mais voltado para o exercício de escrita autêntica, na autonomia e autoria que a escrita acadêmica exige, a partir do processo de orientação e das experiências da pós-graduação.

Dessa forma, tem-se que a hipótese originária da pesquisa mantém seu vigor como um motor das investigações, mesmo tendo passado por contundentes questionamentos. Se, por um lado, os efeitos de verdade passíveis de serem produzidos a partir da aplicação do método de pesquisa só podem ser recolhidos por cada um no particular de sua experiência, por outro, as condições e as premissas para que tais efeitos possam ocorrer devem fazer parte da própria estrutura do método. Confirma-se, desse modo, uma das premissas fundamentais da Psicanálise: o universal que regula sua prática de investigação e tratamento é não-absoluto, ainda que algo de uma universalização do saber deva ser obtido visando à transmissão.

Por outro lado, tais considerações nos permitem afirmar que, se nada nos garante a priori que um atendimento clínico é analítico em seus efeitos – como no caso da psicoterapia –, também nada nos permite dizer que uma pesquisa que se desenvolve em interlocução com o universo acadêmico deixa, por isso, de ser regida pelos princípios mais rigorosamente analíticos.

Isso tudo foi experimentado ao logo do percurso de pesquisa. Em diversos momentos, a orientação aconteceu no sentido de admitir a castração, invocada pela posição do sujeito pesquisador. Distinta da posição do analista ou mesmo do supervisor, a orientação foi um constante convite a superar uma escrita despersonalizada, mecânica e formal para um texto mais autoral e, sobretudo, apoiado no dizer do pesquisador. Acrescento que a passagem do tempo de compreender esses elementos subjetivos, que se estendeu e não sem angústia, o

momento de concluir, em consequência da pressa, precipitou a escrita de tal modo que o pesquisador colocasse algo de si.

Uma questão essencial também trouxe a marca do impossível a partir da experiência de pesquisa: como se tornar Mestre em Psicanálise? Manter-se na posição intervalar entre ambos os termos, mestre e analista, produz uma tensão permanente que não permite ao analista relaxar nem em seu estudo nem em sua escuta. Já que é preciso estudar sem ser estudante, é preciso saber sem ser mestre e, acima de tudo, é preciso abrir-se radicalmente à experiência do novo, sem deixar de lado a formalização necessária de algum saber sobre a própria experiência. Assim, ser também Mestre em Educação seria uma posição que só se preservaria na condição de ser impossível.

Fez-se necessário sustentar determinada relação entre o saber e o fazer de acordo com os significantes mestres da universidade, permanentemente interrogados pelos impasses encontrados e pelas novidades durante o processo conduzido pelo pesquisador analista. Penso que um mestrado, então em Educação, mas também *a partir* da Psicanálise, permite *uma formação* no exercício que a pós-graduação constitui sobre a produção de conhecimento acadêmico.

c) O texto

Para o campo da educação, Mrech, em *A construção do pesquisador* (2019) indica que os dados da pesquisa, de fato, acabam por ganhar existência ao serem escritos. E a preocupação com a constituição do pesquisador é indissociável da atenção a ser dada à escrita. Como um poderoso dispositivo de transformação da relação que o sujeito estabelece com sua palavra, o texto incita a que aquele que escreve não se limite a encarar o ato de escrever como o cumprimento de uma tarefa burocrática.

Quando ingressa na pós-graduação, o pesquisador sabe que, sem a escrita, não conseguirá finalizar seu curso. Porém, realizada de modo implicado, a escrita em contexto universitário pode se configurar como um ato em que aquele que escreve põe algo de si e possa materializá-lo no texto. O ato de escrever torna-se o passaporte para a conquista de um nome, se a pessoa que escreve não cede ao seu desejo, mais além das palavras.

Em seu *Seminário XXIII – Joyce, o sinthoma* (1975-76/2007), Lacan postulou a existência de duas acepções distintas para o termo "escrita". A primeira se refere às construções lógico-matemáticas que dão suporte ao pensamento sem o apoio das palavras, a álgebra lacaniana. Trata-se, por exemplo, dos esquemas e diagramas utilizados para dar a ver o funcionamento de algo, as relações de causa e consequência. A segunda acepção seria aquela que, nas palavras do psicanalista, é "[...] *resultado do que poderia ser chamado de uma precipitação do significante*." (LACAN, 1975-1976/2007, p. 140), entendida como as formalizações gráficas que, em cada cultura, representam as palavras.

Lacan interessou-se particularmente pela primeira acepção de escrita, no que se refere aos matemas. Na mesma lição, ele afirmou que "[...] *a escrita em questão vem de um lugar diferente daquele do significante*." (1975-76/2007, p. 140). Concluímos, portanto, que Lacan está considerando duas instâncias diferentes ao pensar a escrita. A primeira é a da pessoa que, deliberadamente, realiza ações para escrever. A segunda é a do enunciador que é falado por ela.

O que se percebeu, ao analisar o *corpus* da pesquisa, é que, provavelmente, seriam incalculáveis os efeitos que a escrita causaria, não fosse a finalidade da produção textual acadêmica. Esta pesquisa mostra, portanto, a existência de uma leitura particular, entre outras possíveis, bem com uma escrita como registro das incertezas, das angústias, do aprendizado e da insistência do sujeito pesquisador em questão, em sua constituição e no enfrentamento da escrita como um ato.

Assim, acredito que este trabalho me permitiu conceber melhor a transmissão da letra freudiana e do ensino lacaniano, nessa articulação entre a pesquisa e a escrita, segundo o estilo que moldou minha transferência com a Psicanálise e o projeto de fazer avançar o desejo decidido de saber, bem como, a persistência em perseguir o impossível de ensinar.

***Corpus* teórico**

À primeira vista, o volume de textos que compõem o campo da Psicanálise é imenso. Para tanto, fez-se necessária uma longa jornada de organização e seleção desse material, orientada a tomar essa leitura de forma literal. Acrescento que o sistema de pastas do Google Drive ajudou nos rearranjos e distribuição dos assuntos

e textos descobertos na pesquisa, ajudando a estruturar o sumário desta dissertação. Curiosamente, essa lógica de pastas é idêntica à Teoria dos Conjuntos.

Assim, os estudos realizados levaram o texto da dissertação a se estruturar de modo a primeiramente enfrentar uma leitura histórica do texto freudiano, mapeando nela as forças indutoras a partir de três funções:

- A primeira delas diz respeito aos artigos que foram selecionados em favor da pesquisa sobre a intersecção entre Psicanálise e Educação.
- O segundo caso, textos freudianos que se orientam mais diretamente ao método, em suas lições elementares, recomendações, princípios, interesses, contribuições e dificuldades na transmissão e ensino da Psicanálise. Desses, textos históricos e que tratam de questões técnicas e conceituais foram privilegiados os fundamentais para que, de sua leitura, fossem extraídas indicações diretas de Freud, no que se refere à teoria e ao ensino.
- Em terceiro, como o ensino de Lacan se apoia firmemente no texto freudiano – sendo essa uma das condições mais repetidas por ele para tanto, em diversos escritos lacanianos, se fez necessária a apresentação dos textos de Freud comentados por Lacan.

Em favor da incessante busca desses teóricos em avançar sobre o problema do ensino e da transmissão da Psicanálise, esta pesquisa apresenta-se como uma produção teórica, a partir:

- da intersecção entre Psicanálise e Educação, segundo Freud;
- das contribuições de Freud e Lacan sobre o conceito de ensino;
- do mapeamento da bibliografia lacaniana publicada em português;
- do tesauro, a partir do significante ensino em Lacan; e
- dos usos dos matemas, esquemas, fórmulas e grafos.

Para o caso de Lacan, estudado mais extensamente neste trabalho, seu ensino é tomado como objeto da pesquisa com mais ênfase. Segundo Jean Claude Milner, em seu livro *A obra clara*, "*Lacan é, como ele próprio diz, um autor cristalino. Basta lê-lo com atenção*" (1996, p. 7). Nesse texto, o autor se propõe a estudar as relações entre o pensamento de Lacan, a ciência e a filosofia. Seu pivô teórico é a teoria lacaniana, que soube preservar e elaborar pontos de choque e de atração entre esses diferentes discursos.

Se Freud jamais negou seu “ideal de ciência” e almejava inscrever a Psicanálise no quadro já existente das Ciências Naturais, Lacan, em contrapartida, ao contestar a ciência ideal como modelo para a Psicanálise, pretendeu detectar na própria Psicanálise os fundamentos epistemológicos de seus princípios e métodos.

A obra de Lacan, segundo o autor, apresenta-se sob duas formas: por um lado, a dos seminários onde o ensino era apresentado oralmente em suas lições semanais, de 1953 até quase os anos 1980, anualmente. Esses foram gravados, transcritos e publicados parcialmente, com o título de *O Seminário*, por seu genro Jacques-Alain Miller, pela editora *Seuil*, cada volume constituindo um livro, identificado por um algarismo romano e um título. E, por outro, dos textos escritos anteriores a outubro de 1966, reunidos num volume com o título de *Écrits*, acrescidos dos mais importantes textos posteriores publicados na revista *Scilicet*, vindo a compor o *Autres Escrits*, em 2001.

Tais textos são hoje considerados clássicos da Psicanálise e, do mesmo modo, a publicação dos seus *Escritos* (LACAN, 1966/1998), pela editora *Zahar* no Brasil, constitui um marco para a bibliografia psicanalítica em língua portuguesa, suplementado pelo *Outros Escritos* (2001/2003). Em relação a seus conteúdos, o *Escritos* e o *Outros Escritos* constituem uma série integrada de marcos centrais no itinerário psicanalítico que Lacan percorreu num período de trinta anos.

Fundamentais para a Psicanálise contemporânea, esses escritos são relatórios apresentados em congressos, aulas, textos e conferências realizadas por Lacan, muitas delas a convite de instituições renomadas. Igualmente, publicados em revistas de grande relevância para a comunidade epistêmica da época, tais como: *Évolution Psychiatrique*, *The International Journal of Psycho-analysis*, *Revue Française de Psychanalyse*, *Encyclopédie Française*, *Cahiers d’Art*, *Ornicar?*, *La Psychanalyse, Critique*, *Quarto*, *L’Inconscient*, *Les Temps Modernes*, *Cahiers pour l’Analyse*, *Analytica*, *L’Espace Analytique*, *Lettres de l’École Freudienne*, *Littérature*.

Milner, em *A Obra Clara*, considera que todos os textos escritos para publicação têm *status* semelhante, seja qual for sua data ou lugar, e os nomeia seu conjunto de *Scripta* (MILNER, 1996, p. 11). Acrescentei à pesquisa, portanto, outros escritos de Lacan, publicados em português e disponibilizadas por meio da *Coleção Paradoxos* (Editora Zahar).

Localizei também alguns escritos que foram disponibilizados em português pela *Revista Internacional da Escola Brasileira de Psicanálise*, *Opção Lacaniana*, que teve sua origem na difusão de um modesto encarte, o *Jornal Brasileiro de Psicanálise*, criado com o objetivo de promover o debate entre psicanalistas de orientação lacaniana. Sua concepção é contemporânea à da "Iniciativa Escola", um projeto iniciado em 1992 com o intuito de criar, no Brasil, uma sólida instituição de Psicanálise ligada à Associação Mundial de Psicanálise, a Escola Brasileira de Psicanálise.

Três anos depois, o Jornal se tornou revista e adquiriu porte internacional, contando com artigos de colegas do mundo inteiro. Desde então, sustenta o compromisso de fomentar o debate e a troca de experiências, contribuindo com a formação permanente exigida pelo devir analista. A revista *Opção Lacaniana*, ligada à Associação Mundial de Psicanálise, à Escola Brasileira de Psicanálise e ao Instituto do Campo Freudiano, publica artigos clínicos e teóricos, ensaios sobre as conexões da Psicanálise com outros campos de saber e comentários de leitura.

No entanto, Milner se pergunta: "*Qual obra, no sentido estrito e moderno, permanece assim diretamente ligada a um ensino falado e a um calendário anual explicitamente fixado? Qual relação entre o Seminário e os Scripta*?" (MILNER, 1996, p. 18). Inicialmente, o autor considera que o *Seminário* era indispensável à interpretação dos *Scripta*, por conseguinte, à plena realização da obra, uma vez que a publicação do *Seminário* estava inacabada. Essa pergunta, em seu livro, visa definir a relação entre a obra e o que definiria um ensino e um pensamento em Lacan.

Porém, Milner aponta que é nos *Scripta* que se consuma o movimento, apesar de os dois conjuntos conterem proposições de saber: isso quer dizer que Lacan confiou integralmente na escrita (não no transcrito) para transmitir sua doutrina. Sobretudo, vinculando-se às proposições que derivam da transmissibilidade do saber, sua diferença salta aos olhos quando Lacan recorre às escritas matemáticas (MILNER, 1996, p. 22). De todo modo, desde antes do matema propriamente dito, a proposição transmissível deixa-se reconhecer, segundo o autor.

Ao simplesmente chamar o livro de *Escritos*, o autor, editor e editora decidiram então que o título não tinha que ser sobre qualquer coisa para que o livro fosse sobre algo específico, porque o nome do autor, que não era diretamente associado com escrita, garantia, de alguma maneira, os conteúdos do volume e o assunto em discussão. Múltiplo, plural e diverso em seu escrever, o livro é singular,

monádico e unitário em sua apresentação escrita, embora isso não deva ser tomado para sugerir que seja completo, finalizado e definitivo. Colocado de outra maneira, embora o título *Escritos* sugira claramente sua pluralidade quando escrito, e Lacan se referiu, ele mesmo, a esse trabalho como uma coleção.

No caso dos *Escritos* (1966/1998), evitando o modelo padrão de uma compilação convencional, Lacan intercalou os ensaios selecionados com a inclusão de cinco textos de conexão e dois adendos, dos quais quatro são datados explicitamente de 1966, ainda que claramente escritos quando o livro estava em construção.

Somente cinco desses sete textos estão incluídos no índice do livro, onde eles foram colocados em itálico, quais sejam: *Abertura desta coletânea*[4] (LACAN, 1966/1998, p. 9); *De nossos antecedentes* (LACAN, 1966/1998, p. 69); *Do sujeito enfim em questão* (LACAN, 1960/1998, p. 229); *De um desígnio LACAN, 1960/1998, p. 365);* e *De um silabário a posteriori* (LACAN, 1960/1998, p. 725). Importa destacar aqui que não estou me referindo aos apêndices, os quais devem ser considerados separadamente.

Funcionando como pontes conceituais entre e junto com as seções iniciais do livro, esses textos podem ser considerados parte do cimento que mantém o edifício coeso e que não compondo uma antologia, o *Escritos* seria reconhecido, apesar do formato, como uma monografia, em que um debate e um argumento estão sendo perseguidos (MILNER, 1996, p. 23).

Uma única pedra angular: *O seminário sobre 'A carta roubada'*[5] (1955b/1998, p. 13-66), tomada fora da cronologia rígida. Por vir no começo, recebe assim o privilégio de figurar na configuração sincrônica do conjunto e, então, de atar o todo unido. A palavra privilégio aparece na *Abertura dessa coletânea* (LACAN, 1966/1998, p. 10) de Lacan para seu *Escritos*, projetado sobre essa pedra para ser um piso único de peso teórico considerável. (LACAN, 1966/1998, p. 10).

Pronunciado em 26 de abril de 1955, *O Seminário sobre 'A carta roubada'* (1955b/1998, p. 13-66), apresenta exercícios no campo da abordagem estrutural

[4] No fim do texto, outubro de 1966.
[5] Pronunciado em 26 de abril de 1955. Escrito (e datado de Guitrancourt - San Casciano) em meados de maio e meados de agosto de 1956. Publicado em *La Psychanalyse*, Paris, PUF, vol. 2, 1957, p. 1 a 44.

sobre a teoria psicanalítica, no romance policial de Edgar Allan Poe (2008), para além do imaginário, caracterizam a lógica simbólica do inconsciente, dentro da trama dramática (1955b/1998, p. 13).

A partir desse uso da combinatória, no fim do seminário, Lacan aproxima a natureza da linguagem à cibernética, sendo essa ocasião a primeiríssima em que ele se utiliza desse recurso do grafo (1954-55/1995, p. 367), onde a montagem progressiva das redes faz emergirem algumas propriedades da sobredeterminação;

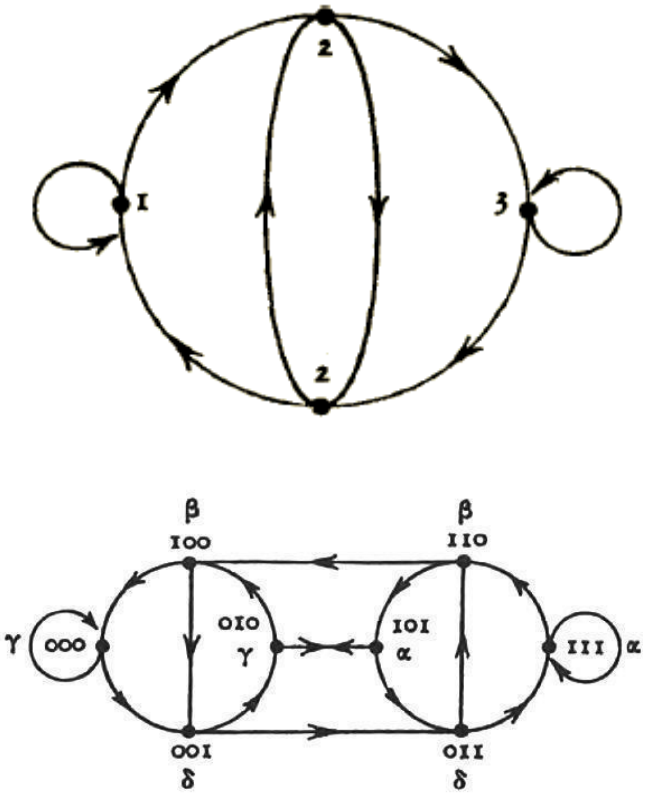

Figura 1 – Redes da sobredeterminação 1-3 e α, β, γ e δ.

FONTE: Lacan, 1955b/1998, p. 52-62.

Assim, a abertura dos Escritos define o cenário em que, a partir da releitura da obra de Freud, por meio de uma apropriação dos conceitos, Lacan caracterizou as condições para uma "nova formalização da formação do psicanalista" (LACAN, 1955b/1998, p. 62). Igualmente, permitindo avanços significativos em sua formulação (especificamente os conceitos de *caput mortuum* e de *analysis situs*), esse escrito levou a psicanálise ao que Lacan chamou de "uma posição de ensino" (1955b/1998, p. 46).

Nesse mesmo escrito, o *Esquema L*, da dialética intersubjetiva, foi apresentado por Lacan como uma primeira forma de demonstração da relação do sujeito com a ordem simbólica e com o imaginário, chamado de *bridge* analítico (1966/1998, p. 919).

Introduzido no segundo seminário, *O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*, Lacan (1954-55/1995) investiga os esquemas freudianos do aparelho psíquico. Tal esquema permitiu que o continuador de Freud definisse, para além do imaginário, a diferença entre o *a'* e o A – o outro especular e imaginário e o grande Outro simbólico, respectivamente.

Segundo o esquema, o que a análise nos ensina é que o *eu* é uma forma absolutamente fundamental para a constituição dos objetos. Em particular, é sob a forma do outro especular – aqui escrita como *a',* que o *eu* vê aquele que, por razões estruturais, chamamos de seu semelhante. Ao colocar o sujeito em relação com sua própria imagem, aqueles com quem fala, são também aqueles com quem se identifica, caracterizando o eixo imaginário como o eixo das relações narcísicas (a – a').

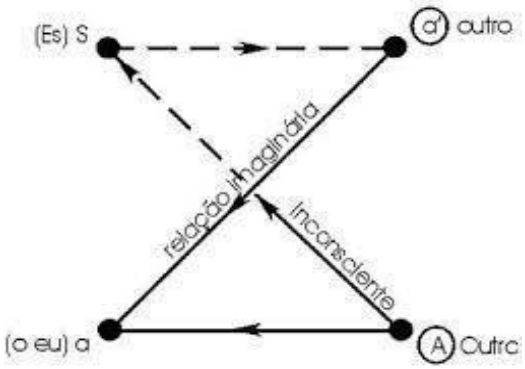

Figura 2 – Esquema L.

FONTE: Lacan (1955b/1998, p. 58).

No outro eixo, (S – A), Lacan aponta que, para além das relações narcísicas e duais, existe o sujeito do inconsciente (S) que, por sua relação com a estrutura da linguagem (A), funciona nessa ambiguidade. O esquema evidencia que a relação dual do *eu* com sua projeção, *a – a'* (indiferentes, sua imagem e a do outro) cria um obstáculo ao advento do sujeito no lugar de sua determinação significante. A simetria ou reciprocidade pertencente ao registro imaginário, e a posição de terceiro (A) implica a do quarto, que recebe, conforme os níveis da análise, o nome do *sujeito*

barrado – $. Essas incidências imaginárias, de acordo com Lacan, longe de representarem algo de central na experiência da análise, nada fornecem que não seja inconsistente, a menos que estejam articuladas com a cadeia simbólica que as orienta (1955b/1998, p. 13).

Assim, naquele momento, o progresso da análise consistia no deslocamento progressivo dessa relação, que o sujeito pode apreender para além do eixo imaginário como sendo a transferência, que é dele, mas onde ele não se reconhece. Lacan aponta, nesse momento, que foi exatamente a partir da confusão entre o registro imaginário e o simbólico que os descaminhos terapêuticos se seguiram a partir da morte de Freud (1955b/1998, p. 58). Segundo ele, "[...] *é que a análise, por progredir essencialmente do não-saber, liga-se, na história da ciência, a seu estado anterior, à sua definição aristotélica, que se chama dialética.*" (LACAN, 1955a/1998, p. 363).

A versão a que todos se referem como *Escritos* é a segunda versão do livro, a qual Lacan teve a oportunidade de revisar quando a primeira edição se tornou um *best seller* e se esgotou rapidamente. A primeira edição incluía somente um apêndice, o *Comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud* (1966/1998, p. 893) e o *Índice ponderado dos principais conceitos* (LACAN, 1998, p. 908), de Jacques-Alain Miller.

Tal comentário, encontra-se no apêndice dos *Escritos*, mas é exatamente a quinta lição do primeiro seminário, *Os escritos técnicos de Freud* (1953-54/1994). Em sua *Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud* (1954a/1998, p. 370-382), bem como o *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud*[6] (1954b/1998, p. 383-401) – temos exemplos evidentes de lições sobre a técnica freudiana – método que caracterizou todo o período desde o início de seu ensino até a publicação dos *Escritos*, em 1966. Nesse caso, discutido a partir das referências contemporâneas a Lacan, o texto *A negação* (FREUD, 1925/2011. p. 275-282) orientou as primeiras intervenções dele sobre a questão da resistência e das defesas.

De fato, dando início ao seu primeiro seminário na Sociedade Francesa de Psicanálise, *Os escritos técnicos de Freud* (1953-54/1994), Lacan indicou que o

[6] Seminário de técnica freudiana de 10 de fevereiro de 1954, realizado na clínica da Faculdade do Hospital Sainte-Anne e dedicado, durante o ano de 1953-54, aos *Escritos Técnicos de Freud*. Publicado em *La Psychanalyse*, Paris, PUF, vol. 1, 1956, p. 17 a 28 e 41 a 49.

pensamento de Freud sempre foi aberto à revisão: seria um erro reduzi-lo a palavras gastas, já que cada uma das noções da Psicanálise possuía vida própria. Assim era porque, ao longo de toda sua vida, Freud transformou os conceitos com base na experiência clínica.

Portanto, para além de conceitos tomados em definições formais, tratados como receitas, Lacan buscou tornar acessíveis os recursos da fala e da linguagem – onde ocorre a experiência mesma do inconsciente. Nesse momento, Lacan salientou também que até os conceitos criados por Freud surgiram no contexto e na linguagem da época dele, o que deveria ser considerado (1953-54/1994, p. 10). Isso significa que tais noções podem ser tomadas como flexíveis, atualizáveis e dinâmicas, ao longo do tempo.

Aproveito aqui para mencionar um impasse frequentemente encontrado ao longo da pesquisa no que se refere ao estudo dos *Escritos*: esse compêndio que agrupa diversas participações de Lacan, em distintos lugares e momentos, é frequentemente referido nas bibliografias e textos acadêmicos de forma incompleta.

A obra foi publicada em 1966 e contempla escritos datados desde 1936, em momentos até mesmo anteriores ao início oficial de seu ensino. Prescindindo das condições históricas de cada escrito, por exemplo, decorrem também interpretações do texto isolado e de modo restrito. Tal recurso pressupõe tomar essa publicação, de tamanha complexidade, como algo compacto, desconsiderando as especificidades de cada escrito e os movimentos do ensino lacaniano.

Assim é que o *Índice ponderado dos principais conceitos* (LACAN, 1966/1998) supracitado é proposto por Lacan como uma chave, como oportunidade aos que seguem o ensino para "[...] *avaliar o excesso de um texto do qual eles sabem qual é a experiência*" e, aos que se abstém de fazê-lo, "[...] *ter o que fazer com ele na sua*." (LACAN, 1966/1998, p. 908).

Em sua apresentação, Jacques Alain Miller esclarece em tópicos que, nesse índice, serão encontrados os principais conceitos, referidos às ocorrências que fornecem suas definições essenciais, funções e propriedades principais, procedendo de modo geral por retroação, a partir do estado mais recente da teoria. Conceitos que, no tocante à teoria do sujeito, têm como efeito pontuar a especificidade da experiência analítica (em sua definição lacaniana: emprego da realidade do inconsciente, introdução do sujeito na linguagem de seu desejo).

Há um segundo apêndice, denominado *A metáfora do sujeito* (LACAN, 1960/1998, p. 903) – intervenção proferida em 23 de junho de 1960, quando Lacan aponta a metáfora como uma das duas vertentes fundamentais do jogo inconsciente, definindo-a radicalmente como o efeito da substituição de um significante por outro numa cadeia e, como tais, redutíveis a uma oposição fonemática, para esclarecer a fórmula fornecida no artigo intitulado *A instância da letra no inconsciente ou A razão desde Freud*[7] (LACAN, 1957b/1998, p. 496-533).

Não por acaso, a metáfora utilizada é "*an ocean of false learning*", de autoria de Berkeley e Lacan, ao contrário de Perelman, demonstra que não se trata de analogia porque "Learning, *ensino, na verdade, não é ciência, o que confirma que esse termo [ensino] tem tão pouco a ver com o oceano quanto a mosca com a sopa*." (LACAN, 1966/1998, p. 905).

Procurando criticar o enlace proposto entre a metáfora e a analogia, mais além de promover a metáfora como ferramenta de argumentação, ao incluí-la na listagem dos instrumentos retóricos, faz dela um agente de transformações.

Para demonstrar isso, Lacan escreve a metáfora como um algoritmo, o resultado é uma desmontagem surrealista da analogia e a anulação do papel esclarecedor dos termos. Lacan susta o significado impondo o *x* do enigma, depois de ter recomposto o enunciado em estratos. Essa representação gráfica, escrita algorítmica, não apenas mostra como realiza a tese de Lacan sobre a leitura como operação.

$$\frac{S}{S'_1} \cdot \frac{S'_2}{x} \rightarrow S\left(\frac{I}{s''}\right)$$

Figura 3 – Fórmula da metáfora (a)

FONTE: Lacan (1966/1998, p. 904).

Para sua tese de leitura do inconsciente, se faz necessário que a significação metafórica seja posterior à operação de combinar as palavras, a partir da substituição dos significantes. Seu intuito é mostrar o modo do inconsciente trabalhar nos hiatos

[7] Pronunciado em 9 de maio de 1957, no anfiteatro Descartes, na Sorbonne, a pedido do Grupo de Filosofia da Federação dos Estudantes de Letras. Redação datada de 14-16 de maio de 1957. Publicado no volume 3 de *La Psychanalyse* (sobre o tema "Psicanálise e ciências humanas"), Paris, PUF, 1957, p. 47 a 81.

da retórica, buscando não confundir a significação metafórica com a ilustração da analogia.

Nesse caso, para além da analogia, no ponto de interrogação da segunda parte da fórmula (s"), surge, portanto, "[...] *uma nova espécie de significação: a de uma falsidade que a contestação não capta, insondável*." (LACAN, 1966/1998, p. 905). Isto é, a metáfora em sua radicalidade, se origina na dimensão da injúria e da agressividade do eu, em suas defesas, "[...] *por mostrar não somente o recalque do que há de mais desagradável no termo metaforizado, mas também, para dele fazer surgir um sentido de paz que ele de modo algum implica no real*." (LACAN, 1966/1998, p. 906).

Esses escritos denotam claramente a possibilidade de articulação entre uma publicação, um escrito, o uso do recurso algébrico sobre um fundamento da Psicanálise e, especialmente, a elaboração feita em momentos distintos na história, do que Lacan situa e desenvolve sobre o ensino dedicado a retomar os textos freudianos. Além da ocasião da publicação dos *Escritos*, em 1966, quando *A metáfora do sujeito* já havia sido proferida em 1960, Lacan trabalhava ainda ali uma conferência proferida três anos antes, *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (LACAN, 1957b/1998, p. 496-533).

Nesse, Lacan avançou sobre os efeitos do fundamento linguístico no campo da Psicanálise. Nessa ocasião, Lacan buscava articular a fala e a escrita, visando sustentar a propriedade de suas lições. Já de início, indicou que, sem que se distancie demais da fala, a instância da letra no inconsciente e suas consequências sobre o conceito de razão desde Freud, assumiram um caráter essencial para o efeito de formação que lhe interessava (1957b/1998, p. 497).

Com isso, a referência à experiência da comunidade, portanto, adquire sua dimensão essencial na tradição instaurada e funda as estruturas elementares da cultura, revelando uma ordenação das trocas que, embora inconsciente, é inconcebível fora das permutações autorizadas pela linguagem. Assim, Lacan afirmou que a dualidade etnográfica da natureza e da cultura pôde vir ser substituída por uma concepção ternária – natureza, sociedade e cultura – da condição humana.

Para além da fala, Lacan reavaliava a ideia segundo a qual o inconsciente é apenas a sede dos instintos e designa por letra, portanto, o suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem.

Segundo ele, existem duas espécies de associações: primeiramente a associação metafórica – a condensação descrita por Freud, em que uma palavra responde por outra que a pode substituir; em segundo lugar, a associação metonímica – ou deslocamento para Freud, em que uma palavra responde dando lugar à palavra seguinte que pode vir numa frase.

$$f\left(\frac{S'}{S}\right) S \cong S\ (+)\ s$$

Figura 4 – Fórmula da Metáfora (b).

FONTE: Lacan (1957b/1998, p. 519).

> Uma palavra por outra, eis a fórmula da metáfora. Sua centelha criadora brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo seu lugar, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão metonímica com o resto da cadeia. A metáfora se coloca no ponto exato em que o sentido se produz no não-senso, na passagem sobre a qual dá lugar à palavra que não tem outro patrocínio senão o significante da espirituosidade.
>
> (LACAN, 1957b/1998, p. 519).

$$f\,(S...S')\ S \cong S\ (-)\ s$$

Figura 5 - Fórmula da Metonímia.

FONTE: Lacan (1957b/1998, p. 519).

> No caso da metonímia, o que essa estrutura da cadeia revela é a possibilidade que tenho, na medida em que compartilho uma língua com outros sujeitos, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz, a saber, a diacronia indica o lugar desse sujeito na busca da verdade, para além de permitir o contorno ao longo dos obstáculos da censura social.
>
> (LACAN, 1957b/1998, p. 519).

Assim, o inconsciente não é o primordial nem o instintivo e, de elementar, conhece apenas o significante, até aquele momento. No sentido da formalização, o que interessava a Lacan partia do status de objeto científico da linguagem oriundo da disciplina da linguística e de seu *algoritmo fundamental***,** que determina que nenhuma significação se sustenta a não ser pela remissão a uma outra significação.

Figura 6 – Algoritmo fundamental.

FONTE: Lacan (1957b/1998, p. 518).

Para ele, essas considerações favorecem o abandono da ilusão de que o significante atende à função de representar o significado, bem como permitiram que conceitos – tais como o de transferência, sintoma e desejo, por exemplo – fossem formalizados de maneira apropriada.

> O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos, dos anos de 1906/07, 1908/09 e 1910/11, que a devoção de um grupo de seus discípulos reuniu sob o título de Curso de Linguística Geral: publicação primordial para transmitir um ensino digno desse nome, isto é, que só pode ser detido em seu próprio movimento (LACAN, 1957b/1998, p. 500).

A segunda edição do *Escritos*, ainda conta com um *Quadro comentado das representações gráficas* (LACAN, 1998, p. 917), onde Miller justamente adverte para o fato de que cabe ao simbolismo impedir a captura imaginária, uma vez que a percepção ofusca a estrutura.

Aprender as regras de transformação da geometria intuitiva em topologia do sujeito é orientação imprescindível, uma vez que a função didática das construções apresentadas está subordinada à inadequação de princípio da representação gráfica a seu objeto (com exceção das redes de sobredeterminação utilizadas no artigo *Seminário sobre 'A Carta Roubada'*, que funcionam na ordem do significante), mantendo justamente uma relação de analogia. Ao contrário, acontece na topologia, onde não há ocultação do simbólico, tratando-se de uma escrita algébrica, onde se esquematizam as relações da lógica do sujeito.

Seguem-se os *Termos de Freud em alemão* (LACAN, 1998, p. 923); o *Índice dos nomes citados* (LACAN, 1998, p. 926); as *Referências bibliográficas em ordem cronológica* (LACAN, 1998, p. 903); e a *Nota à edição brasileira* (LACAN, 1998, p.

935), em sua edição em português. Essa nota indica que o estilo de Lacan traz dificuldades especiais à tradução, não só no sentido da compreensão, convocando o leitor à decifração, mas também, por seu uso particular da língua francesa e suas referências na cultura. Ali são apresentados os impasses e as soluções encontradas, bem como se segue um glossário de termos, cuja tradução foi adotada na versão brasileira.

Decorrente da publicação dos *Escritos*, Lacan retomou elaborações anteriores que culminaram numa reorientação de seus interesses em consequência dos efeitos. Em relação a seu título, por exemplo, o livro abriu um horizonte completamente novo, se estendendo do significante à letra, da linguística à topologia e à teoria dos nós, da fala à escrita, da transmissão oral à formalização matemática, e do logocentrismo à gramatologia e à álgebra.

A teoria e a transmissão (de saber) de Lacan, a partir de então, está implicada diretamente, em torno da conceitualização da letra como uma figuração do *objeto a*, o elusivo objeto causa do desejo, o qual é simultaneamente o objeto da angústia e o objeto do (mais de) gozo, ao qual o próprio Lacan designou como sua única contribuição original à Psicanálise.

A teoria da escrita como objeto causa do desejo de Lacan também informou suas reflexões sobre a transmissão da Psicanálise pós-*Escritos*, durante os últimos quinze anos de sua carreira. Basicamente, durante esses anos, Lacan ficou cada vez mais preocupado com a transmissão de seu próprio trabalho, a qual, nesse caso, não pode ser dissociada da questão da formação psicanalítica.

Sem dúvida, o *Escritos* lida consistentemente com escritos (no plural), aqueles de Freud, mais do que qualquer outro, mas também, os de Edgar Allan Poe, Henry Ey, Ernest Jones, André Gide, Immanuel Kant, Sade e inumeráveis outros. Por outro lado, a partida progressiva de Lacan desde a fala e a linguagem, como os veículos de transmissão de conhecimento preferidos, em direção aos horizontes matemático e topológico de um novo tipo de formalização, coloca a escrita e o escrito no palco central.

Assim, no passo de seu título, o *Escritos* não continha nem sintetizava uma teoria psicanalítica da escrita que Lacan havia desenvolvido com os anos, mas esse mesmo título reforçou sua atenção. A partir dessa atenção, ele inaugurou reflexões

extensivas sobre o estatuto da letra, as quais, nesse caso, representam um caráter de escrita e um texto escrito, mais do que uma carta.

Em 2001, no centenário de Lacan, Miller apresenta, em seu *Prólogo* (2001/2003, p. 11), o sentido da publicação do *Outros Escritos* (LACAN, 2001/2003), afirmando que a acolhida de seus *Seminários* atesta que, vinte anos após sua morte, não há quem tenha superado Lacan como sujeito suposto saber. Acima de tudo, Miller diz que não haveria ortodoxia lacaniana, já que "[...] *o efeito que se propaga não é de comunicação da fala, mas de deslocamento do discurso*" (LACAN, 2001/2003, p. 11).

Vale acrescentar que *Lituraterra*[8] (LACAN, 1971a/2003, p. 15), segundo Miller, pareceu predestinado a ocupar o lugar concedido nos *Escritos* ao *O seminário sobre 'A carta roubada'* (1955b/1998, p. 13). Esse artigo subverte radicalmente o que tinha sido apresentado no momento anterior, uma vez que Lacan força a dimensão fonemática da língua, sobretudo com a proposição da instância da letra como razão do inconsciente, mais além de partir do significante, e propõe o conceito de *lalangue/lalíngua* (em português).

Para Lacan, o que escrevera, com a ajuda das letras, sobre as formações do inconsciente, para recuperá-las de como Freud as formulara, por serem o que são, efeitos de significante, não autoriza a fazer da letra um significante, nem a lhe atribuir primazia em relação a ele. Pelo contrário, como ponto crucial, é sobre tomar a letra como consequência decaída da linguagem habitada pela fala, numa economia.

> Lacan resumia em uma frase a lição dos *Escritos*: "*o inconsciente decorre do puro lógico, em outros termos, do significante*." Os *Outros Escritos* ensinam que o gozo também decorre do significante, mas em sua junção com o vivo; que ele se produz a partir de "*manipulações*" não genéticas, mas linguageiras, afetando o vivo que fala, aquele que a língua traumatiza. (Jacques-Alain Miller, na contracapa de Outros Escritos - LACAN, 2003).

Ao tomar o equívoco joyceano entre *letter* e *litter*, de letra/carta para lixo, se pergunta se é nisso que a Psicanálise atesta a convergência entre a cultura e o esgoto, como acomodação de restos – "[...] *é um caso de colocar no escrito o que primeiro seria canto, mito falado ou procissão dramática*" (LACAN, 1971/2003, p. 16).

---

[8] Escrito para o número dedicado ao tema "Literatura e psicanálise", da revista *Littérature*, Larousse, nº 3, out. 1971, p. 3-10.

Para tanto, Lacan vai às línguas orientais, especialmente à caligrafia chinesa, para definir conceitos freudianos, tal como o de traço unário. Pelo efeito que a escritura é, no real, em seus efeitos de língua, o que dele se forja por quem fala, remonta à função da nomeação, como sucede com os efeitos entre as coisas que a bateria significante denomina, por havê-las enumerado – algo de contável no inconsciente, isto é, o gozo.

Novo paradigma, portanto, que toma a letra como suporte material do significante, deslocando a função da fala e o próprio inconsciente como elucubração fictícia de saber sobre o real da língua e o aparelho psíquico como um aparelho de gozo.

A publicação contempla os grandes escritos publicados depois do último texto dos *Escritos*, em dezembro de 1965, e sua *Abertura*, de outubro de 1966. Acrescidos de um *Prólogo*, redigido por Jacques Alain Miller (LACAN, 2001/2003, p. 11); *Anexos* (LACAN, 2001/2003, p. 570); *Índice dos nomes citados* (LACAN, 2001/2003, p. 591); *Referências bibliográficas em ordem cronológica* (LACAN, 2001/2003, p. 595); e um *Inventário de notas* (LACAN, 2001/2003, p. 602).

Miller conta ainda no prólogo que, anos depois, Lacan já não via no escrito nada além de um dejeto e propõe que o *objeto a*, portanto, seria o *alfa* dos *Outros Escritos*, mas não seu ômega.

Lacan fundou uma Escola e, antes de morrer, a dissolveu, sustentando uma posição de *ex-sistência*, tal como supunha que seus *Escritos*, protegidos por seu "*poder de ileitura*", como hieróglifos no deserto, ex-sitiriam a própria Psicanálise, ao afirmar que eles carregam a potência de serem sempre retomados.

Lacan, em sua entrevista intitulada *O Triunfo da Religião*[9] (1974/2005, p. 57), retrata mais diretamente esse impasse, dizendo que aquilo que uma análise ensina não se adquire por nenhuma outra via, nem pelo ensino, nem por nenhum outro exercício espiritual. Porém, por mais que seja particular para cada um, não haveria

[9] Provém de uma "entrevista coletiva", realizada em Roma em 29 de outubro de 1974, no Centro Cultural Francês, por ocasião de um congresso [onde pronunciou A Terceira]. Lacan foi interrogado por jornalistas italianos. Tanto o título como o subtítulo são de J.-A. Miller. Uma primeira versão foi publicada no boletim interno da Escola da Causa Freudiana, *Les Lettres de l'École*, nº 16, 1975, p. 6-26.

meio de ensiná-lo, de transmitir ao menos seus princípios e algumas de suas consequências? Lacan colocou-se a pergunta, respondendo-a em mais de um estilo.

Na ocasião, tendo sido perguntado sobre o motivo pelo qual disse que o psicanalista estaria numa posição insustentável, define que uma posição insustentável é justamente aquilo em direção ao qual todo mundo se lança: '*analisar'*, '*governar'*, Freud acrescenta ainda '*educar'* – apontada por Lacan como uma posição inclusive reputada como vantajosa, para a qual não apenas faltam candidatos, como não faltam pessoas que são autorizadas a educar, "*o que não quer dizer que tenham a mínima ideia do que seja educar*" (LACAN, 1974/2005, p. 58). Para o autor, mesmo sem perceber muito bem o que querem fazer quando educam, os candidatos tentam assim mesmo ter uma ideia, mas que raramente refletem sobre ela e, finalmente, quando o fazem são acometidos pela angústia.

Nessa entrevista, Lacan conta que se interessou por um excelente livro que tem relação com a educação, uma antologia dirigida por Jean Château, *Os Grandes Pedagogistas* (1978) e, ao lê-lo, segundo sua crítica, percebe-se o que é o cerne da educação: certa ideia do que é preciso para fazer homens, como se fosse a educação que os fizesse (LACAN, 1974/2005, p. 59). Portanto, para ele, os educadores são pessoas que julgam poder ajudar, considerando inclusive que há um mínimo a ser dado para que os homens sejam homens.

Finalmente, interrogado por jornalistas italianos sobre a obscuridade do *Escritos* em 1974, em seu *O Triunfo da Religião*, Lacan reiterou:

> Eu não os escrevi para que as pessoas compreendessem, eu os escrevi para que as pessoas lessem. O que não é nem remotamente a mesma coisa. O que eu notei, no entanto, é que, mesmo se as pessoas não compreendem meus *Écrits*, esse último faz coisas a elas. Eu frequentemente observo isso. As pessoas não entendem nada, o que é perfeitamente verdade, por um tempo, mas os escritos fazem algo a elas (1974/2005, p. 57).

Tesauro

> É preciso haver lido essa coletânea, e em toda sua extensão, para perceber que, nela, prossegue um único debate, sempre o mesmo, o qual, mesmo parecendo marcar época, pode ser visto como o debate das luzes.

> Pois há um âmbito, onde a própria aurora tarda: aquele que vai de um preceito, do qual a psicopatologia não se desvencilha, à falsa evidência da qual o *eu* se autoriza a pavonear a existência.
> (1998, citação de contracapa dos Escritos).

A primeira ocorrência da palavra “ensino” nos *Escritos*, *Formulações sobre a causalidade psíquica*[10] (1946/1998, p. 152-194), apresenta sua crítica à teoria organicista da loucura: o organodinamismo de Henri Ey. Segundo Lacan, é “[...] *perante um esforço de pensamento e de ensino*” (1946/1998, p. 153) que criticou a doutrina do distúrbio mental, apontada por ele como falha e incompleta.

Indicando um retorno às *Meditações Metafísicas* de Descartes (2011), afirmou que o fenômeno da loucura deveria ser entendido como um sonho e o delírio, como vivido na ordem do sentido. Lacan apontou assim que o alcance metafísico que tal fenômeno revela não é separável do problema da significação para o ser em geral, isto é, da linguagem para o homem em sua relação com a verdade (LACAN, 1946/1998, p. 166).

Lacan denunciou o dualismo imputado a Descartes no dualismo de Henri Ey, bem como caracterizou uma causalidade propriamente psíquica, isto é: a loucura é um fenômeno de pensamento. E continua “[...] *e, se lembro a nosso amigo Henri Ey que, por nossas sustentações teóricas primeiras, entramos juntos do mesmo lado da iça, não é por me surpreender por nos encontrarmos tão opostos hoje*.” (1946/1998, p. 152).

Assim, diferentemente do dicionário, cujos termos são relacionados por sinonímia, o tesauro (do latim, *thesaurus*, tesouro) aproxima significados distintos visando ampliar o entendimento do conceito em situações e momentos específicos. Esse método visa, portanto, tomar as distintas ocorrências do significante *ensino* para Lacan, tal como um significante que se repete em sua escrita, cuja leitura estende-se ao longo de sua obra, na diacronia de sua cadeia.

Portanto, esse trabalho buscou a organização cronológica das citações que contêm o termo *ensino* (tesauro), oriundas dos escritos e alinhada com o andamento

[10] Pronunciado em 28 de setembro de 1946, nas Jornadas Psiquiátricas de Bonneval. Publicado em *Le Problème de psychogène des névroses et des psychoses*, de Lucien Bonnafé, Henry Ey, Sven Follin, Jacques Lacan e Julien Rouart. Paris, Desclée de Brouwer, 1950, p. 123-165.

dos seminários (datas, temas abordados e lugares) que serviram como tecido para o último capítulo da dissertação, num exercício de entrelaçamento de quatro eixos:

- Eixo histórico dos seminários e escritos;
- Ocorrências do significante *ensino*, conceitos e referências;
- Eixo das representações gráficas, esquemas; e
- Da escola e do passe como horizonte.

Para tanto, organizei em planilha de Excel – vide **anexo 1** – o *corpus* teórico, em suas datas, locais, instituições, bem como, onde encontrar as referências oficiais e acrescentei essas informações em nota de rodapé no surgimento de cada escrito ao longo da dissertação. Uma primeira consequência dessa organização foi o desvelamento do sentido da continuidade histórico-temática dos seminários, além da articulação com os eventos e locais relevantes na biografia de Lacan.

Em seguida, desse *corpus* teórico, extraí as citações em que o significante *ensino* ocorreu – vide **anexo 2** – o tesauro, somando-se aproximadamente 398 citações ao todo. A apresentação das citações obedece à cronologia aproximada das aparições desse termo, sempre indicada a paginação dos textos referenciados, bem como, para cada título, são apresentados os dados históricos e informações oficiais de publicações anteriores localizadas nas *Referências Bibliográficas* na ordem cronológica (*Escritos*, p. 930; *Outros Escritos*, p. 595 e nos demais encontrados no início ou no fim de cada publicação). No caso das ocorrências em Notas de Rodapé, isto é, acrescentadas na ocasião da publicação dos *Escritos* ou *Outros Escritos,* elas foram identificadas com recuo e preenchimento em cinza, no tesauro anexo.

A partir do *Quadro comentado das representações gráficas* (LACAN, 1998, p. 917), onde Miller adverte que cabe ao simbolismo impedir a captura imaginária, uma vez que a percepção ofusca a estrutura, posteriormente, para este trabalho, foram localizadas algumas representações gráficas, esquemas e fórmulas que iam se apresentando ao longo do eixo cronológico dos escritos ou seminários, entrelaçando-se ao texto, no último capítulo da dissertação orientado ao esclarecimento do Ensino de Lacan.

A ideia de produzir um tesauro provém de exemplos encontrados na biblioteca da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção São Paulo, tal como o *Index référentiel* do psicanalista belga Henry Krutzen (2000), recém-lançado em português

(KRUTZEN, 2022). Em 2022, num trabalho hercúleo, a editora reuniu um grupo de 28 tradutores e de 12 revisores que se lançaram na aventura de traduzir para o português, cotejar e revisar o *Índex* que traz desde o *Seminário 0, O homem dos lobos* (LACAN, 1952-1953, não publicado) até o *Seminário XXVII - Lições de 1980* + *Seminário de Caracas, agosto de 1980* (não publicado).

> Depois de ter lido uma primeira vez os 27 seminários, conclui que nunca conseguia me lembrar dos lugares de algumas colocações ou elaborações feitas por ele. Resolvi, então, em um primeiro momento – anotar os elementos que me pareciam interessantes e acabei constituindo o Índex. (KRUTZEN, 2000, p. XII).

Organizado em tabela, Krutzen localizou em cada seminário as ocorrências de alguns conceitos importantes, por datas e temas. A obra de Jacques Lacan é densa, por vezes hermética, e certamente o Índex auxilia os interessados a se lançarem em pesquisas e leituras que contribuirão para maior abrangência e divulgação de seus trabalhos. Para o caso do termo *enseignement*, o autor identificou 31 temas e para o termo *transmission*, 6 temas, de ocorrência mais proeminente a partir de 1971.

O *Bibliô Referências*, por sua vez, foi uma iniciativa coordenada pela psicanalista Mirta Zbrun – membro da Escola Brasileira de Psicanálise – e teve como propósito oferecer ao leitor ferramentas de estudo, de reflexão e de pensamento na psicanálise de Orientação Lacaniana, contribuindo desse modo para a atualização da prática analítica, de seu contexto, de suas condições, de suas coordenadas inéditas no século XXI. O livro *Lacan, Referências do seminário 19… ou pior* (1971-72, 2013), edição bilíngue, é uma ferramenta de trabalho imprescindível para o prosseguimento da elaboração coletiva que tem como marco o *Seminário Internacional da Escola Brasileira de Psicanálise - haun - Leituras* do *Seminário 19… ou pior*, de Jacques Lacan, realizado em Buenos Aires em novembro de 2013, com concomitante publicação em português e espanhol do *Seminário 19... ou pior* (1971-72/2013). Ali, se encontra o conjunto de elementos de uma obra escrita, onde se deverão destacar título, autor, editora, local de publicação e outros dados que permitam ao leitor a identificação da referida obra.

A investigação das citações evocadas por Lacan ao longo de seu ensino é uma passagem obrigatória para a leitura de seus Seminários e Escritos. A passagem

densa por diversos campos do saber – como a Filosofia, a Matemática, a Lógica e a Literatura, as artes – compõe um conjunto de referências a serem exploradas que mobiliza inúmeras ressonâncias das línguas, sem se deixar capturar num sentido unívoco.

A autora já tinha realizado algo semelhante em 1994, na Seção Rio, da Escola Brasileira de Psicanálise, em seu *O imaginário no ensino de Jacques Lacan: referências* (publicação interna). Desse trabalho, extraíram-se as referências sobre o conceito de Imaginário em Lacan que se encontravam em continuidade com o tema do *V Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, "A Imagem Rainha – as formas do imaginário nas estruturas clínicas e na prática psicanalítica"*, ocorrido no Rio de Janeiro de 28 a 30 de abril de 1995. As referências constituíram uma elaboração inédita, tanto em sua temática quanto em sua forma, por envolver um número considerável de autores (50 ao todo) e por ter atingido a quase totalidade dos Escritos, dos Seminários, de outros textos e intervenções de Lacan. Essa pesquisa teve também o caráter inovador de ter sido realizada no âmbito da constituição da Escola de Psicanálise, na época, conjugando saber e transmissão.

Além dessas referências, gostaria de apresentar o livro da mesma autora *A formação do analista de Freud a Lacan* (ZBRUN, 2014), onde são apresentados elementos da dissertação de doutorado defendida em 2007, no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de janeiro, sob a orientação da Profa. Dra. Tânia Coelho dos Santos.

Nesse trabalho, o leitor encontrará os argumentos que sustentam a afirmação contundente da autora de que "*não há psicanalista sem Escola*", percorrendo um longo período do movimento psicanalítico: os impasses freudianos na constituição de uma instituição. A experiência da Escola Freudiana de Paris, fundada por Lacan em 1960; a contra-experiência da Escola da Causa Freudiana, também fundada por Lacan nos anos 1980 e seus desdobramentos na atualidade.

A Escola de Psicanálise

Para Mrech, em seu livro *A construção do pesquisador* (2019), "[...] *selecionar um método e elaborar um enunciado de um objeto de pesquisa são tarefas laboriosas, ainda mais no campo da educação.*" (p. 10).

Assim, partindo do pressuposto de que o objeto da investigação é interpelado diretamente pela singularidade de cada pesquisador, seu livro conclui que o que dá legitimidade e pertinência ao discurso do pesquisador em educação provém da experiência do cotidiano das escolas, em especial, aquelas localizadas em regiões com públicos desfavorecidos econômica, social e culturalmente, onde os desafios são maiores" (MRECH, 2019. p. 11).

Essa noção de que um ensino ocorre numa afirmação que não é anônima, invoca que ele seja localizado numa comunidade epistêmica real e, por isso, se fez necessária uma retificação no sentido dessa conclusão da autora. Durante todo o percurso, senti-me endividado para com a Educação, entendendo que, por estar dentro de um departamento tal, precisava falar sobre o que fazia eu ali. Se não '*o que fazia ali?*' ou '*o que poderia fazer*?'.

Particularmente, tive pouca experiência no campo escolar e, desde a apresentação de meu projeto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, propunha investigar o ensino da psicanálise na Escola Brasileira de Psicanálise, por meio de entrevistas com psicanalistas membros que exercem essa função atualmente. No entanto, a Pandemia do Coronavírus reorientou esse recorte na pesquisa, deixando ainda no campo do meu desejo que restasse a possibilidade da produção de um documentário sobre o ensino na EBP. No futuro, quem sabe...

De todo modo, curiosamente, um enigma se apresentava: a cada vez que me referia à Escola, se impunha a necessidade de esclarecer que falava não da escola formal, mas da Escola de Psicanálise.

De que escola se trata quando falamos do ensino da Psicanálise, portanto? De início, se faz necessário distinguir que esta investigação não trata do ensino da Psicanálise nas escolas, mas das condições indicadas por Freud e Lacan que tornam possível o ensino e a transmissão da Psicanálise mesma.

Sabemos que Freud criou uma instituição para garantir a difusão de sua teoria, no entanto Lacan, desde antes do início de seu ensino fazia críticas à técnica, buscando elaborar as condições em que Freud inventou a Psicanálise. Como no caso do *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*[11] (1945/1998, p. 197-213),

[11] Redigido em março de 1945. Publicado em *Les Cahiers d'Art*: 1940-1945.

onde propunha questionar a temporalidade do sujeito como não cronológica, Lacan tocava num ponto nevrálgico no que se refere à transmissão da Psicanálise, que se restringia a um tempo pré-determinado – para a sessão e para a análise como um todo, e que se qualificava como didática quando conduzida por um psicanalista indicado pela Associação Internacional de Psicanálise como didata.

Por iniciativa do médico Sigmund Freud (1836-1939) e de seus colaboradores, a Associação Psicanalítica Internacional - IPA foi criada durante o segundo congresso internacional de Psicanálise, realizado em Nuremberg, na Alemanha, em março de 1910. A proposta de fundar a IPA surgiu dois anos antes, durante uma reunião realizada em Salzburgo, na Áustria, em 27 de abril de 1908.

Segundo Leite (2000) ainda, "[...] *em 1953, Lacan rompeu com a Sociedade Psicanalítica de Paris, por motivos ligados à formação do psicanalista: um ponto ao qual se opunha era a exigência de que os candidatos a analista fossem médicos*." (2000, p. 24).

Em decorrência dessa ruptura, Lacan, junto com Lagache, formou a Sociedade Francesa de Psicanálise, grupo que não obteve o reconhecimento da IPA, uma vez que só seria reconhecido caso Lacan se afastasse (LEITE, 2000, p. 25). Em 1953, na Sociedade Francesa de Psicanálise, Lacan reconheceu o início de seu ensino oficial com seus seminários orais, apesar de ter participado da Sociedade Psicanalítica de Paris nos dezessete anos anteriores (LEITE, 2000).

Então, no centenário de nascimento de Freud, 1956, o psicanalista apresentou seu tema duplo no texto *Situação da Psicanálise e formação do analista em 1956*[12] (1956/1998, p. 461-495). A partir do texto *A Psicologia das massas e análise do eu* (FREUD, 1921/1974), Lacan apresentou a lógica que compõe a identificação coletiva, com base na idealização narcísica. Segundo ele, Freud enfatizara que essa é a identidade que a idealização narcísica aponta, permitindo identificar a imagem que desempenha a função de objeto.

Na condição de sociedade ou agrupamento de analistas e já que sua escolha é cooptativa, a ideia de classe se impõe, permitindo-lhe caracterizar a falha no ensino que fica evidente na definição lacaniana da Psicanálise como "*o tratamento que se*

[12] A segunda versão foi publicada em *Les Études Philosophiques*, número especial de outubro-dezembro de 1956, para a comemoração do centenário do nascimento de Freud. A primeira versão existe apenas como separata.

espera de um psicanalista". Afinal, fazendo dos termos freudianos não preceitos, mas conceitos, "*como se pode ser psicanalista*?" (1956/1998, p. 461).

Entenda-se aqui que afirmar a determinação simbólica do inconsciente como uma combinatória que se estrutura de acordo com regras de parentesco e proibições sexuais – como diz Lévi-Strauss, em seu livro *Antropologia Estrutural* (1958/2008), é dizer que a experiência do inconsciente é estruturada como uma linguagem – de acordo com o *Curso de Linguística Geral* de Saussure (2002). Isso supera, exatamente, a modelagem imaginária do sujeito por seus desejos infantis, mais ou menos fixados ou regredidos na relação que mantêm com o objeto erótico, por exemplo.

Assim, um psicanalista deve assegurar-se nessa evidência de que o homem, desde antes de seu nascimento e para além da morte, está preso na cadeia simbólica, à maneira de um peão, no jogo do significante, e isso, desde antes que as regras desse jogo lhe sejam transmitidas. Do contrário, para se transmitir – não dispondo da lei do sangue, que implica a geração, nem a lei da adoção, que pressupõe aliança - resta a via da reprodução imaginária que, por uma modalidade análoga à impressão, toma a formação como via de identificação ao *eu* do analista. Para Lacan, isso seria confundir a ignorância douta com a ignorância crassa (1956/1998, p. 461).

Lacan conta que foi com a vulgarização dos termos psicanalíticos, que o real problema foi levantado. A partir do momento em que o paciente conhecia as interpretações, quaisquer metáforas, largamente utilizadas na imaginação da experiência analítica, passaram a inundar os manuais de modo que as formas do ritual técnico se valorizavam proporcionalmente à degradação dos objetivos – introduzindo "[...] *no ensino uma exigência inédita: o inarticulado*" (LACAN, 1956/1998, p. 465). Se o trabalho inicialmente parecia hercúleo, passa a ser absurdo, tal como o de Sísifo.

Para Lacan, então, seria necessário impor um rudimento que formasse os analistas na problemática da linguagem o bastante para separar o simbolismo da analogia naturalista sobre as pulsões. Esse rudimento é justamente a distinção entre o significante e o significado, a partir da Linguística de Saussure (1956/1998, p. 470).

Inclusive, para Lacan, está justamente nisso a indicação da "*falha no sistema de triagem dos sujeitos*" (1956/1998, p. 485) que, conjugando-se essa com a insonoridade que opõe à fala, não nos havemos de surpreender com programas

impostos à docência de caráter meramente médico. Entretanto, diz ele, foi na negligência em que um método, apesar de revolucionário, deixou a nosografia psiquiátrica limitada a alinhavar a sintomatologia clássica que tais programas representaram apenas uma duplicação do ensino oficial (1956/1998, p. 493).

Igualmente, o sintoma psicanalisável, seja ele normal ou patológico, distingue-se não apenas do índice diagnóstico, mas de qualquer forma apreensível de pura expressividade por se sustentar numa estrutura que é idêntica à estrutura da linguagem. Isso se refere ao fundamento dessa estrutura, ou seja, à duplicidade que submete a leis distintas os dois registros que nela se atam: do significante e do significado.

Portanto, também para a formação de um analista são as formações do inconsciente que se caracterizam como prova suprema. Uma vez que é a busca pela verdade e a suposição de saber que fundamenta a relação analítica, o desejo de saber ou de poder pode ser entendido como motor para o candidato e como princípio de sua formação – tal como um derivado de seu amor neurótico.

Assim, exercendo a técnica da Psicanálise na relação do sujeito com o significante, o que ela conquistou de conhecimentos só é situável na ordem das ciências conjecturais (1956/1998, p. 475). É nessa ordem que se edificam as noções estruturais, permitindo que tal perspectiva de investigação exija uma formação que reserve à linguagem seu papel substancial.

Em 1964, tendo sido riscado da lista de didatas da Sociedade Francesa de Psicanálise, Lacan pediu sua demissão e então deu continuidade a seu ensino – a convite de Fernand Braudel, presidente da seção de Altos Estudos da Escola Normal Superior. Tal convite foi incitado por Lévi-Strauss, reconhecedor e correspondente do trabalho de Lacan e, igualmente, Robert Flacelière, diretor da Escola Normal Superior, dispôs assim uma sala para isso.

Em sua primeira lição do que seria seu décimo primeiro seminário, intitulada *Excomunhão* (LACAN, 1964b/2008, p. 9), segue sua investigação, sobretudo, a partir desse evento: “*Em que estou eu autorizado?”,* no caso a dar continuação ao seu ensino.

Uma vez questionada sua qualificação, mas em condições de poder dar continuidade, Lacan buscou delimitar a base do seu ensino, numa nova etapa.

Segundo ele, "*é questão de saber o que, da Psicanálise, se pode, se deve esperar, e o que se deve homologar como freio, senão como impasse.*" (1964b/2008, p. 14).

Em seu *Ato de fundação*[13] (1964c/2003, p. 235-247), que fora a princípio difundido sem título e sob forma mimeografada, em junho de 1964, Lacan propunha fundar o modo como deveria

> [...] Realizar-se um trabalho – que no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua verdade; que reconduza à práxis original que ele instituiu sob o nome de Psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo que, por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego. (LACAN, 1964c/2003, p. 235).

Dessa fundação como um ato, antes de qualquer coisa, Lacan reforçou sua particular relação com o ensino. Nesse sentido, propôs que, se necessário, dentre os impasses de sua posição em tal Escola, seriam incluídos somente aqueles que a própria indução a que visava como ensino engendrariam o trabalho (1964b/2003, p. 237).

Daí estabeleceu três subseções: a doutrina da Psicanálise pura, a crítica interna de sua práxis como formação e a supervisão dos psicanalistas em formação. Assim estabeleceu, de modo preciso, que o ensino da Psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho na Escola.

A questão da transmissão na Escola é tratada por Lacan como sendo de extrema importância, já que a prática analítica não pode ser uma experiência inefável. Isso nos permite enxergar melhor a razão de Lacan ter forjado uma língua especial para os psicanalistas, uma língua cifrada que os isolava. Não a língua do *Outro*, mas a língua do *Um*. Os psicanalistas precisam estar isolados, separados do discurso do mestre predominante no exterior de sua Escola. Precisam ser formados numa língua especial. E à parte. Eles precisam de um enclave. O que Lacan chamou de Escola é um enclave, tem suas leis próprias, distintas do resto da sociedade, diz Miller em seu livro *Del Édipo a la sexuación* (MILLER, 2011, p. 14).

[13] O texto, a princípio difundido sem título e sob forma mimeografada, em junho de 1964, foi impresso pela primeira vez no *Annuaire 1965* da Escola Freudiana de Paris, acompanhado pela "Nota adjunta" e pelo "Preâmbulo". A nota, datada de 1971, e o Preâmbulo foram publicados no *Annuaire 1977* da Escola Freudiana de Paris.

Finalmente, Miller, no *Prólogo em Guitrancourt* (1988), sobre a o ensino da Psicanálise e formação do psicanalista, diz que, em parte nenhuma do mundo, existe "Diploma de Psicanálise" e que isso se deve a razões devidas a sua própria essência. Esse mesmo ensino inspira numerosos grupos psicanalíticos do mundo – entre eles as Escolas reunidas na Associação Mundial de Psicanálise – e continua orientando o trabalho que desenvolve o Instituto do Campo Freudiano.

Foram criadas Seções Clínicas e Institutos de formação em Paris, Barcelona, Madrid, Roma, Bruxelas, Buenos Aires, Córdoba, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e em outras cidades de Europa e América. Foram criados também Seminários e Espaços do Campo Freudiano, instâncias de formação permanente que asseguram, regular e continuamente, um ensino fundamental da Psicanálise, teórico e clínico, seguindo a orientação lacaniana. Os grupos de investigação e de intercâmbio científico, de âmbito internacional, têm causas e áreas específicas de trabalho (toxicomania e alcoolismo, anorexia e bulimia, crianças, violência etc.), cujos resultados são expostos em jornadas ou encontros, que lhes são próprios, e em uma ampla rede de publicações. A direção do Instituto está a cargo de Jacques-Alain Miller.

O imperativo freudiano formula que todo analista deve ser analisado é radicalizado por Lacan – é o que ele diz com "o fim próprio da análise é a produção de um analista".

Desse modo, o ensino, a transmissão em Psicanálise levam a marca particularizada dessa elaboração de saber sobre o inconsciente, que nenhum certificado ou diploma é capaz de garantir. No mesmo texto citado acima, Miller (1988) situa o ensino da Psicanálise no cruzamento entre o público e o privado, a partir do testemunho do passe e do ensino do matema, colocando de um lado, a particularidade do sujeito, confinada a um círculo analítico restrito e, de outro, o que do particular pode ser demonstrado e compartilhado com todos.

Gostaria de acrescentar que minha questão proveio, especialmente, do interesse orientado para o ensino da Psicanálise, sobretudo, alinhada com meu percurso de formação continuada como membro associado da CLIPP – Clínica Lacaniana de Ensino e Pesquisa em Psicanálise,[14] desde 2014. A CLIPP é um

[14] vide https://clipp.org.br.

instituto de orientação lacaniana associado ao Instituto do Campo Freudiano de São Paulo e da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção São Paulo. Como objetivos, o instituto oferece o atendimento clínico preferencial à população de baixa renda, a educação e a formação em Psicanálise, graças à realização de estudos, pesquisas, cursos e supervisões de trabalho. Suas atividades estão voltadas para a produção de conhecimento técnico e científico em Psicanálise, saúde e cultura.

É neste espaço de interlocução que o discurso analítico se encontra com o discurso universitário e onde podemos situar o lugar dos Institutos, como é o caso da Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise - CLIPP. Nesse espaço institucional sistemático, gradual, ministrado por profissionais qualificados, sancionado com certificados e diplomas, temos o que se chama de saber exposto. No entanto, afirma Miller categoricamente, "*não é algo que habilite para o exercício da Psicanálise*" (1988).

De outro lado, no caso do saber suposto, nesse percurso, a responsabilidade é de cada um, "*depende deles*". Pois o tornar-se analista é efeito de um desejo que advém da análise pessoal, e é um convite à construção de um saber fazer, reflexo do estudo teórico, da transferência de trabalho, da interlocução e da produção individual, da supervisão e do convívio com os outros psicanalistas.

Na ocasião do nascimento da Escola Brasileira de Psicanálise, em 5 de março de 1995, Miller escreve uma carta (MILLER, 1995) endereçada à escola depois de treze anos de preparação, apontando que, diante do esforço de criar instituições nacionais independentes ligadas entre si tão somente pelo cuidado com a causa freudiana, dentro da nova Associação Mundial de Psicanálise, chegava o momento de concluir a Iniciativa Escola, no caso brasileiro, iniciada em 1981. A Escola Brasileira de Psicanálise representaria no Brasil portanto o Campo Freudiano e sua Orientação Lacaniana.

Dentro desse campo, o curso de Jacques Alain Miller intitulado *El banquete de los analistas* (2003-04) é representativo na discussão que acontece nesse âmbito, bem como, o *De la naturaleza de los semblantes* (1991-92), indica sérias diretrizes quanto à pesquisa sobre a álgebra lacaniana.

Em seu estatuto, adotando os princípios contidos no *Ato de fundação*, em 1964 de fundação da Escola Francesa de Psicanálise, bem como em sua *Proposição sobre o psicanalista da Escola*[15] (1967e/2003), a EBP instituiu suas diretrizes.

Desde então, o exercício que vai desde o passe até a formação de cartéis, é complementada por Jornadas anuais em cada uma de suas seções ao longo do Brasil, e suas atividades preparatórias, um encontro nacional a cada dois anos, alternando com o Encontro Latino-americano de Orientação Lacaniana – ENAPOL, igualmente bienal, sem deixar de acompanhar o Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, a cada quatro anos. Acrescento que o X Congresso, ocorrido em 2016, cujo tema era *O Corpo Falante*, foi no Rio de Janeiro e mobilizou especialmente a participação dos membros, aderentes e psicanalistas não-membros em sua preparação e execução, além da apresentação de produções de psicanalistas brasileiros dentre diversos outros participantes dos demais países.

Para a seção São Paulo, além de outros dois institutos, a Clínica de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise – CLIPP – instituto do qual sou membro e estudei pessoalmente o Curso de Psicanálise (concluído no ano de 2014), costuma ter atividades complementares numa formação continuada para além do curso teórico, tais como: núcleos de pesquisa, apresentação de pacientes, seminários de leitura e, especialmente, a seção clínica de ocorrência semanal.

Num nível continental, a Federação Americana de Psicanálise de Orientação Lacaniana (FAPOL), constituída em 2012 por decisão do Conselho da Associação Mundial de Psicanálise, visa manter o estreito laço entre as Escolas desse continente (EOL, Escola da Orientação Lacaniana, na Argentina; NEL, Nova Escola Lacaniana, com sedes na Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guatemala, Cuba, México e Chile; e a EBP, Escola Brasileira de Psicanálise). Dentre diversas atuações, organizou recentemente a iniciativa Rede Universitária Americana, permitindo tomar contato com o panorama dos colegas membros da Associação Mundial de Psicanálise que trabalham nas Universidades em toda a América Latina e começar a fazer uma interlocução com órgãos de pesquisa e instituições educacionais. Nesse âmbito, surgiu a *Cithère? Revista da Rede Universitária Americana*, escrita por psicanalistas dessas Escolas.

---

[15] Extraído de *Scilicet*, nº 1, Paris, Seuil, 1968. E sua primeira versão, extraído de *Analytica*, n. 8, Paris: Lyse, abril de 1978.

Além dessa rede, criou-se dentro da FAPOL a Iniciativa Universitária de Formação e Investigação, dirigida àqueles docentes universitários que não sendo membros de nenhuma das três Escolas (EOL, NEL, EBP) têm dado mostras de seu interesse pela psicanálise de Orientação Lacaniana.

Certamente, pesquisa é um termo caro à Universidade, já que sua prática recebe aí uma definição bastante precisa de seus parâmetros, tendo assim delimitado um campo próprio de eficácia e de ação. Hoje em dia, a prática da pesquisa encontra-se demarcada em seus meios e direcionada em seus objetivos. Tem em seus produtos e no volume de suas publicações, o referencial de avaliação e validação científicas que lhe conferem lugar de destaque na produção do conhecimento atual.

Gostaria, portanto, de apresentar três livros encontrados, a partir da pesquisa bibliográfica complementar a este trabalho, que localizaram algumas publicações que articulam Psicanálise, pesquisa e universidade, sobretudo, a partir de autores que são membros da Escola Brasileira de Psicanálise e que atuam em universidades no Brasil.

1. Indicando a produção científica encontrada no que se refere ao ensino, a Profa. Doutora Heloísa Caldas, do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise (PGPSA), do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) que comporta os Cursos de Mestrado e Doutorado em Psicanálise (pós-graduação strictu sensu), organizou o livro *Psicanálise, Universidade e Sociedade* (CALDAS & DALTOÉ, 2011), visando à produção de um saber inédito, mais além da universidade, tal como na origem da Psicanálise.

Nessa edição, encontra-se seu texto *Psicanálise, saber e transmissão do objeto a* (CALDAS, 2011, p. 57), bem como de outros dois autores, psicanalistas da Escola Brasileira de Psicanálise: *Formação do analista e universidade: Algumas dissimetrias* (LIMA, 2011, p. 125), de Marcia Mello de Lima (professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; e *Psicanálise e políticas públicas de pós-graduação* (BASTOS, 2011, p. 199), de Angélica Bastos (professora no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica – PPGTP do Instituto de Psicologia da UFRJ).

2. Outro exemplo é a iniciativa do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que gerou o livro *De que real se trata na clínica psicanalítica* (MARRELLO; SANTIAGO; COELHO DOS SANTOS, 2012). As três linhas de pesquisa do programa são: fundamentos históricos

e metodológicos da Psicanálise, teoria clínica psicanalítica e Psicanálise e sociedade. O tema do real da Psicanálise é da maior relevância para o ensino e transmissão da Psicanálise na universidade e nas instituições psicanalíticas.

Miller dá o pontapé inicial, com seu artigo *A psicanálise, seu lugar entre as ciências* (MILLER, 2009, pg.13), junto com ele a Profa. Doutora Leny Magalhães Mrech, orientadora deste trabalho, fala sobre *A cientifização da educação: novas encarnações do discurso científico?* (MRECH, 2012, p. 155), ambos trabalhados nesta dissertação, no capítulo 3 e 1, respectivamente.

Tânia Coelho dos Santos se pergunta: *Existe uma nova doutrina da ciência na Psicanálise de orientação lacaniana?* (MARRELLO; SANTIAGO; COELHO DOS SANTOS, 2012, p. 35) e a Profa. Dra Ana Lydia Santiago discorre sobre *O saber da ciência na educação, o sujeito da psicanálise e a pesquisa - intervenções sobre casos de fracasso escolar* (SANTIAGO; SANTIAGO, 2012, p. 319).

Márcia Maria Rosa Vieira, levanta a questão *Psicanálise: uma ciência das intimidades?* (VIEIRA, 2012, p. 231) e Antônio Márcio Ribeiro Teixeira escreve sobre *A prudência do psicanalista* (TEIXEIRA, 2012, p. 65). Esses últimos, também são psicanalistas membros da Escola Brasileira de Psicanálise e atuam também na orientação de pesquisas de pós-graduação no programa Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), respectivamente.

3. A Profa. Tania Coelho dos Santos, que realizou seu pós-doutorado no Departamento de Psicanálise Paris VIII, é Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), igualmente membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise. Em seu *Inovações no ensino e na pesquisa em Psicanálise aplicada* (COELHO DOS SANTOS, 2009), também apresenta artigos de psicanalistas e pesquisadores em Psicanálise Pura e Aplicada.

Em especial, dessa mesma publicação, gostaria de mencionar mais um texto da orientadora deste trabalho no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Profa. Doutora Leny Magalhães Mrech, *O futuro de uma ilusão, impasses da sociedade contemporânea* (MRECH, 2009, p. 57).

Dentre outros textos, o do Prof. Doutor Jésus Santiago, homônimo ao título do livro (SANTIAGO, 2009, p. 7), apresenta a proposta de grupo de trabalho na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) para 2007/2009,

Jésus Santiago é doutor em Psicopatologia e Psicanálise pela Université de Paris VIII e professor da Universidade Federal de Minas Gerais, na Faculdade, no Programa de Pós-graduação em Psicologia em Estudos Psicanalíticos que aborda a gênese e história dos conceitos psicanalíticos, considerando as dissidências e ramificações do movimento psicanalítico e investiga o emprego do método psicanalítico em diversas condições institucionais e culturais.

Escrito a quatro mãos, Jésus Santiago e Ana Lydia Santiago, essa publicação apresentam outro texto, justamente voltado para a Educação, intitulado *Psicanálise aplicada ao campo da Educação*: *Intervenção na desinserção social na escola* (SANTIAGO, A. L.; SANTIAGO, J., 2009, p. 66).

Em especial, a Profa. Dra. Ana Lydia Santiago é Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da linha de pesquisa “Psicologia, Psicanálise e Educação” na Faculdade de Educação, cujas pesquisas se orientam pela subjetividade nos vínculos educativos e a Psicanálise aplicada aos problemas da Educação; os temas do sucesso, fracasso e inclusão escolar e socioeducativa; relações entre linguagem, cultura e cognição na sala de aula; representações sociais nas práticas educativas escolares e não-escolares; e a história da Psicologia na interface com a Educação.

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação/UFMG, Ana Lydia Santiago é coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Psicanálise e Educação (NIPSE), que desenvolve pesquisa/intervenção de orientação psicanalítica. Em cooperação com a Secretaria de Educação e de Saúde de Belo Horizonte e projetos de internacionalização, atua em instituições de educação por meio das metodologias de pesquisa/intervenção de Psicanálise aplicada.

Ana Lydia Santiago é também analista membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise. Exerce atividades de ensino e transmissão na EBP-MG e no Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. Em junho de 2011, foi nomeada A. E. (Analista de Escola) pela Associação

Mundial de Psicanálise. Essa dimensão do ensino revela a importância da intersecção entre a UFMG e a Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise, em sua proximidade com a Associação Mundial de Psicanálise.

O livro *A inibição Intelectual na Psicanálise* (SANTIAGO, 2005), é oriundo de sua tese de Doutoramento realizada no Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII, na França, e orientada por Pierre Bruno. Em sua apresentação, feita pelo Professor Leandro de Lajonquière – desse mesmo programa desta pesquisa, a Faculdade de Educação da USP – sua tese é apontada como uma raridade acadêmica (2005, p. 19). Segundo Lajonquiére, duas espécies de convicção intelectual inauguram a investigação de Ana Lydia Santiago em torno da clássica debilidade mental. Por um lado, a de que a singularidade da Psicanálise consiste em sua instituição como ciência do particular e, por outro, a de que a aplicação das ciências *psi* à educação implica a produção da segregação escolar.

Esse é um exemplo muito singular, mas que denota claramente a constante articulação entre a pesquisa na Universidade e a transmissão da Psicanálise, seja no debate acadêmico interinstitucional, seja na demonstração de sua subversão a partir de uma prática aplicada da Psicanálise ou ainda na experiência da Escola Brasileira de Psicanálise.

Segundo a nota da autora, o leitor reconhecerá a intenção de incluir a dimensão pulsional nas formas de inibição, tendo-se em vista pensar as diversas manifestações do sintoma de fracasso na atividade escolar e no trabalho intelectual (SANTIAGO, 2005, p. 22). Ela conta que, desde o início de seu exercício profissional, se defrontou com a demanda escolar de tratamento analítico para crianças com dificuldade de aprendizagem e de adaptação. O diagnóstico dessas e as propostas de intervenção terapêutica vincularam seu interesse clínico ao campo da Educação, destacando o problema do fracasso escolar como algo que necessitava ser não apenas diagnosticado, mas também tratado, levando-se em conta a subjetividade do aluno. Finalmente, a autora aponta que a Orientação Lacaniana lhe serviu de "*guia para não deixar de considerar a criança como um sujeito, ou seja, um analisante com plenos direitos*" (2005, p. 22).

Finalmente, quando o Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ desenvolveu o projeto de lançar uma revista que lhe fosse vinculada. Seu objetivo foi o de atender a uma demanda da comunidade científica da área, que

usualmente só dispunha de veículos limitados a abordagens específicas, tanto para publicar quanto para ler. A revista "*Ágora*[16] – Estudos em teoria psicanalítica" passou a ocupar um lugar de destaque na divulgação do saber, situando-se para além dos confrontos institucionais e distanciando-se de quaisquer especificidades identitárias das sociedades de formação da área da Psicanálise. Sua proposta foi pioneira na área, configurando-se como um fórum de discussão de pesquisas sobre os temas e problemas mais relevantes da Psicanálise contemporânea, pretendendo com isso, colocar o leitor em contato com a produção de ponta nessa área.

No mesmo sentido, a *Revista Estudos Lacanianos*[17] é uma publicação semestral do Programa de Pós-graduação em Psicologia e do Laboratório de Psicanálise da Universidade Federal de Minas Gerais. Publica textos (artigos, ensaios, resenhas, entrevistas, conferências e traduções) dedicados ao pensamento de Jacques Lacan e suas interlocuções, sejam essas de natureza clínica, científica, filosófica ou artística. O objetivo da publicação é divulgar trabalhos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros na área de Psicanálise lacaniana, fomentando o diálogo entre todos e propiciando ao leitor um contato com produções teóricas de alto nível.

Sem prescindir de cuidado e reflexão, devido às suas especificidades, o saber psicanalítico não veste bem a roupagem da ciência moderna, tornando assim um absurdo pensar que a universidade pudesse, isoladamente, formar analistas.

Inegável é, porém, que a universidade, onde muitos dos psicanalistas membros da EBP/AMP, tem inserções absolutamente significativas, oferece um campo fértil de trabalho institucional, extensivo ao seu ensino, assim como viabiliza a publicação de seus avanços. A pesquisa é justamente uma de suas funções mais importantes, no que toca à renovação, estabelecendo entre Psicanálise e universidade uma articulação profícua.

É nesse âmbito que gostaria de saudar aqui minha amiga e orientadora a Profa. Dra. Leny Magalhães Mrech, que atua na Faculdade de Educação desde 1983 e, antes disso, desde 1976 na Universidade Presbiteriana Mackenzie, e se dedica à transmissão da teoria lacaniana na pós-graduação, dentro do contexto da Escola Brasileira de Psicanálise e coordena o Núcleo de Pesquisa de Psicanálise e Educação da CLIPP - NUPPE, iniciado na Faculdade de Educação da USP em 1997.

[16] vide https://www.scielo.br/j/agora.
[17] vide http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1983-0769.

Atendendo a uma demanda de professores da área de Pós-Graduação de Psicanálise e Educação, de alunos da graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da USP e do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, através do qual foram produzidas inúmeras dissertações de mestrado, teses de doutorado e pós-doutorado, sem falar em pesquisas sobre Psicanálise e Educação.

Além disso, Leny participa do LEPSI – Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância IP/FE-USP. O laboratório inter-unidades, fundado em 1998 pela iniciativa dos professores Maria Cristina Machado Kupfer, do Instituto de Psicologia da USP, e Leandro de Lajonquière, da Faculdade de Educação da USP, tem a finalidade de congregar e desenvolver iniciativas nos domínios universitários do ensino, da pesquisa e da extensão, em torno de temáticas relativas à educação familiar e escolar, bem como à educação terapêutica na infância, formação de professores, graças a uma reflexão interdisciplinar que tem a Psicanálise como eixo. É nesse contexto que se insere o Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP, sob a área de concentração **Linguagem, Educação e Psicologia**.

Desde 1995, Elisabete Mokrejs, trabalhava com a entrada de Freud na FEUSP, para a graduação e, desde então, muitos outros professores seguiram seu esforço. Por exemplo, o Prof. Dr. Leandro de Lajonquière, atua na Paris VIII e na FEUSP, concomitantemente e o Prof. Dr. Rinaldo Voltolini, que foi supervisor do meu estágio de docência no Programa de Aperfeiçoamento do Ensino – PAE. O grupo dispõe da *Revista Estilos da Clínica*, do Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância – LEPSI IP/FE USP, que fora fundado em 1996 e apresenta uma gama enorme de publicações, a partir de eventos, livros e demais materiais de todos os professores da casa FEUSP.

Haveria muitas páginas a desenvolver com diversos exemplos de psicanalistas, publicações acadêmicas e atividades tratando da questão do ensino e da transmissão em Psicanálise. Procurei apontar com os exemplos selecionados, sem detrimento de outros, buscando avançar sobre a compreensão dos níveis mais complexos da experiência, sobretudo visando alcançar uma descrição satisfatória da vida numa Escola de Psicanálise e na Universidade, tomando como horizonte a fundação do passe, feita por Lacan, ponto máximo dessa discussão. Finalmente, visando elevar a Escola a um conceito fundamental da Psicanálise, o dispositivo do

passe serve como mola propulsora, este trabalho sugere ainda dois exemplos da *novação* que acontece nesse circuito. São eles:

1. O doutoramento do psicanalista membro da EBP, Seção Bahia, Marcelo Veras, intitulada *A loucura entre nós* (VERAS, 2009), na UFRJ, orientado por Vera Lucia Besset, virou um longa-metragem, dirigido por Fernanda Vareille em 2016 – vale a pena conferir;

2. O livro *Lacan Chinês, Poesia, Ideograma e Caligrafia Chinesa de uma Psicanálise* (ANDRADE, 2016), tese de doutorado de Cleyton Andrade, realizada na Universidade Federal de Alagoas, orientada por Antônio Teixeira, ganhou o prêmio Jabuti 2016. Essa obra conquistou a primeira colocação na categoria Psicologia, Psicanálise e Comportamento do mais importante prêmio concedido a publicações no Brasil.

Capítulo 1: Painel geral

Mrech, em seu artigo *Mas afinal, o que é educar?* (2005, p. 13), aponta que a maior parte das políticas públicas contemporâneas se veem diante de impasses ao se apoiarem numa concepção prévia do que seja a sociedade e a educação, e que tendem a se direcionar por vertentes universalistas. Desse modo, alguns educadores buscam ir além da crença na transmissão única e total para propostas que evidenciam cada vez mais a complexidade de metodologias, estratégias e técnicas, especialmente, dirigidas a cada aluno, considerando-o de modo particular.

A pedagogia filosófica, inicialmente preocupada com a educação do homem em suas amplas dimensões, transformou-se, portanto, numa perspectiva compreensiva da Educação. Em seguida, pensou-se que a Pedagogia seria a Ciência da Educação por excelência, porém, a pluralização das Ciências da Educação partiu da ideia de que seu objeto não é único e, portanto, necessitaria de outras contribuições, tais como da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia.

Atualmente, costuma-se pensar a Educação do ponto de vista da ciência e da técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre a teoria e a prática. Se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora, o par teoria/prática remete, sobretudo, a uma perspectiva política e crítica. Na primeira alternativa, os educadores são concebidos como técnicos que aplicam com maior ou menor eficácia as diversas tecnologias pedagógicas produzidas pelos cientistas e pelos especialistas; na segunda, aparecem como sujeitos críticos que, por meio de distintas estratégias, comprometem-se, com maior ou menor êxito, com práticas educativas concebidas sob uma perspectiva dialética. Assim, nas últimas décadas, o campo pedagógico tem estado separado entre os partidários da Educação como ciência aplicada e os partidários da Educação como práxis. A discussão promovida entre uma perspectiva piagetiana e outra referida aos trabalhos de Vygotsky, situa a polêmica em termos de predominância das dimensões biológica ou social, respectivamente.

Nesse sentido, Voltolini, em seu artigo “Do contrato pedagógico ao ato analítico: Contribuições à discussão da questão do mal-estar na Educação” (2017) aponta a presença histórica da Psicologia na Educação, como mais uma intervenção típica da mestria e da harmonização dos conflitos. Tratando-se de concepções de

ensino cunhadas sob o signo da intersubjetividade, isto é, sobre uma situação composta por duas pessoas que interagem – a primeira ensinando, em geral o professor, e a segunda aprendendo, em geral o aluno. Sem que se exclua a possibilidade de que o professor possa aprender com o aluno, o que não representa nenhum problema para a premissa em questão, tais concepções implicam, entre outras coisas, uma relação causal entre o ensino e a aprendizagem – que prevê que se aprende porque se ensina. Essa concepção é errônea e a psicanálise a contesta de modo original.

Frequentemente, separamos o mundo interior do exterior, tomando objetividade e subjetividade apenas como duas palavras opostas, quando há uma dialética na formação da percepção, bem como, na construção da realidade psíquica. Costumamos tomar tais palavras por suas conotações, positivas no primeiro caso, em geral, negativas, no segundo. Essa concepção parte do favorecimento de um ideal que entende o conhecimento como algo puro, generalizável e verdadeiro – mas impessoal e até mesmo desprovido de história, em detrimento do saber oriundo da experiência individual e mais singular – muitas vezes, tomado como a mais simplória opinião pessoal.

No que se refere à construção do conhecimento, especialmente, o embate objetividade/subjetividade realiza-se com muita potência, constituindo uma questão aberta, ainda que a perspectiva da objetividade seja amplamente hegemônica. De fato, no cenário da cultura ocidental, a expectativa dominante é a da objetividade do conhecimento, mesmo que não seja muito claro o que isto signifique. De todo modo, pouco se pensa no desejo do médico durante uma cirurgia, mas sua delicadeza pode contribuir muito para o tratamento de seus pacientes.

Quantas vezes ouvimos com referência a situações que envolvem avaliações, o veredicto "*isso é muito subjetivo*", como se tal qualidade diminuísse a relevância do que se afirma? Por outro lado, quantas vezes nos referimos à necessidade de a Educação visar à constituição do sujeito em agente consciente? Como coadunar, então, esse elogio da construção da identidade pessoal, plena de elementos emocionais e afetivos, com uma frequente e explícita depreciação da subjetividade? Ou então, mesmo no nível científico, como sustentar um pensamento ou mesmo método que se propõe a definir a dialética entre o sujeito e seu objeto?

Para Karl Popper, em seu livro *Conhecimento Objetivo* (1975), nem o mundo físico nem o mundo de nossas percepções conscientes, de nossas sensações e intuições subjetivas, podem servir de base a um conhecimento objetivo. Assim, a subjetividade comprometeria a construção do conhecimento, que somente poderia ser confiável na medida em que se objetivasse, tornando-se independente do sujeito conhecedor e consubstanciando-se em teorias em sentido lógico. Com isso, os aspectos psicológicos relacionados com a construção de tais teorias não seriam, em sua visão, passíveis de um estudo verdadeiramente científico.

Em outra direção caminha Michael Polanyi, para quem a participação pessoal do conhecedor é fundamental em todas as etapas do ato de conhecer. Em *Personal Knowledge* (1958), um texto pleno de ideias originais, capazes de fundar uma nova epistemologia, afirma que o propósito de seu livro é mostrar que a completa objetividade que é usualmente atribuída às ciências exatas não passa de um erro, um falso ideal. Em lugar de tal equívoco, oferece uma nova perspectiva, onde as percepções sensoriais deixam de ser uma armadilha para o intelecto e se transformam no primeiro passo do processo de construção do conhecimento.

Ocorre, no entanto, que as teorias científicas que, segundo Popper, constituem a verdadeira objetivação do conhecimento, são produzidas por seres humanos, com todas as características pessoais, emocionais, psicológicas, subjetivas do sujeito conhecedor e dizem muito mais sobre as intenções e delimitações de quem toma tal decisão do que sobre o conhecimento em si.

Naturalmente, não se trata de questões novas: algumas de suas raízes mais fundas podem ser situadas em confrontos teóricos ocorridos muitos séculos antes, como o que ocorreu entre o racionalismo cartesiano, fundado no “*cogito ergo sum*”, e o pensamento de Pascal, para quem "*o coração tem razões que a própria razão desconhece*". Mas ao contrapor a ideia de conhecimento "*objetivo*" a noção de conhecimento "*pessoal*", Polanyi indicou ainda que as palavras *'sujeito'*, *'individuo'* e *'pessoa'*, sugeriam uma reflexão sobre seus significados e revelavam uma riqueza semântica, até então inexplorada. Na busca de uma síntese entre os ideais de objetividade e de subjetividade no processo de construção do conhecimento, partindo da polarização conhecimento objetivo/conhecimento pessoal, seu pensamento foi conduzido naturalmente ao conceito de pessoa.

A imagem derivada da epistemologia de Polanyi, que caracteriza o conhecimento pessoal como um *iceberg*, onde a imensa componente tácita articula-se continuamente com a parca porção que logramos explicitar é fundamental para compor a ideia de que cada um de nós sabe muito mais do que consegue explicitar. Como seria natural de se esperar, a resistência da caracterização da Psicanálise como ciência, no sentido popperiano, sobretudo, em decorrência do fato de que o que se trata é sempre único, pessoal, subjetivo e, portanto, impossíveI de serem corroborados ou refutados por experimentos. Ciência ou não, a Psicanálise não deixou de existir.

De fato, ainda que se recuse a caracterizar o "*conhecimento pessoal*" como "*subjetivo*", rechaçando a arbitrariedade e a passividade que considerava inerentes da subjetividade, a contribuição de Polanyi para o equacionamento da compreensão do par objetivo/subjetivo é fundamental, especialmente, porque ele transporta tal discussão para o terreno da epistemologia, da construção e da justificação do conhecimento.

Para tanto, debruça-se decisivamente sobre a dinâmica da percepção, incluindo-a como parte integrante dos processos cognitivos, em vez de deixá-la de fora, como o fizera Popper. A percepção não é a periferia do conhecimento, e o seu centro – nisso reside a operação que faz Polanyi. E ainda que não reconheça uma associação direta entre os pares tácito/inconsciente, explícito/consciente, sua perspectiva possibilita uma fecunda analogia nas relações entre tais pares.

Para dar maior rigor a essa hipótese, Lacan, em seu escrito *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*[18] (1960c/1998, p. 807-842), considerou a distinção entre o enunciado (a representação concreta da língua) e a enunciação (constitutiva do sentido do enunciado, a atualização da língua no discurso). Trata-se de entender, portanto, que não existe uma correlação ou simetria entre o que alguém enuncia e o que ele faz.

Lacan retomou o conceito freudiano de inconsciente para demarcar as duas instâncias que formam o psiquismo humano. Por um lado, há um “eu” – que designa o sujeito do enunciado, o que planeja e é responsável pela fala; e, por outro, o sujeito do desejo inconsciente –, aquela instância que não sabe o que diz, mas que se imiscui

[18] Comunicação feita num congresso reunido em Royaumont, por obséquio dos "Colóquios filosóficos internacionais", sob o título "A dialética", a convite de Jean Wahl, 19 a 23 de setembro de 1960.

na fala do “*eu*”. O psicanalista foi explícito ao afirmar que, com relação ao sujeito do inconsciente, não existe um modo de responder à pergunta “Quem está falando”, isso porque “ele não sabe o que diz e nem sequer que está falando” (Lacan, 1960/1996, p. 815).

Mrech (2005), lembra que Freud privilegiava uma crítica ao modelo moderno, que reduzia o sujeito a um simples apêndice da sociedade, norteado por ideais sociais e culturais gerais. Segundo a pesquisadora, a Educação, tanto na obra de Sigmund Freud quanto na de Jacques Lacan, passou por severas críticas, até mesmo sendo entendida como: “[...] *um dos grandes fatores de alienação do sujeito, por sua constante conexão com o ego, pela crença no saber instituído, pela ênfase na tradição, pela adaptação pura e simples ao contexto institucional*.” (MRECH, 2005, p. 143).

Por sinal, a primeira reflexão psicanalítica e seus laços com os dispositivos educativos surgiu a partir de uma conferência de Sándor Ferenczi, em 1908, pronunciada em Salzburg, na qual ele questiona o caráter repressivo da Educação da época e aponta na Pedagogia um “*caldo de cultura das mais diversas neuroses*” (p. 35). Ferenczi buscava interrogar-se sobre a profilaxia desses males e investigar quais ensinamentos práticos a pedagogia poderia extrair das observações devidas à investigação psicanalítica. Para o autor, “*a Pedagogia está para a Psicologia como a disciplina da jardinagem para a botânica*” (FERENCZI, 1908/1991, p. 35).

É notável sua posição crítica diante da Pedagogia, a partir da Psicanálise, afirmando que “[...] *para manter as tendências latentes recalcadas e escondidas no inconsciente, é necessário edificar organizações defensivas poderosas, de funcionamento automático, cuja atividade consome uma quantidade excessiva de energia psíquica*.” (FERENCZI, 1908/1991, p. 36).

Tais regras de intimidação da educação moral baseada no recalque e seu rigor poupam a obrigação de reconhecer esse estado de coisas e, ao mesmo, fornecem uma saída para um de seus desejos inconscientes escondidos: a agressividade. Mais do que isso, a solicitude inquieta com a qual a censura vigia as representações de desejos inconscientes não se limita a essa tarefa, mas estende-se às atividades conscientes do psiquismo, tornando a maioria das pessoas incapazes de reflexão pessoal, escravas da autoridade, por meio de formações sintomáticas ao nível da Psicologia das massas.

> Isto não é um requisitório: eles pertencem à elite da nossa sociedade atual; é muito simplesmente um exemplo para mostrar que a educação moral edificada sobre o recalcamento produz em todo homem saudável um certo grau de neurose e origina as condições sociais atualmente em vigor, onde a palavra de ordem do patriotismo encobre, de maneira muito evidente, interesses egoístas, onde sob a bandeira da felicidade social da humanidade propaga-se o esmagamento tirânico da vontade individual, onde na religião se venera seja um remédio contra o medo e a morte – orientação egoísta – seja um modo lícito da intolerância mútua; quanto ao plano sexual, ninguém quer ouvir falar do que cada um faz. A neurose e o egoísmo hipócrita são, portanto, o resultado de uma educação baseada em dogmas que negligenciam a verdadeira psicologia do homem; e no que se refere a esta última característica, não é o egoísmo que cumpre condenar, mas a hipocrisia, certamente um dos mais característicos sintomas da histeria do homem civilizado em nossos dias. (FERENCZI, 1908/1991, p. 48).

Para Voltolini, no texto “A pedagogia como técnica: Rentabilização dos saberes” (2012, p. 18), as transformações sócio-históricas ocorridas no último século encaminharam a sociedade e a cultura para parâmetros de estruturação cada vez mais marcados pela hegemonia da tecnociência, da queda dos ideais coletivos e do fomento reiterado da fetichização dos objetos de consumo. Mais ainda, a absorção da Psicanálise, bem como sua psicologização, também é apontada pelo autor como expressão sintomática de rentabilização dos saberes desrespeitando limites para fins tecnocráticos, razão mínima do discurso capitalista representada pelo termo rentabilização.

Sua hipótese, no texto “O conhecimento e o discurso do capitalista” (VOLTOLINI, 2012, p. 110) é a de que há um declínio do sentido do conhecimento concomitante a uma consolidação do individualismo – ideologia necessária ao pleno desenvolvimento do empreendimento capitalista.

> O problema do declínio do sentido do conhecimento não se resolve com tentativas de dar sentido individual ao conhecimento, porque o sentido é algo que não pode ser encontrado fora da referência a um outro, fora, portanto, de uma tradição. Toda psicologia que influenciou o pensamento pedagógico atual é repleta desse equívoco.
> (VOLTOLINI, 2012, p.113).

Assim, Voltolini, em seu texto “O discurso capitalista, Psicanálise e Educação” (2007), propõe que a Ciência se mostra dominante e hegemônica, dada a discussão metodológica no campo da Educação contemporânea, a tal ponto que se tornou

justificável considerá-la um discurso: o Discurso da Ciência. Para além de uma atividade específica entre outras, mas uma cujo impacto social altera a dinâmica do que produz os laços. Com isso, pergunta-se até mesmo se não seria essa uma evidência da crescente Ciência Cognitivista que viria restaurar a polêmica sobre a autonomia do Ego.

Segundo Mrech (2005), em seu texto “A cientifização da educação: Novas encarnações do discurso científico”, recentemente, tem sido notado um encanto da parte dos educadores por uma perspectiva técnico-científica, fundamentada no método experimental e proponente de formas normativas e prescritivas de atuação. Um exemplo desse processo é o constante incremento da prática avaliativa:

> [...] que tenta se enquadrar em uma concepção de ciência pautada em um modelo mais direcionado pelas chamadas ciências duras: quantificação, padronização e processos de avaliação de todas as formas são os efeitos sintomáticos constantes desse processo, o que tem levado a uma compulsão em apreender o objeto das ciências da educação através de protocolos, pesquisas empíricas, pesquisas direcionadas para levantamentos históricos de documentos, para realização de gravações de vídeos e áudios dos contextos escolares etc. (MRECH, 2005, p. 163).

E, mesmo na universidade, goza-se com essa alienação. Voltolini afirma que “[...] *o saber veiculado é só aquele 'creditado', o que recebeu da 'etiqueta' universitária a autorização e a credibilidade*.” (VOLTOLINI, 2017, p. 105). O autor denuncia também que assim se favorece a eficácia da metodologia de pesquisa mais do que efetivamente produz resultados profícuos, ao cair na máxima da “*ciência pela ciência*”. Para ele, como efeito da injunção entre o discurso do mestre e da universidade, desde que a educação se tornou matéria do Estado, na contemporaneidade temos uma formalização mais orientada para as necessidades administrativas do que propriamente inerente ao ato educativo.

Voltolini (2017), então, pergunta se é legítimo falarmos em mal-estar, no sentido freudiano do termo, na Educação. Ele parte do pressuposto de que uma resposta depende da presença do analista nesse campo e da possibilidade de formalização de um sofrimento que se revele como efeito de uma estrutura. Sobre os modos de intervenção, aponta dois:

> O primeiro, mais antigo, o do discurso do mestre, visa "*consertar*" o que surge problemático por meio de medidas práticas que interfiram naquilo que é concebido como a causa do problema. Para tanto, e só nesse ponto é que ele se interessa pelo saber, uma vez que este pode concorrer na solução do problema: um saber, portanto, amputado de sua possibilidade de investigação; um saber já sabido, "todo" do qual se retirará uma eficácia (VOLTOLINI, 2017, p. 103).

No que, ao partir de uma queixa, pode gerar enigma, ao invés de petrificar na vitimização, Voltolini notifica que é isso que marca a ética da Psicanálise e garante sua eficácia. Assim, eis outro modo, em relação de avesso – como Lacan anuncia em seu *Seminário XVII – O Avesso da Psicanálise* (1969-70/1992), e que diz respeito ao que a Psicanálise esclarece:

> O segundo, mais recente, o do discurso analítico, busca "*escandir*" o que surge como conflituoso, agindo na forma como é falado o conflito, fundando sua intervenção na possibilidade de advir dela um saber ainda não sabido, com o caráter de surpresa e que modifica (não conserta) a posição dos sujeitos envolvidos no conflito. Um saber, portanto, cuja eficácia reside exatamente na possibilidade de fazer questões (outras que não aquelas já existentes na queixa), e não em dar respostas (VOLTOLINI, 2017, p. 103).

Nos anos de 1969 e 1970, em seu seminário *O Avesso da Psicanálise* (1969-70/1992), Lacan indicou os eixos da subversão analítica, no sentido da retomada do projeto freudiano *pelo avesso* – noção já esboçada no lançamento dos seus *Escritos* (1966) – antes mesmo dos acontecimentos de maio de 1968, contemporâneos ao Seminário.

É nesse momento em que Lacan apresenta seus *quatro improvisos*, sua *Teoria dos Discursos*. Ao apresentar o conceito de discurso como uma estrutura, procurou demonstrar uma lógica pela qual subsistem relações fundamentais e estáveis – que não poderiam se manter sem a linguagem, mas que no interior das quais certamente pode-se se inscrever algo que se contempla para além das enunciações efetivas. Como estrutura necessária, o discurso ultrapassa em muito a palavra, podendo subsistir em certas relações fundamentais, como a de um significante (S1) com um outro significante (S2), ou seja, é em virtude da cadeia significante de onde emerge o sujeito dividido ($), evanescente, cujo trajeto resulta em alguma coisa definida como um objeto perdido (*a*), como produto do discurso:

Figura 7 – Discurso do mestre

FONTE: Lacan, 1969-70/1992, pg.12.

> Não foi à toa que esse mesmo objeto – que eu, por outro lado, designara como aquele em torno do qual se organiza toda a dialética da frustração – que eu o tenha chamado, no ano passado, de mais-de-gozar (LACAN, 1969-70/1992, p. 17).

Lacan afirma que, tendo importância particular entre os quatro discursos propostos – quais sejam, o da histérica, o do universitário e o do analista – , essa é a forma primeira, por razões históricas, enunciada a partir do significante que representa o sujeito ante outro significante e se fixará no que enuncia como discurso do mestre.

É também como discurso do Outro que o conceito de inconsciente se constitui em seu ensino, uma vez que é da ordem do significante, e não, do conhecimento, situando, portanto, que o saber tem relação primitiva com o gozo *(objeto a*).

> [...] distinção radical, que tem suas consequências últimas do ponto de vista da Pedagogia – o que conduz ao saber não é o desejo de saber. O que conduz ao saber é – e me permitem justificar em um prazo mais ou menos longo – o discurso da histérica (LACAN, 1969-70/1992, p. 21).

Portanto, a referência lacaniana do discurso do mestre/senhor hegeliano como *avesso* ao do psicanalista, nos propicia uma nova leitura da relação com o saber, ao fazer crítica ao modelo iluminista de educação – que se fundamenta na razão e na objetividade. Com isso, revela que a função da palavra e o campo da linguagem articulam a suposição do saber e a posição do sujeito do inconsciente, acrescentando o manejo da transferência e da angústia no ato de ensinar.

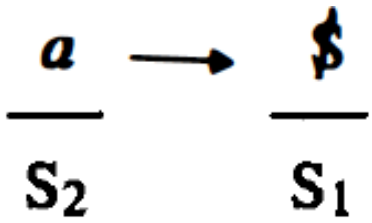

Figura 8 – Discurso do psicanalista.

Fonte: FONTE: Lacan, 1969-70/1992, p. 100.

E se o próprio objeto da Educação, do ponto de vista científico, é tão difícil de ser definido, cabe perguntarmos ainda se pode haver legitimidade em um ato analítico sobre um sintoma que é social, como no caso da Educação, conforme sugere Voltolini (2017, p. 110). Segundo o autor, não podemos pensá-lo nos termos da definição freudiana do sintoma (recalque, satisfação substitutiva etc.). Faz-se mister a noção de discurso – como aquilo que faz laço social, tornando sintoma social aquilo que faz obstáculo ao discurso do mestre. Assim é que um ato fundado na ética psicanalítica mobilizaria a impossibilidade, desinstalando os pontos de fixação e a tendência à repetição. Será necessário para o psicanalista fazer-se causa, valendo-se de uma ética sustentada em uma brecha qualquer que a estrutura do sintoma lhe confira – que cause movimento, e não, repetição ou estereotipia.

Capítulo 2: Freud e a Educação

Quando Freud definiu o inconsciente retratando sua dinâmica particular, rompeu com as concepções de sua época, abandonando a noção de que os processos psíquicos se restringiam à consciência. Após a obra inaugural da Psicanálise, *A Interpretação dos Sonhos* (1900, 2019), Freud deu continuidade aos seus estudos e começou a acumular artigos relacionados com o mecanismo dos sonhos. Os lapsos e esquecimentos vão então aparecendo na continuidade de sua obra, como em *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901/2021), *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905/2017, p. 13) e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016, p. 13).

Segundo Voltolini, em seu livro *Educação e Psicanálise* (2011), apesar de não haver um texto que trate exclusivamente de Educação, sua recorrência como tema estendeu-se por toda a obra freudiana, caracterizando um tratamento discreto, ainda que entusiasmado. Foi com interesse médico, no sentido da profilaxia das neuroses, que Freud chega ao tema da Educação, ampliando o debate acerca dos malefícios da civilização à saúde dos indivíduos e criticando a moral excessiva com a qual, sistematicamente, se tratava a questão do sexo em sua época.

No texto *A moral sexual 'cultural' e o nervosismo moderno* (1908/2015, p. 359), Freud se refere às exigências do malthusianismo, ideologia que apontava para as contradições entre a sociedade e a sexualidade, indicando o controle populacional como solução econômica. Freud indica que, embora não seja equivocado o nexo entre o nervosismo crescente e a moderna vida civilizada, isso se revela insuficiente para explicar o fenômeno dos distúrbios nervosos. Sua compreensão sobre a etiologia das neuroses o levou a considerar a distinção nosográfica entre as neuroses atuais e as psiconeuroses de defesa, esclarecendo a função da moral sexual civilizada e da educação como portadoras do potencial de adoecimento.

Se a abstinência – ou mesmo a precariedade da vida sexual – está associada às neuroses atuais, para as psiconeuroses – determinadas pelo mecanismo de defesa psíquica, seu desencadeamento acontece contra uma representação psíquica de natureza sexual considerada incompatível com os preceitos morais do indivíduo, resultando na repressão dessa que, permanecendo ativa, determina o complexo inconsciente como uma espécie de satisfação substitutiva que produz os sintomas.

Assim, Freud se referia à educação, nesse momento, apontando o fato de lhe atribuirmos a tarefa de restringir certas formas de ganho de prazer – como no autoerotismo por exemplo, pois a permanência nele tornaria o impulso sexual incontrolável e inaproveitável mais adiante por seu caráter modelar – isto é, as práticas recorrentes tendem a constituir o modo como o sujeito experimenta sua sexualidade posteriormente. Portanto, o desenvolvimento da sexualidade vai do autoerotismo ao amor objetal e da autonomia das zonas erógenas à sua subordinação aos fins reprodutivos – a partir da puberdade. Assim as energias utilizáveis no trabalho da cultura são obtidas, em grande parte, pela repressão dos chamados elementos perversos da excitação sexual.

Para Voltolini (2011, p. 15), proibir certos pensamentos privilegiando outros mais compatíveis com uma moral ideal pode ter sido a primeira figura do impossível em jogo na Educação. Nossa civilização estaria assim baseada na repressão e a capacidade de trocar a meta originalmente sexual por outra, não mais sexual, mas àquela aparentada psiquicamente – a isso Freud chama sublimação.

Por outro lado, contrastando com essa possibilidade de deslocamento, na qual reside seu valor cultural, o impulso sexual é também suscetível de fixações que o tornam inaproveitável e, ocasionalmente, o fazem degenerar devido a seus efeitos nocivos sobre o funcionamento e, especialmente, por causa de seu caráter subjetivo desprazeroso – e, por isso, consideradas patológicas. Tais influências – da educação e das exigências sociais, por um lado exitosas na inibição de sua manifestação como tais, são para o indivíduo nocivas, pois os fenômenos substitutivos resultam no nervosismo, ou mais precisamente, nas psiconeuroses.

É com base na hipótese da distinção entre as pulsões de autoconservação, ou do Eu, e as sexuais, a libido, que Freud afirma que as enfermidades específicas da função sexual são determinadas pela quantidade de libido e da possibilidade de descarregá-la por meio da satisfação. A forma da doença é determinada pelo modo como o indivíduo perfaz o desenvolvimento da função sexual pelas fixações que sua libido experimentou no curso de seu desenvolvimento. Isso acarreta que a Psicanálise teria maior sucesso com certa classe de neuroses que surgem do conflito entre o Eu e as pulsões sexuais, podendo ocorrer que as exigências dessas pulsões apareçam como um perigo para o Eu, forçando-o a tomar desvios de uma satisfação substituta, que se manifesta com sintomas nervosos. Assim, a Psicanálise consegue submeter

o processo repressivo a uma revisão e levar o conflito a um desfecho melhor. Com isso, por muito tempo, o próprio objetivo da análise ficou definido como *pós-educativo*, enveredando pela denúncia da impotência de uma educação repressiva, até Freud concluir pela inevitabilidade do recalque.

Nesse momento inicial, segundo Voltolini (2011), a argumentação é perfeitamente adequada ao discurso pedagógico, seja na direção de um ideal, seja quando faz a crítica dos erros de uma direção pedagógica anterior. A sugestão era a de atenuar a rigidez da moral civilizada dando-lhe contornos mais liberais, substituindo-a por uma ética fundada na verdade, cujas vantagens econômicas seriam superiores em comparação com a política hipócrita estabelecida pela neurose.

Dentro dos termos dessa reforma educacional, Freud fez incursões significativas sobre o tema da educação sexual das crianças, desenvolvendo o assunto em seus eixos fundamentais tais como nos textos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), *O esclarecimento sexual das crianças* (1907/2015, p. 314) e *Sobre as teorias sexuais infantis* (1908/2005, p. 390).

No artigo *O esclarecimento sexual das crianças* (1907/2005), Freud pergunta sobre a insensatez de recusar às crianças tais esclarecimentos, pois acreditava-se que faltava a elas o fator sexual e que esse somente apareceria na puberdade. Freud, portanto, salienta duas questões iniciais recorrentes às crianças, sendo uma a curiosidade sobre o pênis e a diferença anatômica sexual, e a outra sobre a origem dos bebês, indicando que não via uma razão sequer para recusar tal esclarecimento:

> Certamente que, se a intenção do educador é sufocar na criança, o mais rapidamente possível, a capacidade para o pensamento independente, em prol da tão louvada ‘boa conduta’, o melhor caminho para isso é a desorientação no âmbito sexual e a intimidação na esfera religiosa (FREUD, 1907/2005, p. 321).

Aponta que, assim, imprime-se à vida sexual a marca de algo terrível e nojento, bem como, a maioria das crianças perderia a única atitude correta ante as questões sexuais: o desejo de saber. E muitas delas não a encontram, pois, as respostas habitualmente dadas ferem seu honesto interesse e podem abalar a confiança nos adultos.

Do contrário, é necessário que, desde o início, a sexualidade seja tratada como outras coisas dignas de serem sabidas e é, sobretudo, tarefa da escola não evitar a menção da sexualidade, incluindo os fatos principais da reprodução e sua importância nas aulas sobre o mundo animal, não sem enfatizar que o ser humano partilha com os animais superiores tudo o que é essencial em sua organização. Freud sugere também que as informações sobre as condições especificamente humanas da vida sexual e a significação social dessa deveria ser dada no fim da escola fundamental, ou seja, antes dos dez anos.

Em especial, cita como progresso mais significativo na educação das crianças o fato de o Estado francês haver introduzido, no lugar do catecismo, uma cartilha que fornecia à criança os primeiros conhecimentos sobre o seu papel de cidadão e os deveres éticos que sobre ele incidirão (FREUD, 1907/2005, p. 321). Acrescenta, porém, que essa informação elementar seria gravemente incompleta, se não abrangesse a esfera da sexualidade, apontando essa como a lacuna que educadores e reformadores deveriam se empenhar em preencher.

De acordo com Freud, qualquer que seja a pergunta que uma criança faça, ela será sempre a das origens. "*De onde vêm os bebês*?" é para ele a grande pergunta, pois é a que põe em marcha o pensamento infantil. Para ele, a chegada de um novo bebê na família, por exemplo, produz grande angústia na criança, a ponto de impulsioná-la a pensar, determinando o movimento da criança rumo ao conhecimento.

Assim, os processos de pensamento articulam-se com a sexualidade, o desejo e o conhecimento. Essa articulação vai ao encontro da tradição psicanalítica que pensa o fenômeno da curiosidade infantil e da busca de conhecimento como algo não natural, como algo que não é inato, mas que se constitui no confronto do sujeito com sua sexualidade e seu desejo – o que só é possível graças à interveniência dos mais velhos (os adultos) sobre os mais novos (as crianças), ou seja, de uma necessária relação do sujeito infantil com os outros, no cerne da qual ele se confrontou com a sexualidade e o desejo.

Voltolini (2011) comenta que Freud, em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/2010, p. 108), postula o conceito de *realidade psíquica*, extraída como depuração do princípio do prazer cuja realidade surge como pesquisa da realidade. É como aperfeiçoamento das estratégias do princípio do

prazer que se destaca o princípio da realidade, servindo não para encontrar, para além da alucinação, o referente objeto inicialmente perdido, pela tendência do princípio do prazer, mas para reencontrá-lo.

Com base nesse princípio, Voltolini (2011) diz que Freud formula então uma educação para a realidade e, de fato, que a relação do ser humano com a realidade tem a ver com uma perspectiva dinâmica e até mesmo econômica do prazer. Nesse mesmo texto, Freud descreve a educação como "[...] *um incentivo à superação do princípio do prazer, à substituição dele pelo princípio da realidade*." (1911/2010, p. 121), com a pretensão de ajudar no processo de desenvolvimento do Eu.

A maior significação da realidade externa elevaria também a significação dos órgãos dos sentidos voltados para o mundo externo e da consciência a eles vinculada, sendo uma função especial a atenção – exame periódico que vai ao encontro das impressões dos sentidos, em vez de aguardar seu aparecimento; ou mesmo a memória, sistema de registro dos resultados dessa atividade. A descarga motora, que sob o governo do princípio do prazer servia para aliviar dos estímulos, transformou-se em ação orientada para mudar a realidade de modo adequado, bem como, sua suspensão permitiu que os processos de pensamento se constituíssem.

Para Freud, é possível que até mesmo o pensar fosse inicialmente inconsciente e apenas por meio da ligação a resíduos verbais tenha adquirido novas qualidades, perceptíveis para a consciência. A partir do apego às fontes de prazer disponíveis e a dificuldade de renunciar a essas, dissociou-se um tipo de atividade de pensamento livre do teste de realidade: a fantasia e o devaneio que são largamente utilizados nas brincadeiras infantis e na arte, por exemplo.

Voltolini (2011) aponta que Freud até então acreditava ainda que essa anarquia da sexualidade infantil poderia encontrar uma hierarquização quando da instalação da pulsão genital que, supostamente, realizaria a síntese de todas as outras pulsões na direção da finalidade reprodutiva, na ocasião da puberdade.

Em 1909, Oskar Pfister já encaminhava esse tipo de investigação, estabelecendo os primeiros textos direcionados para uma aplicação prática da Psicanálise à Pedagogia. Ele se interessou em estudar as *Ideias delirantes e suicídio nos escolares* e o *Atendimento psicanalítico de almas e pedagogia moral*. Freud lhe responde por carta (FREUD & PFISTER, 1909-1939), em março de 1909, que ele

adere a um projeto que se inscreve assim na possibilidade de estender a Psicanálise a outras disciplinas.

Mais tarde, entretanto, deixará de conservar esse entendimento, observando que nenhuma síntese ocorrerá e, portanto, nenhum fim harmonioso. A desconfiança em relação a essa reforma educacional foi declarada pela primeira vez por Freud no texto *Sobre a mais comum depreciação da vida amorosa* (1912/2013, p. 347). Ali, Freud comenta a divisão entre duas correntes, terna e sensual, na vida amorosa e aponta que a não convergência das duas seria um determinante do que ele chama de impotência psíquica, diretamente relacionada à degradação do objeto amoroso como condição para o prazer sexual.

De todo modo, nesse momento, Freud buscava intensamente definir o mecanismo geral de formação das neuroses, qual seja, a libido se afasta da realidade, é introvertida e reforça as imagens dos primeiros objetos sexuais. Além disso, o obstáculo ao incesto obrigaria a libido voltada a esses objetos a permanecer no inconsciente. Inicialmente, Freud nomeou esse aspecto conflitivo de *complexo nuclear da neurose*, o que se esclarecerá posteriormente, ainda mais a partir do mito edipiano.

Voltolini (2011) sugere que o desejo precisa de obstáculo para se desenvolver: se ele aparece à primeira vista como se opondo à lei, como vendo na lei seu limite, é esse limite que lhe dá o contorno sem o qual não teria forma. Nesse sentido, Freud passa a considerar que a relação entre a restrição cultural da vida amorosa e a depreciação dos objetos sexuais sugere deixar de lado a atenção aos objetos e procurar esclarecer os instintos mesmos, assumindo o seguinte:

> Em vista do empenho por uma reforma na vida sexual, tão intenso na cultura de hoje, não seria supérfluo lembrar que a investigação psicanalítica, como toda pesquisa, é alheia a qualquer tendência. Ela pretende tão só descobrir nexos, relacionando o que é manifesto ao que se acha oculto. Ela estará de acordo, se as reformas utilizarem suas averiguações para trocar o que é prejudicial pelo que for vantajoso. Mas não pode predizer se outras intuições não acarretarão outros sacrifícios, talvez mais graves (FREUD,1912/2013, p. 358).

Freud aponta que, por mais estranho que pareça, a possibilidade de que algo no próprio instinto sexual não seja favorável à plena satisfação, graças ao duplo encetamento da escolha de objeto, com interposição da barreira do incesto, o objeto

definitivo do instinto sexual nunca mais é o original, mas apenas substituto. Segundo Freud, a Psicanálise nos ensina que, quando um objeto original de um desejo é perdido em consequência da repressão, frequentemente é representado por uma série interminável de objetos substitutos, nenhum dos quais chega a satisfazer plenamente. Em segundo, os instintos decompõem-se em diversos elementos, alguns dos quais têm que ser suprimidos ou empregados de outra maneira.

Assim, os impulsos amorosos são difíceis de educar e sua educação ora obtém muito pouca, ora demasiada satisfação. Aquilo que a cultura pretende fazer deles não parece atingível sem considerável perda de prazer, bem como, a persistência dos impulsos não aproveitados resta como insatisfação. Em suas palavras, Freud considera que "[...] *uma conciliação das exigências do instinto sexual com os reclamos da cultura não é possível*." (1912/2013, p. 362).

A insatisfação cultural é, consequentemente, necessária e a própria incapacidade de se produzir satisfação plena submete-se às exigências da cultura, tornando-se fonte das mais grandiosas realizações, através da sublimação de seus componentes. Obviamente, caso houvesse a satisfação plena, os homens jamais abandonariam tal prazer e não realizariam progresso algum.

No que se refere à Pedagogia, item apresentado em seu texto *O interesse da Psicanálise* (1913/2012, p. 361), a partir de suas revelações sobre os desejos, pensamentos e processos de desenvolvimento das crianças, Freud revelou que todos os esforços anteriores da educação eram incompletos e errôneos, uma vez que deixavam de lado o fator sexual. Indicou também que quando os educadores estivessem familiarizados com os resultados da Psicanálise, admitiriam certas fases do desenvolvimento infantil e, abstendo-se de suprimir alguns impulsos inúteis socialmente, produziriam efeitos menos indesejáveis do que a indulgência com o mau comportamento infantil, tão temida na educação.

Para ele, "*A veemente supressão externa dos instintos fortes jamais obtém que eles sejam extintos ou dominados, apenas promove uma repressão que estabelece a tendência para um futuro adoecimento neurótico*" (FREUD, 1913/2012, p. 362). Assim é que Freud propõe uma possível profilaxia individual das neuroses, dependente de uma educação psicanaliticamente esclarecida.

Em seu texto *Sobre a psicologia do colegial* (1912/2012, p. 418), Freud indica que, como psicanalista, deveria interessar-se mais pelos processos afetivos do que

pelos intelectuais, mais pela vida inconsciente do que pela consciente e assim destaca o vínculo implicado na relação com os educadores. Graças à transferência, esse processo inconsciente que faz com que uma dada pessoa se vincule com alguém, mais de acordo com uma suposição que temos dela do que a partir de seus atos ou intenções reais.

Para a Psicanálise, as posturas afetivas em relação a outras pessoas tão relevantes para a conduta posterior do indivíduo, são estabelecidas surpreendentemente cedo. Já por volta dos seis anos de idade a criança tem assentado o tom afetivo de suas relações. As pessoas a que ela se fixa dessa maneira são os pais e irmãos e todas as relações posteriores tornam-se sucedâneos desses primeiros objetos de sentimento.

Nesse ínterim, Freud redige o *Prefácio a* O *Método Psicanalítico, de Oskar Pfister* (1913/2010, p. 340), apontando que os sintomas psicológicos são instituídos na infância e juventude, no período em que o ser humano é objeto da educação. Propunha na época que a relação entre Educação e Psicanálise acontece no cuidado da primeira em não produzir o que a segunda, a posteriori, trataria. Primeiro, aponta aquela função *pós-educativa* para a Psicanálise e, em seguida, explica as vantagens de utilizá-la para os fins educativos: na influência do educador que conhece as predisposições humanas gerais da infância na direção do desenvolvimento favorável, agindo profilaticamente numa criança ainda sadia, bem como, podendo notar os primeiros sinais de um desenvolvimento contrário.

Por outro lado, indica que o exercício da Psicanálise tem seu aval para o uso dos educadores e, num único ponto, a responsabilidade do educador excederia à do médico: o educador trabalha com material plástico, sensível a toda impressão, e deve impor-se a obrigação de não formar a jovem psiquê de acordo com seus ideais próprios, mas conforme as predisposições e possibilidades inerentes ao objeto. Por fim, Freud afirma seu desejo de que o emprego da Psicanálise na Educação cumpra as esperanças e apresenta o livro de Pfister como um que terá reconhecimento no futuro nesse sentido.

No entanto, em seu texto *Introdução ao narcisismo* (1914/2010, p. 13), Freud destaca o paradoxo em que é posta a criança: ela ocupa uma posição de objeto para seus pais, pois sua vinda ao mundo depende, inevitavelmente, das fantasias parentais a partir das quais foi concebida, e tais fantasias residem na relação dos pais

com os próprios pais. O estrutural dessas fantasias parentais é que constrangeram a criança na direção de um desejo que a precedeu. Por outro lado, a ignorância do adulto sobre a criança é essencialmente da ordem do recalque que todo adulto realiza da própria infância, ocasionando um processo defensivo que implica um não saber ativo que dificulta estar com a criança.

As perturbações as quais o narcisismo original da criança está exposto, as reações com que delas se defende, as vias pelas quais é impelido a fazê-las, têm como parte mais significativa o que Freud chama de "*complexo de castração*" em conexão com o efeito da intimidação sexual e ameaça exercidas sobre a criança. Assim, os impulsos da libido sofrem o destino da repressão patogênica, quando entram em conflito com as ideias morais e culturais do indivíduo. A partir disso é que é entendido que a repressão é oriunda do Eu, mais precisamente do autorrespeito do Eu e da formação do ideal do eu – a partir do qual se faz possível a repressão.

Isso nos leva a indagar sobre as relações entre a formação de ideal e a sublimação, processo atinente à libido objetal – em contraposição ao narcisismo, e consiste em que o impulso se lança a outra meta. A idealização é um processo envolvendo o objeto, elevado psiquicamente sem que haja transformação de sua natureza. Assim, haver trocado o narcisismo pela veneração de um elevado ideal do Eu não implica ter alcançado a sublimação de seus impulsos libidinais. A formação de ideal e a sublimação se relacionam diferentemente à causação da neurose, isto é, a idealização aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece a repressão; a sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar a repressão.

É que a incitação a formar o ideal do Eu, cuja tutela foi confiada à consciência moral, partiu da influência crítica dos pais intermediada pela voz, aos quais se juntaram no curso dos tempos educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio (o próximo, a opinião pública etc.). A instituição da consciência moral seria, no fundo, uma corporificação inicialmente da crítica dos pais, depois da crítica da sociedade, e, assim, a autocrítica da consciência moral coincide no fundo com a auto-observação.

Nesse sentido, das relações do amor-próprio com o erotismo (com os investimentos de objeto), é preciso distinguir se os investimentos amorosos estão em sintonia com o Eu ou se, ao contrário, experimentaram uma repressão. No primeiro

caso (em que a utilização da libido é sintonizada com o Eu), amar é visto como qualquer outra atividade do Eu.

Por outro lado, o amar em si, como ansiar, carecer, rebaixa o amor-próprio, e ser amado, achar amor em troca, possuir o objeto amado, eleva-o novamente. Sendo a libido reprimida, o investimento amoroso é sentido como grave diminuição do Eu, a satisfação amorosa é impossível, o enriquecimento do Eu torna-se possível apenas retirando-se a libido dos objetos. O retorno da libido objetal ao Eu, sua transformação em narcisismo, representa como que um amor feliz novamente, e por outro lado, um real amor feliz corresponde ao estado primordial em que a libido de objeto e a libido do Eu não se distinguem uma da outra.

Também do ideal do Eu sai um importante caminho para o entendimento da Psicologia da massa, segundo Freud. Além do seu lado individual, existe a dimensão do social, que é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação, especialmente mediada pelo processo educacional.

É na segunda metade da infância que outras relações, para além dos familiares, promovem consequentemente o desprendimento do primeiro ideal e é aí que os mestres passam a contribuir com o desprendimento das figuras parentais. Esse quadro é o mesmo que se estabelece na dupla professor-aluno, herdeira da primeira, a dupla pais-filhos. Além disso, se antes, a influência do educador era abordada a partir de seu potencial opressor, com a noção de transferência, a questão passou a ser abordada a partir de sua função de modelo, ou seja, não é apenas reprimindo que o educador influi, mas também como indutor de comportamento ideal.

Assim é que se pode dizer que a teoria psicanalítica é uma tentativa de tornar inteligíveis a *transferência* e a *resistência*, quando se relacionam os sintomas de um neurótico e suas fontes no passado. Freud destaca que...

> [...] toda corrente de investigação que reconheça esses dois fatos e os veja como ponto de partida de seu trabalho pode se denominar Psicanálise..., mas quem abordar outros lados do problema não considerando esses dois pressupostos, dificilmente escapará ao reproche de usurpação através de mimetismo, se insistir em denominar-se psicanalista.
> (1914/2010, p. 25).

Outro conceito fundamental, provisoriamente obscuro, mas que não podemos dispensar é o de *pulsão*. Freud, em seu texto *Os instintos e seus destinos* (1915/2010,

p. 51), a partir da fisiologia, toma o conceito de estímulo e o de arco reflexo – segundo o qual o estímulo que vem de fora para o tecido vivo (a substância nervosa) é descarregado para fora por meio da ação motora. Indicando que cabe ao sistema nervoso a tarefa de dominar os estímulos, revela que o sistema reflexo fisiológico é insuficiente, induzindo o surgimento do aparelho psíquico, em seus processos complexos e interdependentes, os quais modificam amplamente o mundo exterior.

A pulsão, portanto, se revela como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a psiquê, como uma medida de trabalho imposto por sua ligação com o corpo (FREUD, 1915/2010, p. 42). Ela seria propriamente um estímulo para a psiquê, distinto dos estímulos fisiológicos, que provém não do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo, atuando como uma força constante, e não, momentânea. Uma vez que não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga pode servir contra ele. Assim, na eficácia de sua atividade muscular, o indivíduo terá adquirido um ponto de apoio para distinguir um “fora” de um “dentro”

Para Souza, no seu livro *As palavras de Freud* (SOUZA, 2010), a utilização de *instinct* para verter *Trieb*, do alemão, foi um dos termos que mais provocou reação, pois muitos viam aí uma biologização injustificável do conceito freudiano. Isso levou à introdução, pelos franceses, do neologismo *pulsion* que, aos poucos, foi adotado também nas outras línguas latinas em que se traduziu a obra de Freud, determinando a orientação das abordagens consequentes

Assim, o inconsciente é constituído por representantes pulsionais que têm como meta descarregar seu investimento libidinal visando satisfação – impulsos de desejo, portanto. Coordenados entre si, coexistem sem influência mútua e não contradizem uns aos outros. Quando têm suas metas incompatíveis, concorrem para a formação de um objetivo intermediário, um compromisso. Há uma mobilidade: pelo processo de *deslocamento*, uma ideia pode ceder a outra todo o seu montante de investimento; pelo processo de *condensação*, pode acolher todo o investimento de várias outras, ambos mecanismos do sonho, definidos por Freud.

Vale dizer que o inconsciente, ou seja, o reprimido, não promove qualquer resistência aos esforços do tratamento, ele mesmo não procura senão, apesar da censura que sobre ele pesa, abrir caminho rumo à consciência ou à descarga motora. Porém, os investimentos que ocorrem nos sistemas inconscientes podem ser

transferidos, deslocados ou condensados, definidos pelo processo primário, diferentemente dos processos secundários – que ocorrem na consciência e na vida desperta.

Aqui, cabe pontuar que o conceito de *repressão* é absolutamente central nessa discussão. A repressão não é um mecanismo de defesa existente desde o início, que não pode surgir antes que se produza uma nítida separação entre atividade psíquica consciente e inconsciente, e que sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência. Trata-se de um meio termo entre a fuga e a condenação. Disso, podemos dizer que um destino possível para o impulso é encontrar resistências que buscam torná-lo inoperante.

Em seu texto *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (1914/2012, p. 245), Freud afirma que o conceito foi concebido por ele de forma independente e original. Afirma também que "[...] *a teoria da repressão é o pilar em que repousa o edifício da Psicanálise, a parte mais essencial dela*." (1914/2012, p. 257).

Em *A repressão* (1915/2010, p. 82), Freud detalha que se torna condição para a repressão o motivo do desprazer que adquire um poder maior que o prazer da satisfação. A satisfação da pulsão submetida à repressão seria possível e prazerosa em si mesma, mas inconciliável com outras exigências morais e intenções do sujeito, gerando assim prazer num lugar e desprazer em outro. Uma vez que esse conceito aponta para o destino das pulsões e a instituição dos complexos inconscientes, junta-se a isso que, aquilo que durante a infância é eliminado por ser inutilizável, na via educacional e civilizatória, sustenta uma divisão no conteúdo dos dois sistemas que só se estabelecem, geralmente, na puberdade.

Como processos atemporais, sem levar em conta a realidade, senão a psíquica, o curso dos processos é regulado, portanto, pelo princípio do prazer, que é incitado por uma tensão desprazerosa e direciona-se para o abaixamento da tensão com uma evitação do desprazer ou geração de prazer. Então, eles são segregados dessa unidade por meio do processo de repressão. Se conseguem depois, mediante desvios, obter uma satisfação direta ou substitutiva, tal sucesso é sentido como desprazer pelo Eu, o que define o mecanismo do sintoma neurótico. Uma consequente fonte de desprazer, acha-se nos conflitos e cisões dentro do aparelho psíquico, enquanto o Eu faz seu desenvolvimento rumo a organizações mais complexas.

Com isso, Freud propõe que a repressão é um processo que se verifica em ideias na fronteira entre os sistemas inconsciente e pré-consciente e nos permite conceber os processos psíquicos em suas relações dinâmicas, topológicas e econômicas. O tratamento psicanalítico, portanto, é fundado na influência sobre o inconsciente a partir da consciência, mostrando que são os derivados e formações do inconsciente que transitam entre os dois sistemas e nos preparam o caminho para essa realização.

Vemos que os derivados do inconsciente se tornam conscientes como formações substitutivas e sintomas, mas conservam frequentemente muitas características em que solicitam repressão. Assim, a essência do processo de repressão não consiste em eliminar, anular a ideia que representa a pulsão, mas impedir que ela se torne consciente, não deixando de produzir efeitos, inclusive aqueles que, afinal, atingem a consciência, caracterizando o trabalho analítico como tal, como uma experiência de tradução.

Por outro lado, Freud aponta que, enquanto ocorre o desenvolvimento do Eu, as pulsões sexuais se destacam deles sendo detidas sob o domínio do princípio do prazer até a puberdade, ocasionando maior proximidade delas com a fantasia, por um lado e, por outro, entre o Eu e as atividades da consciência. Assim o Eu-de-prazer não pode senão desejar enquanto o Eu-realidade necessita buscar o que é útil e proteger-se dos danos.

Assim, toda educação estaria comprometida com a tarefa de fazer crescer uma criança transformando-a em adulto. Porém, no modo pedagógico habitual de considerar essa distinção, a Psicanálise aponta a criança que há no adulto. Freud aproxima o processo educativo e o processo civilizatório, visando aos acordos que garantem a possibilidade de o indivíduo inserir-se no laço social, mas não sem considerar que há um limite: resta algo *ineducável* instalado no cerne do processo pulsional. Portanto, não há fim harmonioso, já que o *eu* é incapaz de hierarquizar essas pulsões, sempre parciais que reclamam cada uma sua satisfação, promovendo entre si um inevitável conflito.

Segundo Freud, em seu texto *Além do princípio do prazer* (1920/2010, p. 161), esse conflito deriva do princípio da constância que, paradoxalmente, para a autoafirmação do organismo em meio às dificuldades do mundo externo, por influência da autoconservação do Eu é substituído pelo princípio de realidade que,

sem abandonar a intenção de obter afinal o prazer, exige e consegue o adiamento da satisfação e a renúncia de várias possibilidades dessa e a temporária aceitação do desprazer. Mas que...

> [...] por muito tempo, o princípio do prazer continua como o modo de funcionamento dos instintos sexuais, que são difíceis de “educar”, e volta e meia sucede que, a partir desses instintos ou no próprio Eu, ele sobrepuja o princípio da realidade, em detrimento de todo o organismo (FREUD, 1920/2010, p. 124).

Para Voltolini (2011), é o golpe final que se revela nesse momento da elaboração freudiana. Assim acontece quando surge no cenário conceitual a noção de *pulsão de morte*, elaborada em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/2010, p. 147), definida como “[...] *um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior*” – denominado *princípio do Nirvana*. Assim é que Freud avança em sua compreensão da tensão insuperável entre sujeito e civilização, restando sempre algo ineducável instalado no cerne do processo pulsional.

De todo modo, cabe aqui retomar um esclarecimento fundamental apresentado por Freud, a partir da observação direta de seu neto brincando com um carretel, conhecido como *Fort-da*. Esse jogo de desaparecimento e aparição de um objeto era repetido incansavelmente, com evidente satisfação, sobretudo, no segundo ato. Ele estava relacionado à grande aquisição cultural do menino, à renúncia por ele realizada, ao permitir a ausência da mãe sem protestar, segundo Freud (1920/2010, p. 128). Assim, também sob o princípio do prazer, há meios de tornar objeto de recordação e elaboração psíquica o que é em si desprazeroso. Porém, uma vez que não é possível lembrar de tudo o que está reprimido, o analisando é antes levado a repeti-lo como vivência atual. Cabe ao psicanalista se empenhar em restringir o campo dessa neurose de transferência, em empurrar o máximo possível para a recordação e deixar o mínimo para a repetição.

O malogro desse ligamento provocaria um distúrbio análogo à neurose traumática; somente após a sua realização o domínio do princípio do prazer (e de sua modificação, o princípio da realidade) poderia ocorrer sem estorvos. Até então, porém, a outra tarefa do aparelho psíquico, controlar ou ligar a excitação, teria precedência, não em oposição ao princípio do prazer, mas de forma independente

dele. Assim, a compulsão à repetição denota que os traços de lembrança reprimidos das experiências primevas não se acham nele presentes em estado ligado, e não são capazes, em certa medida, de obedecer ao processo secundário ou mesmo de serem totalmente superados.

Consequentemente, se os sonhos na neurose traumática fazem voltar regularmente à situação do acidente, então eles não se acham a serviço da realização de desejos, cuja satisfação alucinatória tornou-se, sob o domínio do princípio do prazer, função dos sonhos. Tais sonhos buscam lidar retrospectivamente com o estímulo, mediante o desenvolvimento da angústia.

Em 1925, August Aichhorn, estudioso da Pedagogia dedicado aos problemas da delinquência infantil e juvenil, publicou um livro pioneiro, *Juventude Abandonada, a Psicanálise na Educação assistencial*, para o qual Freud redigiu um prefácio, onde se lê: "*A criança se tornou o objeto principal da pesquisa psicanalítica. Tomou assim o lugar do neurótico, primeiro objeto dessa pesquisa*" (FREUD, 1925/2011, p. 347).

Aichhorn militava pela utilização, por parte dos educadores, da técnica psicanalítica, defendendo a ideia de que o pedagogo poderia tornar-se, para a criança um pai substituto, no seio de uma transferência positiva. Adiante, duas lições são retiradas do trabalho de Aichhorn: uma, é que o educador deve ser psicanaliticamente instruído, senão o objeto de seus esforços, a criança, permanecerá um enigma - o melhor seria que ele mesmo fosse analisado, sendo que não se assimila a psicanálise sem experimentá-la, numa medida profilática; a segunda, o trabalho da educação é *sui generis* e não pode ser confundido com a influência da Psicanálise nem ser substituído por ela.

Desse modo, aprendemos com a análise que a supressão dos instintos acarreta o perigo do adoecimento neurótico, situação dilemática, onde não há expectativa de solução conciliatória, embora o discurso pedagógico se empenhe nessa busca. Mas esse discurso rateia na solução de tais impasses devido à sua insolubilidade, e não a uma deficiência qualquer em sua orientação. Freud aponta que não é surpreendente que a expectativa de que a psicanálise com crianças também beneficiaria a atividade pedagógica, cuja intenção é guiar, estimular e proteger de equívocos a criança, em seu caminho até a maturidade. Porém, indicando o alto valor social que o trabalho pedagógico pode reivindicar, juntamente com o curar e o governar, sustenta que educar se trata de uma profissão impossível.

Ainda assim, no seu *Prólogo à 'Juventude desorientada'*, *de Aichhorn* (1925/2011), Freud constata que "[...] *nenhuma das aplicações da Psicanálise excitou tanto interesse e tantas esperanças, e nenhuma, por conseguinte, atraiu tantos colaboradores capazes quanto seu emprego na teoria e na prática da educação*.". Nesse sentido foi que a revista de Pedagogia psicanalítica, *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*, que circulou entre 1926 e 1937, ainda reuniu vários textos de célebres psicanalistas, como Anna Freud, Sándor Ferenczi, Alice Balint e de outros terapeutas infantis e de adultos, de educadores e de professores.

Para Voltolini (2011), em termos simples, trata-se de considerar que uma educação liberal demais pode conduzir à perversão; e repressora demais, à neurose. No entanto, por algum tempo ainda Freud buscou as condições instrumentais para essa conciliação entre as exigências individuais e as renúncias impostas pela civilização na educação, até admitir no texto *O mal-estar na civilização* (1930/2010, p. 13) que essa é uma profissão impossível difinitivamente. Esse caráter conflituoso, expressão direta de uma dinâmica pulsional e desejante paradoxal é, no entanto, aos olhos da Psicanálise, inerente à experiência humana.

Em seu texto *Esclarecimentos, explicações, orientações* – penúltima das novas conferências introdutórias à Psicanálise (1933/2010, p. 308), Freud afirma que o tema da educação fora impossível de evitar, não porque o entendesse o bastante ou tenha contribuído muito para ele. Pelo contrário, mesmo tendo se ocupado pouco indica que se trata do trabalho aplicado mais relevante da Psicanálise em função de sua riqueza e esperança para o futuro. Conta que é fácil denotar a aplicação da Psicanálise nesse campo, uma vez que, ao tratar do adulto neurótico, normalmente, o tratamento era conduzido aos conteúdos da infância. Segundo ele...

> Compreendemos que a dificuldade da infância se acha em que, num breve lapso de tempo, a criança deve se apropriar dos resultados de uma evolução cultural que se estendeu por milênios de anos: o controle dos instintos e a adaptação social, ou pelo menos, esboço de ambos. Somente uma parte dessa mudança ela pode alcançar por seu próprio desenvolvimento, muita coisa tem de lhe ser imposta pela educação. (FREUD, 1933/2010, p. 308-309).

Por outro lado, Freud aponta que a percepção de que a maioria das crianças passa por uma fase neurótica no seu desenvolvimento traz consigo o *gérmen* de uma questão higiênica no uso da Psicanálise como uma medida de prevenção, mesmo

quando não se mostra sinais de transtorno. Uma tal profilaxia da doença nervosa, que provavelmente seria muito eficaz, mas que pressupõe uma constituição inteiramente outra da sociedade. Segundo ele “[...] *a senha para que a Psicanálise seja aplicada à educação deve ser hoje buscada em outro lugar*.” (FREUD, 1933/2010, p. 310): a menos que isto seja insolúvel, deve ser encontrado um *optimum* para a Educação, em que ela possa realizar o máximo e prejudicar o mínimo.

> A questão será decidir o quanto proibir, em que momentos e com que meios. E será preciso levar em conta que os objetos da influência educacional trazem disposições constitucionais muito diversas, de modo que o mesmo procedimento do educador não pode ser igualmente bom para todas as crianças. Uma breve reflexão ensina que até agora a educação cumpriu muito mal sua tarefa que infligiu graves danos às crianças (FREUD, 1933/2010, p. 311).

Assim, o abuso de exigências éticas não prejudicaria muito, caso preparasse os jovens para saber como deveriam ser os homens, para serem felizes e tornarem os outros felizes, desde que tivessem conta de que eles não são assim. Ao contrário, é feito com que o jovem acredite que todos os demais cumprem as prescrições éticas e que são virtuosos, e nisso é fundamentada a exigência de que ele também o seja. (FREUD, 1933/2010, p. 89).

Freud ainda acrescenta que, se esse *optimum* realiza a sua tarefa, a educação poderia liquidar um dos fatores da etiologia da doença, a influência dos traumas infantis acidentais. Por outro lado, o poder de uma constituição instintual insubmissa, a Educação não poderia eliminar de forma alguma. E assim, indica que as difíceis tarefas colocadas ao educador – reconhecer a peculiaridade constitucional da criança, pela via de pequenos indícios, perceber o que sucede na sua mente inacabada, conceder-lhe amor e conservar uma parcela eficaz de autoridade – diremos que a única preparação adequada para a profissão de educador é um sólido treino em Psicanálise. O melhor seria que ele mesmo fosse analisado, pois, afinal, não se pode assimilar a Psicanálise sem experimentá-la na própria pessoa. A análise dos professores e pedagogos parece ser uma medida profilática mais eficaz do que a das crianças, e há dificuldades menores para sua realização.

Para Freud, toda educação é facciosa, portanto, uma vez que busca inserir a criança na ordem social vigente, sem considerar o quanto esta é valiosa ou sustentável em si mesma. Quando se está convencido dos defeitos de nossas instituições sociais, não é justificável pôr a serviço delas também a educação

orientada psicanaliticamente. É preciso dar-lhe outra meta, mais elevada, que se tenha libertado das exigências sociais dominantes.

De todo modo, esse outro objetivo será parcial e não é trabalho do analista decidir entre as partes, isto é, a educação psicanalítica toma para si uma responsabilidade que não lhe foi requerida, se se propõe a transformar seus alunos em revolucionários. Ela terá feito a sua parte se deixá-los os mais sadios e capazes possível, pois nela já existem fatores suficientemente revolucionários para assegurar que o indivíduo por ela educado não se porá de lado da reação e da repressão na sua vida futura.

Capítulo 3: O impossível de ensinar

Em 1910, Freud escreveu um artigo chamado *Cinco lições de Psicanálise* (1910/2013, p. 220), onde apresenta "[...] *uma visão de conjunto da origem e do desenvolvimento desse novo método de pesquisa e cura*." (p. 222). Nomeando a Psicanálise de *talking cure* [cura pela fala], também se referiu jocosamente a ela como *chimney sweepiing* [limpeza de chaminé]. Ali, propunha que a análise dos sonhos é a 'via régia' para o conhecimento do inconsciente, o mais seguro alicerce da Psicanálise e o campo em que qualquer estudioso pode adquirir convicção e buscar seu treinamento.

Apresenta, porém, dois obstáculos: por parte do intelecto, para o reconhecimento do modo de pensar psicanalítico: primeiro a inexistência do hábito de contar com o estrito e absoluto determinismo da vida psíquica; segundo, o desconhecimento das peculiaridades mediante as quais os processos psíquicos inconscientes se diferenciam daqueles conscientes, que nos são familiares.

Nesse artigo, Freud percorre uma série de conceitos técnicos da Psicanálise, tais como: angústia, transferência, resistência, trauma, escolha de objeto. E apresenta a pré-história da Psicanálise em suas referências a Breuer, Charcot, Janet e Bernheim.

Já em 1912, em *Recomendações ao médico que pratica a Psicanálise* (1912/2010, p. 147), um dos artigos sobre a técnica, Freud resume suas regras técnicas a um único preceito: "[...] *devo enfatizar que essa técnica se revelou a única adequada para a minha individualidade. Não me atrevo a contestar quem tenha uma personalidade médica de outra constituição seja levada a preferir uma outra atitude ante os pacientes e a tarefa a ser cumprida*." (1912/2010, p. 148). No entanto, acentua algumas dicas: a atenção flutuante, que sustenta a proeza mnemônica do psicanalista, prescindindo até mesmo de tomar notas.

Como conduta correta, para o analista: passar de uma atitude psíquica para outra conforme a necessidade de não especular e não cogitar enquanto analisa, e submeter o material reunido ao trabalho sintético do pensamento apenas depois que a análise for concluída. Tais regras convergiriam para o objetivo de criar a contrapartida da regra fundamental da associação livre.

Nesse momento Freud enfatiza que, tal como o cirurgião, que se deixem os afetos e até mesmo sua compaixão humana, e concentrar num único objetivo: levar a termo a operação do modo mais competente possível, sem esquecer a ameaça do *furor sarandi*, a ambição terapêutica apoiada no convencimento. Outra tentação vem da atividade pedagógica, diz Freud (1912/2010, p. 280) que, no tratamento analítico, recai sobre o psicanalista, sem que haja a intenção por parte dele.

Em suas *Conferências introdutórias sobre a Psicanálise* (1916-17/2014, p. 14), partindo das dificuldades relacionadas à instrução, ao ensino da Psicanálise, a seguinte citação de Freud aqui é tomada como ponto de partida.

> Não posso, certamente, predizer quanto entendimento de Psicanálise obterão das informações que lhes dou, contudo posso prometer-lhes isto: que, ouvindo-as atentamente, não terão aprendido como efetuar uma investigação psicanalítica ou como realizar um tratamento.
> (FREUD, 1916/2014, p. 25).

A partir dela, Freud indicou que devemos considerar a objeção de que, não seguindo essa orientação, o estudante jamais aprenderia a psicanálise propriamente dita – também indicada por ele como a 'verdadeira prática'.

Em primeiro, diferentemente das outras áreas da medicina, todo o tratamento está apoiado unicamente na conversa entre o paciente e o psicanalista. Sobre isso, diz que não devemos subestimar o emprego das palavras e, sim, nos dar por satisfeitos:

> Com palavras, uma pessoa é capaz de fazer outra feliz ou de levá-la ao desespero; é com palavras que o professor transmite seu conhecimento aos alunos e é também por intermédio das palavras que o orador arrebata a assembleia de ouvintes e influi nos juízos e as decisões de cada um deles. Palavras evocam afetos e constituem o meio universal de que se valem as pessoas para influenciar umas às outras (FREUD, 1916/2014, p. 19).

Da parte do paciente, suas declarações dizem respeito ao que há de mais íntimo e, mais ainda, a tudo o que, como pessoa autônoma, ele precisa ocultar dos outros e, de resto, a tudo o que, como personalidade una, ele não deseja admitir para si mesmo. Essa condição de sigilo e privacidade deixa claro que, aos interessados em formar um juízo sobre a Psicanálise, esses podem apenas ouvir acerca dele e, assim, tomar conhecimento da Psicanálise.

A princípio, a situação parece ainda mais desfavorável no que se refere às dúvidas quanto à credibilidade do informante psicanalítico, uma vez que, ao relatar um tratamento, o psicanalista não dispõe de qualquer certificação objetiva, nem qualquer possibilidade de demonstrar sua veracidade. Assim, como pode alguém aprendê-la, afinal, e se convencer da verdade de suas afirmações?

Freud responde a essa questão, dizendo que se trata mesmo de um aprendizado que não é fácil nem são muitos os que aprenderam devidamente, mas que o caminho possível, em primeiro lugar, é tomar a Psicanálise como algo que aprendemos em nós mesmos, mediante o estudo de nossa própria realidade psíquica. Não no sentido da auto-observação, mas a partir da superação de certas barreiras que se impõem, avançar-se-ia muito mais quando por um analista qualificado, experimentando os efeitos da análise. Ainda assim, esse caminho só pode ser percorrido por cada um, jamais por toda uma sala de aula. Freud assim determinou que a experiência da análise pessoal, para além dos conhecimentos necessários, é a melhor maneira de formar uma opinião sobre as aptidões e o desempenho nessa nova profissão. Ou seja, todo praticante deve se submeter à associação livre, para tal formação.

Em segundo lugar, para os médicos, que são formados com base na anatomia, química, física e biologia, sua formação acaba por não ter seu interesse dirigido para a vida psíquica. Assim, permanecem alheios ao pensamento sobre a experiência psíquica, o que é danoso para a prática e indica uma deficiência de formação médica. Mesmo a Psiquiatria que, dentro da medicina, se ocupa em descrever os distúrbios psíquicos observados e agrupá-los em determinados quadros clínicos, os sintomas que os compõem são desconhecidos em sua origem, mecanismo e inter-relação; não lhes correspondem alterações comprováveis do órgão anatômico, ou as alterações são tais que não contribuem para explicá-los. Para a Medicina, tais distúrbios psíquicos só admitem influência terapêutica quando podem ser identificados como efeitos colaterais de alguma afecção orgânica.

Essa é a lacuna que a Psicanálise busca preencher, pretendendo fornecer à Psiquiatria o fundamento psicológico faltante, no que se refere a descobrir o terreno comum a partir do qual se possa compreender a convergência do distúrbio físico e do psíquico. Para tanto, é necessário que ela se mantenha livre de todo e qualquer pressuposto anatômico, químico ou fisiológico e que trabalhe com conceitos auxiliares

puramente psicológicos – tal como o de *pulsão*, e é por essa mesma razão que há certo estranhamento.

Freud vai além quando fala sobre outra dificuldade (1916-17/2014, p. 110), afirmando que, em duas de suas formulações, a Psicanálise ofende o mundo inteiro e atrai aversão, apontando que não devemos subestimá-las, uma vez que são poderosas. Adianta que forças afetivas operam em sua manutenção e a luta contra elas é dura.

A primeira delas infringe uma preconcepção *intelectual*, qual seja, a hipótese da convergência entre o psíquico e a consciência, apoiada na negação do inconsciente. Isto é, a Psicanálise não pode aceitar a identificação do consciente com o psíquico e define que esse se compõe de processos tais como sentir, pensar e querer, e ela tem de postular a existência de um pensar e de um querer inconscientes. Por isso, ela perde de antemão a simpatia da cientificidade, atraindo a suspeita de constituir-se uma fantástica doutrina secreta. Assim, a afirmação do inconsciente, abre o caminho para uma nova e decisiva orientação no mundo e na ciência. Da ocorrência de interferências dos processos inconscientes, como ilustrado pelos atos falhos, a psicologia até então não tinha conhecimento e, tendo a Psicanálise expandido consideravelmente o domínio dos fenômenos psíquicos, conquistou para o terreno da Psicologia manifestações que, antes, não eram de sua alçada.

A outra formulação, uma preconcepção de caráter *estético-moral*, afirma o caráter essencialmente sexual que desempenha papel extraordinariamente grande como causador de doenças mentais. Mais do que isso: que esses mesmos impulsos sexuais contribuíram definitivamente para as mais elevadas criações culturais, artísticas e sociais do espírito humano. A aversão proveniente desse argumento, segundo Freud, é a fonte mais significativa da resistência com a qual a Psicanálise se depara.

É que a civilização foi criada à custa da satisfação individual e é constantemente recriada, quando o indivíduo recém-ingresso na comunidade humana sacrifica novamente a satisfação individual. Pela via da sublimação, um dos destinos das pulsões, elas são desviadas de suas metas sexuais e direcionadas para metas socialmente mais elevadas, não mais sexuais. No entanto, a domesticação dos impulsos sexuais é precária, pois em cada indivíduo persiste o perigo de que ele se

negue a tal emprego ou mesmo que ela acabe por contribuir para o adoecimento neurótico.

Não é fortuito que essa segunda formulação seja justificada a partir do sentido suposto aos atos falhos, por exemplo: a *censura* da intenção de dizer algo é condição imprescindível para que o lapso verbal ocorra. Eles não ocorrem somente a partir da interferência mútua de duas intenções distintas, mas também que, em sua execução, uma dessas intenções precisa experimentar certo rechaço para que, mediante a perturbação da outra, possa manifestar-se.

É preciso que ela tenha sofrido perturbação antes que possa se transformar em intenção perturbadora, revelando que não é o caso de que ela seria completamente rechaçada, mas que o ato falho é uma *solução de compromisso*, e significa a um só tempo sucesso e insucesso parciais. Isso revela condições especiais necessárias para o surgimento de um ato falho como *formação substitutiva*, determinantes para o jogo de forças na psiquê, como manifestações de tendências dotadas de metas, que trabalham em consonância ou dissonância umas com as outras, em sua concepção dinâmica dos sintomas.

Com base nisso, aconteceu de os pacientes revelarem também seus sonhos em vez de apenas relatarem seus sintomas, assim nasceu a conjectura de que também esses sonhos têm um sentido. Porém, mais além da negligência científica dada aos atos falhos, o estudo do sonho atrai o ódio ao que não é científico, desperta a suspeita de uma tendência ao misticismo, ou seja, acaba sendo tomado como um fenômeno comum e subestimado e sem nenhum valor prático.

Freud, em contrapartida, tomou o estudo dos sonhos não apenas como a melhor preparação para o das neuroses, mas tomou o próprio sonho como um sintoma neurótico e, aliás, um sintoma que tem a inestimável vantagem de se apresentar em todas as pessoas saudáveis uma vez que, em seu método, a psicopatologia se aproxima da vida cotidiana.

Mais além, Freud afirma que o real significado dessas descobertas está na contribuição que os mecanismos da formação dos sonhos são modelares para a forma como surgem os sintomas neuróticos.

Para os médicos, o sonho naturalmente não era um ato psíquico, e sim, a manifestação na vida psíquica de estímulos somáticos. Porém sonhar é,

evidentemente, nossa vida psíquica durante o sono, mais precisamente, o sonho parece ser um estado intermediário entre o sono e a vigília.

Restos da atividade psíquica da vigília a perturbar o sono, o sonho é, portanto, o modo como a psiquê reage aos estímulos que atuam sobre o sono e, no sono, os processos psíquicos exibem caráter bastante diverso daqueles do estado de vigília. São predominantemente experimentados por meio de imagens visuais, outros sentimentos podem desempenhar algum papel e até mesmo pensamentos podem se misturar. Assim, parte da dificuldade em relatar um sonho decorre do fato de termos de traduzir essas imagens em palavras. Além disso, essa pouca atividade psíquica noturna dispõe de enorme repertório e gama variada.

Quando Freud toma o aspecto simbólico dos sonhos, traz uma lista extensa de significados a partir dos elementos oníricos sobre os quais o próprio sonhador dá informação nenhuma ou insuficiente. De todo modo, indica que a interpretação desses elementos pode ser extraída das mais diversas fontes, dos contos de fadas e dos mitos, dos contos burlescos e chistes, do folclore – isto é, do conhecimento das tradições, dos costumes, dos provérbios e das cantigas populares – do uso poético e do uso cotidiano da língua. A partir daí, aponta o quão rica e interessante seria uma tal coletânea de exemplos colhida da mitologia, antropologia, linguística ou folclore.

A própria natureza dos sonhos desafia as exigências da investigação precisa, uma vez que, da maioria deles, não somos sequer capazes de lembrar. Por outro lado, pode-se remediar a dificuldade da lembrança incerta do sonho, estabelecendo que, como sonho, há de valer precisamente aquilo que o sonhador conta, independentemente do que ele possa ter esquecido ou modificado em sua memória.

Essa hipótese é fundamental no que se refere ao procedimento adotado – a *associação livre*, implica que, sendo um fenômeno psíquico, o sonho abrigue elementos que o sonhador conhece sem saber que o conhece.

Freud pergunta onde terá sido obtida a comprovação da existência de um saber do qual o ser humano nada sabe. E aponta ser um fato novo na nossa concepção de vida psíquica um elemento que se anula em sua própria denominação, o que chama de *contradictio in adjecto* – em latim, uma contradição entre partes de um argumento que ocorre quando a característica denotada pelo adjetivo está em contraste com o substantivo, um saber insabido, no caso.

Freud alerta, porém, que, compreendida ou não essa regra fundamental da *associação livre*, o trabalho da interpretação se realiza em face de uma *resistência* que lhe é oposta e cujas manifestações compõem-se daquelas objeções críticas e independe da convicção teórica do analisando. Avançando na apuração dessa condição do inconsciente, Freud retoma a comprovação desse fenômeno a partir de estados hipnóides artificiais que se assemelham muito ao estado do sono, em que o indivíduo inicialmente crê nada saber sobre os acontecimentos ocorridos durante o sono hipnótico, mas recobrara vagamente aos poucos as experiências sugeridas. Trata-se do mesmo caso que supomos suceder com o sonhador.

Freud propõe que as regras técnicas que resultaram de sua experiência seguem um único preceito: como primeira tarefa, que o analista se apoie numa condição flutuante de sua atenção, conceito bastante inicial que, segundo ele, favorece a retenção na memória de dados e fatos relatados pelos pacientes. O preceito sugere notar igualmente tudo, enquanto contrapartida à exigência de que o analisando relate tudo o que lhe ocorre, sem crítica ou seleção. Regra fundamental da Psicanálise, formulada assim: "[...] *manter toda influência consciente longe de sua capacidade de observação e entregar-se totalmente à sua '*memória inconsciente'*, ou, expresso de maneira técnica*, *escutar e não se preocupar em notar alguma coisa."* (FREUD, 1916-17/2014, p. 151).

A que associação haveremos de nos ater, portanto? Essa questão abriga certa crítica à crença profunda na liberdade e arbitrariedade psíquica que, porém, não é nada científica, *a priori*, e só pode estar apoiada ante a exigência de um determinismo predominante também na vida psíquica.

As contínuas associações que vão surgindo, associações que, portanto, já não são inteiramente livres, e sim, vinculadas – como os pensamentos espontâneos ligados aos elementos de um sonho. Prossegue-se dessa maneira até que se esgote o ímpeto para produzi-las.

O resultado é sempre o mesmo: o que essas experiências comunicam abrange, com frequência, rico material, e requer extensas explanações. Com efeito, a investigação nos mostra que, além do vínculo que fornecemos mediante a ideia inicial, essas associações permitem recorrer um outro, como um grupo de pensamentos e interesses de alto teor afetivo, os chamados *complexos*, cuja atuação são, no momento imediato, desconhecidos pelo analisando, isto é, inconscientes.

A partir do estudo dos atos falhos, portanto, Freud extraiu uma concepção do elemento do sonho e uma técnica interpretativa. Resultou disso que o sonho como um todo é sucedâneo deformado de outra coisa, inconsciente, e que a tarefa da interpretação do sonho consiste em encontrar esse algo inconsciente.

Dois conceitos importantes que Freud descreve sobre a distorção do sonho, que são a diferença entre o *conteúdo latente* e o *manifesto*. Especifica também dois procedimentos que atuam no trabalho do sonho, a *condensação* e o *deslocamento*, acrescidos da tradução que se faz da linguagem alfabética para a pictórica, que corresponde às conversões psíquicas de pensamentos em imagens. Por outro lado, por meio desses mecanismos de distorção do sonho, vai definindo o trabalho de interpretação, caracterizando os paralelos com o trabalho do sonho os vínculos que os estudos psicanalíticos revelam com outras áreas, em especial com a evolução das línguas e do pensamento.

A Ciência

Para Miller, em seu artigo *A psicanálise, seu lugar entre as ciências"* (2012), primeiramente, é importante que partamos do lugar da Psicanálise nas ciências, uma vez que seu lugar aí é bastante incerto. Segundo ele, os cientistas e os epistemólogos concordam que Freud foi, talvez, há muito tempo, um dos seus, mas eles estimam que isso não tenha durado.

Freud inicialmente esperava que a Psicanálise pudesse fazer parte das Ciências Naturais, porém, as objeções à Psicanálise acontecem em termos lógicos e não biológicos, abordando os temas fundamentais da Psicanálise pela questão da verdade e da falsidade, ou mesmo sobre a questão da crença.

Segundo Miller, a Psicanálise propriamente dita começou quando Freud abandonou o fato de corroborar os ditos com os fatos (2012, p. 28), precisamente porque não há fala que não esteja incluída numa dimensão paradoxal da verdade. Assim, as formações do inconsciente definidas por Freud, que não existem fora do campo da fala singular, perdem o valor da interpretação generalizável, e a investigação acerca da enunciação passa a ter um papel primordial, já que a filosofia e a ciência foram fundadas sob a primazia do enunciado.

Na década de 1940, Lacan pensava a Psicanálise como uma ciência da subjetividade pautado nas descobertas de Lévi-Strauss na Antropologia,

aproximando-se das Ciências Sociais, de tal forma que sua conferência intitulada *O mito individual do neurótico*[19] (LACAN, 1952//1998, p. 11), assinala “[...] *o início de uma referência estruturalista da forma*”. Essa expressão encontra-se no artigo de 1949, *A eficácia simbólica* (LEVI-STRAUSS, 1958/2008, p. 201). No tratamento psicanalítico, explica Lévi-Strauss, "[...] *é um mito individual que o paciente constrói com a ajuda de elementos de seu passado*", ao passo que "[...] *no tratamento xamanístico*”, ele recebe "*um mito social*" (LEVI-STRAUSS, 1958/2008, p. 230).

Em seu artigo *A análise estrutural em Linguística e Antropologia* (1958/2008, p. 53), Lévi-Strauss afirma que, no conjunto das Ciências Sociais, a linguística “[...] *é certamente a única que pode reivindicar o nome de ciência e que conseguiu ao mesmo tempo formular um método positivo e conhecer a natureza dos fatos que lhe cabe analisar*.” (LEVI-STRAUSS, 1958/2008, p. 43).

Psicólogos, sociólogos e etnógrafos, na época, tornam-se desejosos de aprender com a linguística moderna o caminho que leva ao conhecimento positivo dos fatos sociais, apoiados em sua estreita analogia de método tornando possível a colaboração. Segundo Marcel Mauss, “[...] *a Sociologia estaria certamente muito mais avançada se sempre tivesse procedido a exemplo dos linguistas*” (LEVI-STRAUSS, 1958/2008, p. 43).

O nascimento da fonologia modificou profundamente a situação, desempenhando o papel renovador que a física nuclear, por exemplo, desempenhou para com o conjunto das ciências exatas.

Lévi-Strauss (1958/2012, p. 45), indica quatro procedimentos fundamentais do método fonológico: em primeiro, a fonologia passa do estudo dos fenômenos linguísticos conscientes para o de sua infraestrutura inconsciente; recusa-se a tratar os termos como entidades independentes, tomando como base de sua análise, ao contrário, as relações entre os termos; introduz a noção de sistema – mostrando sistemas concretos e evidenciando sua estrutura. E, finalmente, visa à descoberta de leis gerais, descobertas por indução, ou deduzidas logicamente, o que lhes dá um caráter absoluto, em suas relações necessárias.

Vê-se, assim, tudo o que uma análise estrutural do conteúdo do mito poderia, por si só, obter: regras de transformação que permitem passar de uma variante a

[19] A conferência foi proferida Collège Philosophique.

outra, por operações semelhantes às da álgebra, demonstrado pelo autor no seu capítulo sobre *Estrutura e dialética* (LEVI-STRAUSS, 1958/2008, p. 252).

Por outro lado, estabelece que os termos de parentesco, tais como imaginavam, só é analítico na aparência, pois na verdade, o resultado é mais abstrato do que o princípio. Em vez de caminhar em direção ao concreto, afastamo-nos dele, e o sistema definitivo – se é que há sistema – só poderia ser conceitual.

A razão desse fracasso está apoiada na fidelidade demasiado literal ao método da linguística e acaba por trair seu espírito, pois os termos de parentesco não possuem uma existência apenas sociológica, são também elementos do discurso.

Lévi-Strauss afirma que o desconhecimento dessa situação inicial reduz a maioria das análises estruturais dos sistemas de parentesco a puras tautologias. Portanto, o sistema de parentesco é uma linguagem, mas não é uma linguagem universal (LEVI-STRAUSS, 1958/2008, p. 61).

A partir de então, qualquer concessão ao naturalismo ameaçaria pôr em risco os imensos progressos já realizados no campo da Linguística e que começam a despontar na Sociologia da família, condenando essa última a um empirismo sem inspiração nem fecundidade (LEVI-STRAUSS, 1958/2008, p. 65).

Lévi-Strauss define o elemento de parentesco, invocando um argumento de ordem lógica: “[...] *o caráter primitivo e irredutível do elemento de parentesco tal como definido decorre, de modo imediato, da existência universal da proibição do incesto*.” (LEVI-STRAUSS, 1958/2008, p. 59). Isto equivale a dizer que, na sociedade humana, um homem só pode obter uma esposa de um outro homem, que lhe ceda na pessoa de uma filha ou irmã.

Assim é que o sistema de parentesco recobre, na verdade, duas ordens de realidade distintas: primeiro, há os termos pelos quais se expressam os diferentes tipos de relações familiares, mas o parentesco não se expressa apenas numa nomenclatura, pois os indivíduos, ou classes de indivíduos, que utilizam os termos se sentem (ou não se sentem, dependendo do caso) obrigados uns em relação aos outros um determinado comportamento – respeito ou familiaridade, direito ou dever, afeto ou hostilidade. Assim, ao lado, existe outro sistema, de natureza igualmente psicológica e social, o sistema de atitudes.

Já nos anos 1950, Lacan, rompendo definitivamente com a divisão clássica entre Ciências da Natureza e Ciências Humanas, inclui a Psicanálise no conjunto das Ciências Conjecturais, consequentemente, sendo vista do lado das ciências da matemática, da lógica e das ciências da linguagem.

Com isso, Lacan denunciava que a redução do sujeito a qualquer proposta culturalista, tal como reduzi-lo à Biologia, acabava no fracasso da proposta universalista de entificação do sujeito, na tentativa de construir um ser humano universal, uma vez que a Psicanálise privilegia a singularidade e o caso individual. Lacan assim define com o que a Psicanálise tem verdadeiramente de lidar: uma nova e estranha teoria da verdade e do real, que não é a realidade externa, mas o real do impossível de dizer, traumático e determinado pela lógica do discurso.

A ciência se volta para a objetividade máxima, para os processos de matematização, de quantificação, na tentativa de captar tudo o que ocorre. Contudo revela Lacan, em sua abordagem metodológica ela acaba subtraindo o sujeito, excluindo o sujeito, na impossibilidade de apreendê-lo. Cabe à Psicanálise o resgate desse sujeito da ciência, não como um ser com estatuto ontológico, mas sim, como um sujeito estabelecido na e pela linguagem.

No escrito *A Ciência e a Verdade*[20] (1965/1998, p. 869), Lacan declara que "[...] *o sujeito sobre quem operamos em Psicanálise só pode ser o sujeito da ciência*." (p. 871). Afirma, porém, que há uma diferença radical no que se refere à práxis psicanalítica: a postura reforçada pela ciência é revolucionada na perspectiva freudiana, ao considerar a realidade psíquica como fator importante, solicitando que o sujeito fale sobre seu mal-estar.

É Freud quem indica que a noção de realidade como correlato do sistema percepção-consciência é equivocada e admite, então, uma noção de realidade que inclui a realidade psíquica, linha de experiência que a ciência sanciona. Mas, ao conceber essa divisão, de caráter inaugural, Freud define a subjetividade como instituindo o aparelho psíquico numa pluralidade de registros. Ou seja, o inconsciente

[20] Estenografia da aula inaugural do seminário realizado no ano de 1965-1966 na École Superieure (rua d'Ulm), sobre "O objeto da Psicanálise", em 1º de dezembro de 1965. Publicado no primeiro número dos *Cahiers pour l'Analyse* pelo Círculo de Epistemologia da École Normale Superieure, em janeiro de 1966.

testemunha a divisão subjetiva, a *Spaltung*, dimensão da verdade pela qual a ciência não se interessa e que a Psicanálise recolhe.

O *cogito*, tão definitivo na pesquisa científica, testemunha que a ciência moderna requer a geometrização do pensamento, isto é, a destituição de suas qualidades sensíveis e uma consequente eliminação da relação direta entre real e realidade psíquica. Consequentemente, o sistema cartesiano liberta o homem da dúvida e da incerteza a preço de apagar tanto a divisão constitutiva da subjetividade quanto o fato de que o *eu* é uma unidade alienada, virtual. É nesse sentido que Lacan abomina as ditas "Ciências Humanas", o que entende como "*a própria voz da servidão*" (LACAN, 1965/1998), p. 875), devido aos préstimos que dá à tecnocracia.

Para incluir a Psicanálise no campo científico, Lacan apoia sua hipótese no sujeito de ciência, e não na ciência do homem, utilizando-se de uma "[...] *modalidade muito especial de sujeito, aquele para o qual só encontramos o índice topológico, digamos, o signo gerador da banda de Moebius, que chamamos de oito interior*". O sujeito está em uma exclusão interna a seu objeto.

A Psicologia, por sua vez, ao tratar da subjetividade como a constituição de um plano de interioridade reflexiva, na qual há em cada vivência uma ancoragem em uma experiência de primeira pessoa, de um "*eu*".

Lacan apontou assim que o alcance metafísico que tal fenômeno revela não é separável do problema da significação para o ser em geral, isto é, da linguagem para o homem em sua relação com a verdade (LACAN, 1965/1998, p. 166).

Assim, propõe que o descobrimento do inconsciente está diretamente relacionado com o corte efetuado por Freud, no estabelecimento da Psicanálise. De todo modo, ainda deixa uma questão: "*Que tipo de ciência acolheria a Psicanálise?*" (LACAN, 1965/1998, p. 870). Lacan, em seu escrito, fala também da redução/corte do objeto de uma ciência, cuja relação é bem próxima à *Spaltung* freudiana – "[...] *estrutura que dá conta do estado de fenda em que o psicanalista o situa (o objeto) em sua práxis*" (LACAN, 1965/1998, p. 869) – isto é: constitui-se uma ciência, a partir da redução de um objeto dessa mesma.

Assim, exercendo a técnica da Psicanálise na relação do sujeito com o significante, o que ela conquistou de conhecimentos só é situável na ordem das Ciências Conjecturais (1956/1998, p. 475). É nessa ordem que se edificam as noções

estruturais, permitindo que tal perspectiva de investigação exija uma formação que reserve à linguagem seu papel substancial.

Especialmente, em seu texto *Elementos de* epistemologia (MILLER, 1987) conhecidas como *Conferências Caraquenhas* – ocasião, por sinal, da primeira vinda do autor na América Latina, na Universidade Central da Venezuela, acrescenta que, quanto à epistemologia lacaniana, ela marca a posição *dentro* do corte epistemológico, na medida em que, por meio do campo freudiano, o sujeito foracluído da ciência retorna no *impossível* de seu discurso. Há, pois, uma ideologia cuja teoria é da lavra de Lacan: a do "*eu moderno*" – isto é, do sujeito paranóico da civilização científica, cujo imaginário a Psicologia desvirtuada teoriza a serviço da livre iniciativa.

O Ensino

Maria Cecília Galetti Ferretti, que fez seu doutoramento nessa mesma Faculdade de Educação e é membro da Seção São Paulo da Escola Brasileira de Psicanálise, em seu texto sobre *O Sujeito na Psicanálise e na Educação* (FERRETTI, 1997), indica que Lacan endereça uma severa crítica à ciência ao afirmar que ela sutura o sujeito. De acordo com a autora, Lacan propõe para a Psicanálise uma formalização que lhe é própria. Afinal, as mudanças provocadas no sujeito por meio do tratamento analítico, embora em tudo se distancie de uma transferência de conhecimento, são efeitos de um elo social estruturado pelo discurso analítico.

Tal crítica é de fundamental importância à Educação, sobretudo na delimitação de seu campo. Interessa de modo particular para o estabelecimento de um projeto educacional para além das chamadas "Ciências Humanas" e sua visão instrumentalista, no que concerne ao sujeito. Ao falar sobre o novo estatuto do sujeito, a partir de Freud, Lacan estabelece como balizas a castração e o desejo. É este sujeito que a ciência é acusada de suturar, enquanto a psicanálise permitirá a ele levar um saber à verdade.

Assim, a noção de ensinar – que pode ser correlacionada com o que ocorre entre um *eu* que se dirige a um *tu*, a quem busca passar a mensagem a respeito do conteúdo a ser aprendido, segundo Jakobson (1970), muda de estatuto, pois ao incluir a dimensão do inconsciente, o conceito de transmissão aponta para o que excede ao que se passa nesse âmbito.

Em *Variantes do tratamento-padrão*[21] (1955a/1998, p. 325-364), Lacan afirma que, nesse momento, já não se tratava mais da necessidade de apenas definir as matérias de um programa, mas de indicar a importância da crítica de seus fundamentos, sem o que a Psicanálise se degradaria em efeitos de suborno coletivo (1955a/1998, p. 364).

Desse modo, Lacan apresenta nesse escrito algumas declarações feitas pelo presidente da Associação Psicanalítica Norte-Americana, Dr. Knight, no ano de 1952, descritivas do atual recrutamento dos candidatos à formação:

> Dentre os fatores que tendem a '*alterar o papel da formação analítica*'... ao lado do número de candidatos em formação, a '*forma mais estruturada do ensino*' nos institutos que o dispensam, opondo-o ao tipo anterior de formação por um mestre. (1955a/1998, p. 358).

Determinando que, seja qual fosse o saber transmitido, se de modo pré-dirigido, não haveria nenhum valor formativo (LACAN, 1955a/1998, p. 359), o que se chamou de análise didática também carecia de revisão, já que suas premissas estavam diretamente relacionadas ao vasto movimento conceitual das chamadas 'ciências sociais e humanas', no qual a Psicanálise nasceu.

Consequentemente, era necessário que se deixasse de lado a perspectiva de uma 'psicologia das profundezas' do inconsciente em favor do estudo da teoria dos números, dos jogos, dos conjuntos, bem como, dos exercícios de combinatória – na busca das relações do inconsciente com as estruturas linguísticas.

Instaurando as teses sobre a ordem que instituiria a Psicanálise como ciência e, depois, extraindo delas os princípios por onde manter nessa ordem o programa de seu ensino: "O que a Psicanálise ensina, como ensiná-lo?" (LACAN, 1957a/1998, p. 440). A pergunta supracitada tem origem na Comunicação apresentada à Sociedade Francesa de Filosofia, na sessão de 23 de fevereiro de 1957, intitulada de *A psicanálise e seu ensino*[22] (LACAN, 1957a/1998, p. 443), onde Lacan indica alguns pontos no que concerne à Psicanálise, ao que ela nos ensina, orientando este trabalho em seu eixo principal.

---

[21] Redigido na Páscoa de 1955. Publicado na *Encyclopédie médico-chirurgicale, Psychiatrie*, vol.III, 2-1955, fascículo 37812-C10. Suprimido em 1960. No início do texto, 1953.

[22] Comunicação apresentada à Sociedade Francesa de Filosofia em sua sessão de 23 de fevereiro de 1957. Publicado no *Bulletin de la Societé Française de Philosophie*, vol. XLIX, 1957, p. 65-85.

Primeiramente, Lacan afirma que, no inconsciente, *isso fala*, questão mais fundamental formulada por Freud desde a *Interpretação dos Sonhos* (1900/2019). A partir dessa compreensão, foi possível compreender que o uso significante distingue o sintoma de seu sentido natural, uma vez que, separando-se do imaginário, o desejo – como metonímia mais vasta, englobando suas metáforas, deve ser situado nas *entrelinhas;* e que Freud se interroga sobre o que determina essa verdade no texto sobre o *instinto de morte*.

Lacan aponta especialmente que foi por recusarem como imprópria essa interrogação de Freud – sobre o instinto de morte, que os psicanalistas de então retornaram ao mais "*primário egocentrismo, em contradição com a contingência que Freud atribuiu ao objeto no destino das tendências psíquicas do* eu" (LACAN, 1957a/1998, p. 443). Segundo ele, a imensa literatura em que essa contradição se denuncia poderia compor uma casuística útil para demonstrar onde se situa a resistência: nos efeitos imaginários da relação a dois, cujas fantasias fazem tomar sua consequência como consistente, uma vez que o verdadeiro trabalho da análise deve-se à sua natureza oculta.

No que se refere à formação do analista, a discussão já apresentava uma crítica ao princípio mais reacionário que recobre a dualidade daquele que sofre e daquele que cura pela oposição entre aquele que sabe e aquele que ignora. Uma vez que a transferência foi tomada como demanda de saber, a partir das relações entre o eu e a verdade, Lacan indicou que a Psicanálise só pode ser definida a partir do tratamento dispensado pelos analistas de sua época, bem como, a partir das leis que regulam suas trocas significantes.

Portanto, diferentemente de um ensino profissional e para além da natureza oculta do verdadeiro trabalho, a estrutura da Psicanálise pode ser formalizada de maneira inteiramente acessível à comunidade científica (LACAN, 1957a/1998, p. 456) já que não é nada além de um artifício cujos componentes Freud forneceu ao afirmar que seu conjunto engloba a noção desses componentes.

> E qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem.
> (LACAN, 1957a/1998, p. 460).

A estrutura da análise, a partir dos componentes que Freud forneceu – e que são suficientes para sua eficácia – se apoiam no simples restabelecimento de uma cadeia simbólica cujas três dimensões – quais sejam, *a história do sujeito*, sua submissão *às leis da linguagem* e *a articulação pela qual a verdade entra no real*, indicam as direções em que se tenciona traçar as vias da formação do analista.

Sobretudo pela subversão dada a partir do inconsciente, em sua condição linguística tal que "*Freud, ao enunciar essas leis em sua minúcia, só fez formular de antemão as que Ferdinand de Saussure só iria trazer à luz alguns anos depois, abrindo a trilha da linguística moderna*." (LACAN, 1957a/1998, p. 448). Assim, a pergunta sobre o saber do psicanalista é respondida por Lacan com base no significante tomado como rudimento e como fundamento da práxis psicanalítica.

No entanto é necessário que o ensino não se restrinja à simples manutenção formal desses componentes, uma vez que a Psicanálise não pode se tratar de mais um parâmetro da realidade, mas do simples restabelecimento da cadeia simbólica, cuja verdade é inapreensível.

Tal condição paradoxal nos convoca a responder a um ensino que lida com o que não se sabe e para além da perspectiva da transmissão do conhecimento. Se, para a Educação, o que se ensina costuma estar associado ao que se sabe e se transmite de maneira mais ou menos organizada – do professor ao aluno, isto é: o conhecimento – o que se chama aprendizagem; para a Psicanálise, como ensinar o que não se sabe e que não se pode saber?

Primeiro, o que diferencia o ensino da Psicanálise em relação aos demais ensinos é que ele se refere ao inconsciente, revelando os impasses que a própria Psicanálise tem em relação ao saber. O que faz com que seu ensino se teça pela via de uma concepção de saber que nunca se fecha nela mesma, isto é, uma posição descentrada em relação ao saber, fazendo com que esse saber se encontre estreitamente articulado ao registro do real, um limite a um *tudo saber*.

Há um destaque fundamental colocado na palavra ensino, e não teoria, uma vez que o ensino apresenta um furo que evidencia que, em cada momento distinto, Lacan apresentou propostas novas para lidar com os enigmas trazidos por esse ponto opaco do saber. Para Lacan, aquele que transmite se encontra em posição bastante

próxima daquela do analisante, e não do analista, tratando-se de alguém que visa elaborar um saber, e não trazer um saber pronto e acabado.

São apenas cinco as vezes em que, nos títulos, Lacan se refere diretamente ao seu ensino, um desses escritos já foi apresentado acima – ele se chama *A Psicanálise e seu ensino* (1957a/1998, p. 440), ponto de partida. Outras três ocasiões são, especificamente: *Então vocês terão escutado Lacan* (LACAN, 1967a/2005)*, Lugar, origem e fim do meu ensino* (LACAN, 1967b/2005) e *Meu ensino, sua natureza e seus fins* (LACAN, 1968/2005) – agrupados no terceiro volume da coleção Paradoxos, publicada pela Editora Zahar, intitulado *Meu Ensino* (LACAN, 2005)*.* Na contracapa, Miller aponta que cada uma dessas intervenções de Lacan se tratava de uma ação de comando, nas quais ele visava dizer quem ele é e o que faz. No primeiro caso, *Então vocês terão escutado Lacan*[23] (1967a/2005), nem sequer está a palavra ensino, no entanto, seria impossível ler esse título sem ter escutado isso. Essa é a definição de transmissão que compete à Psicanálise.

Essa conferência, sobre seu curso, trata da ideia de que as camadas que se depositaram ao longo da história constituiriam aquisições que se adicionam e que ao mesmo tempo podem se juntar para fazer a Universidade, no princípio da organização do ensino. Contrariando essa ideia Lacan afirma que ela, a Universidade, é feita para dar a ilusão de que as diversas etapas do pensamento se engendram numa totalidade.

Afirma que exerce uma posição de ensino bem particular, pois ela consiste em partir de novo sobre um certo ponto de surgimento da Psicanálise, com o surgimento da ciência, mas que vai contra o *brainstrust*. Sobretudo com Freud, a mensagem enigmática trazida pelos *Escritos* é a de que "[...] *não passam de alguns fios, flutuadores, ilhotas, pontos de referência que apresentei de tempos em tempos às pessoas a quem ensinava*." (LACAN, 1967a/2005, p. 116), derrocando assim aquela perspectiva acumulativa de saber.

Terminando sua fala, Lacan faz crítica aos usos de seus textos como aporias ao saber que se ensina, uma vez que a ele interessa mais certo "*desmuniciamento*"

[23] 10 de junho de 1967 na Faculdade de Medicina de Estrasburgo. Havia em Estrasburgo um importante grupo lacaniano, desenvolvido a partir da segunda metade dos anos 1950 em torno de Lucien Israel, professor de psiquiatria e psicanalista. Este foi o incentivador do convite feito a Lacan.

a favor do psicanalista saber-se dependente tanto do desejo do Outro quanto de sua fala.

Lacan diz que o psicanalista deve ser capaz, no nível de sua prática, de se presentificar a todo instante como aquele que sabe qual é sua dependência em relação à sua própria fantasia – isto é, "*o que é para cada um o que ele não quer radicalmente saber*" (LACAN, 1967a/2005, p. 121).

> Isto significa que ele acaba representando para o sujeito aquilo que o progresso analítico deve enfim fazer este renunciar, a saber, o objeto ao mesmo tempo privilegiado e o *ob'jeto-dejeto* a que ele mesmo colocou em si. Posição dramática, uma vez que, no fim, o próprio analista precisa saber eliminar-se desse diálogo como alguma coisa que cai dele, e cai pra sempre. (LACAN, 1967a/2005, p.121).

No mesmo ano, mais no fim, na conferência *Lugar, origem e fim do meu ensino*[24] (1967b/2005, p. 10), Lacan apresenta seu ensino a partir de uma tríade de significantes: lugar, origem e fim.

O lugar é a topologia. E se entra nesse campo de saber por uma experiência única, que consiste simplesmente em se submeter a uma Psicanálise. Lacan assim redefine o inconsciente para além de Freud, apontando o lugar da Psicanálise como "extraterritorial" (LACAN, 1967b/2005, p. 22) em relação à verdade.

Ao atualizar que a sexualidade já em sua época era mais pública do que no tempo de Freud, indica que seu interesse pelo tema está coordenado com o efeito de furo na verdade que se dá a partir do sexo enquanto um ato. Lugar, justamente, definido por Lacan como o terreno "[...] *onde não se sabe sobre que pé dançar a propósito do que é verdadeiro*." (LACAN, 1967b/2005, p. 30).

E, visando a um novo alcance, colocou as coisas freudianas tão longe, levando "[...] as literárias até o último termo, a saber, o que se consegue fazer da linguagem quando se quer evitar os equívocos, isto é, reduzi-la ao literal, às letrinhas da álgebra." (LACAN, 1976b/2005, p. 32).

No que diz respeito à origem de seu ensino, Lacan indica que é a linguagem e ressalta que Freud se apoiava na palavra e propõe o inconsciente como

[24] Em Lyon, a conferência é seguida por um diálogo com o filósofo Henri Maldiney. Realizada em outubro de 1967, no Centre Hospitalier du Vinatier, em Lyon; posteriormente transcrita.

“estruturado como uma linguagem” (p. 37). Nada a ver como uma gênese. Portanto, é dos algarismos e pequena letras que tem sua organização própria, a organização da ciência.

> Não para refutar o famoso paralelismo psicofísico, que é, como todos sabem, uma futilidade há muito tempo demonstrada, mas para sugerir que não é entre o físico e o psíquico que o corte deve ser feito, mas entre o psíquico e o lógico. (LACAN, 1967b/2005, p. 41).

Nesse ínterim, Lacan diversa sobre as posições de Piaget e Vigotski, de um lado, denunciando que, se partir de um aparelho lógico tão bom quanto o de Piaget, isso “morde” a criança, uma vez que ela lhe responde no mesmo registro da lógica. Para a linguagem, no entanto, são necessários tempo e as relações sociais. Nisso, Vigotski antecipava a noção de sujeito, constatando que a entrada da criança no aparelho da lógica acontece na puberdade, o que designa efetivamente uma categoria diferente daquela do desenvolvimento, mas em sua constituição.

Constata, portanto: sujeito do enunciado *versus* sujeito da enunciação. A partir da função significante, qual seja, “*O significante é o que representa o sujeito para outro significante, não para outro sujeito.*” (1967b/2005, p. 46), Lacan coloca o sujeito e seu desejo na relação com o desejo do Outro, como ocorre com a metonímia, decorrente da castração.

Em seus fins, caberia ao ensino fazer psicanalistas à altura dessa função que se chama “sujeito”, porque se verifica que só a partir desse ponto de vista se enxerga bem aquilo de que se trata na Psicanálise. Finalmente, no que se refere à teoria da psicanálise didática, “[...] *já não seria má a preparação, se os psicanalistas praticassem um pouco de matemática.”* (LACAN, 1967b/2005, p. 53). Assim, o mínimo seria que os psicanalistas percebessem que são poetas, diz Lacan.

O terceiro texto, *Meu ensino, sua natureza e seus fins*[25] (LACAN, 1968/2005, p. 69), conta que seu ensino fizera barulho de fato na ocasião da publicação de seus *Escritos* (LACAN, 1966/1998), à guisa de seus escritos como marcadores de etapas, o ponto alcançado em tal ano ou em tal época de tal ano, ajuntados. Mais além, até considerados ilegíveis.

[25] 20 de abril de 1968, em Bordeaux. Lacan foi a Bordeaux a convite de um grupo de residentes do Hospital Psiquiátrico (CHS) Charles-Perrens.

Para a elucidação da razão de ser da experiência psicanalítica, com a qual se relaciona o ensino, Lacan propõe que é uma operação de discurso, com relação direta com a "[...] *extensão efetivamente de regalia das funções da ciência*." (LACAN, 1968/2005, p. 87).

Em referência expressa aos textos *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900/2019), *A psicopatologia da vida cotidiana* (FREUD, 1901/2021), *O chiste e sua relação com o inconsciente* (FREUD, 1905/2017), Lacan indica três fatos acerca do inconsciente:

- Isso sonha;
- Isso rateia, falha; e
- Isso ri.

Pelo fato de o sujeito ser definido no sentido estrito como efeito de significante, na dependência dessa cadeia articulada que representa o legado científico, ele deve tomar seu lugar nela. Esse sistema fracassa, é assim que o sujeito dura. Assim, a função da subjetividade é a confusão do sujeito com a mensagem, que o sutura buscando eliminá-lo por meio das letrinhas, mas reencontrando-o no final, sob a forma de todo tipo de paradoxos lógicos.

Posteriormente, em sua *Alocução sobre o ensino*[26] (1970a/2003, p. 302), último dos cinco textos mencionados que apresentam o significante ensino em seu título, pronunciada já nos anos 1970, Lacan discorre sobre a relação entre aquele que ensina e o ensinado, partindo da noção de que o ensino seria a transmissão de um saber. No entanto, acrescenta que é da divisão do sujeito que se trata, uma vez que "[..] *só posso ser ensinado à medida do meu saber*." (LACAN, 1970/2003, p. 304). Lacan quer dizer com isso que é a partir da relação psicanalisante-psicanalisado que visa marcar essa distinção.

Assim define que, para o professor, basta procurá-lo além de sua tarefa quanto ao saber, tomá-lo como efeito do ensino, e isso depende de onde o discurso lhe dá lugar:

[26] Proferida no encerramento do Congresso da Escola Freudiana de Paris, em 19 de abril de 1970, por seu diretor.

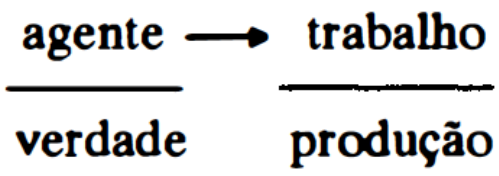

Figura 9 – Lugares ou posições no discurso.

FONTE: Lacan (1969-70/1992, p. 161).

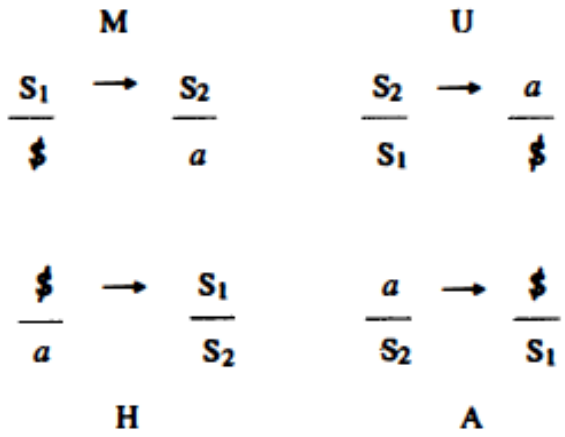

Figura 10 – Os quatro discursos.

FONTE: Lacan (1969-70/1992, p. 65).

No caso do discurso do Mestre (M), é simplesmente o professor, como agente, que sustenta a lei, legiferando o gozo, por ser o próprio mestre (S1), razão pela qual o sujeito cria seu fantasma ($<>*a*). Quando o saber (S2), vindo no lugar do agente, ocorre o discurso da Universidade (U), convergindo com sua formulação por se revelar como ensino.

Segundo Lacan, “[...] *o ensino é o saber descaracterizado, em suma, pelo lugar de onde ele impera*.” (LACAN, 1970/2003, p. 306). Assim, a atual crise da Universidade, encarnada no que Lacan chama de “aluninhos-de-professor", se mantém em nada ensinando, exceto ao tomar os significantes-mestres não como produção, mas como a verdade da Universidade. De algum modo, para chegar ao ensino, Lacan afirma que o saber deve ser um saber de mestre, ter algum significante-mestre que constitua sua verdade e é da ciência que se trata.

É esse o interesse de ver aparecer o discurso da Histérica (H), isto é, um saber como produção do próprio significante-mestre, mas em posição de ser interrogado pelo sujeito ($) elevado a agente. Por último, é pelo discurso do Analista (A), o qual assume seu lugar por ser uma distribuição oposta à do discurso do Mestre, primário, que o saber chega ao lugar designado como verdade.

> Pela relação do saber com a verdade, adquire verdade aquilo que se produz de significantes-mestres no discurso analítico, e fica claro que a ambivalência daquele que ensina para o ensinando reside onde, por nosso ato, criamos o caminho para o sujeito, ao lhe pedir que associe livremente (o que significa: que os faça mestres) os significantes de seu percalço." (LACAN, 1970/2003, p. 308).

Essa produção um tanto estranha por não ser ensinável, nem por isso nos liberta da hipoteca do saber (S2), diz Lacan. Tal discurso não se sustentaria, se o saber exigisse a intermediação do ensino. Assim, pode ser que o ensino seja feito para estabelecer uma barreira ao saber, numa relação antagônica entre os dois termos.

Finalmente, é nisso que a maneira como a verdade se formaliza na ciência, ou seja, a lógica formal, é para Lacan um ponto visado: para estendê-la à estrutura da linguagem, em sua transmissão.

Este é o núcleo de onde procede o ensino de Lacan: dali onde o ato ordena que a causa do desejo seja o agente do discurso (LACAN, 1970/2003, p. 308). Assim, ao se oferecer ao ensino, o discurso psicanalítico leva o psicanalista à posição do psicanalisante, isto é, a não produzir nada que se possa dominar, malgrado a aparência, a não ser a título de sintoma. Lacan finaliza esse escrito com a seguinte afirmação: "*A verdade pode não convencer, o saber passa em ato*." (LACAN, 1970/2003, p. 310).

A Universidade

Quando pergunta *Deve-se ensinar a Psicanálise nas universidades?* (1919/2010, p. 377), Freud já discernia sobre a conveniência desse ensino sob dois pontos de vista, a saber:

Para a Psicanálise: um motivo de satisfação. Porém, dada sua exclusão da universidade de sua época é que ele justifica a função decisiva das sociedades psicanalíticas, nas quais, é possível obter o que é preciso teoricamente, além da literatura especializada e da troca de ideias. No que se refere à prática, inclui a análise pessoal, o estudo teórico e a supervisão dos colegas mais experientes, nomeando o famoso tripé da formação analítica.

Por outro lado, para a Universidade, apesar de afirmar que o psicanalista pode prescindir dela sem prejuízo para sua formação, Freud propõe o sentido da inclusão da Psicanálise no currículo acadêmico.

Para a totalidade da formação médica, no esclarecimento do significado dos fatores psicológicos das diferentes funções vitais, bem como, nas doenças e no tratamento, como suplemento à direção parcial dada aos médicos, restrita aos campos da anatomia, da física e da química. Conta também que essa *'óbvia carência'*, levou inicialmente à inserção, no campo da Psicologia médica, da Psicologia acadêmica e da Psicologia experimental, o que, segundo ele, revelava-se inseguro, até o momento;

Para oferecer uma preparação ao estudo da Psiquiatria, cujo caráter descritivo-fenomenológico apenas ensinaria o estudante a identificar quadros clínicos, também restritos à etiologia orgânica. De todo modo, acrescentaria ao ensino dogmático aulas teóricas, um ambulatório e o serviço de internação, dando lugar à prática.

Assim é que Freud afirma sumariamente que a Universidade só teria a ganhar, denunciando que a partir do *'efetivo exercício da psicanálise'*, sem esse lugar da prática, o estudante jamais aprenderia algo sobre e com ela. Finalmente, com método próprio, a Psicanálise estender-se-ia a outras áreas, como a arte, a filosofia e a religião. Assim, tal acréscimo contribuiria até mesmo em vincular a medicina a outros saberes.

Em suma, cabe afirmar que somente a Universidade pode beneficiar-se com a assimilação da Psicanálise em seus planos de estudo. Naturalmente, seu ensino só poderá ter caráter dogmático-crítico, por meio de aulas teóricas, pois nunca, ou apenas em casos muito especiais, oferecerá a oportunidade de realizar experimentos ou demonstrações práticas (FREUD, 1919/2010).

A interrogação freudiana sobre a possibilidade da aproximação entre a Psicanálise e a Universidade institui uma zona fronteiriça entre o saber acadêmico e o saber psicanalítico, definindo práticas que se tocam sem se recobrirem por completo.

No volume nomeado de *Del Édipo a la sexuación* (MILLER, 2011), os múltiplos aportes promovem o ensino e a investigação em Psicanálise numa nova direção, qual seja, do mito à lógica, Éric Laurent, em sua conferência *O impossível de ensinar* (2011, p. 267), afirma que "[...] *o psicanalista não tem como vocação ensinar*" (2011, p. 267 – tradução do autor). Autorizar o analista ao ensino o faz sempre pelo fracasso, convindo mais distinguir uma série de modalidades do fracasso no registro do saber, do poder e do ato analítico.

O autor, aponta diretamente que a tese que distingue o impossível que toca à Psicanálise do que toca o discurso do mestre e o que toca ao ensino, mais além do que chama de "*triunfo da universidade*" (LAURENT, 2011, p. 268) – instituição construída na cultura ocidental para dar lugar ao ensino, conforme apresentado no Capítulo anterior.

Com isso, há uma estranha relação entre o saber e os significantes-mestres dentro da Psicanálise, implicando uma nova separação dos saberes necessários a ela. Aqui, novamente encontramos uma advertência à Universidade do erro de perspectiva que implica juntar a Psicologia, a Psicanálise e a Psicoterapia, em favor de um realismo próprio da Psicanálise, cujo real seria produzido por sua prática da língua.

Assim, a dificuldade de ensinar é a de romper com a conformidade introduzida pelos interesses do significante-mestre, apontada pelo autor como sintoma social dentro da demanda de Psicologia, vinculado à ideologia de culto da ciência, que elimina o sujeito em sua necessidade de alcançar um saber *para todos.* Então, afirma que, na prática, se trata de transformar a demanda social do mental em uma demanda de análise.

Para tanto, lembra o autor que a oposição transmissão-ensino é fundamental, uma vez que o que se transmite não necessita de nenhuma maneira ser entendido. Laurent aposta que o problema é atuar com o discurso que temos, como critério fundamental.

Em seu início, Éric Laurent, apresentou um comentário intitulado *Talvez em Vincennes...*[27] (LACAN, 1975c/2003, p. 316), detalhando a proposição feita por Lacan em 1974 no momento da reestruturação do Departamento de Psicanálise. Nesse escrito, Lacan propõe, portanto, que reunissem os ensinamentos em que Freud formulou que o analista deveria apoiar-se, não se tratando somente de ajudar o analista com ciências propagadas à moda universitária, mas destacando que essas ciências encontrem em sua experiência uma oportunidade de se renovar (p. 316).

Milner, o comenta em seu artigo “Linguística e Psicanálise” (2010), descreve a relação epistemológica entre a ciência da linguagem e a Psicanálise a partir de três pressupostos: a) a *lógica*, sob a condição de ser uma ciência do real, ao permitir o acesso à modalidade do impossível; b) a *topologia*, referindo-se à matemática; e c) a *antifilosofia*, o que a investigação do que o discurso universitário deve à sua suposição “educativa” – isto é, não é a história das ideias que dará conta do recado: é preciso se acrescentar a elas a Linguística.

É ainda Millner (2010) quem afirma que, o sistemático, estruturalmente relacionado com a Universidade distribui um ensino consistente, mas, partindo da noção de que a verdade não se pode dizê-la toda, o discurso analítico, não se opondo ao estudo do detalhe, tem seu sentido inverso e opositivo.

Em 1966, Jacques Alain-Miller convoca os analistas a pensar a renovação do Instituto do Campo Freudiano, no que se refere ao ensino: *O seminário das sete sessões.* Bref é o caderno desse seminário, que reúne professores e coordenadores das seções clínicas francófonas. Ali, todos perguntavam-se “*o que ensinamos de fato? O que ensinar?*”.

Assim, Laurent retoma a segunda sessão do *Seminário das sete sessões*, *O triângulo dos saberes* (MILLER, 2017), particularmente, sobre a questão de saber quais foram as incidências da Psicanálise sobre as ciências do século XX. Em sua proposição para Vincennes, tal como no escrito *Radiofonia* (LACAN, 1975/2003, p. 404), Lacan só evoca o ensino para gozar a estupidez educativa da universidade.

Para Miller (2017), a base da concepção de Lacan sobre como ensinar/transmitir era justamente a oposição entre saber e ensino. Tratar o

[27] Constituiu a abertura do nº1 do *Ornicar?*, boletim periódico do "Champ Freudien”, janeiro de 1975, p.3-5; o texto indicava, sob o título dado pela redação, “Proposição de Lacan”.

inconsciente como um saber é necessariamente separar ensino e saber, como afirmar que “[...] *o inconsciente, se é um saber, não é um saber que se ensine*.” (p. 2). E apresenta o que chama de operação pedagógica: uma estupidez educativa que visa barrar o gozo, para que o saber triunfe, indicando que há na Pedagogia um ódio do mais-de-gozar do sujeito.

Miller (2017) apresenta um triângulo do saber, como arquitetura, para definir um terceiro saber, ao opor semblante e verdade – do doxema ao matema, passando pelo patema: o saber-ciência e, polarizando a cultura científica e a humanística, coloca a Psicanálise assentada sobre a falha entre ambas. Esse é o ponto visado: dar lugar à doxa, lembrando de tudo o que não se pode calcular.

Em seu texto *Transferência para Saint Denis? Lacan a favor de Vincennes*[28] (1978/2010), Lacan pergunta-se “[...] *como fazer para ensinar o que não se ensina?*” (p. 31), indicando como primeiro passo rumo ao ensino que *todo mundo é louco*, mas que disso resta demonstrá-lo. Daí sua redução da Psicanálise à teoria dos conjuntos, diz ele.

Lacan (1978/2010) conclui que, apesar da antipatia dos discursos universitário e analítico, sua exploração acarreta que, ao se confrontar com seu impossível, o ensino se renova. A partir disso, enumera como derivados do departamento de Psicanálise uma revista, a *Ornicar?* que decide quanto ao que se publica sob o ensino da Psicanálise. Um *terceiro ciclo*, dito do Campo Freudiano, ciclo universitário que pode implicar tanto uma maior especialização com “*diplomas de aperfeiçoamento*”, quanto à pesquisa do doutorado – onde cabe à Psicanálise corrigir o que lhe é proposto como afim; e uma *Seção Clínica*, que faz sua função ao orientar jovens psiquiatras.

[28] Texto publicado em: *Ornicar?* Paris, 17-18, p. 278. Tradução inédita em português, publicada pela *Correio*, n. 65, revista semestral da Escola Brasileira de Psicanálise, na ocasião dos quinze anos da escola.

Capítulo 4: O ensino de Lacan

Em seu escrito *Nota italiana*[29] (LACAN, 1973/2003, p. 71), Lacan afirma que, para assentar o discurso psicanalítico, se fazia necessário colocá-lo à prova. Sugere ali que sua partida acontece com a proposição do passe e do analista da Escola, uma vez que "[...] *o analista só se autoriza de si mesmo*" (1973/2003, p. 311). Isso não quer dizer uma auto autorização, no entanto. Sua tese inaugural, ao romper com a prática mediante a qual as Sociedades fazem da análise uma agregação, afirma que é do *não-todo* que depende o analista.

Para isso, é preciso levar em conta um saber *no real*, ainda que não seja o analista que tem de alojá-lo, mas sim, o cientista.

> O analista aloja um outro saber, num outro lugar, mas que deve levar em conta o saber no real. O cientista produz o saber a partir do semblante de se fazer sujeito dele. Condição necessária, mas não suficiente. Se ele não seduzir o mestre, ocultando-lhe que nisso está sua ruína, esse saber permanecerá enterrado como esteve durante vinte séculos, nos quais o cientista se julgou sujeito, mas apenas de dissertação mais ou menos eloquente.
>
> (Nota italiana, 1973/2003, p. 71).

Por outro lado, Lacan diz que seria preciso que a isso se juntasse "[...] *o clamor de uma pretensa humanidade, para quem o saber não é feito, já que ela não o deseja*" (1973/2003, p. 313) e que só existe analista se esse desejo lhe advier, sendo por isso um certo rebotalho dela. É a suposição de outro saber elaborado de antemão, do qual o saber científico forneceu modelo e pelo qual tem a responsabilidade de haver transmitido unicamente aos rebotalhos da douta ignorância um desejo inédito: a verdade não serve para nada senão para criar o lugar onde se denuncia esse saber. Acreditar que a ciência é verdadeira a pretexto de que é transmissível (matematicamente) é um delírio, existindo apenas a descoberta de um saber no real, coisa que se verifica no dispositivo do passe.

Nesse escrito, Lacan indica que cabe ao grupo italiano um ponto favorável, o fato de ser trípode (LACAN, 1973/2003, p. 311) e, uma vez que naquele momento

---

[29] Esse texto, deixado inédito por J. Lacan, foi publicado em *Ornicar?*, nº 25, 1982, p. 7-10, precedido por uma nota que esclarecia que "*as pessoas implicadas não deram continuidade às sugestões aqui expressas*".

encontravam-se em discussão sobre a candidatura ao passe, ganhariam, portanto, ao seguirem com seriedade o que disse.

Para elaborar uma noção sobre o conceito de ensino, na obra de Lacan, gostaria de propor uma leitura, entre outras possíveis, oriunda dos achados do tesauro, nesse caso *à italiana*. Tendo ele estado em três tempos distintos na capital italiana: 1953, em seu *Discurso de Roma*[30] e *Função e Campo da fala e da linguagem em Psicanálise;*[31] em 1967, na sua conferência *Psicanálise, Razão de um fracasso*[32] (LACAN, 1967d/2003); e em sua conferência, *A terceira*[33] (1974/2011, p. 36) onde aponta que se faz necessário articular retroativamente os três tempos, tal como um jogo de matriz – a partir da homofonia entre *matrice* (matriz) e *maîtrisse* (mestria) (LACAN, 1974/2011, p. 11).

Nos *Escritos* (1966/1998), na ocasião de sua publicação, Lacan inseriu um artigo intitulado *De nossos antecedentes* (1966/1998, p. 69)*,* visando produzir numa retrospectiva à sua entrada na Psicanálise, por onde ela se fez. Aponta como projeto inicial de seu ensino:

> [...] certa retomada *pelo avesso* do projeto freudiano, sobretudo, a partir da importância do ato psicanalítico, ao supor que ele transcende o processo secundário para atingir uma realidade que não se produz ali, nem que seja para romper o engodo que reduzia a identidade dos pensamentos ao pensamento de sua identidade (1966/1998, p. 69).

Se Freud aponta a relação do *eu* com o sistema percepção-consciência, o fez para denunciar que a tradição reflexiva tomava nesse sistema alguns padrões de verdade. É essa a miragem que se consagra, na época atual, uma teoria do *eu* que, por se apoiar no reingresso que Freud assegura a essa instância em *Psicologia das massas e análise do eu* (FREUD, 1921/1974), comete um erro, já que não há nesse artigo outra coisas senão a teoria da identificação.

Para Lacan, enganam-se aqueles que, por encontrarem “já presentes” nos *Escritos* (1966/1998) aquilo que depois o levou ao ensino. Nisso se desenha uma

---

[30] Redação do discurso proferido no I Congresso da Sociedade Francesa de Psicanálise, realizado em Roma, em 26-27 de setembro de 1953. Publicado na revista *La Psychanalyse*, PUF, vol. I, 1956, p. 202-11 e 241-55.
[31] Relatório do Congresso de Roma, realizado no Instituto de Psicologia della Universitá di Roma, em 26-27 de setembro de 1953. Publicado em *La Psichanalyse*, Paris, PUF, vol. I, 1956, p. 81-166.
[32] Publicados em *Scilicet* 1, Paris: Seuil, 1968, p. 31-41, 42-50 e 51-59.
[33] Intervenção no VII Congresso da Escola Freudiana de Paris, Roma.

evidente referência à linguagem, efeito do veio determinado pela matéria única do trabalho analítico, qual seja, a experiência do sujeito.

> Talvez, se possa perceber que, ao transpor as portas da Psicanálise, logo reconheçamos em sua prática preconceitos de saber muito mais interessantes, por serem aqueles que devem ser reduzidos em sua escuta fundamental. (LACAN, 1966/1998, p. 71).

Ainda no início, porém mais além de sua referência surrealista da paranoia crítica, seu interesse tinha como origem as pegadas de Clérambault, conhecedor da tradição psiquiátrica francesa, apontado aqui como seu único mestre. Sua tese de doutoramento *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade* (LACAN, 1932/1987), tratou do '*conhecimento paranoico'* em função de um método clínico que compunha seu ensaio para definir o objeto da Psicologia.

Em sua tese *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (LACAN, 1932/1987), para definir o objeto de sua pretensa Psicologia, então, Lacan indicou um retorno às *Meditações Metafísicas* de Descartes (2011), afirmando que o fenômeno da loucura deveria ser entendido como o sonho e o delírio, como vivido na ordem do sentido.

Sobre a clínica de onde partiu, lembra:

> [...] com sua ideologia mecanicista de metáfora, por certo bastante crível, parece-nos, em seus enfoques do texto subjetivo, mais próximo do que se pode construir de uma análise estrutural do que qualquer esforço clínico na psiquiatria francesa (p. 69).

De todo modo, é ali, a partir de Clérambault, fundador da descrição do *automatismo mental*, que Lacan admite seu encontro com Freud e sua entrada na Psicanálise, em contraste com o que encontrava de decadente com os pós-freudianos, numa Semiologia cada vez mais comprometida com os pressupostos da razão. Lacan afirma que Clérambault, assim realizou como que uma recorrência do que Foucault descrevera no seu texto *Nascimento da clínica* (1964).

Leite (2000) afirma que a tese de doutoramento *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade* (LACAN, 1932/1987) marcou a aproximação com a Psicanálise e, desse momento até 1953, a produção de Lacan foi reunida sob a

designação de “registro do Imaginário”. Nesse período, Lacan esteve em contato com os surrealistas e sua teoria do Estádio do espelho, por exemplo, foi apresentada no escrito *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*[34] (1949/1998, p. 96-103).

No entanto, no que se refere à Psicanálise, para ele, "[...] *nenhum ensino, afora o apressado de rotina, veio à luz antes que, em 1951, inaugurássemos o nosso a título privado.*” (LACAN, 1966/1998, p. 76) e que o tema da Psicanálise didática, já estava datado. Suas contribuições, nesse sentido, foram significativas, assim como, suas consequências impactantes.

Segundo Leite (2000), ainda “[...] em 1953, Lacan rompeu com a Sociedade Psicanalítica de Paris, por motivos ligados à formação do psicanalista: um ponto ao qual se opunha era a exigência de que os candidatos a analista fossem médicos” (2000, p. 24). Em decorrência dessa ruptura, Lacan, junto com Lagache, formou a Sociedade Francesa de Psicanálise, grupo que não obteve o reconhecimento da IPA, uma vez que só seria reconhecido, caso Lacan se afastasse (LEITE, 2000, p. 25).

Em 1953, na Sociedade Francesa de Psicanálise, Lacan reconheceu o início de seu ensino oficial com seus seminários orais, apesar de ter participado da Sociedade Psicanalítica de Paris nos dezessete anos anteriores (LEITE, 2000).

A conferência *O simbólico, o imaginário e o real*[35] (LACAN, 1953a/2005, pg.11-53) foi considerada a primeira comunicação científica da nova Sociedade Francesa de Psicanálise e constitui a apresentação inaugural da famosa tríade que sustenta sua elaboração ao longo das três décadas seguintes. Sua fonte de inspiração encontra-se no artigo de Lévi-Strauss, *A eficácia simbólica,* publicado em 1949 e retomado em *Antropologia estrutural* (1945/2008, p. 201).

Lacan apresentou essa sua comunicação como um resumo de pontos de vista do seminário que acabara de concluir sobre o *Homem dos ratos* (FREUD,

[34] Produzido pela primeira vez no XIV Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Mariembad entre 2 e 8 de agosto de 1936, sob a presidência de Ernest Jones. A comunicação foi feita na 2ª. sessão científica, em 3 de agosto, às 15h40. Cf. *The International Journal of Psycho-analysis*, vol. 18, parte I, janeiro de 1937, p. 78, onde essa comunicação está inscrita sob o título "The looking-glass phase". / Comunicação feita no XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique, em 17 de julho de 1949. Publicado na *Revue Française de Psychanalyse*, nº 4, outubro-dezembro de 1949, p. 449-455.

[35] A conferência constitui a apresentação temática inaugural da famosa tríade que sustentará de ponta a ponta a elaboração de Lacan ao longo das três décadas seguintes, até se tornar seu objeto essencial não apenas conceitual, mas matemático e material, sob a forma do nó borromeano e seus derivados.

1909/2013), e ao do ano precedente, sobre o *Homem dos lobos* (FREUD, 1918/2010) – esses, não tendo sido estenografados, acabaram por não participar da publicação de seu *O Seminário*. Além disso, ele ilustrou como uma análise poderia ser inscrita do início ao fim, apresentando *letrinhas* como elemento de formalização a partir da inspiração estruturalista e com base na combinação em pares dos termos da tríade *simbólico-imaginário-real*:

rS – sI – iR – iS – sS – SI – SR – rR – rS –

Figura 11 – Esquema SIR
FONTE: LACAN, 1953a/2006, p. 39

Lacan afirmou que esse elemento se apresenta "*como uma espécie de prefácio ou introdução a certa orientação de estudo da Psicanálise*" (2005, p. 11). Para tal orientação, Lacan determinou também que a leitura do texto de Freud de modo direto, se fazia imprescindível.

A Primeira

É posteriormente à cisão ocorrida no movimento psicanalítico francês, em 1953, que Lacan marca o início público do seu ensino. Sua primeira apresentação na Itália, intitulada *Discurso de Roma* (LACAN, 1953b/2003, p. 139-172) foi proferida para introduzir o relatório *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* (LACAN, 1953c/1998, p. 238-324) – considerada inaugural para o ensino oficial de Lacan – poucos meses antes do seu primeiro seminário, *Os escritos técnicos de Freud* (LACAN, 1953-54/1994). Durante o I Congresso da Sociedade Francesa de Psicanálise (em Roma, 1953), Lacan propõe uma reflexão sobre a história dos conceitos freudianos e seus fundamentos subjetivos.

E é a partir disso que Lacan afirma tratar-se de devolvermos os fenômenos do campo psicanalítico (tais como os sintomas de conversão, a inibição e a angústia) à função de fala que eles têm, num discurso cuja significação determina seu emprego e sentido.

Lacan esclareceu ali que tomar a linguagem na constituição do sujeito apenas como um meio na ação da fala – ou mesmo tomar a fala como uma secreção do pensamento serve para recusá-la, diante da instância de verdade que ela pressupõe.

Ou seja, é como veículo que, em carne e osso, nós habitamos nesse lugar, o lugar da linguagem. De todo modo, do outro lado, também o analista deveria remeter-se ao papel que assume na ação da fala: "*ouçamos o* 'eu' *[je] hesitante a partir do momento em que ele precisa colocar-se à frente dos verbos... mediante os quais tem de fazer com que seu desejo seja reconhecido em sua identidade*." (LACAN, 1953b/2003, p. 143). A distinção entre o sujeito do enunciado e o sujeito da anunciação se expressa nisso diretamente.

Daí se extrai que o '*ato de fala*' não se resume definitivamente à comunicação, mas nos instrui sobre o que, como fundamento, revela o sujeito numa anunciação essencial.

> Essa fórmula, ei-la: a ação da fala, na medida em que o sujeito entende fundar-se nela, é tal que o emissor, para comunicar sua mensagem, tem que recebê-la do receptor e, ainda por cima, só consegue emiti-la sob forma invertida.
>
> (LACAN, 1953b/2003, p. 161-162).

A interpretação não como interpretação de sentido, mas como jogo com a equivocidade: "[...] *embora a ênfase devesse ser depositada com vigor na distância que ela supõe entre o real e o sentido que lhe é dado...* (isso) *obstrui a reflexão sobre a relação intersubjetiva fundamental que lhe é subjacente*." (LACAN, 1953b/2003, p. 142) – a transferência. Até este momento, mesmo sendo tomada como intersubjetividade, a transferência já implicava uma dialética com o outro, porém já considerando o terceiro elemento, qual seja, a palavra.

Seguindo Lacan, "[...] *pois essa revelação do sentido exige que o sujeito já esteja pronto para ouvi-la, isto é, ele não esperaria se já não tivesse encontrado."* (LACAN, 1953b/2003, p. 142).

Para ele, portanto, trata-se não mais de uma passagem para a consciência, mas da passagem para a fala: "[...] *é preciso que a fala seja ouvida por alguém ali onde não podia nem sequer ser lida por ninguém – uma mensagem cujo código perdeu-se ou cujo destinatário morreu*." (LACAN, 1953b/2003, p. 146). Ainda mais: "*E, para nos encaminhar do polo da palavra para o da fala, definirei o primeiro como a confluência do material mais vazio de sentido no significante com o efeito mais real do simbólico, lugar ocupado pela senha*." (LACAN, 1953b/2003, p. 158).

Com essa afirmação, Lacan refere à letra da mensagem o caráter fundamentalmente ambíguo da fala: sua função de velar e desvelar. Tal partição, por um lado, explica a multiplicidade dos acessos à decifração, porém, de outro, "[...] *persiste o fato de que há apenas um texto em que se pode ler, ao mesmo tempo, o que ela diz e o que ela não diz, e de que é a esse texto que se ligam os sintomas, tão intimamente quanto um rébus se liga à frase que o representa*." (LACAN, 1953b/2003, p. 146) – o que Freud chamara de sobredeterminação. Segundo Lacan, boa parte de uma Psicologia pretensamente analítica, foi construída com base na confusão entre as duas coisas.

Portanto, diferentemente da compreensão dos fenômenos baseada num paralelismo psicofisiológico – tal como a ideia de instinto, por exemplo, é que Lacan aponta para a sobredeterminação como aquilo que...

> [...] separa, do texto sem fissura da causalidade no real, a ordem instituída pelo uso significante... na medida em que ele atesta a penetração do real pelo simbólico. Além disso, diz que qualquer coisificação comporta uma confusão, cujo erro convém saber corrigir, entre o simbólico e o real (LACAN, 1953b/2003, p. 146).

Assim, se a práxis da Psicanálise é definida por ele como o tratamento do real pelo simbólico, ele diz: "[...] *examinemos, primeiro, o termo significante. Onde poderia ele estar, de fato? A resposta é, para o significante: por toda parte*" (LACAN, 1953b/2003, p. 154). E segue: "*Passemos ao significado, o que é? Precisamente, o sentido.*" (LACAN, 1953b/2003, p. 155). "*E esse sentido, onde está? A resposta correta aqui: em parte alguma... O sentido só é sensível na unicidade da significação que o discurso desenvolve*." (LACAN, 1953b/2003, p. 156).

Indicando diretamente as exigências simbólicas que Freud revelou no inconsciente e que sua última tópica ligou ao instinto de morte e à teoria das pulsões, Lacan apontou que a revogação disso é acompanhada de uma renegação dos princípios que, não por acaso, limitam a busca, no sujeito da experiência analítica, do que se situa além da fala.

> Partir da ação da fala por ela ser aquilo que funda o homem em sua autenticidade, ou apreendê-la na posição original absoluta do 'No começo era o Verbo', do quarto evangelho... significa... ir diretamente, para além da fenomenologia do alter ego na alienação imaginária, ao

> problema da mediação de um *Outro* que não é segundo enquanto o *Um* ainda não está. (LACAN, 1953b/2003, p. 141).

Então, alguns meses antes de dar início ao seminário primeiro, intitulado *Os escritos técnicos de Freud* (1953-54/1998), Lacan apresentou o relatório teórico que é tomado como o inaugural de seu ensino – *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise* (1953c/1998, p. 238-324). Já no prefácio desse texto, propôs revisitar as formas organizadas por Freud na tentativa de garantir a transmissão da Psicanálise (LACAN, 1953c/1998, p. 238), afirmando que seu objetivo não era questionar o primado da técnica, mas as mentiras do ensino. Ali, Lacan indicou ainda a leitura do *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada* (1945/1998, p. 197-213), escrito que apresenta sua teoria da temporalidade do sujeito baseada na lógica e na teoria dos jogos, em três tempos: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir.

Diante da Sociedade Francesa de Psicanálise, Lacan propunha uma reflexão tanto à história dos conceitos freudianos quanto sobre seus fundamentos subjetivos, para colocar em evidência o *cursus* de um ensino técnico e o método para um ensino superior. Segundo ele, para uma Faculdade ideal de Psicanálise, Freud apontou ao lado da psiquiatria e da sexologia "[...] a história da civilização, a mitologia, a psicologia das religiões, a história e a crítica literárias" (LACAN, 1953c/1998, p. 289).

Assim, Lacan ressalta as noções que se enfraqueceram e que se esclareceram ao se atualizarem com a Antropologia e com a Filosofia. Essas matérias fornecer-lhe-iam os fundamentos científicos adequados às dimensões essenciais da teoria e da técnica – qual seja a teoria histórica do símbolo, a lógica intersubjetiva e a temporalidade do sujeito (LACAN, 1953c/1998, p. 290).

Apresentando o relatório *Função e campo da fala e da linguagem e Psicanálise* (1953c/1998, p. 238-324), Lacan proferiu o *Discurso de Roma* (LACAN, 1953a/2003, p. 139-172). Ao afirmar que seu discurso tinha base num ensino comprometido com os conceitos de 'fala', de 'sujeito', anunciou a promoção dos fundamentos que a Psicanálise retira da linguagem, apresentados no relatório. Com esses conceitos, Lacan visava abrigar a autenticidade do desejo e do sujeito nas histórias relatadas nas sessões de análise. E, de fato, seu relatório versa fundamentalmente sobre a função da fala e do campo da linguagem em Psicanálise, cujo "*ABC indica suas coordenadas, suas linhas e seu centro de referência*" (LACAN, 1953a/2003, p. 153).

Assim, é que seu ensino apontava para certo questionamento sobre o magistério e a mestria de um ensino de Psicanálise.

Em seu relatório, esboçando a tópica de seu movimento, Lacan afirma, sobre os problemas atuais da Psicanálise, que se destacam três aspectos, a saber:

> A) A Função do Imaginário, no que se refere às fantasias na técnica da experiência e na constituição do objeto nas diferentes etapas do desenvolvimento psíquico, a partir da *Psicanálise das crianças*, e do terreno favorável oferecido às tentativas e às tentações dos investigadores pela abordagem das estruturações pré-verbais;
>
> B) A noção das relações libidinais de objeto que, renovando a ideia de progresso na análise, reformula em surdina sua condição, por causa da extensão do método à *clínica das psicoses*. A Psicanálise desemboca, então, numa fenomenologia existencial, ou até, num ativismo movido pela caridade
>
> C) A importância da contratransferência e, correlativamente, da formação do psicanalista, sobre os embaraços do *término da análise*, que se juntou aos do momento em que a *análise didática* se encerra com a introdução do candidato na prática. Aponta-se o ser do analista como elemento não-desprezível nos efeitos da análise, o que deve, inclusive, ser exposto em sua conduta no final da partida.

Lacan afirma, portanto, que nenhuma solução deveria provir senão do aprofundamento cada vez mais intensificado da mola inconsciente e que, nos três aspectos, justifica-se o retorno ao eixo técnico da simbolização. Que os três problemas têm um traço em comum, explica ele:

> Trata-se da tentação que se apresenta ao analista de abandonar o fundamento da fala, justamente em campos em que sua utilização, por confinar com o inefável, exigiria mais do que nunca seu exame: a saber, a pedagogia materna, a ajuda samaritana e a mestria/dominação dialética (1953c/1998, p. 245).

Seu Primeiro Ensino, caracterizado pelo *Retorno a Freud*, Lacan retomou conceitos psicanalíticos, bem como, a leitura de Freud permitiu que forjasse novos conceitos, a partir das referências de sua época.

Segundo Miller, em seu livro *Percurso de Lacan* (1988), a partir daí "[...] *seu ensino toma a forma de um seminário de textos freudianos*" (p. 17). E, de fato, cada ano é dedicado a um conceito ou obra de Freud, bem como "[...] *a validade das estruturas de linguagem é verificada em toda extensão da Psicanálise*" (1988, p. 18).

O primeiro ensino de Lacan foi um extenso comentário de Freud. Ele assim se apresentou e essa apresentação se defende. É um comentário de Freud orientado pela ideia de valorizar não a autonomia da consciência, mas sim, a autonomia do simbólico (MILLER, 1998, p. 8).

"*O mestre interrompe o silêncio com qualquer coisa, um sarcasmo, um pontapé*" (LACAN, 1953-54/1994, p. 9), diz Lacan na abertura de seu seminário primeiro. Segundo a técnica *zen*, distinto do que acontece na procura do sentido, a forma de ensino do sábio é uma recusa de todo sistema.

Explicita ali sua noção de conceito em Psicanálise, *assintótico* e afirma que "[...] *a raiz da dificuldade, é que só se podem introduzir símbolos, matemáticos ou outros, com linguagem corrente, porque é preciso explicar bem o que se vai fazer deles*" (p. 10). E determina que o que se visa numa análise didática seria "[...] tornar o sujeito capaz de sustentar o diálogo analítico, de não falar muito cedo, nem muito tarde" (p. 11), propondo que a o inconsciente freudiano é um terreno não cultivado da razão.

Seu primeiro seminário na Sociedade Francesa de Psicanálise, *Os escritos técnicos de Freud*, indicou que o pensamento de Freud foi "[...] *o mais perpetuamente aberto à revisão*." (LACAN, 1953-54/1994, p. 9): seria um erro reduzi-lo a palavras gastas, já que cada uma das noções da Psicanálise possuía vida própria. Isso porque, ao longo de toda sua vida, Freud transformou os conceitos com base na experiência clínica. Portanto, para além de conceitos tomados em definições formais, tratados como receitas, Lacan buscou tornar acessíveis os recursos da fala e da linguagem – onde acontece a experiência mesma do inconsciente. Nesse momento, Lacan salientou também que, mesmo os conceitos criados por Freud, surgiram no contexto e na linguagem da época dele, o que deveria ser considerado (1953-54/1994, p. 10). Isso significa que tais noções poderiam ser tomadas como flexíveis, atualizáveis e dinâmicas, ao longo do tempo.

Na sequência, avançando sobre seu segundo seminário, *O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise* (1954-55/1995), Lacan seguiu dissipando o

obscurantismo das leis que definiam a ciência de seu tempo: “Não é por nada que lhes faço jogar o jogo do par ou ímpar”, diz Lacan (1954-55/1995, contracapa).

A partir de Platão, em *Menon* (2001), buscou exemplificar as passagens do imaginário para o simbólico, tal como no exemplo do diálogo entre Sócrates e o escravo, onde “[...] *engana-se utilizando muito apropriadamente o que nos serve de base no teste-padrão de inteligência – ele procede pela relação de equivalência A/B = C/D com a qual a inteligência procede da maneira mais constante*.” (LACAN, 1954-55/1995, p. 27).

Nesse caso, Lacan pôde descrever a falha entre o elemento intuitivo e o elemento simbólico, partindo da falsa percepção da superfície construída a partir da duplicação do lado de um quadrado que parece ao escravo o dobro da que se queria obter, de onde surge um elemento irracional, $\sqrt{2}$, isto é, a diagonal da figura geométrica, que não é dado no plano intuitivo.

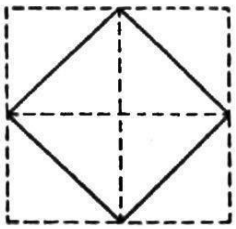

Figura 12 – Figura apresentada por Sócrates

FONTE: Lacan (1954-55/1995, p. 29).

Partindo, portanto, da noção de que a razão humana conhece por meio de proporções e comparações e é orientada pela busca da verdade, Lacan demonstrou que o inconsciente garante um equívoco onde o neurótico é entendido como sendo afetado por um defeito de identificação que o leva a se situar fora de seu *eu*: eis o campo do inconsciente, isto é, do sujeito do inconsciente na sua relação com o Outro. É nesse sentido que, no seminário do ano seguinte, *As Psicoses* (1955-56/2008) Lacan tomou como programa o estudo da psicose paranoica, uma vez que está em relação com a alienação imaginária do eu e, a partir disso, avançou sobre os limites da Psicanálise freudiana no que se restringia às neuroses.

Sobre o analista, Lacan referiu-se à obra intitulada *A douta ignorância* (2002) de Nicolau de Cusa, em que esse confronta a infinitude de Deus, que não designa

como tal, e sim, como “Máximo Absoluto”, Cusa propõe uma reflexão centrada na ideia do saber que provém do não saber.

A designação *douta ignorância* pode parecer contraditória, pois o que é douto é, por definição, não ignorante. A contradição é, contudo, aparente já que ignorar de maneira douta exige um processo laborioso sobre conhecer os limites do que sabemos. Essa doutrina da ignorância pretendeu investigar, de modo incompreensível e, transcendendo a razão humana, a raiz da verdade inapreensível.

Igualmente, o analista só pode enveredar pela via de sua formação ao reconhecer em seu saber o sintoma de sua ignorância. Esse fato indica mais precisamente o valor simbólico da formação: “*O fruto positivo da revelação da ignorância é o não saber, que não é uma negação do saber, porém sua forma mais elaborada*” (LACAN, 1954-55/1995, p. 360).

A partir disso, Lacan tomou um experimento clássico da Física Óptica para representar sua teoria do *Estádio do Espelho*, nas relações do sujeito com sua imagem. O escrito *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência analítica* (LACAN, 1949/1988) marca profundamente o período anterior ao início do ensino de Lacan, tratando – a partir da Física Óptica e da Etologia – a função do imaginário na constituição da psiquê, já em 1936.

Aqui, ele aproximou da teoria freudiana uma leitura cuja estrutura é simbólica e permitiu certos avanços na compreensão e formalização da técnica, sugerindo uma articulação entre o primeiro esquema do aparelho psíquico em seu *Projeto de uma Psicologia* (FREUD, 1995), o aparelho psíquico no *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900/2019), o *Esquema L* construindo seu *Esquema óptico para a teoria do narcisismo*, para figurar a função imaginária do *eu* e o discurso do inconsciente (LACAN, 1954-55/1995, p. 142).

Trata-se de um *Modelo óptico*, a ilusão do buquê invertido, descrito em *L’Optique et photométrie dites géométriques,* de Henri Bouasse (LACAN, 1958b/1998, p. 679; e LACAN, 1953-54/1994, p. 95), que apresenta as leis geométricas de reflexão de uma imagem no espelho côncavo. Segundo ele, “[...] *uma coisa é ainda mais surpreendente é que a óptica repouse inteirinha sobre uma teoria matemática sem a qual é impossível estruturá-la.*” (LACAN, 1953-54/1994, p. 93).

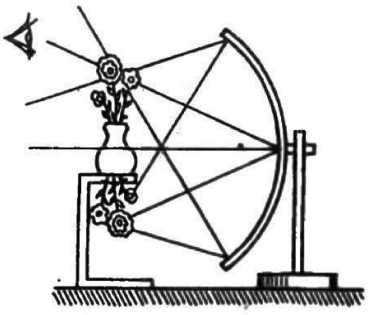

Figura 13 – Experimento geométrico do buquê invertido.

FONTE: Lacan (1953-54/1994, p. 94).

Lacan introduz um complemento a esse esquema na mesma linha do que Freud concebeu sobre as instâncias psíquicas fundamentais, como imagens virtuais ou reais, em suas funções distintas. No esquema, é preciso que esse olho esteja posicionado em certo ângulo para que se identifique a posição ocupada pelo sujeito que olha em relação à realidade.

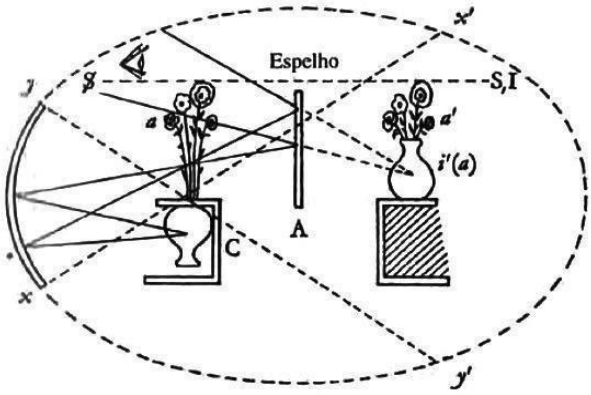

Figura 14 – Variação da ilusão do buquê invertido.

FONTE: Lacan, 1958b/1998, p. 681 e 1953-54/1994, p. 163.

> O vaso será reproduzido, pelo jogo da reflexão dos raios, numa imagem real, e não virtual, sobre o qual o olho pode se acomodar. Se o olho se acomoda ao nível das flores que dispusemos, verá a imagem real do vaso vir envolver o buquê, e lhe dar estilo e unidade – reflexo da unidade do corpo (LACAN, 1953-54/1994, p. 146).

Como consequência, Lacan tratou dos conceitos de narcisismo primário e secundário, a partir do texto freudiano *Introdução ao narcisismo* (1914/1974). E,

visando precisar as relações da libido com o imaginário e o real, também aprofundou o entendimento sobre o problema da função real que o ego desempenha na economia psíquica. Afirmou também que esse esquema...

> [...] Será extremamente útil, permitindo-lhes situar quase todas as questões clínicas, concretas, que coloca a função do imaginário, e muito especialmente a propósito desses investimentos libidinais de que a gente acaba não compreendendo mais, quando os manejamos, o que querem dizer." (LACAN, 1953-54/1994, p. 149).

A partir daí, tendo revisado os conceitos sobre a dialética analítica ao longo de seu seminário, Lacan introduziu um espelho plano no centro do esquema (A), o terceiro termo que permitiria conceber a transferência para além da relação narcísica. Esse terceiro termo é a palavra, portanto – único instrumento de trabalho na análise.

> A palavra pode exprimir o ser do sujeito, mas, até certo ponto, não chega nunca a isso. Eis-nos agora tendo chegado a um momento em que nos colocamos a questão – como se situar, em relação à palavra, todos esses afetos, todas essas referências imaginárias que são comumente evocadas quando se quer definir a ação da transferência na experiência analítica? (LACAN, 1953-54/1994, p. 129).

Em consequência, algumas de suas lições ao longo do seminário versaram sobre a chamada ordem simbólica (1953-54/1994, p. 251), sobre a função criativa da palavra (1953-54/1994, p. 269), sobre o conceito na análise (1953-54/1994, p. 311) e, de modo geral, sobre a relação com a palavra na dinâmica da transferência.

Mais no fim do seminário, como referência adotada para conceber a báscula do desejo (1953-54/1994, p. 189), Lacan mostrou outro esquema especular da análise, considerando o desenvolvimento da verdade, integração e história do sujeito ao longo da análise dele.

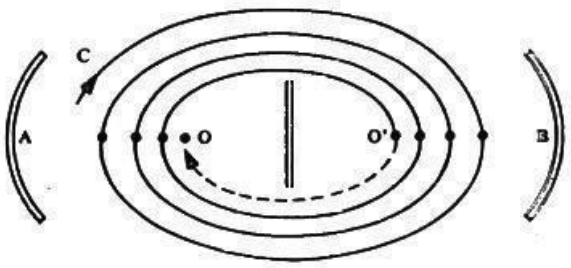

Figura 15 - Um esquema da análise, a palavra na transferência.

FONTE: Lacan (1953-54/1994, p. 322).

> A transferência, se é verdade que ela se estabelece na e pela dimensão da palavra, só traz a revelação dessa relação imaginária ocorrida em certos pontos cruciais do encontro falado com *o outro*, quer dizer aqui, com o analista. (LACAN, 1953-54/1994, p. 322).

Uma vez que a transferência descreve a relação intersubjetiva entre o par analítico (A e B) mediada pela palavra (espelho plano, no centro), esse fenômeno do investimento imaginário desempenha um papel-pivô (1953-54/1994, p. 322). Assim, é que Lacan começa a conceber uma noção de intersubjetividade no contexto da Psicanálise, posteriormente acaba por superá-la com a noção de sujeito do inconsciente.

Uma semana antes de dar início ao seu terceiro seminário, *As psicoses* (LACAN, 1955-56/2008), quando se dedicou ao caso Schreber (FREUD, 1911/2010), Lacan proferiu uma conferência intitulada *A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em Psicanálise,*[36] (LACAN, 1955c/1998, p. 402-460). No cenário onde o Retorno a Freud significava uma reviravolta, Lacan afirmou que se orientava com base no que sucedeu à morte de Freud no movimento psicanalítico e que tinha como objetivo recolocar em vigor o sentido que Freud preservara na experiência psicanalítica (LACAN, 1955c/1998, p. 404).

Tal direção só poderia ser mantida através de um ensino verdadeiro, isto é, que não deixasse de se submeter ao que Lacan chamou de *novação* (1955c/1998, p. 437), uma renovação ou reforma contínua dos conceitos, na condição de que o sujeito só pode ser falho na sua articulação com a verdade (1955c/1998, p. 437).

Nesse momento, Lacan apresenta seu aforisma: “Eu, a verdade, falo” (1955c/1998, p. 410), afirmando que a descoberta de Freud questiona a verdade, e não há ninguém que não seja pessoalmente afetado por ela. Segundo ele, portanto, no inconsciente, *isso fala*. A partir dessa compreensão, foi possível compreender que o uso significante distingue o sintoma de seu sentido natural, pois o desejo – como metonímia mais vasta, englobando suas metáforas, deve ser situado nas entrelinhas – e Freud se interroga sobre o que determina essa verdade no texto sobre o instinto de morte.

[36] Ampliação de uma conferência proferida na Clínica Neuropsiquiátrica de Viena, em 7 de novembro de 1955. Publicado em *Évolution Psychiatrique*, nº 1, 1956, p. 225-252.

Segundo Lacan, foi por recusarem como imprópria essa interrogação de Freud, sobre a pulsão de morte, que os psicanalistas de sua época permitiram os equívocos de sua perspectiva. Assim, no que se refere à formação do analista, a discussão já apresentava uma crítica ao princípio mais reacionário que recobre a dualidade daquele que sofre e daquele que cura pela oposição entre aquele que sabe e aquele que ignora.

O retorno às estruturas de linguagem foi tomado por Lacan como necessário ao entendimento da experiência analítica, segundo a orientação de Freud, que não julgou supérfluo colocá-las como condição a qualquer instituição de ensino:

> [...] de uma iniciação nos métodos do linguista, do historiador e... do matemático que se deve tratar agora, para que uma nova geração de clínicos e pesquisadores resgate o sentido da experiência freudiana e seu motor. (LACAN, 1955c/1998, p. 436).

Afinal, para Lacan, a recondução da neurose ao Édipo sempre teve como objetivo garantir o imaginário em sua concatenação simbólica, já que são três termos. Nesse escrito, Lacan aponta também que, dessa determinação simbólica, a lógica combinatória fornece a forma mais radical, uma vez que um psicanalista deve assegurar que, desde antes do nascimento e para-além da morte, o homem está preso nessa determinação.

Com a leitura estruturalista, portanto, o Édipo deixa de ser uma cena imaginária da família vitoriana da época de Freud para dispor, em termos das relações primárias, a ultrapassagem do vínculo narcísico e dual – paradigma da entrada do ser humano na linguagem.

Porém, se a associação livre que, por meio dos atos falhos, nos dá acesso ao inconsciente, como conceber que se estruture em termos de linguagem? É por volta do fim de seu terceiro seminário, *As psicoses* (1955-56/2008), que Lacan estabeleceu a noção do Pai como ponto de basta, por meio da definição de signo linguístico, segundo Saussure (2002), representada na Metáfora paterna.

$$\frac{\text{Nome do Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo-da-Mãe}}{\text{Significado para o Sujeito}} \rightarrow \text{Nome do Pai}\left(\frac{\text{A}}{\text{Falo}}\right)$$

Figura 16 – Metáfora paterna.
FONTE: Lacan (1955c/1998, p. 563).

Essa fórmula apresenta de que modo a dimensão simbólica do pai morto, isto é, seu nome, metaforiza o enigma do desejo materno, permitindo a metonimização do desejo. Isso tem um sentido preciso na economia do significante, aplicado à metáfora que coloca o Nome-do-Pai, em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe. Essa formalização teve efeito no entendimento da função da metáfora na constituição do sujeito, para além da figura de linguagem.

Na introdução ao seminário *As psicoses* (1955-56/2008), Lacan afirma ainda que Freud jamais falara do tratamento da psicose diretamente e, assim, foi ele mesmo quem introduziu a '*questão da psicose'*, visando apreciar o que a doutrina freudiana ensinar-lhe-ia na articulação com seus seminários anteriores e nos problemas clínicos e nosográficos (LACAN, 1955-56/2008, p. 11).

A partir de seu axioma fundamental, do "*inconsciente estruturado como uma linguagem*", postulado em 1953, Lacan propôs em seu texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*[37] (1957c/1998), o *Esquema R*: uma composição do simbólico, do imaginário e do real, desenvolvida a partir do *Esquema L*:

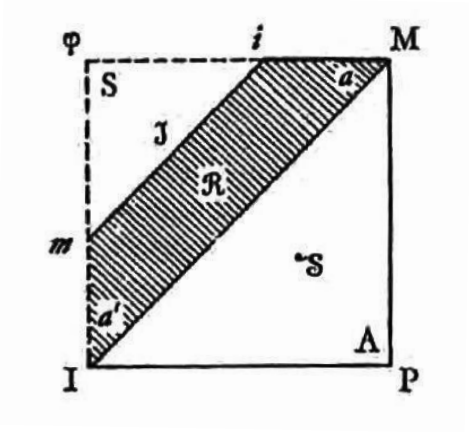

Figura 17 - Esquema R.

FONTE: Lacan (1957c/1998, p. 559).

[37] Remissão ao seminário dos dois primeiros semestres do ano de 1955-1956. Redação: dezembro de 1957-janeiro de 1958. Publicado em *La Psychanalyse*, Paris: PUF, vol. 4, 1959, p. 1-50.

> Assim é que, considerando os vértices do triângulo simbólico – I, como ideal do *eu*, M, como significante do objeto primordial, e P, como a posição em A do Nome-do-Pai –, podemos apreender como o aprisionamento homológico da significação do sujeito S sob o significante do falo pode repercutir na sustentação do campo da realidade, delimitado pelo quadrilátero M*im*I. Os outros dois vértices, *i* e *m*, representam os dois termos imaginários da relação narcísica, ou seja, o *eu* e a imagem especular (LACAN, 1957c/1998, p. 559).

Daí mesmo é que surgiu o conceito de *foraclusão* do *Nome-do-Pai*, cuja ocorrência está relacionada ao desencadeamento da psicose, aqui representado pelo *Esquema I*, para o caso de Schreber (FREUD, 1911/2010).

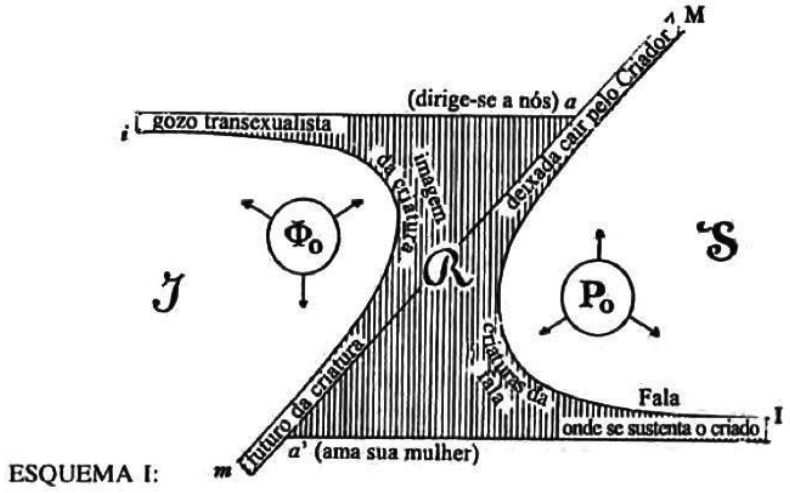

Figura 18 – Esquema I.

FONTE: Lacan (1957c/1998, p. 578.

Nesse esquema particularmente, Lacan aponta na dupla curva o vínculo que une o *eu* delirante do paranoico Schreber ao *outro* divino. Sua divergência imaginária no espaço e no tempo e a convergência ideal de sua conjunção representam a *foraclusão* desse elo entre o símbolo e a castração, qual seja, o *Nome-do-Pai* (1957c/1998, p. 578).

Assim, avançou sobre o conceito de *Desejo da Mãe*, do grande *Outro* (A) e escreve com a letra grega *phi*, com a maiúscula **Φ**, a *significação fálica* e com a minúscula **φ,** uma notação para o falo imaginário.

No período inicial de seu quarto seminário, *A relação de objeto* (1956-57/1995), retomando a teoria da falta do objeto de Freud, Lacan desenvolveu a questão da relação de objeto como significante para todo uso no caso da fobia – para

suprir a falta do Outro e, como fetiche fundamental de toda perversão, diretamente articulado com o objeto percebido no corte do significante.

Esse seminário (LACAN, 1956-57/1995, p. 133) antecipou suas discussões sobre a sexualidade feminina, ao tratar da castração materna – que implica para a criança a possibilidade da devoração e da mordida, bem como versou sobre a incidência do falo como imaginário na constituição do sujeito, a partir do caso do *Pequeno Hans* (FREUD, 1909/2010), em sua fobia de ser mordido pelos cavalos. Essa tríade que representa a incidência do falo como imaginário também fora aplicada aos famosos casos *Dora* (FREUD, 1905/2016) e *A jovem homossexual* (FREUD, 191920/2010).

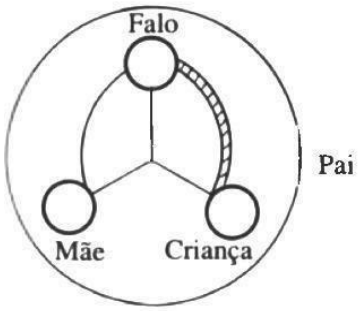

Figura 19 - Tríade imaginária, o pai e o Esquema do fetichismo.

FONTE: Lacan (1956-57/1995, p. 84).

Assim, Lacan organizou na tríade imaginário-simbólico-real sua teoria da falta de objeto, em função dos agentes, dos objetos e dos tipos de falta de objeto: a frustração – como dano imaginário, a castração – como dívida simbólica e a privação – como furo real (LACAN, 1956-57/1995, p. 220).

AGENTE	FALTA DE OBJETO	OBJETO
Pai real	Castração	Imaginário
Mãe simbólica	Frustração	Real
Pai imaginário	Privação	Simbólico

Figura 20 – Tabela da Falta de objeto.

FONTE: Lacan (1956-57/1995, p. 220).

Para além das hipóteses sobre a relação de objeto da parte da *ego psychology* – chamadas de pérolas no seu quarto seminário, Lacan reafirmou a relação direta entre a verdadeira Psicanálise de sua época com a formação válida de um analista.

Assim, na dedicação ao caso de Hans, no quarto seminário – *A relação de objeto* (1956-57/1995), Lacan apontou as associações que determinam a cadeia simbólica apresentando que é neste sentido, de coordenação gramatical do significante, que se tratava de avançar. Localizando expressamente sua posição no seu seminário semanal, Lacan seguia alinhavando o seu ensino.

No fim de seu quarto seminário, Lacan transpôs, por meio de fórmulas algébricas, conceitos como a castração, por exemplo, nas figuras de Hans-o-Fetiche e de Leonardo-no-espelho, em seu *Ensaio de uma lógica de borracha* (1956-57/1995, p. 381), décima segunda lição. Nessa, referindo-se ao *Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957b/1998, p. 496), afirmou que tal formalização, por meio de *letrinhas*, indicava em que sentido se poderia sustentar a originalidade da Psicanálise.

Na sequência, no quinto seminário, *As formações do inconsciente* (1957-58/1999), Lacan avançou sobre as consequências para a Psicanálise a partir do entendimento do signo linguístico sobre as estruturas freudianas do espírito. A metáfora paterna e o significante da castração (**φ**) foram definidos em termos simbólicos, por exemplo.

Igualmente, Lacan posicionou esses termos, sobre os eixos imaginário e simbólico, buscando definir a lógica da castração. Assim, determinou o valor de significação do falo, para além de sua função imaginária e isso também permitiu que ele apresentasse uma formalização sobre a dialética do desejo e da demanda, em articulação com o mito do Édipo.

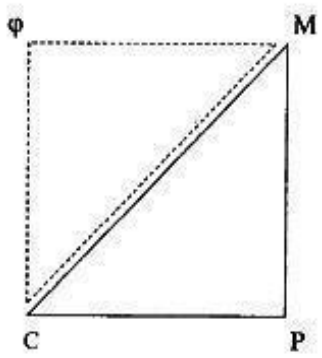

Figura 21 – Lógica da castração (-φ).

FONTE: Lacan (1957-58/1999, p. 189).

> Há nesse desenho uma relação de simetria entre *falo*, que está aqui no vértice superior do ternário imaginário, *pai*, no vértice inferior do ternário simbólico. Veremos que não há aí uma simples simetria, mas uma ligação. Como é que já se faz possível eu adiantar que essa ligação é de ordem metafórica? (LACAN, 1957-58/1999, p. 189).

Assim, Lacan mostrou que a relação da criança (C) com o falo se estabelece na medida em que o falo é objeto do desejo da mãe (M). Segundo ele, o falo desempenha papel essencial nas relações que o filho mantém com o casal parental. Ainda mais longe, para Lacan, o pai é aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo – o objeto fálico. Lacan nomeia, então, o ponto de privação real da mãe, como *ponto nodal* (1957-58/1999, p. 191), caracterizando o pai como *aquele que castra*, não o sujeito, mas a mãe, a partir de sua função simbólica.

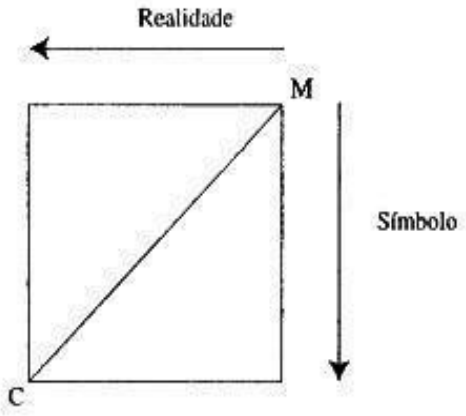

Figura 22 – Eixo Mãe-Criança.

FONTE: Lacan (1957-58/1999, p. 231).

> Essa não é uma construção arbitrária... Foi a experiência que nos ensinou o que comporta de consequências em cascata, de desestruturação quase infinita... É em relação a isso que tem de se situar algo de essencialmente confuso, indeterminado, não desvinculado de sua existência, mas feito para se separar dela, ou seja, o sujeito, na medida em que ele tem que ser significado.
> (LACAN, 1957-58/1999, p. 268)
> .

Alguns dias depois da lição XXV de seu quinto seminário, *As formações do inconsciente* (1957-58/1999), Lacan participou do Colóquio Internacional de Royaumont, reunido de 10 a 13 de julho de 1958, a convite da Sociedade Francesa de Psicanálise. Nesse encontro, dois relatórios foram apresentados: *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*[38] (1958a/1998, p. 591-652), e *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura de personalidade*[39] (1958b/1998, p. 653-691).

O primeiro deles foi apresentado por Lacan como "*uma seleta de nosso ensino*" (1958a/1998, p. 649). Porém, mesmo pedindo desculpas aos que o acompanhavam, já que ali se encontram "*exemplos um tanto repisados*" (1958a/1998, p. 604), em nota de rodapé, afirmou que suas ideias já penetravam num grupo onde eram obedecidas ordens que proibiam seu ensino, por serem malditas (1958a/1998, p. 607). Apontou então que aqueles psicanalistas de sua época agiam com base num princípio autoritário dos educadores de sempre e fiavam-se apenas na análise didática, quando se fazia necessário reinventar a Psicanálise.

"*Quem analisa hoje?"* (1958a/1998, p. 591) é seu ponto de partida. Visando identificar os efeitos que a análise surtiria no analista, Lacan criticou o sentido da reeducação emocional do paciente, bem como, a via da *contratransferência*, apontada por ele como uma impropriedade conceitual. Para ele, essa reeducação não se distinguiria do guia moral que um fiel do catolicismo visa na direção da consciência. Essa direção acha-se radicalmente excluída e a direção, portanto, é que o sujeito aplique a regra analítica: associar livremente (1958a/1998, p. 591).

Lacan afirmou também que o analista é ainda menos livre em sua política, onde ele faria melhor situando-se em sua *falta-a-ser* do que em seu ser. Isso tem

[38] Primeiro relatório do Colóquio Internacional de Royaumont, reunido de 10 a 13 de julho de 1958, a convite da Sociedade Francesa de Psicanálise. Publicado em *La Pschanalyse*, vol. 6, Paris, PUF, 1961, p. 149-206.
[39] idem, Ibidem.

como efeito que tais diretrizes veicularão a doutrina com as quais o analista se constitui no ponto de consequência que ela atingiu para ele.

> O analista é o homem a quem se fala e a que se fala livremente. Está ali para isso. E o que isso quer dizer? ...Ser. esse o procedimento da análise, um progresso da verdade?... Quando sou o primeiro a preservar nelas o indizível. (LACAN, 1958a/1998, p. 622).

A análise, portanto, refere-se a uma situação a dois, mas que Lacan alerta: "*não nos enganemos com a metáfora do espelho*" (1958a/1998, p. 595), a questão avançaria, segundo ele, no sentido de a transferência vir a ser tratada como uma forma particular de resistência.

> A metonímia, como lhes ensino, é o efeito possibilidade por não haver nenhuma significação que não remeta a outra significação, e no qual se produz o denominador mais de comum entre elas, ou seja, o pouco de sentido (comumente confundido com o insignificante), o pouco de sentido, que se revela no fundamento do desejo e lhe confere o toque de perversão que é tentador denunciar na histeria atual.
> (LACAN, 1958a/1998, p. 628).

Quanto a *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade* (1958b/1998, p. 653-691), já no escrito anterior, Lacan indicara a importância do relatório quanto ao conceito de transferência.

Essa seriam as chamadas "balizas elementares" (1958a/1998, p. 614), uma vez que seu trabalho de crítica partiu da função de fenômeno até as distinções de estrutura linguística. Afinal, *"qual é o lugar da interpretação?"* (1958a/1998, p. 598) e *"em que ponto estamos com a transferência?"* (LACAN, 1958a/1998, p. 608).

> Tal trabalho, a acreditarmos haver sabido em nosso ensino extrair as consequências que ele acarreta, torna bem evidente, pela ordenação que introduz, a que ponto são frequentemente parciais os aspectos em que se concentram os debates e, em especial, quanto ao emprego comum do termo, na própria análise... (LACAN, 1958b/1998, p. 608).

Lacan afirmou, portanto, que o que Lagache relata é, de fato, bastante apropriado à sua definição do inconsciente como discurso do Outro. Para ele, é próprio da rotina de seu ensino fazer a distinção entre o que a função do *eu* impõe ao

mundo em suas projeções imaginárias e os efeitos de defesa que elas retiram de mobiliar o lugar onde se produz o juízo (1958b/1998, p. 677).

Isso quer dizer que, até então, era preciso desentulhar o imaginário como demasiadamente valorizado pela técnica, o que teria sido uma fase preliminar e já ultrapassada de seu ensino (LACAN, 1958b/1998, p. 688). Portanto, por mais contemporâneo que fosse o termo *estrutura* – no que se referiu à investigação sobre o homem naquele momento, está definido pela articulação significante como tal, ou seja, pelos efeitos que a combinatória pura e simples do significante determina na realidade em que se produz.

É também por volta desse momento de seu percurso, seu quinto seminário, que Lacan elabora o *Grafo do desejo*, uma configuração que supõe relações entre pares de lugares: esses se representam por pontos, e as relações que os unem, por segmentos ou arcos de curva. Lacan elaborou esse esquema especialmente com base na estrutura do chiste, tomada como ponto de partida.

Para abordar o objeto de sua investigação, montou um esquema que permite examinar mais de perto as relações da cadeia significante com a cadeia significada, a partir do conceito de ponto de basta:

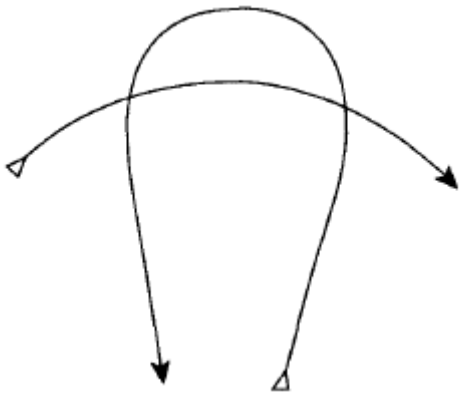

Figura 23 - Ponto de basta

FONTE: Lacan (1957-58/1999, p. 17).

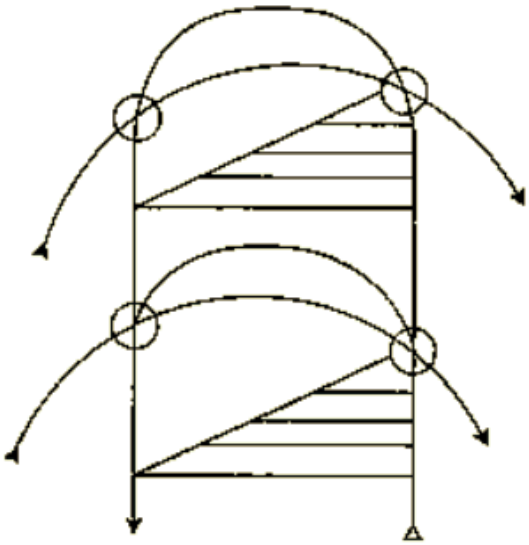

Figura 24 - Triângulos e grafo em construção.

FONTE: Lacan (1957-58/1999, p. 217).

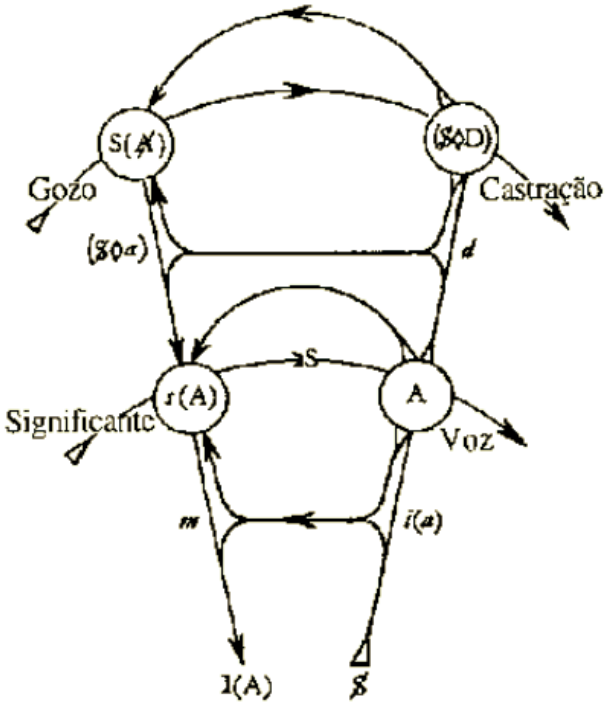

Figura 25 – Grafo do Desejo completo.

FONTE: Lacan (1960c/1998, p. 831).

Enfatizo alguns de seus produtos algébricos, a partir desse grafo: a fórmula da pulsão ($<>D, no canto superior esquerdo do grafo), ainda entendida de modo completamente simbólico, mas já apresentando as peculiaridades do *objeto a*; a

fórmula do sintoma (s(A), no canto inferior direito e a fórmula do significante de *A* barrado (S(Ⱥ), no canto superior direito.

No sexto seminário *O desejo e sua interpretação* (1958-59/2016), Lacan elabora a primeira lógica da fantasia, coisa que será revista no seminário quatorze, *A lógica da fantasia* (ainda não publicado), permanecendo no mesmo fio de seu texto inaugural *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise* (1953c/1998). Constituindo um complemento e quase um novo ponto de partida inaugurado no início de seu ensino, *Posição do inconsciente*[40] (1960d/1998, p. 843-864), põe em questão diretamente o problema da resistência na via da análise que se intitula didática, principalmente, porque os resultados da experiência falseavam-se no contexto da formação.

Segundo Lacan, "[...] *essa contribuição doutrinal tem um nome: trata-se muito simplesmente, do espírito científico, que falha por completo nos locais de recrutamento dos psicanalistas*" (1960c/1998, p. 851).

Nesse seminário, demonstra que a verdadeira relação de objeto que constitui o tema do seminário quatro *As relações de objeto* (1956-1957/1995), se encontra não no nível da pulsão, mas sim, no nível do desejo. E isso por intermédio da fantasia. No entanto, apesar de admitir inicialmente apenas objetos imaginários, procedentes do estádio do espelho, isto é, da imagem do corpo próprio, no fim, a pulsão retoma seus direitos a ser evocado um estatuto do objeto que seja real.

A experiência do desejo é um termo empregado por Lacan, tomado a partir do *Grafo do desejo*, acima apresentado, em sua construção, sobretudo, em sua presença no sonho. Lacan, toma um sonho analisado por outra psicanalista, Ella Sharpe, e comenta detalhadamente sua interpretação. Em seguida, avança sobre *Hamlet*, em sete lições. Na sua definição de dialética do desejo, discorre sobre a fantasia fundamental, o corte e a sublimação.

Seminário que marca profundamente um momento profícuo em seu ensino, o sétimo, *A ética da Psicanálise* (LACAN, 1959-60/1988), tem referências que vão da tragédia antiga, passando pelo mandamento do amor ao próximo e da leitura de Sade. Seguindo a linha dos seminários anteriores, na medida em que a experiência da

[40] Congresso reunido no hospital de Bonneval sobre o tema do inconsciente freudiano, entre 30 de outubro e 2 de novembro de 1960. Intervenções condensadas em março de 1964, a pedido de Henri Ey, para o livro sobre o congresso, *L'Inconscient*, publicado em Paris pela Desclée de Brower em 1966.

psicanálise é significativa diante da maneira como o analista responde às demandas dos doentes, para Lacan, isso confere uma significação exata: é uma resposta da qual devemos conservar a mais severa disciplina, para não deixar adulterar o sentido, em suma, profundamente inconsciente dessa demanda (LACAN, 1959-60/1988, p. 12).

Seu oitavo seminário tratou precisamente sobre o conceito da transferência ao comentar *O banquete,* de Platão (2001). Tomada a transferência, como núcleo da experiência, a mola do amor, Lacan seguiu articulando os conceitos de objeto do desejo e sobre a dialética da castração, bem como, falou sobre o luto do analista (1961/2003, p. 370). Ao aproximar os dois conceitos, apontou a presença do real e definiu as relações entre o grande I – signo algébrico que representa a função do ideal de *eu* e da identificação, com o *objeto a* e a angústia.

Seminário nono, *L'identification* (1961-62, não publicado) é a continuidade de sua busca por introduzir a estrutura da angústia – como sinal do real, a partir de uma revisão do *status* do objeto e da função do furo, termo que refere a castração à privação real do falo na mãe (1962-63/2005, p. 97).

Seu décimo seminário, *A angústia* (1962-63/2005), apresenta uma riqueza de esquemas para representar a divisão do sujeito. Em considerações topológicas concernentes à função da identificação no nível do desejo, apresenta a incidência e o alcance de seu trabalho e ensino. Assim, as figuras apresentadas são descritas por causa da relação entre o significante e os objetos parciais e exemplificam a "*álgebra lacaniana*", em estreita relação com a fundamentação da aritmética no logicismo matemático (LEITE, 2000, p. 27).

Segundo ele, "[...] *no começo, vocês encontram A, o Outro originário como lugar do significante, e S, o sujeito ainda inexistente, que tem que se situar como determinado pelo significante*." (1962-63/2005, p. 36), disso resta o *a*.

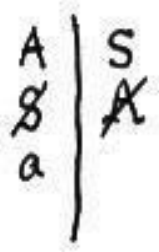

Figura 26 - Primeiro esquema da divisão.

FONTE: Lacan (1962-63/2005, p. 36).

Lacan faz uso da *Banda de Moebius* para representar a topologia do sujeito – onde dentro e fora são coextensivos e o que resta daquela divisão: o *objeto a*, a partir do corte do significante, representado no corte sobre o *Cross-cap*:

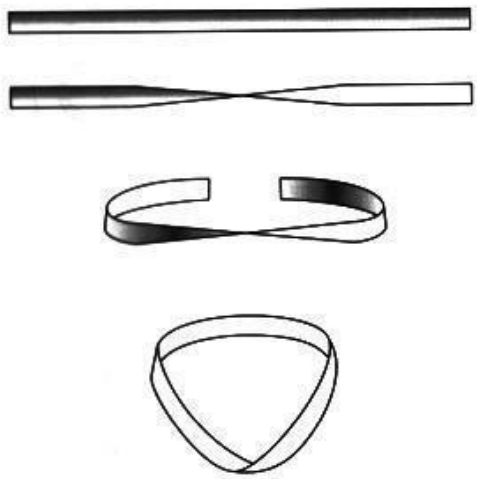

Figura 27 – Faixa de Moebius.

FONTE: Lacan (1962-63/2005, p. 110).

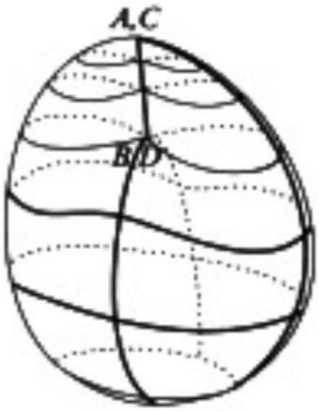

Figura 28 – *Cross Cap*.

FONTE: Lacan (1962-63/2005, p. 110).

Nesse seminário, tratou ainda da angústia entre o gozo e o desejo (1962-63/2005, p. 175) e definiu as cinco formas do objeto pequeno *a*: o seio, as fezes, o falo, o olhar e a voz (1962-63/2005, p. 235).

Para introduzir o que chama de falta irredutível ao significante (1962-63/2005, p. 146), utilizou-se da topologia do *Toro*, representando o furo como um círculo irredutível:

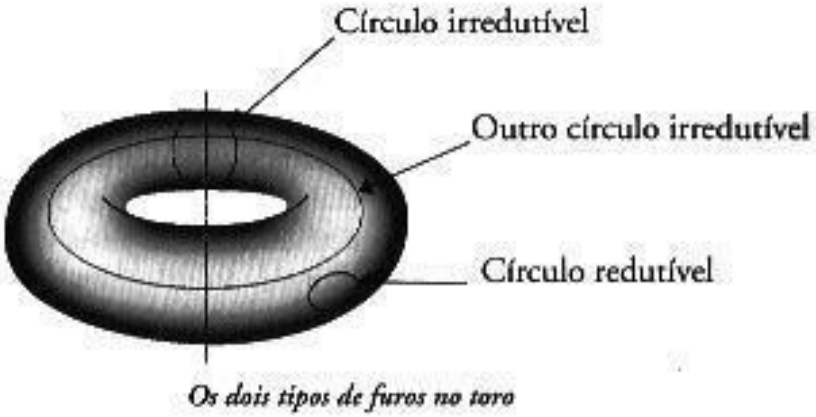

Figura 29 – Toro.

FONTE: Lacan (1962-63/2005, p. 149).

Sua última lição do décimo seminário (1962-63/2005, p. 352) tratou particularmente do limite e da função da angústia entre o gozo e o desejo – a castração (-**φ**), no que concerne ao corte e à constituição do objeto *a*.

Assim, Lacan, demonstrou por meio da *Garrafa de Klein*, como um pote, o fenômeno constitutivo de sua borda, isto é, o momento em que o *a* se desprende e cai de *i(a)* – imagem de *a*.

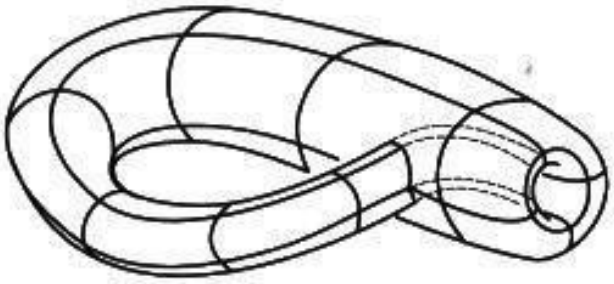

Figura 30 – Garrafa de Klein.

FONTE: Lacan (1962-63/2005, p. 225).

Nesse sentido, Lacan definiu que a angústia se manifesta como relacionada de maneira complexa com o desejo do Outro e com sua nomeação e esse está articulado com a cessão do objeto *a*.

Até esse momento, Lacan já formalizava conceitos próprios, bem como, definia os objetos eróticos de maneira estruturada. Para além dos objetos e conceitos descritos por Freud, Lacan apresentou sua contribuição mais representativa: o objeto pequeno *a*.

O período de 1953 a 1964 é definido por Miller (1988) como a dimensão essencial da experiência do inconsciente baseada na categoria do simbólico. Com base numa perspectiva algébrica sobre os termos freudianos (MILLER, 1988, p. 18), esse período foi chamado de Primeiro Ensino. Nesses dez anos, formulando sua tese do "*inconsciente estruturado como uma linguagem*", Lacan criticou profundamente o modo como os psicanalistas pós-freudianos entendiam as técnicas da Psicanálise.

Justificada a função da fala e o campo da linguagem em Psicanálise, Lacan formalizou o Édipo, investigou o narcisismo e avançou sobre o campo da psicose. Definiu também a função imaginária do falo, bem como, sua significação, comentando as estruturas do espírito com base em Freud. Lacan assim seguiu do mesmo modo sobre os conceitos de desejo, de demanda, de identificação e de angústia.

Em 1963, porém, Lacan interrompeu seus seminários orais e fundou a Escola Freudiana de Paris, dando continuidade ao que se caracteriza como seu segundo ensino: a partir de 1964, dará ênfase ao registro do Real, cuja principal contribuição é o objeto pequeno *a*.

No dia 20 de novembro de 1963, Lacan iniciou seu seminário *Os Nomes-do-Pai* (1963/2005, p. 56), evocando a notícia que lhe fora dada na noite anterior, qual seja: ele acabava de ter sido riscado da lista de didatas da Sociedade Francesa de Psicanálise, Lacan anunciou que esse seria seu último seminário. Lacan tomaria como tema de seu novo curso *Introdução aos nomes-do-pai* (1963/2005, p. 55), essa lição acabou por ser a primeira e a única desse seminário, quando interrompido em circunstâncias dramáticas – a perda de sua função de didata.

Depois de dez anos a retomar os textos freudianos com rigor, Lacan foi alvo de certa negociação sobre seu ensino dentro da Sociedade Francesa de Psicanálise e, nessas conjecturas, deu a primeira e única aula daquele seminário. Tendo anunciado no seu seminário anterior a pluralização da noção de *Nome-do-Pai*, contou que seu seminário inexistente seria um progresso do trabalho sobre a psicose, apontando a função do nome próprio a se encadear ao seminário sobre a angústia, como passo seguinte.

Segundo ele mesmo, naquele ano, aproximaria os seminários cinco, sete e nove, especificamente. As lições devidamente citadas por ele referem-se aos seguintes termos: a metáfora paterna, os três tempos do Édipo e da imagem ao significante no prazer e na realidade, para o quinto seminário; para o sétimo, sobre a pulsão de morte, a função do Bem e do Belo, a partir de Antígona; e, no nono – seminário ainda não estabelecido – a função do nome próprio.

Nessa aula, retomou mais uma vez o sentido de seu ensino: "*que a verdade, sua verdadeira apreensão, é que não a agarraremos jamais.*" (1963/2005, p. 86).

> Dessa práxis que é a análise, tentei enunciar como a busco, como a agarro. Sua verdade é movediça, decepcionante, escorregadia. Vocês não conseguem compreender que é porque a práxis da análise deve avançar em direção a uma conquista da verdade pela via do engano? Pois a transferência não é outra coisa, a transferência como o que não tem Nome no lugar do Outro (1963/2005, p. 87).

Lacan sempre se recusou a retomar o tema e até mesmo publicar em vida o texto da única lição pronunciada. No entanto, ali denunciou que o credenciamento do discurso analítico não lhe permitiu erguer o véu com que Freud recobrira o verdadeiro fundamento da Psicanálise, que tinha sido punido por se mostrar sacrílego, sobretudo com o título irônico que deu ao seminário vinte e dois, *Les non-dupes errent* (1972-73, não publicado).

Em janeiro de 1964, Lacan interveio num colóquio convocado pelo professor Enrico Castelli sob o título de "Técnica Casuística", na Universidade de Roma. Seu resumo intitulado *Do "Trieb" de Freud e do desejo do psicanalista*[41] (1964a/1998, p. 865-868) tratou diretamente do conceito de pulsão, tal como é construído por Freud a partir da experiência do inconsciente em detrimento do pensamento psicologizante – como "*recurso ao instinto, com que ele mascara sua ignorância, através da suposição de uma moral na natureza*." (1964a/1998, p. 865).

Lacan afirmou nesse colóquio que há uma hiância representada pela articulação entre os princípios do prazer e de realidade, no qual a *Metáfora paterna* articula o desejo com a proibição do incesto, De certo modo, que "*a crise do Édipo é determinante para a própria maturação sexual*." (1964a/1998, p. 866). Com isso,

[41] Resumo das intervenções num colóquio convocado pelo professor Enrico Castelli, sob o título de "Técnica e casuística", de 7 a 12 de janeiro de 1964, na Universidade de Roma. Publicado em *Atti del colloquio internazionale su "Tecnica e casuistica"*, Roma, 1964.

definiu que é a pulsão que divide o sujeito e o desejo, a qual se sustenta pela relação, que o sujeito desconhece, dessa divisão com um objeto que a causa. É nessa lógica que se define também a estrutura da fantasia.

Consequentemente, no sentido da formalização do seu ensino e a partir desses novos avanços, Lacan questionou diretamente "*qual pode ser o desejo do analista?*" (1964a/1998, p. 867). Com base nesse questionamento sobre a finalidade da análise, para além da terapêutica, afirmou que se trata de produzir um analista. E, uma vez que a formação do analista, pela via desse deslocamento, cria o que Lacan denomina de "cacofonia do ensino" (1964a/1998, p. 868), Lacan começa a elaborar uma nova forma de estabelecê-la.

Ao pedir demissão, Lacan deu então continuidade a seu ensino - a convite de Fernand Braudel, presidente da seção de Altos Estudos da Escola Normal Superior. Tal convite foi incitado por Lévi-Strauss, reconhecedor e correspondente do trabalho de Lacan e, igualmente, Robert Flacelière, diretor da Escola Normal Superior, quem dispôs uma sala para se curso.

Em 15 de janeiro de 1964, contudo, iniciou o seminário onze, *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964/2008). Abordou, ao longo do semestre seguinte, os quatro conceitos, definindo o objeto escópico – o olhar, visando estabelecer qual "[...] *estatuto conceitual devemos dar a quatro dos termos introduzidos por Freud como conceitos fundamentais, nominalmente: o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão."* (1964b/2008, p. 20).

Sua primeira lição, intitulada *A Excomunhão* (LACAN, 1964b/2008, p. 9), traz suas próprias perguntas: "*Em que estou eu autorizado*?", no caso, a dar continuação ao seu ensino. Uma vez questionada sua qualificação, mas em condições de poder dar continuidade, Lacan buscou delimitar a base do seu ensino, numa nova etapa. Segundo ele, "*é questão de saber o que, da Psicanálise, se pode, se deve esperar, e o que se deve homologar como freio, senão como impasse*" (1964a/2008, p. 14).

Nesse seminário, Lacan anunciou sua fala buscando indicar o sentido àquilo que intitula de Fundamentos da Psicanálise e o modo como se propunha a dar conta disso. Em função de ter sido posto em posição de ter que se demitir do seu seminário – o que denomina 'excomunhão', afirmou que é na formação de psicanalistas que estava implicada desde o início.

A partir do que se chamava análise didática, Lacan interrogou "*o que é que a funda [a psicanálise] como práxis?*" (1964b/2008, p. 14). Lacan introduziu seu seminário indicando o *desejo de analista* como autorizador da práxis psicanalítica e sua implicação sobre a formação de psicanalistas a partir dos quatro conceitos fundamentais e da função do significante.

Estabeleceu, portanto, a práxis psicanalítica como "[...] *termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem ... que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico*" (LACAN, 1964b/2008, p. 14). Assim, finalmente, propôs relação direta entre desejo e transmissão, com base na função que os engloba e que permite mostrar seu valor operatório, isto é, a função do significante (LACAN, 1964/2008, p. 20).

Com a publicação dos seus *Escritos* (1966/1998), o ensino de Lacan adquiriu ainda maior alcance e, como explicitado no Método deste trabalho, tal publicação contém a íntegra dos textos escritos por Lacan entre 1936 e 1966, inclui *Função e campo da fala e da linguagem* – tomado como o início oficial de seu ensino, entre outros artigos fundamentais para a Psicanálise contemporânea.

Em seu *Ato de fundação*[42] (1964c/2003, p. 235), igualmente apresentado no Método, que fora a princípio difundido sem título e sob forma mimeografada, em junho de 1964, Lacan propunha fundar o modo como deveria...

> [...] realizar-se um trabalho – que, no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua verdade; que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de Psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo que, por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego (LACAN, 1964c/2003, p. 235).

Dessa fundação como um ato, primordialmente, Lacan reforçou sua particular relação com o ensino. Nesse sentido, propôs que, se necessário, dentre os impasses de sua posição em tal Escola seriam incluídos somente aqueles que a própria indução a que visava como ensino engendrariam o trabalho (1964c/2003, p. 237).

[42] O texto, a princípio difundido sem título e sob forma mimeografada, em junho de 1964, foi impresso pela primeira vez no *Annuaire* 1965 da Escola Freudiana de Paris, acompanhado pela "Nota adjunta" e um "Preâmbulo". A nota, datada de 1971, e o Preâmbulo foram publicados no *Annuaire* 1977 da Escola Freudiana de Paris.

Daí estabeleceu três subseções: a doutrina da Psicanálise pura, a crítica interna de sua práxis como formação e a supervisão dos psicanalistas em formação. Assim estabeleceu, de modo preciso, que o ensino da Psicanálise só pode ser transmitido de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho na fundação de sua Escola.

Em seguida, Lacan apresenta sua *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*[43] (1967e/2003, p. 248), considerando de início que ela deveria ser lida juntamente com o seu artigo *Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956*[44] (1956/1998, p. 461), onde começara a tratar de estruturas asseguradas na Psicanálise e de garantir sua efetivação no psicanalista. Ali, escreve sobre a fórmula da metáfora, o algoritmo significante da transferência:

$$\frac{S \longrightarrow S'}{s\,(S^1, S^2, \ldots S^n)}$$

Figura 31 - Fórmula do Sujeito Suposto Saber.

FONTE: Lacan (1967/2003, p. 253).

> E ainda pergunta “como sequer ter esperança de situar o que se desloca para além, sem conhecer a construção com que ela constitui esse além suposto como tal?... quando a fala é instrumento, o único de que se serve essa prática?” (LACAN, 1967/2003, p. 341).

Com isso, Lacan institui duas formas que correspondem à garantia que a Escola daria: o AME, ou analista membro da Escola e o AE, analista da Escola – esse a quem se imputa estar entre os que podem dar testemunho dos problemas cruciais, nos pontos nodais em que se acham eles no tocante à análise, na medida em que eles próprios estão investidos nesta tarefa, o que se chama de dispositivo do passe (LACAN, 1967/2003, p. 249).

Afirma explicitamente que “*o ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para o outro pelas vias de uma transferência de trabalho*” (p. 242) e que

[43] Extraído de *Scilicet*, nº.1, Paris, Seuil, 1968. E sua primeira versão, extraído de *Analytica*, no. 8, Paris, Lyse, abril de 1978.

[44] A segunda versão foi publicada em *Les Études Philosophiques*, número especial de outubro-dezembro de 1956, para a comemoração do centenário do nascimento de Freud. A primeira versão existe apenas como separata.

"*desta fundação, podemos destacar, antes de mais nada, a questão de sua relação com o ensino, que não deixa sem garantia a decisão de seu ato*." (p. 242).

Nesse ínterim, não dispomos das publicações dos seminários décimo segundo, *Problèmes cruciaux pour la psychanalyse* (1964-65, não publicado), décimo terceiro, *L'objeto de la psychanalyse* (1965-66), o décimo quarto, *La logique du fantasme* (1966-667), e o décimo quinto, *L'acte psychanalytique* (1967-68).

Até se encontram transcrições chamadas de piratas na internet atualmente, no entanto, como são publicações não-oficiais, o autor decidiu não trabalhar com essas. Por mais que existam estudos oriundos desses textos, mesmo na Universidade ou em outras instituições psicanalíticas para além da Escola Brasileira de Psicanálise – e mesmo dentro dela, parece que o *corpus teórico*, segundo a definição tomada neste trabalho, acaba por esbarrar nesse limite bibliográfico. Daí decorre que os seminários utilizados se restringem aos publicados sob o estabelecimento de Jacques Alain-Miller.

A Segunda

Desde Roma 1953, quando Lacan lá esteve pela primeira vez, ele reencontra o grupo italiano em 15 de dezembro de 1967: *A psicanálise. Razão de um fracasso* (LACAN, 1967d/2003, p. 341-349), quatorze anos depois. Na ocasião de seu seminário sobre o ato psicanalítico (não publicado), Lacan retorna: "*Função da fala, campo da linguagem, isso equivalia a interrogar a prática e renovar o estatuto do inconsciente*" (LACAN, 1967/2003, p. 342).

Diz ele "[...] *sabemos que se admite que o trabalho de uma Psicanálise o prepara para isso, razão porque ela é qualificada de didática*...", porém "*como se haveria de passar de uma para a outra, se o término de uma não se ligasse ao apuramento de um desejo que leva à outra?*" (LACAN, 1967/2003, p. 346). Qual seja, o desejo do analista. Afinal, "[...] *eles (os analistas) não sabem nada de seu ato, e menos ainda que o ato que fazem entrar em jogo das causas é o de se darem como razão dele.*" (LACAN, 1967/2003, p. 348). E finaliza:

> Jogo, pois, a regra do jogo, como fez Freud, e não tenho razão de me surpreender pelo fracasso de meus esforços para desatar a estagnação do pensamento psicanalítico. Mas eu assinalaria que foi

> de um momento de demarcação entre o imaginário e o simbólico que partiram nossa ciência e seu campo" (LACAN, 1967/2003, p. 349).

E assim segue:

> [...] quanto ao inconsciente, como não destacar nesta data (1953) essa dimensão esquecida justamente por ser evidente? Sua estrutura, tão claramente isomórfica ao discurso desde seu aparecimento: um isomorfismo tão impressionante na medida em que sua forma antecipou a descoberta pela qual ele se estabeleceu que foi na linguagem. (LACAN, 1967/2003, p. 342).

Sua "*incumbência preliminar: ou seja, tirar a crosta de ignorância*" (LACAN, 1967/2003, p. 344), segundo ele mesmo, e destacou "[...] *a ignorância docente* [...] *que é corrente como valor nos bastidores intelectuais em razão da besteira* [*bêtise*] *acadêmica*" (LACAN, 1967/2003, p. 344). E "*sendo o tráfico de autoridade a norma de seu mercado*", Lacan se refere ao episódio chamado por ele de Excomunhão, em 1963, afirmando o paradoxo do que diante disso teria sido o seu fracasso, bem como, deu sua razão:

> [...] que eu tenha feito ontem, em Nápoles, uma conferência sobre o '*engano do sujeito suposto saber'*, deixará aparentemente, o '*sujeito suposto saber absoluto*' menos seguro de recuperar seu equilíbrio. Aliás, um artigo de 1960, precisamente 'A subversão do sujeito', põe os pingos nos is. (LACAN, 1967/2003, p. 345).

Com isso, propõe Lacan que "*essa divergência em sua suposição mereça ser uma questão formulada a seu sujeito, quando esse sujeito tem que se encontrar em seu ato*" (LACAN, 1967/2003, p. 345). Diz ainda: "[...] *o patético de meu ensino é que ele opera nesse ponto*" e assim também para o analista: "*o ato é aquilo mediante o qual o psicanalista se compromete a responder por ela (a Psicanálise)*" (LACAN, 1967/2003, p. 346), como sua razão.

> Ademais, como retificar a análise propriamente selvagem que o psicanalista de hoje faz da transferência, senão demonstrando... partindo do *Banquete* de Platão... que não há nenhum de seus efeitos que não seja estimado, mas para também se sustentar nisso, pelo que aqui chamaremos... de postulado do sujeito suposto saber? Ora esse é o postulado que sucede o inconsciente abolir (foi isso que demonstrei ontem): portanto, será que o psicanalista é... servo de um deus enganador? (LACAN, 1967/2003, p. 345).

Seu Seminário de número 16, *De um outro ao outro* (LACAN, 1968-69/2008), é apresentado por Jacques Alain-Miller, em sua contracapa, comentando a "evacuação", dita excomunhão de Lacan em sua resposta imediata de responder não somente aos psicanalistas, mas também, a uma juventude ainda exaltada com os acontecimentos de Maio, que revolucionaram uma nova versão da dialética do senhor e do escravo, e ainda dos fundamentos da teoria dos conjuntos.

Da mais-valia, conceito marxista, Lacan extraiu a função do mais-de-gozar, defendeu uma prática lógica na Psicanálise, tomando Freud como um acontecimento na história do pensamento ocidental. Tratava diretamente da fricção dos conceitos de saber, poder, verdade e, sobretudo, do gozo postulado como absoluto.

Esse seminário é uma preciosidade no que se refere ao uso da matemática com fins de ensinar. Lacan avança sobre a demonstração da inconsistência do *Outro*, definindo sua topologia. Nessa ocasião, toma as séries de Fibonacci (**φ)**, chamada por ele de "*proporção maravilhosa*" (1968-69/2008, p. 137), para definir um valor numérico para o *objeto a* (*a* = 0,618 e assim sucessivamente).

Diz Lacan:

> Nós o escolhemos porque estávamos colocados diante do problema preciso de saber como calcular o que se perde no fato de postular arbitrariamente o *1* inaugural, reduzido a sua função de marca. Em contrapartida, o que acabo de lhes dizer demonstra que a escolha do *a*, por sua vez, nada tem de arbitrária, porquanto ele é a relação-limite de um termo da série de Fibonacci com o que se segue.
>
> (LACAN, 1968-69, p. 137)

Para Lacan, dá-se com o *objeto a* o mesmo que com a perda que visamos, que está no horizonte do discurso analítico, aquela que constitui o mais-de-gozar – como efeito da postulação do traço unário.

Já no ano de 1969, Lacan vai construindo a base que determinará sua *Teoria dos Quatro Discursos,* apresentada no seminário 17, *O avesso da Psicanálise* (Lacan, 1969-70/1992), já citado neste trabalho, na Introdução, sobre a relação de *avesso* entre os discursos do mestre e do psicanalista.

Em eixos de subversão analítica define o Campo Lacaniano (1969-70/1992, p. 65) e, para além do complexo de Édipo, faz sua leitura pelo avesso da vida contemporânea. Apresentou o esquema *tetrápode*, produzido a partir dos quatro

improvisos: o discurso do mestre, da histérica, da universidade e do analista, como apresentado no Capítulo sobre o ensino da Psicanálise, neste trabalho, a partir do escrito *Alocução sobre o ensino* (1970a/2003, p. 304), dos *Outros Escritos* (2003).

Assim, Lacan vai adentrando em uma discussão extremamente potente a partir do Movimento Estudantil e o Movimento de 1968. O mês de maio de 1968 ficou internacionalmente conhecido por ter sido um período de efervescência social que se iniciou a partir de protestos estudantis em Paris. Esse movimento ficou também internacionalmente conhecido por ter motivado a continuidade de movimentos revolucionários em outras partes do mundo.

Segundo Miller, o Seminário 18, intitulado *De um discurso que não fosse semblante* (LACAN, 1970-71/2009), traz um título enigmático, à primeira vista. Trata-se de fornecer uma lógica para a ordem sexual, por meio da *articulação algébrica do semblante*, segundo seus aparelhos de discurso, pela via de questionar o campo da verdade.

Sua sétima aula, *Lição sobre Lituraterra* (1970-71/2009, p. 105), trata diretamente das consequências de sua viagem ao Japão e aproximação com a escrita chinesa, tratando diretamente da diferença sexual. Desde aí, já formula seu aforisma "*Não há relação sexual*", anunciando sua *Teoria das Quatro Fórmulas* a partir da lógica modal – que aparecerá no Seminário 20, *Mais Ainda* (1972-73/1982). Sobretudo, a partir da noção de contingência, uma vez que se trata apenas de letras, esse seria o único aparelho por meio do qual designamos o que é real.

O Seminário 19, *...ou pior* (1971-72/2012) se aprofunda na questão da diferença sexual, em função da castração e do impossível de se simbolizar tratado como furo no real, determinando seu conceito de *Um-sozinho*. Aqui começa o último ensino de Lacan, deslocando a primazia do Outro na ordem da verdade e na do desejo, para a primazia do *Um* na dimensão do real. Promovendo o gozo, ultrapassa os grafos e as superfícies topológicas em favor dos nós, feitos de rodinhas de barbante que são *Uns* encadeados.

Aqui, Lacan é magistral: apresenta articulações entre a *Teoria dos quatro discursos*, preparando sua *Teoria das quatro fórmulas*, bem como já apresenta inicialmente o famoso *Nó Borromeano.*

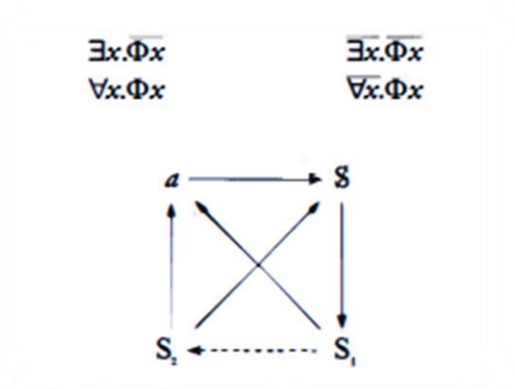

Figura 32 – Quatro fórmulas e Discurso do Analista

FONTE: Lacan (1971-72/2012, p. 108).

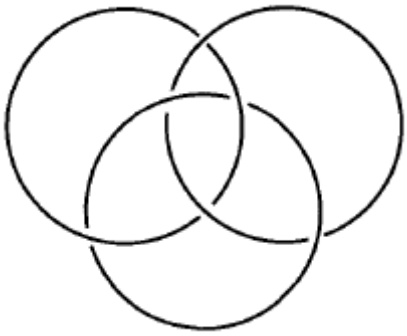

Figura 33 – O Nó Borromeano.

FONTE: Lacan (1971-72/2012, p. 88).

Miller aponta na contracapa do Seminário que, se o Seminário 18 suspirava por um discurso que não fosse semblante, pois bem, com o 19 Lacan alcançava um discurso que partiria do real.

Convidado a fazer no Hospital Sainte-Anne uma série de seminários mensais, destinados aos internos de psiquiatria, Lacan escolheu como título "O saber do psicanalista". De fato, se as três primeiras dessas "conversas", como as chamou Lacan, corresponderam mais ou menos à sua ideia inicial, as quatro seguintes, em contra partida, gravitaram em torno das questões abordadas no grande Seminário que ele conduzia na praça do Panthéon, nos espaços da Faculdade de Direito, sob o título *...ou pior* (1971-72/2012), o Seminário de número 19.

Respeitando essa cesura, Miller inseriu as quatro em seu lugar cronológico, no livro 19 do Seminário, onde fariam falta. As três primeiras, ao contrário, constituíram nele uma digressão e foram publicadas no quinto volume da Coleção Paradoxos, *Estou falando com as paredes* (2011). Elas foram pronunciadas na capela do hospital nos dias 4 de novembro de 1971, 2 de dezembro do mesmo ano e 6 de janeiro de 1972, respectivamente.

Dentre elas, no escrito *Da incompreensão e outros temas* (1971b/2011, p. 43), Lacan sublinha de imediato que essa é uma fala de ensino, e que a falava da posição de analisando. E se pergunta se a incompreensão de Lacan é um sintoma aproximando da incompreensão matemática, cuja insatisfação experimentada pelo sujeito se dá no manejo do valor de verdade, justamente. Afirma que "[...] *a incompreensão matemática provém justamente da questão de saber se verdade ou semblante não são uma coisa só*" (p. 51), dimensão do patético que, segundo Lacan, fez Cantor chegar à ameaça da loucura.

Daquela estrutura discursiva, trabalhada desde o Seminário 16, *De um outro ao outro* (LACAN, 1968-69/2008), Lacan afirma que ela teria a forma de um tetraedro, um dos sólidos de Platão, e que os giros dos quais tratam as mudanças de discurso, em sua combinatória tem direção e sentido. Propõe, portanto, que o matema, não é pelo fato de o abordarmos pelas vias do simbólico que não se trata de real (p. 56). É por isso que Lacan, em seu escrito *O aturdito* (1972/2003, p. 448) rebatiza seu projeto de ensino de "*ficção e canto da fala e da linguagem*" (1972/2003, p. 261).

Lacan toma a imagem de Bernini, em sua capa, de Santa Tereza em seu gozo místico, perguntando se esse gozo que se experimenta e do qual não se sabe nada não seria ele o que colocaria os psicanalistas na via da ex-sistência. Assim, Lacan dá outra consistência em relação aos demais discursos, pelo fato de a análise se tratar de um laço a dois, sendo isso que se encontra no lugar da falta de relação sexual. E, sobre a função de sua Escola, aponta:

> É por isso, inclusive, que não há uma verdadeira sociedade fundada no discurso analítico. Há uma Escola, que justamente não se define por ser uma Sociedade. Ela se define pelo fato de que nela ensino alguma coisa. (LACAN, 1974b/2011, p. 19).

Em sua lição intitulada *Uma carta de amor* (1972-73, p. 105), Lacan apresenta suas *Tábuas da Sexuação*, formalizando a posição feminina em termos lógicos, bem como a posição de termos mais estabelecidos, tais como o *objeto a*, o sujeito barrado ($), o significante de A barrado (S(Ⱥ)) e o ϕ, como representante da significação fálica, de um lado e do outro, dos sexos (homem, direito; e mulher, esquerdo).

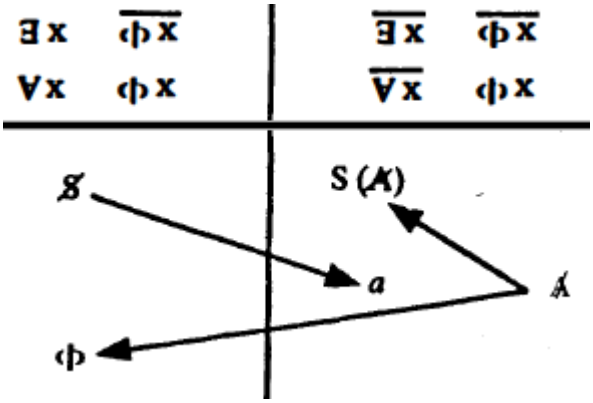

Figura 34 – Tábuas da Sexuação

FONTE: Lacan (1972-73, p. 105).

O então chamado Ultimíssimo Ensino, ocorre a partir do Seminário 20, *Mais Ainda* (1972-73/1982), quando passa a avançar a partir da lógica e da topologia, culminando no seu famoso uso do Nó Borromeano, tão determinante para a sua teoria. Lacan ainda participou da fundação do Departamento de Psicanálise, na Universidade Paris 8.

Em se tratando de um seminário que versa profundamente sobre o amor, em sua proposição de que a face do Outro, a face de Deus, como suportada pelo gozo feminino, Lacan curiosamente dá diversas indicações sobre o uso dos matemas, quando em sua décima lição, *Rodinhas de Barbante* (1972-73/1982, p. 160), já trata da construção dos nós que posteriormente deflagarão um ponto culminante em seu ensino. E segue desenvolvendo que o gozo do Outro é fora da linguagem, para falar do gozo da suposta *A mulher* que não existe - aforisma que gera muita questão com as feministas ainda hoje.

O Seminário 21, *Les non-dupes errent* (1972-73, não publicado), apresenta em seu título os efeitos de seu estudo sobre a homofonia e a escrita, uma vez que se ouve *Os nomes do pai*, em francês *Les noms du pére*. Já o Seminário 22, *RSI* (1973-

74, não publicado) constitui a apresentação completa da topologia do nó Borromeano de três.

A Terceira

Sete anos depois, o tema do fracasso, *O triunfo da religião* (LACAN, 1974a/2005, p. 55-83) provém de uma '*entrevista coletiva'*, realizada em Roma em 29 de outubro de 1974, no Centro Cultural Francês, por ocasião do **VII Congresso da Escola Freudiana de Paris**. Nesse momento, Lacan proferia seu Seminário 21 (não publicado), sobre a tríade RSI. Essa entrevista antecipara, em alguns dias, temas apresentados no mesmo congresso, em sua intervenção supracitada, nomeada *A terceira* (LACAN, 1974b/2011, p. 11-36).

Inquirido sobre a posição insustentável do analista, ele diz: "analisar', 'governar', Freud acrescenta ainda 'educar" (LACAN, 1974a/2005, p. 55). Não obstante, para essas tarefas, os candidatos inquietam-se com algo muito particular, que só os analistas para a conhecerem bem, isto é, a angústia. E, para ela, há um monte de remédios, em particular certo número de 'concepções do homem' (LACAN, 1974a/2005, p. 58). Diz Lacan:

> Dediquei um ano de Seminário [17] a explicar a relação que irrompe em virtude da existência dessa função completamente nova que é a função analítica, e em que ela ilumina as outras [...] Eu revelei como isso pode se manipular, e de uma forma muito simples, graças a quatro pequenos elementos que mudam de lugar e giram.
>
> (LACAN, 1974a/2005, p. 56).

Sobre a angústia dos cientistas, portanto, Lacan profere o que seria o triunfo da ciência: um flagelo mundial digno de uma ficção científica, e acrescenta que falar da posição do cientista era um tabu para Freud. De todo modo, afirma que, se da ciência podemos ter um pequeno vislumbre, é pela análise – função ainda mais impossível do que as outras, por se ocupar muito especialmente do que não funciona: "*O que funciona é o mundo. O real é o que não funciona* [...] *basta observar que há coisas que fazem que o mundo seja imundo* [...]" (LACAN, 1974a/2005, p. 55). Assim, segundo Lacan, já é alguma coisa os analistas poderem falar da angústia.

Sobre a ciência, prevê Lacan que ela introduziria um monte de coisas perturbadoras na vida de todos, e que a religião virá dar sentido a todas as reviravoltas introduzidas pela ciência. No que se refere a essa 'secreção de sentido', afirma: "[...] *eles (os religiosos) conhecem um bocado*", "*são capazes de dar sentido realmente a qualquer coisa*", "*são formados nisso*", sobretudo a religião cristã – nomeada por ele como '*a verdadeira religião'*. Essa afirmação paradoxal nos convoca a pensar na *encarnação* dessa verdade.

Finalmente, *A terceira* (LACAN, 1974b/2011, p. 11), é a última ocasião em que Lacan chega a Roma e aponta que ela retorna, é sempre a primeira. Parte de um aforisma que deve ser entendido como o que dissera acerca da *foraclusão*, isto é, rejeitado, o gozo reaparece no real. Do '*Penso, logo se goza*', Lacan rejeita o 'logo' usual, e propõe aquele que diz "Eu go(z)sou" (p. 12). Assim abre sua discussão entre o ser e o semblante, propondo a posição do analista como semblante de *objeto a*, uma vez que não há nenhum discurso em que o semblante não conduza o jogo.

Se Lacan propunha inicialmente que "[....] *o real é o que retorna sempre ao mesmo lugar*" (1974b/2011, p. 16), um segundo momento o define como o impossível de uma modalidade lógica que buscou demarcar, via matemática topológica.

Na *Primeira*, portanto, aquela que retorna, *Função e campo da fala e da linguagem* (LACAN, 1953c/1998, p. 238), a interpretação fora estabelecida pela via da equivocidade sobre o significante, designado como instância da letra, por Lacan. Depois, acrescentado que é em *lalíngua* que opera a interpretação – o que não impede que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem, porém aponta que:

> [...] o sujeito suposto saber que é o analista na transferência não é suposto erroneamente se sabe em que consiste o inconsciente, em ser um saber que se articula com *lalíngua*, o corpo que aí fala só está enlaçado a ele pelo real do qual se goza (1974/b/2001, p. 21).

Indica que o nó borromeano reúne as três dimensões que imputamos no espaço, produzido exatamente quando o situamos nesse espaço, em sua função de mostração no ensino. Em função disso, acrescento que procurei orientar minha leitura do tesauro a partir de um algoritmo de solução do Cubo de Rubik, o cubo mágico, que tem sua própria álgebra, por sinal!

Seu Seminário 23, *Joyce, o* sinthoma (1975-76/2007), avança sobre um quarto elemento que atuaria em sua função de nome próprio, enlaçando o imaginário de um modo diferente, o Sinthoma, no Nó Borromeano.

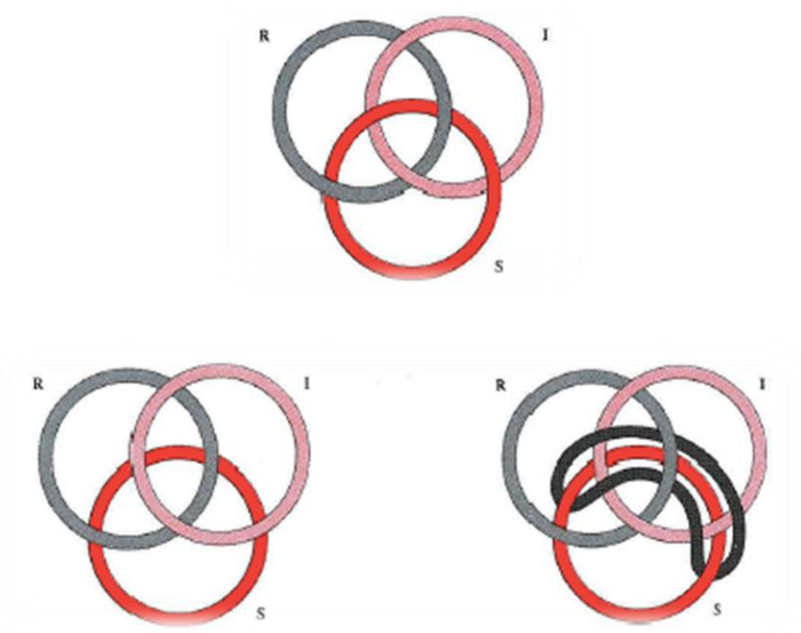

Figura 35– O Nó Borromeano [enlaçado], os três anéis separados e, depois, ligados pelo sinthoma, o quarto.
FONTE: Lacan (1975-76/2007, p. 21).

Representado pela relação que James Joyce estabelece com sua escrita em Finegans Wake, bem como de diversas modalidades de nós, do uso lógico do sinthoma, Lacan extrai uma nova escrita para o ego, na dimensão da invenção do real. Lacan é ousado em posicionar elementos algébricos dentro dos campos entre os nós, definindo precisamente a distinção entre o o gozo fálico (Jϕ), do gozo do *Outro* (J$\not A$) e o sentido, nas interseções entre os pares de registros: (Jϕ entre Real e Simbólico; J$\not A$, entre Imaginário e Real e o sentido, entre Simbólico e Imaginário). Mais além, na interseção dos três registros, RSI, coloca o *objeto a*.

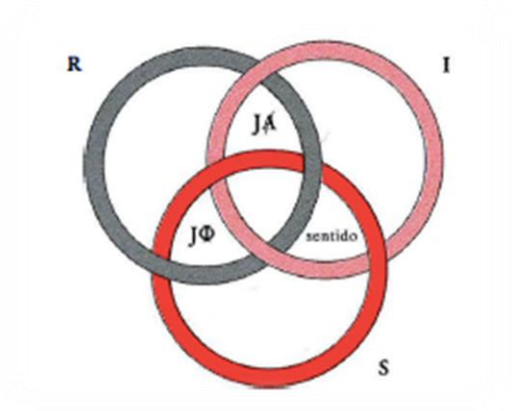

Figura 36– O Nó Borromeano, Jϕ; JA e; o sentido
FONTE: Lacan (1975-76/2007, p. 54.

Miller, na contracapa do seminário, compara Lacan a Dante, de mão dada com Virgílio, avançando pelos círculos do Inferno, na trilha de Joyce. Assim, esse seminário todo é uma fantástica aventura, carregado de ilustrações e exemplos de nós, tal como o próprio nó criado por Lacan:

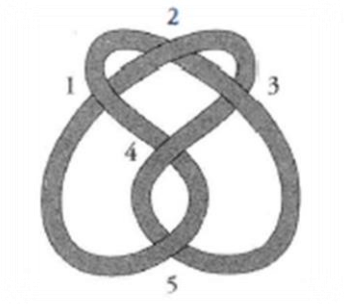

Figura 37– Nó de Lacan
FONTE: Lacan (1975-76/2007, p. 90).

Os quatro seminários finais também não foram ainda publicados, deixando a sinalização de que esses seminários, tais como os demais igualmente não publicados, demarcam um limite do campo teórico da Psicanálise lacaniana, bem como, do estudo de sua obra, no Brasil. São eles: Seminário 24, *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* (1976-77, não publicado), Seminário 25, *Le moment de concluire* (1977-78, não publicado), Seminário 26, *La topologie e les temps* (1978-79, não publicado) e Seminário 27, *Dissolution* (1979-1980), não publicado.

Um tema, particularmente importante, se refere à dissolução de sua Escola. Lacan escreve uma carta, em 5 de janeiro de 1980, *Carta de dissolução* (1980/2003, p. 320), apontando um problema na Escola a ser entendida como da Associação que a ela confere estatuto jurídico. Era preciso que fosse ele mesmo em sua Escola, mantendo seu objetivo, qual seja: "*por um trabalho, como disse – que, no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua verdade; que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de Psicanálise, ao dever que lhe compete em nosso mundo que, por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego*." (1980, 2003, p. 319). E, por isso mesmo, a dissolveu, tirando proveito de seu precioso ensino, concluindo que é daí que provém sua obstinação no caminho dos matemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Momento de concluir.

Recordo-me da primeira lição escolar, cuja sentença dizia: “escreva como se lê”. Penso que, culminando no fim deste trabalho, vale pontuar o que se alcançou com a pesquisa, dos pontos vislumbrados no início.

Para falar do *Início do tratamento* (FREUD, 1913/2010, p. 163), outro dos textos denominados técnicos, Freud afirma que no jogo de xadrez, somente as aberturas e os finais permitem uma descrição sistemática e exaustiva. Aproxima assim a experiência analítica ao nobre jogo, em consequência de sua lógica. Nesse texto, Freud orienta sobre os usos do tempo e do dinheiro, enquanto pontos importantes no começo de uma Psicanálise. Oferece uma determinação a ser rigorosamente observada, sobre a importância de seguir em sua escuta – com pouca tolerância, tendo como única exceção a associação livre.

Freud declara como princípio básico da Psicanálise que se faça a análise pessoal e que quem não quiser ignorar uma verdade fará bem em desconfiar de suas antipatias e analisar primeiramente a si mesmo, se, do mesmo modo, pretende submeter ao exame crítico a teoria da Psicanálise.

Tendo dito isso, vamos aos resultados.

No que se refere ao método, foram apresentadas as motivações que determinaram o objeto de pesquisa, das condições particulares da pesquisa em Psicanálise, da constituição do pesquisador e da função da escrita em seus desafios, do tesauro, como instrumento e do corpus teórico, delimitado como campo de pesquisa:

O recenseamento apresentado parte do significante, constituinte para o sujeito, por onde podemos acompanhar, pela via de seus desfilamentos, o processo da transformação (da mutilação) que do homem faz um sujeito, por intermédio do narcisismo. Que o tempo lógico dessa história não é linear – o que as propriedades da sobredeterminação simbólica explicam. Em seguida, nota-se que a topologia do sujeito só encontra seu status ao ser relacionada com a geometria do *Eu*. Assim, fica-se em condição de captar o funcionamento da comunicação e, de sua estrutura é que

se deduzirá qual é o poder da análise, com que ouvido escutar o inconsciente e que formação dar aos analistas. Finalmente, centra-se no significante eminente do desejo e sua aparição na clínica.

Quanto ao debate entre Psicanálise e Educação tomado neste trabalho:

> Tornar a fechar a interrogação freudiana, reduzi-la ao campo da psicologia, conduz ao que eu chamaria, sem mais formalismos, de uma psicogênese delirante. Essa psicogênese, vocês a veem desenvolver-se a cada dia, implicitamente, à maneira como os psicanalistas encaram os fatos e os objetos com que têm de lidar. O simples fato de que ela sobreviva é tão paradoxal, tão estranho a todas as conceitualizações vizinhas, tão chocante e, ao mesmo tempo, finalmente, tão tolerado, que deve ser acrescido ao principal problema, e deve ser resolvido ao mesmo tempo na solução que vamos trazer ao problema da dimensão freudiana, isto é, do inconsciente (LACAN, 1956-57/1995, p. 426).

Freud que esteve atento ao mal-estar do ser humano, chegou à elaboração do desencontro entre o corpo biológico e o corpo erógeno, do mesmo modo como entre o homem e um pretenso objeto de satisfação ideal existe uma impossibilidade, entre o que se ensina e o que se aprende se perfila um abismo. Não há uma correspondência biunívoca entre ensino e aprendizagem. Essa é sua real contribuição para o conceito de ensino neste trabalho. A pesquisa teórica e as decorrentes leituras demonstraram pertinência para a criticidade e sustentação do texto como promotoras de maior compreensão da intersecção entre Psicanálise e Educação.

Em seus procedimentos investigativos e resultados, essa averiguação pôde embasar certa defesa da mobilização do conhecimento operada pela Psicanálise, encontrando esclarecimentos, explicações e orientações. Para além da dimensão epistêmica, tão logo foi se esboçando desde Freud os impasses relativos ao processo pedagógico e educacional, juntamente com as dificuldades no ensino da Psicanálise, bem como a dimensão ética indicando a análise pessoal e supervisão da prática clínica, como as três vias principais da transmissão da Psicanálise.

Para o ensino da Psicanálise, Lacan deu provas de que esteve interessado na inclusão dessa no debate científico, fazendo da crítica da técnica uma profunda revisão dos conceitos freudianos, todo o tempo. Posteriormente, avançando sobre os impasses de uma ciência que sutura a experiência subjetiva, passou a investir na noção de pensamento formal. Desde o início, Lacan esteve voltado para o ensino e para a formação dos analistas e isso permaneceu até o fim de sua vida.

Por outro lado, a demanda de formação técnica da parte dos aspirantes se fez perpetuamente imperiosa. A expectativa caracterizada pela busca por uma aprendizagem instrumental, no sentido da eficácia terapêutica, tão logo se desfaz, limitada, carecendo de dedicação ao estudo, bem como, à análise pessoal. Então, é tomada a experiência da formação como algo mais íntimo, de estatuto ético e, na relação com a análise pessoal, para além de sintetizar tal conteúdo.

Uma vez que as mais diversas aplicações da Psicanálise, mesmo nos casos da terapêutica, não completam a formação: tanto para as demandas de cura quanto para as de formação, não há distinção possível entre a análise pessoal e a análise didática. Portanto, essas implicações colocam em evidência o caráter ético e subjetivo da experiência analítica, situando a formação para além de sua face epistêmica.

Consequentemente, se mostrou necessário que se deixasse de lado a perspectiva de uma '*psicologia das profundezas'* do inconsciente em favor do estudo da teoria dos números, dos jogos, dos conjuntos, bem como, dos exercícios de combinatória – na busca das relações do inconsciente com as estruturas linguísticas.

Para além, que a objetivação em matéria de Psicologia está sujeita, em seu princípio, a uma lei de desconhecimento que rege o sujeito, não apenas como observado, mas como observador. Entender o *eu* como noção operacional implica que a história da língua e das instituições, bem como, as ressonâncias, atestadas ou não da memória, da literatura e das significações implicadas nas obras de arte, são necessárias ao entendimento do texto de nossa experiência.

Esse é um fato que Freud, por ter ele próprio buscado nelas sua inspiração, seus métodos de pensamento e suas armas técnicas, atesta tão maciçamente, que ele não julgou supérfluo colocá-las como condição a qualquer instituição de ensino da Psicanálise.

Sobre o impossível de ensinar, no sentido da ética, foi como porta-voz do sentido da experiência analítica que Lacan sofreu recriminações e consequências, justamente por apontar a hiância constitutiva da subjetividade na sua articulação com a necessidade de atualização dos conceitos freudianos.

Assim, o ensino é a concretização do que Lacan nomeou como ensino verdadeiro: "[...] *aquele que consegue despertar uma insistência naqueles que escutam*" (1954-55/1985, p. 280). O psicanalista ainda caracteriza esse ensino como

aquele que ensina o sujeito a "[...] *nomear, a argumentar, a fazer passar para a existência, este desejo que está, literalmente, para aquém da existência, e por isso insiste*" (Lacan, 1954-55/1985, p. 309). Nas palavras de Lacan,

> [...] só é ensino verdadeiro aquele que consegue despertar uma instância naqueles que escutam, este desejo de saber que só pode surgir quando eles próprios tornaram a medida da ignorância como tal – naquilo em que ela é, como tal, fecunda […] (1954-55/1985, p. 260).

A partir daí, podemos conceber que, caso um professor, em sua ação, dê testemunho de sua curiosidade e entusiasmo a respeito do que ensina, deixando, de maneira não deliberada, que o aluno vislumbre a presença de seu inconsciente, as consequências do seu trabalho serão sempre da ordem do imprevisível, excedendo ao que ele havia planejado.

O percurso, em seu primeiro ensino, determinou os objetivos, as interrupções e a continuidade de seus seminários. Isto significa que, a partir do trabalho de *Retorno a Freud* é que Lacan delimitou os quatro conceitos fundamentais e são exatamente esses conceitos que fundamentam a Psicanálise como práxis.

Assim, a pergunta latente sobre como se poderia ser analista é respondida por Lacan com base no significante tomado como rudimento que fundamenta a práxis psicanalítica. E, desse modo, ao tomar a verdade como inapreensível, ou seja, é na sua falta-a-ser que o analista deve se firmar.

O presente trabalho indicou que o tema da formação do analista foi presente em todo o ensino de Lacan. Suas intervenções, nesse sentido, foram significativas, tal como tiveram grandes consequências para o pensamento de sua época. Efetivamente, para além de precisar os conceitos freudianos e forjar outros de modo perspicaz, Lacan comprometeu-se com o ensino da Psicanálise de modo significativo: no retorno aos termos de Freud, na atualização dos conceitos, desde suas críticas à técnica e para além da fundação da Escola Freudiana de Paris, em 1964.

Portanto, convém caracterizar o presente trabalho como uma passagem semelhante à que Lacan faz, ao longo do seu ensino, da crítica à didática de uma sociedade de Psicanálise para uma formalização do ensino e da formação, em Psicanálise, sustentada por uma escola.

O ensino da Psicanálise, segundo Lacan, desde que atravessada por questões do real da ciência, tem função de alavanca, justamente quando mediada pelo tema do uso dos matemas (que se incumbiriam da transmissão integral). Lacan, orientado à demonstração do Real por meio de sua álgebra e de sua topologia/lógica, se confronta com a difícil tarefa de realizar a suficiência com que o discurso analítico se mantivesse e fosse ensinado de modo tão rigoroso quanto a ciência.

Para Lacan, a associação livre tem sua estrutura a partir do significante, ou seja, é propriamente da cadeia simbólica que determina o lugar da interpretação, diante das formações do inconsciente. Igualmente, para além da nosologia médica, situar os afetos e as referências imaginárias em relação à palavra foi o que também permitiu a Lacan definir a ação da transferência na experiência analítica e para a questão do ensino na Escola, determinando como via fundamental a transferência de trabalho.

Para a nossa disciplina, é a estrutura do inconsciente e o circuito da pulsão que nos indicam que as dimensões do simbólico e do imaginário não vagueiam ao sabor do nominalismo, mas convergem em direção a um referente real. Essa íntima relação com uma prática interessada no sofrimento que o analisando nos endereça nos distingue das discursividades filosóficas, literárias, políticas ou ideológicas sobre o real. Nossa política é a do sintoma. Ela é presidida por uma ética do desejo rigorosamente freudiana e por uma responsabilidade pelo gozo pulsional. Não se pode alcançá-las senão por meio de uma análise levada até o fim.

A diferença da clínica descritiva e fenomenológica da psiquiatria clássica é que a abordagem estrutural desloca, no nível do sujeito e a partir do significante como rudimento e algoritmo fundamental, o entendimento de sua relação com a linguagem, para além de sua função de comunicação mais restrita, até uma topologia do gozo e nos fenômenos de primazia do signo, possível a partir da escrita e da letra, para além da fala. Nesse sentido, a Psicanálise traz contribuições surpreendentes ao entendimento sobre a retenção dos objetos – e no autismo, especialmente o objeto voz, bem como no que, do gozo, isso implica: desde a primazia do signo até as ultimíssimas elaborações sobre o ensino da Psicanálise, onde os usos da letra no nível do algoritmo – dos matemas aos nós – nos permitem conceber o parlêtre/ falasser.

No artigo *A terceira (*LACAN, 1974a/2005, p. 75), Lacan diz também que não acha que a psicanálise detenha alguma chave do futuro, mas que a ocasião de seu surgimento não é fortuita: a Psicanálise surgira correlativamente a certo avanço do discurso da ciência. E o analista permanece aí, só podendo durar a título de sintoma e esse terá sido o momento privilegiado para tomar uma medida bem correta do que Lacan chama em seu discurso de *parlêtre*:

> O falasser é uma forma de exprimir o inconsciente. O fato totalmente imprevisto e inexplicável, segundo o qual o homem é um animal falante, saber o que é, com que se fabrica essa atividade da fala – eis sobre o que tento lançar algumas luzes no que vou lhes contar nesse Congresso. É muito ligado a certas coisas que Freud considerou vinculadas à sexualidade. Com efeito, tem uma relação, mas liga-se à sexualidade de forma bem particular. (LACAN, 1974a/2005, p. 72).

Portanto, '*O Verbo faz gozar*':

> Sou por São João e o seu '*No começo era o Verbo...*', mas esse é um começo enigmático. Isso quer dizer o seguinte: para esse ser carnal, esse personagem repugnante que é um homem mediano, o drama só começa quando o Verbo está na jogada, quando ele se encarna – como diz a religião, a verdadeira. É quando o Verbo se encarna que a coisa começa a ir muito mal. Ele não é mais feliz de forma alguma [...] Não se parece com mais nada. Está devastado pelo Verbo.
> (LACAN, 1974a/2005, p. 74).

Entre parênteses, não deixo de notar o surgimento de meu nome próprio, João, aqui representado na figura do apóstolo, cujo evangelho é o mais poético. Não é por acaso que a grande maioria das piadas escolares tem um Joãozinho indicando os paradoxos escolares (risos).

Seguindo, para Lacan em 1974, "[...] *tudo o que temos até o presente de real é pouca coisa perto do que não se consegue sequer imaginar, porque, justamente o próprio do real é não ser imaginado."* (LACAN, 1974a/2005, p. 75). Ele diz também: "[...] *o sintoma não é ainda verdadeiramente o real*", "*é a manifestação do real em nosso nível de seres vivos*" e, finalmente, "[...] *o ser falante é um animal doente, 'No começo era o Verbo' diz a mesma coisa.*" (LACAN, 1974a/2005, p. 76).

> Mas o real real, o verdadeiro real, é aquele ao qual podemos ter acesso por um caminho bem preciso, que é o caminho científico. É o caminho das pequenas equações. Este real é justamente aquele que nos falta por inteiro. Em virtude de uma coisa a cujo termo nunca chegaremos a cabo. Nunca chegaremos ao cabo da relação entre esses falasseres que sexuamos como macho e esses falasseres que sexuamos como mulher. Daí o pulular dos sintomas.

(LACAN, 1974a/2005, p. 76-77).

Em sua política, Lacan afirma que o sintoma vem do real e seu sentido é o real, uma vez que ele se põe de través para impedir que as coisas caminhem de acordo com o discurso do mestre. Consequentemente, daí extrai que o sentido do sintoma depende do futuro do real e do sucesso da Psicanálise. E, quando fala sobre a angústia dos cientistas, Lacan a figura como uma pandemia que eliminaria o *falasser*, admitindo que "*toda a vida enfim reduzida à infecção que ela realmente é segundo qualquer verossimilhança, é o cúmulo do ser pensante*." (LACAN, 1974a/2005, p. 20).

Para a Psicanálise, portanto, seria preciso somente descobrir que ela é um sintoma – esse apontado como o que há de mais real. Para Lacan, ela faz nitidamente parte desse mal-estar da civilização de que Freud falou. E afirma: "*você verá que a humanidade será curada da Psicanálise, por força de mergulhá-la no sentido, no sentido religioso naturalmente, acabarão recalcando esse sintoma*." (LACAN, 1974a/2005, p. 67).

Finalmente, no que se refere ao psicanalista, o ser do analista como elemento não-desprezível nos efeitos da análise, o que deve inclusive ser exposto em sua conduta no fim da partida, trata do comprometimento com a descoberta freudiana e sua letra – isso leva o problema da contratransferência até a questão do desejo do analista.

Confome Lacan (1955/1998), em seu escrito *A coisa freudiana ou o Sentido do Retorno a Freud*, à altura de Copérnico, como lugar eterno da descoberta de Freud, o verdadeiro centro do ser humano já não está no mesmo lugar que lhe atribuiu toda a tradição humanista, a ponto de a palavra de ordem de um *Retorno a Freud* significar uma reviravolta. Que a descoberta de Freud questiona a verdade, e não há ninguém que não seja pessoalmente afetado pela verdade, inscreve-se no cerne da prática analítica, já que essa sempre refaz a descoberta do poder da verdade em nós, e até em nossa carne.

> Tudo partiu de uma verdade particular, de um desvelamento que fez com que a realidade já não seja para nós como era antes, e é isso que a cacofonia absurda da teoria continua a pespegar no âmago das coisas humanas, como que para impedir a prática de se degradar até o nível dos desgraçados que não conseguem livrar-se dos apuros.
>
> (LACAN, 1955/1998, p. 409).

De um lado, portanto, o discurso do erro, sua articulação com o ato que testemunha a verdade contra a própria evidência e, de outro, o "*vago senso de história*" e os peritos que visam garantir "*o mercado mundial da mentira, o comércio da guerra total e a nova lei da autocrítica*" (LACAN, 1955/1998, p. 411). Em suas palavras, a renegação da Psicanálise em seus fundamentos implica o deslocamento quanto ao objeto, inversão contra o sujeito, regressão da forma.

Então, como ordem da coisa, Lacan retoma: a distinção fundamental entre o significante e o significado. Uma primeira rede, do significante, estrutura sincrônica do material da linguagem, à medida que cada elemento adquire nela sem emprego exato por ser diferente dos outros e, uma segunda, do significado, como conjunto diacrônico dos discursos concretamente proferidos, que reage historicamente à primeira, assim como a estrutura dessa determina os caminhos da segunda.

Aqui, o que domina é a unidade de significação que revela jamais se resumir a uma indicação do puro real, como verdade, mas sempre remeter a outra significação, sem que a redundância que lhe é própria encubra os excessos.

De todo modo, apenas o significante, como rudimento, garante a coerência teórica do conjunto como conjunto. Para Lacan ainda, "*essa suficiência confirma-se pelo recente desenvolvimento da ciência, assim como, pensando bem, vamos encontrá-la implícita na experiência linguística primária.*" (1955/1998, p. 416).

Seriam essas, segundo o autor, as bases que distinguem uma nova concepção de linguagem para além do signo e que, a partir delas, uma nova dialética. Reservado a Freud apontar a desordem evidenciada, qual seja, a pseudototalidade do organismo, pela hiância congênita que o homem apresenta em suas relações naturais, através da determinação simbólica e sua implicação no ser do homem, de modo algum individualista.

> O que a concepção linguística que deve formar o trabalhador (o analista), em sua iniciação básica, lhe ensinará é a esperar que o sintoma comprove sua função de significante, isto é, aquilo pelo qual ele se distingue do indício natural que esse mesmo termo comumente designa na medicina (LACAN, 1998[1955], p. 419).

Para além ainda, que a objetivação em matéria de Psicologia está sujeita, em seu princípio, a uma lei de desconhecimento que rege o sujeito não apenas como observado, mas como observador. Entender o *eu* como noção operacional implica que a história da língua e das instituições, bem como as ressonâncias atestadas ou não da memória, da literatura e das significações implicadas nas obras de arte, são necessárias ao entendimento do texto de nossa experiência. Esse é um fato que Freud, por ter ele próprio buscado nessas sua inspiração, seus métodos de pensamento e suas armas técnicas, atesta tão maciçamente, que ele não julgou supérfluo colocá-las como condição a qualquer instituição de ensino da Psicanálise.

Retomo o começo, portanto, para ilustrar a saga lacaniana, a partir do ensino e, especialmente, na elaboração do projeto inicial que visava estudar os matemas, para colocar em relevo a distância percorrida:

> É de uma iniciacão nos métodos do linguista, do historiador e, diria eu, do matemático que se deve tratar agora, para que uma nova geração de clínicos e pesquisadores resgate o sentido da experiência freudiana e seu motor (LACAN, 1998[1955], p. 436).

Finalizo com algumas sugestões de uso deste material oriundo da minha pesquisa:

1. O volume total de informações, dados históricos, conceitos, textos, grafos esquemas e matemas, sem dúvida, ficariam infinitamente mais acessíveis à outras pesquisas, se dispostos num formato tal como na plataforma Wikipedia.com. Uma alternativa seria também a produção de um Aplicativo com essa base de dados;
2. Penso também que, para a escrita de sua álgebra em meios eletrônicos, seria muito valioso o desenvolvimento de um teclado ou fonte de texto que contivesse algumas de suas letras e operadores lógicos como caracteres, tais como o $\not A$ e o ϕ, por exemplo.

Gostaria de acrescentar apenas um detalhe teórico de suma importância. Éric Laurent, em seu livro *A sociedade do sintoma – a Psicanálise, hoje* (2007), traz uma discussão igualmente pertinente sobre os encaminhamentos do mal-estar na civilização.

Lacan faz referências a uma construção na qual descreve um efeito particular do discurso do mestre contemporâneo, isto é, o discurso do capitalista – como exemplificado no caso da educação na primeira parte desta introdução.

Nesse sentido, "[...] *o programa de ação do psicanalista pode ser nomeado com a fórmula: fazer acreditar no sintoma*" (LAURENT, 2007, p. 176), visando encontrar a forma de endereçar-se à angústia do sujeito, fazendo-o entender que os sintomas inéditos de nossa civilização são legíveis. Sobretudo, eles o são a partir do estranho uso que o discurso psicanalítico faz do significante mestre.

> Os analistas têm de passar da posição de especialistas da desidentificação para a de analista cidadão. Um analista cidadão no sentido que esse termo pode ter na moderna teoria democrática. Os analistas precisam entender que há comunhão de interesses entre o discurso analítico e a democracia, e precisam entendê-lo verdadeiramente! (LAURENT, 2007, p. 143).

Assim, esse trabalho me levou a formular um pensamento sobre *As funções do professor*, bem próxima do que propõe Bertrand Russel (2000):

Desde que viver em comunidade nos exige abdicar dos objetivos individuais, a condição humana – essencialmente social, nos permitiu compartilhar os recursos da natureza. Para além do mal-estar imanente relativo à perda de liberdade, a História avançou das comunidades primitivas até as grandes cidades, inventando soluções para a precariedade do mundo. Tal condição nos levou a formar estruturas sociais e instituições que dão sentido à vida e nos permitiu criar laços afetivos desde a família até com os ideais mais abstratos.

Do homem civilizado espera-se que tenha consciência da sua própria insignificância e do seu microcosmo em relação ao mundo. E que ele seja capaz de situar sua época em relação ao passado e ao futuro, entendendo que as controvérsias de hoje serão estranhas às de amanhã como as de ontem nos parecem agora. Deverá compreender as profundidades oceânicas e a vastidão astronômica, porém, sem que isso seja capaz de esmagar o homem individual, mas ao invés, que alargue o espírito de quem o contempla.

Se, por um lado, não há prazer mais complexo que o do pensamento, do lado das emoções, para que o homem seja verdadeiramente civilizado, é necessário que sua perspectiva integral sofra o mesmo alargamento. Senão, a ignorância cautelosa produz uma virtude frágil que se perde ao primeiro contato com a realidade. É daí que

surge a inteligência e o conhecimento, bem como, a solução. E essas cumprem a mais sublime função, reconhecida nas ciências e nas artes, por exemplo.

Das mais diversas formas de conhecer o mundo, hoje vivemos certa distorção disciplinar onde o conhecimento específico presta consultoria, fragmenta a experiência discente e confunde os meios e os fins, aos olhos do professor. Sob o domínio de programas pré-determinados, o professor disciplina ao invés de tornar competente o aluno, privando-o de ser capaz de mobilizar o que se sabe para realizar o que se projeta.

Medíocre, portanto, ao perder a visão de conjunto, o conhecimento é fundamental, mas decididamente, não basta. Sabendo de seu valor, acabamos por vendê-lo e, assim, não sabemos o preço que pagamos ao preterir a dádiva, preferindo o negócio. Assim é que se ensina o medo e a desilusão de que, talvez, seja preferível esperar por dias mais tranquilos, antes que as exigências da civilização possam de novo vencer, caso contrário, o que há de melhor no homem acabará por ser esmagado.

Há que se garantir autonomia ao professor, uma vez que é ele quem está em contato direto com os alunos. A ele é designado manter o brilho nos olhos do mundo, ao mediar os conflitos, tecer os significados, mapear os valores e construir narrativas fabulosas. Desde cedo e constantemente, deve assumir compromisso com a verdade dos fatos e com a investigação, bem como decolar, voar e aterrissar nas suas ficções. Dia após dia, deve manter o interesse por tudo o que possa lhe interessar e, até mesmo, ensinar o que não sabe.

Finalmente, não existe ensino sem aprendizagem e é essa heteronomia do professor que possibilita a autonomia do aluno. Portanto, se cabe ao professor certa autoridade é a de permitir que o aluno se expresse, tolerando para que seja compreendido pelo aluno; tece para que seja argumentado; medeia para se contextualizar; e mapeia para que o aluno decida aonde deseja chegar.

Do nascimento à morte, felizes e infelizes, generosos e mesquinhos, heroicos ou servis, alguns homens foram inspirados pelo amor da humanidade, outros ajudaram com superioridade intelectual a compreender o mundo, outros ainda, de uma excepcional sensibilidade, criaram beleza. Autêntico é aquele que, quando não pode admirar e acolher, aspira mais compreender do que reprovar. Se assim for, tudo isso poderá ser transmitido durante o ensino.

Desejo profundamente que este trabalho esteja inscrito nesse projeto, fantástico e real, de um verdadeiro ensino em Psicanálise. Do mesmo modo que entendo que este trabalho desenhou um caminho para minha candidatura à admissão na Escola Brasileira de Psicanálise, como um ato possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Cleyton. **Lacan chinês**: Poesia, ideograma e caligrafia chinesa de uma psicanálise. Maceió: EDUFAL, 2016.

BASTOS, Angélica. Psicanálise e políticas públicas de pós-graduação. In: CALDAS, H. & DALTOÉ, Sonia. **Psicanálise**. Universidade e Sociedade. Rio de Janeiro: Cia de Freud: PGPSA/IP/UERJ, 2011, p. 199.

CALDAS, Heloisa & DALTOÉ, Sonia. **Psicanálise, Universidade e Sociedade.** Rio de Janeiro: Cia de Freud: PGPSA/IP/UERJ, 2011.

CALDAS, Heloisa. Psicanálise, saber e transmissão do objeto *a*. In: CALDAS, H. & DALTOÉ, S. **Psicanálise, Universidade e Sociedade**. Rio de Janeiro: Cia de Freud: PGPSA/IP/UERJ, 2011, p. 57.

CHÂTEAU, Jean. **Os grandes pedagogistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

COELHO DOS SANTOS, Tania. **Inovações no ensino e na pesquisa em Psicanálise aplicada**. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2009.

CUSA, Nicolau de. **A douta ignorância**. Trad. João Maria André. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 248.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. 3ª. Ed. São Paulo: Editora WMF/Martins Fontes: 2011.

DESCONCI, João Paulo. Clínica e desconexão no autismo. In: **Carta de São Paulo**, ano 26, n. 1, março de 2019, p. 114.

FERENCZI, Sándor. (1908) Psicanálise e pedagogia. In: FERENCZI, S. **Obras Completas**, **Psicanálise 1**, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERRETTI, Maria Cecília Galletti. O sujeito na Psicanálise e na Educação. In: **Estilos clín..**. São Paulo, v. 2, n. 3, p. 58-63, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Naissance de la clinique**. Paris: PUF, 1964.

FREUD, Sigmund. **Projeto de uma psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. **Obras completas,** volume 4: **A interpretação dos sonhos** (1900). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Psicopatologia da vida cotidiana** (1901). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, volume 5: **Psicopatologia da vida cotidiana e sobre os sonhos** (1901), Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. **Obras completas**, volume 6: **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos** (1901-1905). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. Análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora, 1905 [1901]) (1905). In: _____. **Obras completas**, volume 6: **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos** (1901-1905). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. Obras **completas**, volume 7: **O chiste e sua relação com o inconsciente** (1905). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Análise da fobia de um garoto de cinco anos** (“O pequeno Hans, 1909). In: _____. **Obras completas**, volume 8: **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** (1906-1909). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. O esclarecimento sexual das crianças (1907). In: _____. **Obras completas**, volume 8: **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** (1906-1909). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. A moral sexual cultural e o nervosismo moderno (1908). In: _____. **Obras completas**, volume 8: **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** (1906-1909). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. Sobre as teorias sexuais infantis (1908). In: _____. **Obras completas**, volume 8: **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** (1906-1909). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O Homem dos Ratos”, 1909). In: _____. **Obras completas**, volume 9: **Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos** (1909-1910). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Cinco lições em Psicanálise (1910). In: _____. **Obras completas**, volume 9: **Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos** (1909-1910). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci (1910). In: _____. **Obras completas**, volume 9: **Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos** (1909-1910). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (1912). In: _____. **Obras completas**, volume 9: **Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos** (1909-1910). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia (*Dementia Paranoides*) Relato de uma autobiografia (“O Caso Schreber”, 1911). In: _____. **Obras completas**, volume 10: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografi**a (O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911). In: _____. **Obras completas**, volume 10: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos** (1911-1913). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Recomendações ao médico que pratica a Psicanálise (1912). In: _____. **Obras completas**, volume 10: **observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos** (1911-1913). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Prefácio a O Método Psicanalítico, de Oskar Pfister (1913). In: _____ **Obras completas**, volume 10: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos** (1911-1913). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. O início do tratamento (1913). In: _____. **Obras completas**, volume 10: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos** (1911-1913). Trad. Paulo C. Souza. 1a.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Contribuição à história do movimento psicanalítico (1914). In: _____. **Obras completas**, volume 11: **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (1912-1914). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. O interesse da Psicanálise (1913). In: _____. **Obras completas**, volume 11: **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (1912-1914). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Sobre a psicologia do colegial (1914) In: _____. **Obras completas**, volume 11: **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (1912-1914). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Introdução ao narcisismo (1914). In: _____. **Obras completas**, volume 12: **introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Os instintos e seus destinos (1915). In: _____. **Obras completas**, volume 12: **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. A repressão (1915). In: _____. **Obras completas**, volume 12: **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. O inconsciente (1915). In*:* _____. **Obras completas** volume 12: **Introdução ao narcisismo**, **ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Obras completas**, volume 13: **Conferências introdutórias em psicanálise** (1916-1917). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. História de uma neurose infantil ("O Homem dos Lobos", 1918[1914]). In: _____. **Obras completas**, volume 14: **História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos** (1914-1916). Trad. Paulo C. Souza. 1a.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Deve-se ensinar a Psicanálise nas universidades? (1919). In: _____. **Obras completas**, volume 14: **História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos** (1914-1916); Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Além do princípio do prazer (1920). In: _____. **Obras completas**, volume 14: **História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos** (1914-1916). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: _____. **Obras completas**, volume 15: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** (1920-1923). Trad. Paulo C. Souza. 1a.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina (1920). In: _____. **Obras completas**, volume 15: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** (1920-1923). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. A negação (1925). In: _____. **Obras completas**, volume 16: **O eu e o id, "autobiografia" e outros textos** (1923-1925). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Prólogo a Juventude Abandonada, de August Aichhorn (1925). In: _____. **Obras completas**, volume 16: **O eu e o id, "autobiografia" e outros textos** (1923-1925). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. A questão da análise leiga: Um diálogo com um interlocutor imparcial (1926). In: _____. **Obras completas**, volume 17: **Inibição**, **sintoma** e **angústia**, o **futuro de uma ilusão e outros textos** (1926-1929). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. **Obras completas**, volume 18: **O mal-estar na civilização, novas conferências à Psicanálise e outros textos** (1930-1936). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Esclarecimentos, explicações, orientações. (1933). In: _____. **Obras completas**, volume 18: **O mal-estar na civilização, novas conferências à Psicanálise e outros textos** (1930-1936). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Acerca de uma visão de mundo (1933). In: _____. **Obras completas**, volume 18: **O mal-estar na civilização, novas conferências à Psicanálise e outros textos** (1930-1936). Trad. Paulo C. Souza. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. **Obras completas**, volume 19: **Moisés e o monoteísmo, compêndio de Psicanálise e outros textos** (1930-1936). Trad. Paulo C. Souza. 1a.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, Sigmund; PFISTER, Oscar. **Cartas entre Freud & Pfister** (1909-1939). Um diálogo entre a Psicanálise e a fé cristã. Viçosa (MG): Ultimato, 1998.

HYPPOLITE, Jean. Comentário falado sobre a "Verneinung" de Freud, por Jean Hyppolite. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1949/1998, p. 893.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970.

KRUTZEN, Henry. **Jacques Lacan**: Séminaire 1952-1980. Index référenciel. Paris: Ed. Anthropos, 2000.

_____. **Índex de referências dos seminários de Jacques Lacan 1952-1980**. São Paulo: Toro Editora, 2022.

LACAN, Jacques. **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1932/1987.

_____. Tempo lógico e a asserção de uma certeza antecipada. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1945/1998, p.197.

_____. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1946/1998, p.152-194.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1949/1998, p. 96-103.

_____. **O mito individual do neurótico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1952/2007.

_____. **Seminário -1 – O homem dos ratos** (1951-52) NÃO PUBLICADO

_____. **Seminário 0 – O homem dos lobos** (1952-53) NÃO PUBLICADO

_____. O simbólico, o imaginário e o real. In: _____. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1953a/2005.

_____. Discurso de Roma. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1953b/2003, p. 139-172.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1953c/1998, p. 238-324.

_____. **O Seminário.** Livro I: **Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1953-54/1994.

_____. Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1954a/1998, p. 370-382.

_____. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1954b/1998, p. 383-401.

_____. **O Seminário.** Livro II: **O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 4ª. ed., 1954-55/1985.

_____. Variantes do tratamento padrão. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1955a/1998, p. 325-364.

_____. Seminário sobre "A carta roubada". In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1855b/1998, p. 13-66.

_____. A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em Psicanálise. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1955c/1998. p. 402-460.

_____. **O Seminário.** Livro III: **As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª. ed., 1955-56/2008.

_____. **O Seminário.** Livro IV: **A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1956-57/1995.

_____. Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956**.** In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1956/1998, p. 461.

_____. A Psicanálise e seu ensino. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1957a/1998, p. 438.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1957b/1998, p. 496-533.

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1957c/1998, p. 537-590.

_____. **O Seminário**. Livro V: **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1957-58/1999.

_____. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1958a/1998, p. 591-652.

_____. Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura de personalidade. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1958b/1998, p. 653-691.

_____. **O Seminário**. Livro VI: **O desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1958-59/1988.

_____. **O Seminário.** Livro VII: **A ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª. ed., 1959-60/201988.

_____. A metáfora do sujeito. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960b/1998, p .903-907.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960c/1998, p. 807-842.

_____. **Posição do inconsciente**. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960d/1998, p. 843-864.

_____. **O Seminário**. Livro VIII: **A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª. ed., 1960-61/2010.

_____. **O Seminário**. Livro IX: **A Identificação** (1961-62) NÃO PUBLICADO

_____. **O Seminário.** Livro X: **A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1962-63/2005.

_____. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1963/2005.

_____. Introdução aos Nomes-do-Pai. In: _____. Nomes-do-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1963/2005.

_____. **O Seminário.** Livro XI: **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Texto estabelecido por J.-A. Miller. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1963-64/2008.

_____. **O Seminário.** Livro XVII: **Problème cruciaux de la psichanalyse** (1964-65) NÃO PUBLICADO

_____. **Do "Trieb" de Freud e do desejo do psicanalista**. In: AUTOR?? _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964a/1998, p. 865-868.

_____. **Ato de fundação**. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964b/2003, p. 235-247.

_____. **O Seminário.** Livro XIII: **L'objet de la Psychanalyse** (1965-66) NÃO PUBLICADO

_____. A ciência e a verdade. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1965/1998, p. 869-892.

_____. **O Seminário.** Livro XIV: **La logique du fantasme** (1966-67) NÃO PUBLICADO

_____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998.

_____. Abertura desta coletânea. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998, p. 9.

_____. De nossos antecedentes. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998, p. 69.

_____. **Do sujeito enfim em questão**. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998, p. 229.

_____. De um desígnio. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998, p. 365.

_____. De um silabário a posteriori. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998, p. 725.

_____. Quadro comentado das representações gráficas. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998, p. 917.

_____. Termos de Freud em alemão. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998, p. 923.

_____. Índice dos nomes citados. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998, p. 926.

_____. Referências bibliográficas em ordem cronológica. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998, p. 930.

_____. **O Seminário. Livro XV: L'acte de la psychanalyse** (1967-68) NÃO PUBLICADO

_____. **Então vocês terão escutado Lacan**. In: _____. **Meu ensino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1967a/2006, p. 101.

_____. Lugar, origem e fim do meu ensino. In: _____. **Meu ensino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1967b/2006, p. 9.

_____. Talvez em Vincennes**.** In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967c/2003, p. 341-316.

_____. A psicanálise. Razão de um fracasso. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967d/2003, p. 341-349.

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967e/2003, p. 248.

_____. **O Seminário.** Livro XVI: **De um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed., 1968-69/2008.

_____. Meu ensino, sua natureza e seus fins. In: _____. **Meu ensino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1968/2006, p. 67.

_____. **O Seminário.** Livro XVII: **O Avesso da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed., 1969-70/1992.

_____. Alocução sobre o ensino. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1970a/2003, p. 302.

_____. **O Seminário.** Livro XIX: **...ou pior**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed., 1971-72/2013.

_____. **Estou falando com as paredes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1971/2011.

_____. Lituraterra. In: _____. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971a/2003, p. 15.

_____. Da incompreensão e outros temas. In: _____. **Estou falando com as Paredes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1971b/2011.

_____. **O Seminário.** Livro XX: **Mais ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed., 1972-73/1985.

_____. O aturdito. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972/2003, p. 448-497.

_____. Nota italiana. In: _____. **Outros Escritos.** 1973/2003. São Paulo: Zahar Editora, p. 71.

_____. **O Seminário**. Livro XXI: **Les non-dupes errent** (1972-73) NÃO PUBLICADO

_____. **O Seminário.** Livro XXII: **RSI** (1973-74) NÃO PUBLICADO

_____. O triunfo da religião. In: _____. **O triunfo da religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974a/2005.

_____. A terceira. In: **Opção Lacaniana**, nº 62. São Paulo; Edições Eolia, 1974b/2011.

_____. **O Seminário**. Livro XXIII: **Joyce, o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975-76/2007.

_____. Radiofonia. In: _____. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975/2003, p. 404.

_____. Transferência para Saint Denis, Lacan a favor de Vincennes. In**: Correio**, n.65, 1978/2010. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.

_____. **Seminário XXVII - Lições de 1980 + Seminário de Caracas** (1980) NÃO PUBLICADO

_____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001/2003.

_____. Anexos. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001/2003, p. 570.

_____. Índice dos nomes citados. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001/2003, p. 591.

_____. Referências bibliográficas em ordem alfabética. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001/2003, p. 595.

_____. Inventário de notas. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001/2003, p. 602.

LAURENT, Éric. “Reflexões sobre a forma atual do impossível de ensinar”. In: **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo, nº 29, p. 3-7. dez/2000.

LAURENT, Éric. **Lo impossible de enseñar**. In: MILLER, J.-A. Del Édipo a la sexuación. Buenos Aires: Paidós, 2011, p. 267.

LEITE, Márcio Peter Souza. **Psicanálise Lacaniana**, cinco seminários para analistas kleinianos. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Editora Cosac Naif. 1958/2008.

_____. A eficácia simbólica. In: _____. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Editora Cosac Naif. 1945/2008, p. 201.

_____. Análise estrutural em Linguística e Antropologia. In: _____. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Editora Cosac Naif: 1958/2008, p. 43.

_____. Estrutura e dialética. In: _____. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Editora Cosac Naif. 1958/2008, p. 252.

LIMA, Marcia Mello de. Formação do analista e universidade: algumas dissimetrias. In: CALDAS, H.; DALTOÉ, Sonia **Psicanálise, Universidade e Sociedade**. Rio de Janeiro: Cia de Freud: PGPSA/IP/UERJ, 2011, p. 125.

MARRELLO, A.; SANTIAGO, J.; SANTOS, T. C dos. (orgs). **De que real se trata na clínica psicanalítica?** Psicanálise, Ciência & Discursos da Ciência. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.

MILLER, Jacques-Alain. **Index ponderado dos principais conceitos**. In: LACAN, Jaques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998, p. 908.

_____. Prólogo. In: LACAN, Jaques. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001/2003, p. 11.

_____. Percurso de Lacan. In: _____. **Percurso de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 11, 1988.

_____. **Carta de Jaques-Alain Miller à Escola Brasileira de Psicanálise**. Disponível em https://www.ebp.org.br/wp-content/uploads/2020/02/22Carta-de-Jacques-Alain-Miller-a%CC%80-Escola-Brasileira-de-Psicana%CC%81lise22-Jacques-Alain-Miller.pdf. Acessos em 14 jul. 2022.

_____. Un rêve de Lacan. In: CARTIER, Pierre; CHARRAUD, Nathalie (dir). Le réel en mathématiques : Psychanalyse et mathématiques. **Actes du colloque de Cerisy** de 3 a 10 de septempre 1999. Paris: Agalma / Seuil, p. 10-133, 2004.

_____ Elementos de epistemologia. In: _____. **Percurso de Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. A Psicanálise, seu lugar entre as ciências. In: COELHO DOS SANTOS, Tânia. De que real se trata na clínica psicanalítica? **Psicanálise, Ciência & Discursos da Ciência**. (orgs Andréa Marrello, Jésus Santiago e Tania Coelho dos Santos). Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.

_____. Habeas Corpus. Intervenção pronunciada por ocasião do encerramento do **X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise**: O corpo falante. Sobre o inconsciente no século XXI, Rio de Janeiro, 25-28 de abril de 2016. disponível em: *https://congresoamp2018.com/pt-pt/textos/habeas-corpu*. acessos em 25 jun. 2022.

_____. Psicanálise pura, psicanálise aplicada & psicoterapia. **Orientação Lacaniana online** nova série. Ano 8, N. 22, março de 2007.

_____. **Del Édipo a la sexuación**. Buenos Aires: Paidós, 2011.

_____ Prólogo de Guitrancourt. **Cuaderno de Atividades 2016-17**. (publicação interna).

_____. **El baquete de los analistas**. Buenos Aires: Paidós, 2010.

_____. **De la naturaleza de los semblantes**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

_____. O triângulo dos saberes. In: **Opção Lacaniana online** nova série. Ano. 8, n. 24, novembro de 2017.

_____. **A obra clara**: Lacan, a ciência, a filosofia. Trad. Procópio Abreu, revisão técnica, Marco Antonio Coutinho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MILNER, Jean-Claude. Linguística e Psicanálise. **Rev. Estud. Lacan**, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, 2010. Disponível em: *http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100002&lng=pt&nrm=isso*. acessos em 25 jun. 2022.

MRECH, Leny Magalhães. Mas, afinal, o que é educar? In: _____. **O Impacto da Psicanálise na Educação**. São Paulo: Editora Avercamp, 2005.

_____. O futuro de uma ilusão, impasses da sociedade contemporânea. IN: COELHO DOS SANTOS, Tania. **Inovações no ensino e na pesquisa em Psicanálise aplicada**. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2009.

_____. **A cientifização da educação**: novas encarnações do discurso científico? In: MARRELLO, A.; SANTIAGO, J.; SANTOS, T. C dos. (orgs). **De que real se trata na clínica psicanalítica?** Psicanálise, Ciência & Discursos da Ciência. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.

_____. A cientifização da educação: Novas encarnações do discurso científico? In: MARRELLO, A.; SANTIAGO, J.; SANTOS, T. C dos. (orgs). **De que real se trata na clínica psicanalítica?** Psicanálise, Ciência & Discursos da Ciência. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.

_____. **A construção do pesquisador**. Curitiba: CRV, 2019.

PLATÃO. **Menon**. Trad. Maura Iglesias. Rio de Janeiro/ PUC-Rio/ Loyola, 2001.

_____. O Banquete. In: _____. **Diálogos**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1950, p. 109.

POE, Edgar Alan. **Histórias extraordinárias**. Trad: José Paulo Paes. São Paulo, Companhia das Letras: 2008.

Polanyi, Michel. **Personal knowledges**: Towards a post-critical philosophy. Chicago (Ill): The University of Chicago Press, 1958.

POPPER, Carl. **Conhecimento objetivo.** Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

SANTIAGO, Jésus. Inovações no ensino e na pesquisa em psicanálise aplicada. In: MARRELLO, A.; SANTIAGO, J.; SANTOS, T. C dos. (orgs). **De que real se trata na clínica psicanalítica?** Psicanálise, Ciência & Discursos da Ciência. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.

SANTIAGO, Ana Lydia; SANTIAGO, Jésus. Psicanálise aplicada ao campo da educação: intervenção na desinserção social na escola. In: MARRELLO, A.; SANTIAGO, J.; SANTOS, T. C dos. (orgs). **De que real se trata na clínica psicanalítica?** Psicanálise, Ciência & Discursos da Ciência. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.

SANTIAGO, Ana Lydia. **A inibição intelectual na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SANTIAGO, Ana Lydia. O saber da ciência na educação, o sujeito da Psicanálise e a pesquisa - intervenções sobre casos de fracasso escolar. In: MARRELLO, A.; SANTIAGO, J.; SANTOS, T. C dos. (orgs). **De que real se trata na clínica psicanalítica?** Psicanálise, Ciência & Discursos da Ciência. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.

SANTOS, Tania Coelho dos. Existe uma nova doutrina da ciência na Psicanálise de orientação lacaniana? In: MARRELLO, A.; SANTIAGO, J.; SANTOS, T. C dos. (orgs). **De que real se trata na clínica psicanalítica?** Psicanálise, Ciência & Discursos da Ciência. (orgs. MARRELLO, Andréa; SANTIAGO, Jésus; SANTOS, Tania C. dos.) Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012, p. 35.

SOUZA, Paulo Cesar. de. **As palavras de Freud**. O vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002

TEIXEIRA, Antonio Marcio Ribeiro. **A prudência do psicanalista**. I In: MARRELLO, A.; SANTIAGO, J.; SANTOS, T. C dos. (orgs). **De que real se trata na clínica psicanalítica?** Psicanálise, Ciência & Discursos da Ciência. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.

VERAS, Marcelo Frederico Augusto. **A loucura entre nós**: A teoria psicanalítica das psicoses e a saúde mental. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, 2009.

VIEIRA, Marcia Maria Rosa. Psicanálise: uma ciência das intimidades? In: MARRELLO, A.; SANTIAGO, J.; SANTOS, T. C dos. (orgs). **De que real se trata na clínica psicanalítica?** Psicanálise, Ciência & Discursos da Ciência. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Psicanálise e Educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. Do contrato pedagógico ao ato analítico: Contribuições à discussão da questão do mal-estar na educação. **Estilos clín**.., São Paulo, v. 6, n. 10, p.101-111, 2001. Disponível em *http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282001000100009&lng=pt&nrm=iso*. acessos em 12 jan. 2017.

_____. **O discurso do capitalista, psicanálise e educação**. In: LEITE, N. V. de L. (org.). **Linguagem e Gozo**. Campinas: Ed. Mercado de Letras, 2007, p. 197-212.

_____. A Pedagogia como técnica: Psicanálise e a rentabilização dos saberes. **Revista Espaço Acadêmico (UEM)**, v. 11, p. 17-24, 2012.

_____. **O conhecimento e o discurso capitalista**: A despsicologização do cotidiano social. **Estilos clín..,** São Paulo, v. 17, n. 1, p. 106-121, 2012. Disponível em *http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000100008&lng=pt&nrm=iso*. acessos em 22/nov/2017.

ZBRUN, Mirta. **A formação do analista**. Rio de Janeiro: KBR, 2014.
_____. Org. BIBLIO ESPECIAL. **Referências Seminário** Livro 19 ... **Ou pior** (1971-1972). 2013. Edição Bilíngue. KBR – Editora Digital Ltda.

_____. **O imaginário no ensino de Jacques Lacan**: Referências (publicação interna)

ANEXO 1 - *CORPUS* TEÓRICO

data	título	p.	publicação	parte	referências bibliográficas e dados históricos
1936-08-03	O estádio do espelho como formado da função do eu	96	Escritos	II	Produzido pela primeira vez no XIV Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Mariembad entre **2 e 8 de agosto de 1936**, sob a presidência de Ernest Jones. A comunicação foi feita na 2º sessão científica, em **3 de agosto**, às 15:40 h. Cf. The International Journal of Psycho-analysis, vol.18, parte I, janeiro de 1937, p.78, onde essa comunicação está inscrita sob o título "The looking-glass phase". /Comunicação feita no XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique, em **17 de julho de 1949**. Publicado na Revue Française de Psychanalyse, nº 4, outubro-dezembro de 1949, p.449 a 455.
1936-08-31	Para-além do "Princípio de realidade"	77	Escritos	II	Marienbad-Noirmoutier, **agosto-outubro de 1936.** Publicado em *Évolution Psyquitrique* , 1936, fascículo III, número especial de estudos freudianos, p.67 a 86.
1938-12-31	Os complexos familiares na formação do indivíduo	29	OutrosEscritos	II	A edição publicada desse texto em 1984, na editora Navarin, abria-se com a seguinte nota, assinada por J.-AM.: "Esse texto foi escrito por Jacques Lacan para o volume VIII da *Encyclopédie française* , dedicado à 'vida mental' e lançado em **1938**; ocupa, em sua segunda parte, 'Circunstâncias objetos da atividade psíquica', a seção A: 'A família', título pelo qual é comumente designado. Para esta edição, resgatei po título dado por Lacan; resgatei também a continuidade do texto, rompida pela paginação da *Encyclopédie* por iniciativa do editor, em razão de sua extensão."
1945-03-01	O tempo lógico e asserção de certeza antecipada	197	Escritos	III	Redigido em **março de 1945**. Publicado em *Les Cahiers d'Art*: "1940-1945".
1945-12-31	O número treze e a forma lógica da suspeita	91	OutrosEscritos	II	Contribuição para os *Cahiers d'Art* , **1945-46**, p.383-93.
1946-09-28	Formulações sobre a causalidade psíquica	152	Escritos	II	Pronunciado em **28 de setembro de 1946** nas Jornadas Psiquiátricas de Bonneval. Publicado em *Le Problème de psychogène des névroses et des psychoses* , de Lucien Bonnafé, Henry Ey, Sven Follin, Jacques Lacan e Julien Rouart, Paris, Desclée de Brouwer, 1950, p.123 a 165.
1947-12-31	A psiquiatria inglesa e a guerra	106	OutrosEscritos	II	Publicado em *L'Évolution Psychiatrique* , vol.I, **1947**, p.293-312 e 313-8, e em *La Querelle des diagnostics* , Navarin, 1986.
1948-05-01	A agressividade em psicanálise	104	Escritos	II	Relatório teórico apresentado no XI Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa, reunido em Bruxelas em meados de **maio de 1948**. Publicado na *Revue Française de Psychanalyse* , nº 3, julho-setembro de 1948, pg.367 a 388.
1950-05-29	Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia	127	Escritos	II	Comunicação para a XIII Conferência dos Psicanalistas de Língua Francesa (**29 de maio de 1950**), em colaboração com Michel Cénac. Publicado na *Revue Française de Psychanalyse* , vol.IV, nº 1, janeiro-março de 1951, p.7 a 29.
1950-05-29	Premissas a todo desenvolvimento possível da ciminologia	127	OutrosEscritos	II	Trata-se do resumo, redigido por J. Lacan, de suas respostas durante o debate sobre seu relatório "**Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia**", *Écrits* , Paris, Seuil, 1966, p.125-50 [*Escritos* , Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p.127-51]. Esse resumo fou publicado no mesmo número da Revue Française de Psychanalyse, vol.IV, n.1, jan-mar 1951, p.84-8.
1950-12-31	Intervenção no I Congresso Mundial de Piquiatria	132	OutrosEscritos	II	Publicado em 1952 nas atas do Congresso de **1950**, vol.V: *Psychothérapie-Psychanalyse/Médecine psycho-somatique* , Hermann, col. "Actualités scientifique et industrielles", 1172, p.103-107.
1951-05-02	Algumas reflexões sobre o ego	6	Opção Lacaniana	24	Comunicação feita na Sociedade Inglesa de Psicanálise em **2 de maio de 1951**, publicada no International Journal of Psychoanalysis, 3, 1953. Texto extraído de uno por Uno, nº41, inviemo 94-95.
1951-12-31	Intervenção sobre a transferência	214	Escritos	III	Pronunciado no chamado Congresso dos Psicanalistas de Língua Românica de **1951**. Publicado na *Revue Française de Psychanalse* , vol.XVI, nº 1-2, janeiro-junho de 1952, p.154 a 163.
1952-12-31	O mito individual do neurótico *ou* Poesia e verdade na neurose	9	Paradoxos	azul	**1952**. A conferência... foi proferida Collège Philosophique "onde se cruzavam, a convite de Jean Wahl, as febris agitações de então", diz Lacan. (Escritos, p.76) Um texto mimeografado dessa conferência foi difundido em 1953, s.d., sem o consetimento do autor e sem ter sido corrigido por ele. A presente versão é aquela que estabeleci e publiquei na época na revista *Ornicar?* , nº17-18, Seuil, 1978, p.290-307. Esse "mito individual", assinala Lacan, marca nele "o início de uma referência estruturalista emforma". A expressão encontra-se em seu artigo de 1949, "A eficácia simbólica" (in *Antropologia estrutural* , Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p.215-36). No tratamento psicanalítico, explica Lévi-Strauss, p.230, "é um mito individual que io paciente constrói com a ajuda de elementos de seu passado", ao passo que "no tratamento xamanístico", ele recebe "um mito social". Mais adiante, ele escreve (p.232; "os complexos, esses mitos individuais...".
1953-07-08	O simbólico, o imaginário e o real	9	Paradoxos	verde	**PG7**...precede imediatamente a redação, durante o verão, do relatório de Roma sobre "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise", que marcava o início público do "ensino de Lacan", como diríamos mais tarde. A conferência constitui a apresentação temática inaugural da famosa tríade que sustentará de ponta a ponta a elaboração de Lacan ao longo das três décadas seguintes, até se tornar seu objeto essencial nãoapenas coneitual, mas matemático e mterial, sob a forma do nó borromeano e seus derivados. **PG90** O título é o original; a conferência havia sido estenografada, depois datilografada; o texto aqui publicado foi estabelecido por mim; indicada no texto, permanece uma lacuna (p.32), possivelmente de pouca extensão. Esta foi a primeira comunicação dita científica da nova Sociedade Francesa de Psicanálise, recém-oriunda da cisão ocorrida no movimento psicanalítico francês. O conflito devia repercutir dez anos mais tarde, conduzindo dessa vez à "excomunhão" de Lacan e à fundação por este de sua própria Escola, que batizará de Escola Freudiana de Paris. A fonte de inspiração da tríade lacaniana encontra-se no artigo de Lévi-Strauss, "A eficácia simbólica" (publicado em 1949, retomado em *Antropoliogia Estrutural* , 1958), que propõe a definição sucinta, prém inédita, de um inconsciente vazio, sem conteúdo, puro órgão da função simbólica, impondo leis de estrutura a um material de elementos inarticulados proveniente tanto da realidade como do reservatório de imagens acumuladas por cada um (ver p.223-5 da ed.fr.). O conceito de "mito individual", que figura nessas mesmas páginas, fora retomado por Lacan em sua conferência de 1952 intitulada "O mito individual do neurótico". Na esteira de sua conferência de julho de 1953, Lacan lançou-se à redação do relatório que devia apresentar dos meses mais tarde em Roma, no primeiro Congresso da nova Sociedade, e que marcará época ("Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise", in *Escritos* , Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p.23-324; "Discurso de Roma", in *Outros Escritos* , Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p.139-72). Lacan refere-se ao seminario que acaba de concluir, sobre o Homem dos Ratos, e ao do ano precedente, sobre o Homem dos Lobos. Esses seminários eram realizados em sua casa, rua de Lille, e ão eram estenografados; ao que eu saiba, subsistem apenas alguma notas de ouvintes; não podiam prtanto figurar na lista dos seminários cuja publicação foi prevista e anunciada.
1953-09-26	Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise	238	Escritos	IV	Relatório do Congresso de Roma, realizado no Istituto de Psicologia della Universitá di Roma, em **26 e 27 de setembro de 1953**. Publicado em La Psichanalyse, Paris, PUF, vol.I, 1956, p.81 a 166.
1953-09-26	Discurso de Roma	139	OutrosEscritos	III	Redação do discurso proferido por ocasião da apresentação do relatório "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise" (*Écrits* , Paris, Seuil, 1966, p.237-322 [*Escritos* , Rio de Janeiro, Zahar, p.238-324]), no I Congresso da Sociedade Francesa de Psicanálise, realizado em Roma em **26 e 27 de setembro de 1953**. Publicado na revista La Psychanalyse, PUF, vol.I, 1956, p.202-11 e 241-55.
1953-11-01	SEM1 - Os escritos técnicos de Freud		Seminário	1	
1953-12-31	Variantes do tratamento-padrão	325	Escritos	IV	Redigido na Páscoa de **1955**. Publicado na *Encyclopédie médico-chirurgicale, Psychiatrie* , vol.III, 2-1955, fascículo 37812-C10. Suprimido em 1960. No início do texto, 1953.
1954-02-10	Introdução e Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud	370	Escritos	IV	Seminário de técnica freudiana de **10 de fevereiro de 1954**, realizado na clínica da Faculdade do Hospital Sainte-Anne e dedicado, dirante o ano de 1953-54, aos *Escritos Técnicos de Freud* . Publicado em La Psychanalyse, Paris, PUF, vol.1, 1956, p.17 a 28 e 41 a 49.
1954-09-01	Do símbolo e de sua função religiosa	45	Paradoxos	azul	A exposição... É a contribuição de Lacan ao Congresso de Psicologia Religiosa, realizado em Paris em **setembro de 1954**. O título e o estabelecimento são meus. O zelo com que Lacan foi acolhido pelo reverendo padre Bruno dá uma idéia do clima: em certos meios católicos, esperav-se muito da cisão de 1953.
1954-11-01	SEM2 - O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise		Seminário	2	
1955-04-26	Seminário sobre "A carta roubada"	13	Escritos	I	Pronunciado em **26 de abril de 1955**. Escrito (e datado de Guitrancourt-San Casciano) em meados de maio e meados de agosto de 1956. Publicado em *La Psychanalyse* , Paris, PUF, vol.2, 1957, p.1 a 44.
1955-11-01	SEM3 - As psicoses		Seminário	3	
1955-11-07	A coisa freudiana ou o Sentido do retorno a Freud em psicanálise	402	Escritos		Ampliação de uma conferência proferida na Clínica Neuropsiquiátrica de Viena em **7 de novembro de 1955**. Publicado em *Évolution Psychiatrique* , nº 1, 1956, p.225 a 252.
1956-05-26	Intervenção depois de uma exposição de Claude Lévi-Strauss na Sociedade Francesa de Filosofia, Sobre as relações entre a mitologia e o ritual, com uma resposa dele	83	Paradoxos	azul	O texto da intervenção depois da comunicação de Lévi-Strauss perante a Société Française de Philosophie em **26 de maio de 1956**..., está reproduzido tal como foi publicado no *Bulletin de la Société Française de Philosophie* , 1956, t.XLVIII, p.113-9. Lacan, por sua vez, será o convidado dessa Sociedade científica no ano seguint (ver *Escritos* , p.438).
1956-10-01	Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956	461	Escritos	IV	A segunda versão foi publicada em Les Études Philosophiques, número especial de **outubro-dezembro de 1956**, para a comemoração do centenário do nascimento d Freud. A primeira versão existe apenas como separata.
1956-11-01	SEM4 - As relações de objeto		Seminário	4	
1957-02-23	A psicanálise e seu ensino	438	Escritos	IV	Comunicação apresentada à Sociedade Francesa de Filosofia em sua sessão de **23 de fevereiro de 1957**. Publicado no *Bulletin de la Societé Française de Philosophie* , vol.XLIX, 1957, p.65 a 85.
1957-05-09	A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud	496	Escritos	IV	Pronunciado em **9 de maio de 1957** no anfiteatro Descartes, na Sorbonne, a pedido do Grupo de Filosofia daFederação dos Estudantes de Letras. Redação datada de 14-16 de maio de 1957. Publicado no volume 3 de *La Psychanalyse* (sobre o tema "Psicanálise e ciências humanas"), Paris, PUF, 1957, p.47 a 81.
1957-11-01	SEM5 - As formações do inconsciente		Seminário	5	

1957-12-01	De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose	537	Escritos	V	Remissão ao seminário dos dois primeiros semestres do ano de 1955-1956. Redação: **dezembro de 1957-janeiro de 1958**. Publicado em La Psychanalyse, Paris, PUF, vol.4, 1959, p.1 a 50.
1958-04-01	Juventude de Gide ou a letra e o desejo	749	Escritos	VI	Publicado no nº 131 da revista *Critique* , **abril de 1958**, p.1958, p.291 a 315.
1958-05-09	A significação do falo (Die Bedeutung des Phallus)	692	Escritos	V	Conferência proferida em alemão em **9 de maio de 1958**, no Instituto Max Plank de Munique, a convite do professor Paul Matussek.
1958-07-10	A direção do tratamento e os princípios de seu poder	591	Escritos	V	Primeiro relatório do Colóquio Internacional d Royaumont, reunido de **10 a 13 de julho de 1958**, a convite da Sociedade Francesa de Psicanálise. Publicado em La Pschanalyse, vol.6, Paris, PUF, 1961, p.149 a 206.
1958-07-10	Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade"	653	Escritos	V	Relatório do Colóquio de Royaumont, **10-13 de julho de 1958**. Redação definitiva: Páscoa de 1960. Publicado emLa Psychanalyse, vol.6, Paris, PUF, 1961, p.111 a 147.
1958-09-01	A psicanálise verdadeira e a falsa	173	OutrosEscritos	III	Texto redigido para um congresso realizado em Barcelona em **setembro de 1958**; permaneceu inédito em françês até sua publicação na revista *L'Ane* , n.51, julho-setembro de 1992, p.24-7.
1958-11-01	SEM6 - O desejo e sua interpretação		Seminário	6	
1959-11-01	SEM7 - A ética da psicanálise		Seminário	7	
1959-12-31	À memória de Ernst Jones: Sobre sua teoria do simbolismo	704	Escritos	V	Guitrancourt, **janeiro-março de 1959**. Publicado em La Psychanalyse, vol.5, Paris, PUF, 1960, p.1 a 20.
1960-03-09	Discurso aos católicos	9	Paradoxos	laranja	**PG7** compreende as duas conferências pronuncuadas em **9 e 10 de março de 1960** em Bruxelas, a convite da Faculdade Universitária Saint-Louis, e anunciadas como "aulas públicas". Lacan se refere a elas nos ca´pitulos XIII e XV do Seminário A ética da psicanálise. **PG85** ...ao evocar em seu Seminário, em 23 de março de 1960, as aulas que acabava de dar em Bruxelas,Lacan as designa com estas palavras: "meu discurso aos católicos" (Seminário 7, p.211, Seuil, 1986). Duas versões sucessivas foram publicadas em *Quarto* , ógão da Escola da Casa Freudiana na Bélgica (nºVI, 1982, p.5-24, e nº50, invemo 1992, p.7-20).
1960-06-23	*A metáfora do sujeito*	903	Escritos	APÊNDICE II	Intervenção proferida em **23 de junho de 1960** na Sociedade de Filosofia.
1960-09-05	Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina	734	Escritos	V	Colóquio Internacional de Psicanálise, de **5 a 9 de setembro de 1960**, na Universidade Municipal de Amsterdam. **Escrito dois anos antes do Congresso**. Publicado no n.7 de La Psychanalyse, Paris, PUF, 1962, p.3 a 14.
1960-09-19	Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano	807	Escritos	VII	Comunicação feita num congresso reunido em Royaumont, por obséquio dos "Colóquios filosóficos internacionais", sob o título "A dialética", a convite de Jean Wahl, **19 a 23 de setembro de 1960**.
1960-10-30	Posição do inconsciente	843	Escritos	VII	Congresso reunido no hospital de Bonneval sobre o tema do inconsciente freudiano, entre **30 de outubro e 2 de novembro de 1960**. Intervenções condensadas em março de 1964, a pedido de Henri Ey, para o livro sobre o congresso, L'Inconscient, publicado em Paris pela Desclée de Brower em 1966.
1960-11-01	SEM8 - A transferência		Seminário	8	
1960-11-16	No início era o amor		Jornal Brasileiro de F	2	Primeira lição do Seminário 8 - A transferência.
1961-10-01	Maurice Merleau-Ponty	183	OutrosEscritos	III	Contribuição para o número de homenagem publicado por *Les Temps Modernes* após o falecimento do filósofo, n.184-5, **out 1961**, p.245-54.
1961-11-01	SEM9 - A identificação		Seminário	9	NÃO PUBLICADO
1962-11-01	SEM10 - A angústia		Seminário	10	
1963-09-01	Kant com Sade	776	Escritos	VI	Deveria servir de prefácio a *La Philosophie dans le boudoir* (Paris, Cercle du livre précieux, 1963, 15 vols.) R.G. **setembro de 1962**. Publicado na revista Critique, nº 191, abril de 1963.
1963-11-01	SEM11 - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise		Seminário	11	
1963-11-20	Introdução aos Nomes-do-Pai	55	Paradoxos	verde	**PG7**... A primeira e única lição do Seminário sobre os Nomes-do-Pai. Interrompido em circusntâncias dramáticas - a perda de sua função de "didata" (na época, psicanalista habilitado a formar psicananalistas) -, o Seminário deveria ter um novo ponto de partida em janeto de 1964, na rua d'Ulm, nas dependências da École Normale Superieure, sob o título Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Lacan sempre se recusou a retomar o tema do Semiário subitaente abortado, e até mesm em publicar em vida o texto da única lição pronunciada. Ao concluir, em função de seus dissabores, que o credenciamento do "discurso psicanalitico" nnao lhe havua dado para erguer, como tinha a intenção, o véu com que Freud recobrira o verdadeiro fundamento da psicanálise, e que tinha sido punido por se mostrar sacrílego, assinalou, para bom entendedor - sobretudo com o titulo irônico que deuao Seminário posterior, Les non-dupes errent [nota de rodapé do tradutor: Literalmente, "Os não-tolos erram", expressão, em franqês, homófona a "Os nomes-do-pai". (N.T) Mais discreto, o questionamento dos limites do complexo edipiano e do mito paerno nem por isso deixou de continuar a correr através de seminários e escritos, até a depreciação do Nome-do-Pai em sintoma e utensílio (cf. o Seminário Le Sinthome). **PG91** Ao descobrir a estenografia dessa lição no dossiê dos *Quatro conceitor fundamentais da psicanálise* que Lacan me dera, propus-lhe colocá-la na abertura desse Seminário, que foi o primeiro a ser publicado, em 1973. LAcan concordou, ajudou-me a estabelecer o texto, depois, *in extremis* , reconsiderou: não, disse-me ele, não chegou o tempo de seler isso, ficará para mais tarde. Manteve ess aposição até a morte, a despeito das reapresentaçoes que lhe fazia de tempos e tempos... Lacan começa sua conferência evocando a notícia que lhe fora dada "na noite passada, bem tarde": acabava de ser riscado da lista dos didatas da Sociedade Francesa de Psicanálise pela "comissão de ensino" da qual fazi aparte; depois de anos de transações sórdidas, sua cabeça revelara-se efetivamente o preço a ser pago pelos colegas a gim de obterem seu reconhecimento internacional como "French Study Group". Era o que Lacan chamaria alguns meses mais tarde sua "excomunhão" (ver primeira lição do Seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* , Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979, p.9-20). Ele voltaria a esse assunto por diversas vezes. Vou me contentar em retomar aqui os termos de sua conferência em Nápolise em dezembro de 1967 ("O engano do sujeito suposto saber", in *Outros Escritos* , p.329-40). Citando Pascal, como na "Introdução aos Nomes-do Pai, ele opõe o Deus dos filósofos (em outros termos, o sujeito suposto saber) e o Deus de Abraão, Isaac e Jacó (Deus-Pai), e escreve: "Esse lugar do Deus Pai é aquele que designei como Nome-do-Pai e que me propus ilustrar no que deveria sermeu décimo terceiro seminário (o décimo primeiro em Sainte-Anne), quando uma passagem ao ato de meus colegas psicanalistas forçou-me a pôr um fim nele, depois da primeira lição. Nunca mais retomarei esse tema, vendo nisso o sinalde que esse lacre ainda não pode ser retirado para a psicanálise."
1964-01-07	Do "Trieb" de Freud e do desejo do psicanalista	865	Escritos	VII	Resumo das intervenções num colóquio convocado pelo professor Enrico Castelli, sob o título de "Técnica e casuística", de **7 a 12 de janeiro de 1964**, na Universidade de Roma. Publicado em Atti del colloquio internazionale su "Tecnica e casuistica", Roma, 1964.
1964-06-01	Ato de fundação	235	OutrosEscritos	V	O texto, a princípio difundido sem título e sob forma mimeografada, em **junho de 1964**, foi impresso pela primeira vez no *Annuaire* 1965 da Escola Freudiana de Paris, acompanhado pela "Nota adjunta" e pelo "Preâmbulo". A nota, datada de 1971, o Preâmbulo foram publicados no *Annuaire* 1977 da Escola Freudiana de Paris.
1964-11-01	SEM12 - Os problemas cruciais para a psicanálise		Seminário	12	NÃO PUBLICADO
1965-11-01	SEM13 - O objeto da psicanálise		Seminário	13	NÃO PUBLICADO
1965-12-01	A ciência e a verdade	869	Escritos	VII	Estenografia da **aula inaugural do seminário realizado no ano de 1965-1966** na École Superieure (rua d'Ulm), sobre "O objeto da psicanálise", na posição de chargé de ceonferénces da École Pratique des Hautes Études (Viª seção), em **1º de dezembro de 1965**. Publicado no primeiro número dos *Cahiers pour l'Analyse* pelo Círculo de Epistemologia da École Normale Superieure, em janeiro de 1966.
1965-12-31	Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein	198	OutrosEscritos	IV	Publicado nos *Cahiers Renaud-Barrault* , n.5, dez **1965**, p.3-10 e 15.
1965-12-31	Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise	195	OutrosEscritos	IV	Excerto do *Annuaire* **1965** da École Pratique des Hautes Études, p.249-251; publicado adendo do *Seminário 11* .
1966-10-01	*Abertura desta coletânea*	9	Escritos	I	Ao final do texto, outubro de **1966**.
1966-10-01	*Do sujeito enfim em questão*	229	Escritos	IV	**1966**
1966-10-01	*De nossos antecedentes*	69	Escritos	II	
1966-10-01	*De um desígnio*	365	Escritos	IV	
1966-11-01	SEM14 - A lógica da fantasia		Seminário	14	NÃO PUBLICADO
1966-12-02	Pequeno discurso no ORTF	226	OutrosEscritos	IV	Publicado no primeiro número de *Recherches* , n.3/4, p.5-9, com autorização da ORTF. O texto foi precedido por uma nota da redação: "Essa entrevista foi ao ar em **2 de dezembro de 1966**, no contexto das Manhãs da France-Culture, durant o programa de Georges Charbonnier, 'Sciences et techniques', por ocasião da publicação dos Escritos de Jacques Lacan pela editora Seuil. Agradecemos ao Dr. Lacan, assim como a Georges Charbonier, a gentileza de nos autorizarem a publicação em *Recherches* ."
1966-12-14	Entrevista sobre a psicanálise		Opção Lacaniana	50	A gravação desta entrevista, dada por J. Lacan no dia 14 de dezembro de 1966 na Radio-Télevision belga (RTB III) foi datilografada por Ph. De Villers; ela foi relida e ligeiramente corrigida por mim. O estilo dessas proposições indica, a meu ver, que Lacan lia um texto redigido anteriormente.
1966-12-31	Acerca da estrutura como imisção de uma alteridade prévia a um sujeito qualquer		Opção Lacaniana	77	Conferência em Baltimore, 1966.
1966-12-31	O lugar da psicanálise na medicina	8	Opção Lacaniana	32	**PG8** Lacan toma a palavra aqui em um Coló-quio organizado por Jeanne Aubry sobre "O lugar da psicanálise na medicina". **PG14** Texto de 1966, Publicado inicialmente em *Cahiers du Collége de Médicine* , vol. 12, 1966 e mais tarde em *Bloc-notes de la psychanalyse* , nº. 7, Georg, Genebra, 1987. Traduzido por Marcus André Vieira.

1966-12-31	Apresentação das *Memórias de um doente dos nervos*	219	OutrosEscritos	IV	*Cahiers pour l'Analyse* , n.5, **1966**, p.69-72. Texto redigido para apresentar a primeira tradução francesa do livro do presidente Schreber, lançada como folhetim da revista antes de ser publicada na coleção Champ Freudien (trad. De Paul Duquenne) pela Seuil. Publicado sob o título de "Présentation", fornecido pela redação.
1966-12-31	Problemas cruciais para a psicanálise	206	OutrosEscritos	IV	*Annuaire* **1966** da École Pratique de Hautes Études, p.270-3.
1966-12-31	Respostas a estudantes de filosofia	210	OutrosEscritos	IV	Publicado no *Cahiers pour l'Analyse* , boletim do Círculo de Epistemologia da ENS, n.3, **1966**, p.5-13, sob o título, fornecio pela redação de "Réponses à des étudiants em philosophie sur l'objet de a psychanalyse" ["Respostas a estudantes de filosofia sobre o objeto da psicanálise"]. Uma nota da redação esclarecia: "As perguntas aqui reproduzidas foram dirigidas ao Dr. Lacan por um grupo de alunos da Faculdade de Letras de Paris. O texto foi redigido pelo Sr. G. Contesse. Agradecemos a este pr haver concordado em que o retomássemos."
1967-03-01	A lógica da fantasia		Opção Lacaniana	58	Lições do Seminário 14 - A Lógica da fantasia.
1967-07-10	Então, vocês terão escutado Lacan	101	Paradoxos	roxo	PG7... Na Faculdade de Medicina de Estrasburgo; o título é extraído do início da conferência. PG126 em **10 de junho de 1967** na Faculdade de Medicida de Estrasburgo. Havia em Estrasburgo um importante grupo lacaniano, desenvolvido a partir da segunda metade dos anos 1950 em torno de Luien Israel, professor de psiquiatria e psicanalista. Este foi o incentivador do covite feito a Lacan.
1967-10-01	Lugar, origem e fim do meu ensino	9	Paradoxos	roxo	**PG7**... No Vinatier, emLyon, asilo fundado sob a monarquia de Julho; a conferência é seguida por um diálogo com o filsósofo Henri Maldiney. **PG125** A primeira conferência foi realizada em **outubro de 1967** no Centre Hospitalier du Vinatier, em Lyon; Uma transcrição da conferência lionesa foi reproduzida em 1981 em uma publicação fotocopiada do CES de psiquiatria da Faculdade de Medicina de Lyon-I; esta foi reproduzida com minha autorização na revista *Essaim* . O Asile du Vinatier, criado pela lei de 30 de junho de 1838 que previa um asilo de alienados em cada departamento da França, foi pr muito tempo vítima de uma "imagem negativa" sob o nome de "Asile de Bron". Renovado após a Libertação, já havia se tornado o Centre Hospitalier du Vinatier quando Lacan lá esteve. O estabelecimento é desde então o primeiro centropsiquiátrico da região de Rhône-Alpes. O filósfo Henri Maldiney, nascido em 1912, por muito tempo professor na Universiade de Lyon, é vinculado à corrente fenomenológica. Dedicou-se a estética, escrevendo principalmente sobre poseia, belas-artes, a paisagem ocidental e a paisagem chinesa.
1967-10-09	Propsição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola		Opção Lacaniana	17	Extraído de Scilicet, nº1, Paris, Seuil, 1968.
1967-10-09	Propsição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola - primeira versão		Opção Lacaniana	16	Extraído de Analytica, n' 8, Paris, Lyse, abril de 1978.
1967-10-09	Um procedimento para o passe	5	Opção Lacaniana	18	**PG5** A efetivação da "Proposição de 9 de outubro de 1967" exigia um regulamento preciso. O texto aqui publicado reproduz um documento datilografado em circulação na antiga Escola, como anexo à "Proposição", em sua versão oral. Ele não pode ser considerado como um escrito de Lacan, por ser, sem dúvida um esboço. O procedimento adotado em 1969 (cf. Scilicet nº 2/3) difere sob diversos pontos, deste aqui. **PG8** Extraído de Ornicar?, nº 37, Paris, Navarin, 1986.
1967-10-09	Propsição de **9 de outubro de 1967** sobre o psicanalista da Escola	248	OutrosEscritos	V	Publicada em *Scilicet*, n.1, Paris, Seuil, 1968, p.14-30.
1967-11-01	SEM15 - O ato psicanalítico		Seminário	15	NÃO PUBLICADO
1967-12-31	O objeto da psicanálise	224	OutrosEscritos	IV	*Annuaire* **1967** da École Pratique de Hauts Études, p.211-2.
1968-04-20	Meu ensino, sua natureza e seus fins	67	Paradoxos	roxo	PG7... Em Bordeaux, par residentes de psiquiatria. PG126 em **20 de abril de 1968**, em Bordeux. Lacan foi a Bordeaux a convite de umgrupo de residentes do Hosptal Psiquátrico (CHS) Charles-Perrens. A conferência foi realizada numa sala municipal situada em frente ao stabelecimento.
1968-10-01	Duas notas sobre a criança		Opção Lacaniana	21	Estas duas notas, entregues manuscritas por Jacques Lacan à Sra Jenny Aubry, em outubro de 1969, foram publicadas por esta, pela primeira vez, com minha autorização, no seu livro editado em 1983.
1968-10-12	Nota sobre o pai		Opção Lacaniana	71	Comentário sobre a apresentação de Michel de Certeau: "O que Freud faz da história". Nota sobre "Uma neurose demoní-aca do século VII", de Freud, no congresso de Strasbourg, em 12 de outubro de 1968, publicada originalmente em 1969, em Lettres de l'École Freudienne, (7): 84.
1968-11-01	SEM16 - De um Outro ao outro		Seminário	16	
1968-12-31	A psicanálise. Razão de um fracasso	341	OutrosEscritos	VI	Publicados em *Scilicet,* nº1, Paris, Seuil, **1968**, p.31-41, 42-50 e 51-9. Uma nota final do autor trazia os seguintes esclarecimentos: "estes textos não foram lidos, a isso se opondo o número e a diversidade das platéias (de estudantes, na maioria) com que fui honrado. Distinguem-se, pois, do que efetivamente pronunciei, e do qual resta a gravação. "Tiveramlugar dois outros encontros que eu não havia preparado. Um no dia 16, em Pisa, sede da Escola Normal Superior da Itália, que devo à amizade de Jean Roudaut; ali procedi por uma maiêutica à qual meus ouvintes se mostraram propícios, diálogo este igualmente gravado. "No dia 18, o Instituto Psicanalítico de Milão foi ocenário d outro, onde não consegui uma platéia informada. "Agradeço seu diretor, o professor Fornari, por me havê-la fornecido numresa, para um debate de melhor tom. O professor Musatti esteve presente. "Os serviços dos Assuntos Culturais de que fui hóspede estão acima de qualquer elogio: que os Srs. Vallet e Dufour, dentre todos aqueles a quem sou grato, recebam aqui a homenagem por isso".
1968-12-31	Alocução sobre as psicoses da criança	359	OutrosEscritos	VI	Publicado sob o título de "Discours de clôture des Journées sur les psychoses de l'enfant" [Discurso de encerramento das Jornadas sobre as psicoses infantis"] em *Recherches*, número especial, "Enfance Alienée", dez **1968**, II, p.143-52; reproduzido em *Enfance Alienée* , UGE, col. 10/18, 1972, e mais tarde, sob o mesmo título, na editora Denoël, na coleção L'Espace Analytique, em 1984. O texto transcrito tinha sido corrigido pelo autor.
1968-12-31	Da psicanálise em suas relações com a realidade	350	OutrosEscritos	VI	Publicados em *Scilicet,* nº1, Paris, Seuil, **1968**, p.31-41, 42-50 e 51-9. Uma nota final do autor trazia os seguintes esclarecimentos: "estes textos não foram lidos, a isso se opondo o número e a diversidade das platéias (de estudantes, na maioria) com que fui honrado. Distinguem-se, pois, do que efetivamente pronunciei, e do qual resta a gravação. "Tiveramlugar dois outros encontros que eu não havia preparado. Um no dia 16, em Pisa, sede da Escola Normal Superior da Itália, que devo à amizade de Jean Roudaut; ali procedi por uma maiêutica à qual meus ouvintes se mostraram propícios, diálogo este igualmente gravado. "No dia 18, o Instituto Psicanalítico de Milão foi ocenário d outro, onde não consegui uma platéia informada. "Agradeço seu diretor, o professor Fornari, por me havê-la fornecido numresa, para um debate de melhor tom. O professor Musatti esteve presente. "Os serviços dos Assuntos Culturais de que fui hóspede estão acima de qualquer elogio: que os Srs. Vallet e Dufour, dentre todos aqueles a quem sou grato, recebam aqui a homenagem por isso".
1968-12-31	Introdução a *Scilicet* como título da revista da Escola Freudiana de Paris	288	OutrosEscritos	V	Publicado em Scilicet, n.1, Paris, Seuil, **1968**, p.3-13.
1968-12-31	O ato psicanalítico	371	OutrosEscritos	VI	Annuaire **1968-69** da École Pratique des Hautes Études, p.213-20.
1968-12-31	O engano do sujeito suposto saber	329	OutrosEscritos	VI	Publicados em *Scilicet,* nº1, Paris, Seuil, **1968**, p.31-41, 42-50 e 51-9. Uma nota final do autor trazia os seguintes esclarecimentos: "estes textos não foram lidos, a isso se opondo o número e a diversidade das platéias (de estudantes, na maioria) com que fui honrado. Distinguem-se, pois, do que efetivamente pronunciei, e do qual resta a gravação. "Tiveramlugar dois outros encontros que eu não havia preparado. Um no dia 16, em Pisa, sede da Escola Normal Superior da Itália, que devo à amizade de Jean Roudaut; ali procedi por uma maiêutica à qual meus ouvintes se mostraram propícios, diálogo este igualmente gravado. "No dia 18, o Instituto Psicanalítico de Milão foi ocenário d outro, onde não consegui uma platéia informada. "Agradeço seu diretor, o professor Fornari, por me havê-la fornecido numresa, para um debate de melhor tom. O professor Musatti esteve presente. "Os serviços dos Assuntos Culturais de que fui hóspede estão acima de qualquer elogio: que os Srs. Vallet e Dufour, dentre todos aqueles a quem sou grato, recebam aqui a homenagem por isso".
1969-01-25	Comunicado ao júri de acolhida para a Assembléia antes da votação (do dia **25 de janeiro de 1969**)	6	Opção Lacaniana	25	Texto extraído de Scilicet, nº 2/3, Paris, Seuil, 1970, p. 49.
1969-01-25	Pronunciamento na Escola	299	OutrosEscritos	V	Publicado sob o título de "Adresse dujury d'accueil à l'assemblée avant son vote (le 25 janvier 1969)" [Pronunciamento do júri de recepção na assembléia, antes de sua votação (em **25 de janeiro de 1969**)"], em Scilicet, n.2/3, Paris, Seuil, 1970, p.49-51.
1969-10-31	Nota sobre a criança	369	OutrosEscritos	VI	Esse texto, entregue à Sra. Jenny Aubry sob a forma de duas folhas manuscritas, foi publicado por ela pela primeira vez em seu livro *Enfance abandonnée* , lançado pela editora Scarabée & Cia. em **1983**, e reproduzido em *Orinicar?* , n.37, 1986, sob o título de "Deux notes sur l'enfant" [Duas notas sobre a criança]. Um exame mais atendo permitiu concluir que se tratava de um texto único. Ao final do texto, **outubro de 1969**.
1969-11-01	SEM17 - O avesso da psicanálise		Seminário	17	NÃO PUBLICADO
1969-12-31	A lógica da fantasia	323	OutrosEscritos	VI	Annuaire **1969** da Escola Prática de Estudos Superiores, p.189-94.
1970-04-19	Alocução sobre o ensino	302	OutrosEscritos	V	Publicado em Scilicet, n.2/3, Paris, **1970**, p.391-9. No início do texto, "proferido no encerramento do Congresso da Escola Freudiana de Paris, em 19 de abril de 1970, por seu diretor.
1970-11-01	SEM18 - De um discurso que não seria um semblante		Seminário	18	
1970-12-31	Discurso na Escola Freudiana de Paris	265	OutrosEscritos	V	Publicado em *Scilicet*, n.2/3, Paris, **1970**, p.9-29.
1970-12-31	Prefácio à edição dos *Escritos* em livro de bolso	383	OutrosEscritos	VII	Redigido para *Écrits I,* Paris, Seuil, col. Point Essas, **1970**, p.7-12. Igualmente publicado em *Écrits II*, texto integral, col. Points, Paris, Seuil, 1999, p.364-369.
1970-12-31	Prefácio a uma tese	389	OutrosEscritos	VII	Publicado sob o título de "Préface" na abertura do livro de Anika Rifflet-Lemaire, *Jacques Lacan* , Bruxelas, Charles Dessart, **1970**, p.9-20. O livro foi reeditado com o mesmo título pela editora Pierre Mardaga, Bruxelas, 1977, incluindo o prefácio (p.5-16).
1970-12-31	Radiofonia	400	OutrosEscritos	VII	Publicado em *Scilicet*, nº2/3, Paris, Seuil, **1970**, p.55-99. Lacan havia concordado em responder, para a rádio belga, as perguntas do Sr. Robert Georgin.
1971-10-01	Lituraterra	15	OutrosEscritos	I	Escrito parao número dedicado ao tema "Literatura e psicanálise", da revista *Littérature,* Larousse, nº3, **out 1971**, p.3-10; publicado na abetura do número.
1971-11-01	SEM19 - ...ou pior		Seminário	19	
1971-11-01	SEM19* - O saber do psicanalista		Seminário	19	NÃO PUBLICADO

1971-11-04	Saber, ignorância, verdade e gozo	9	Paradoxos	amarelo	Convidado a fazer no Hospital Sainte-Anne uma série de seminários mensais, destinados aos internos de psiquiatri, Lacan escolheu como título "O saber do psicanalista". É que alguns de seus alunos, talvez inspirados pela leitura de Bataille, havian, na época, levantado a bandeira do "não saber". De fato, se as três primeiras dessas "conversas", como as chamou Lacan, corresponderam mais ou menos à sua idéia inicial, as quatro seguintes, em contra partida, gravitaram em tomo das questões abordadas no grande Seminário que ele conduzia na praça do Panthéon, nos espaços da Faculdade de Direito, sob o título de "...ou pior". Respeitei essa cesura, inserindo as quatro em seu lugar cronológico, o livro 19 do Seminário*, onde fariam falta. As três primeiras, ao contrário, constituíram nele uma digressão. Foram estas que reuni neste pequeno volume. Elas foram pronunciadas na capela do hospital nos dias **4 de novembro de 1971**, 2 de dezembro do mesmo ano e 6 de janeiro de 1972.
1971-12-02	Da incompreensão e outros temas	39	Paradoxos	amarelo	Convidado a fazer no Hospital Sainte-Anne uma série de seminários mensais, destinados aos internos de psiquiatri, Lacan escolheu como título "O saber do psicanalista". É que alguns de seus alunos, talvez inspirados pela leitura de Bataille, havian, na época, levantado a bandeira do "não saber". De fato, se as três primeiras dessas "conversas", como as chamou Lacan, corresponderam mais ou menos à sua idéia inicial, as quatro seguintes, em contra partida, gravitaram em tomo das questões abordadas no grande Seminário que ele conduzia na praça do Panthéon, nos espaços da Faculdade de Direito, sob o título de "...ou pior". Respeitei essa cesura, inserindo as quatro em seu lugar cronológico, o livro 19 do Seminário*, onde fariam falta. As três primeiras, ao contrário, constituíram nele uma digressão. Foram estas que reuni neste pequeno volume. Elas foram pronunciadas na capela do hospital nos dias 4 de novembro de **1971, 2 de dezembro do mesmo ano** e 6 de janeiro de 1972.
1972-01-06	Estou falando com as paredes	71	Paradoxos	amarelo	Convidado a fazer no Hospital Sainte-Anne uma série de seminários mensais, destinados aos internos de psiquiatria, Lacan escolheu como título "O saber do psicanalista". É que alguns de seus alunos, talvez inspirados pela leitura de Bataille, havian, na época, levantado a bandeira do "não saber". De fato, se as três primeiras dessas "conversas", como as chamou Lacan, corresponderam mais ou menos à sua idéia inicial, as quatro seguintes, em contra partida, gravitaram em tomo das questões abordadas no grande Seminário que ele conduzia na praça do Panthéon, nos espaços da Faculdade de Direito, sob o título de "...ou pior". Respeitei essa cesura, inserindo as quatro em seu lugar cronológico, o livro 19 do Seminário*, onde fariam falta. As três primeiras, ao contrário, constituíram nele uma digressão. Foram estas que reuni neste pequeno volume. Elas foram pronunciadas na capela do hospital nos dias 4 de novembro de 1971, 2 de dezembro do mesmo ano e **6 de janeiro de 1972.**
1972-10-13	Conferência de Lovaina	7	Opção Lacaniana	78	Texto estabelecido por Jacques-Alin Miller. Esta conferência foi pronunciada no dia 13 de outubro de 1972, na Grande Rotunda da Universidade Católica de Lovaina. Até onde sei, ela foi filmada pela RTBF sem a autorização de Lacan.
1972-11-01	SEM20 - Mais ainda		Seminário	20	
1973-11-01	SEM21 - Les non-dupes errent		Seminário	21	NÃO PUBLICADO
1973-12-31	Nota italiana	311	OutrosEscritos	V	Esse texto, deixado inédito por J. Lacan, foi publicado em *Ornicar?* , nº25, **1982**, p.7-10, precedido por uma nota que esclarecia que "as pessoas implicadas não deram continuidade às sugestões aqui expressas". Ao final do texto, **1973**.
1973-12-31	O aturdito	448	OutrosEscritos	VII	Publicado em Scilicet, nº4, Paris, Seuil, **1973**, p.5-52.
1973-12-31	Posfácio ao *Seminário 11*	503	OutrosEscritos	VIII	Publicado no fim do primeiro volume lançado no Seminário de Jacques Lacan, livre XI: Les Quatre Concepts fondamentaux de la psychanalyse, Parius, Seuil, **1973** [Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Rio de Janeiro, Zahar, 1979].
1974-08-29	O triunfo da religião	55	Paradoxos	laranja	**PG7 ...**provém de uma "entrevista coletiva" realizada em Roma em **29 de outubro de 1974**, no Centro Cultural Francês, por ocasião de um congresso [onde pronunciou **A Terceira**]. Lacan foi interrogado por jornalistas italianos. **PG85** tanto o título como os subtítulo são de J.-A. Miller. Uma primeira versão foi publicada no boletim interno da Escola da Causa Freudiana, *Les Lettres de l'École* , nº16, 1975, p.6-26.
1974-11-01	SEM22 - R.S.I.		Seminário	22	NÃO PUBLICADO
1974-11-01	A terceira		Opção Lacaniana	62	Intervenção no VII Congresso da Escola Freudiana de Paris, Roma.
1974-11-30	O fenômeno lacaniano		Opção Lacaniana	68,69	Conferência realizada no dia 30 ele novembro ele 1974, no Centre Universitaire Méditerranéen de Nice, e publicada originalmente nos *Cahiers Cliniques de Nice* nº1, em 1998. Uma nova edição foi publicada em setembro de 2011 nessa mesma revista, e foi esse texto que traduzimos.
1974-12-31	O despertar da primavera		Opção Lacaniana	29	Circunstâncias: Brigitte Jaques, cujo Elvirel/Jouvet 40 triunfa nestes dias no palco, encenara então O Despertar da Primavera, de Wedekind. Fui tradutor para ela de uma passagem das Minutas da Sociedade Psicológica de quartafeira, a sessão do dia 13 de fevereiro de 1907, consagrada à peça e pedi a Jacques Lacan um texto. Escreveu este, que foi publicado encabeçando o programa, e depois retomado na edição da peça (Gallimard 1974).
1974-12-31	Prefácio a *O despertar da primavera*	557	OutrosEscritos	VIII	Escrito para o espetáculo montado por Brigitte Jacques no teatro Récamier, durante o Festival de Outono de **1974**; publicado no programa; reproduzido como prefácio da edição da peça de Wedekind, em tradução francesa de François Regnault, Gallimard, 1974, p.9-12.
1974-12-31	Televisão	508	OutrosEscritos	VIII	Esse texto foi publicado num volume da coleção Champ Freudien, Éd. Du Seuil, **1974** [Rio de Janeiro, Zahar, col. Campo Freudiano no Brasil, 1993].
1975-04-13	Religiões e o real		Opção Lacaniana	73	Textopublicado em La Cause Freudienne nº90. Trecho do discurso de encerrmento das Journées d'études des cartels da Escola Freudiana de Paris, em 13 de abril de 1975.
1975-10-04	Conferência em genebra sobre o sintoma	6	Opção Lacaniana	23	**PG6** Segundo as indicações que me foram fornecidas, a conferência, anunciada sob o título "O sintoma'Joi pronun-ciada no dia **4 de outubro de 1975**, no Centro Raymond de Saussure, num fim de semana de trabalho organizado pela Sociedade Suíça de Psicanálise, perante uma audi-ência composta por membros da dita Sociedade e de con-vidados; o Sr. Olivier Flournoy fez a abertura. **PG16** Extraído de Le Bric:Notes de la psychanalyse, nº 5, 1985.
1975-11-01	SEM23 - Joyce, o sinthoma		Seminário	23	
1975-12-31	... ou pior	544	OutrosEscritos	VIII	Publicado em Scilicet, nº5, Paris, Seuil, **1975**, p.5-10.
1975-12-31	Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*	550	OutrosEscritos	VIII	Publicado em *Scilicet*, nº5, Paris, Seuil, **1975**, p.11-7; o título original esclarecia, ntre parênteses, o nome da editora: Walter Verlag. A edição alemã do primeiro volume dos *Escritos* foi lançada em 1973 pela Walter Verlag, sob o título de *Schriften I*.
1975-12-31	Talvez em Vincennes...	316	OutrosEscritos	V	Constituiu a abertura do nº1 de *Ornicar?* , boletim periódico do "Champ Freudien", **jan 1975**, p.3-5; o textoindicava, sob t´ˆtulo dado pela redação "Proposição de Lacan".
1976-02-13	Uma psicose lacaniana	5	Opção Lacaniana	26,27	Texto extraído de *El Analiticón* , n°1, Campo Freudiano da Espanha-Barcelona, Editorial Correo Paradiso.
1976-11-01	SEM24 - L´insu que sait de l´une-bevue s´aile a mourre		Seminário	24	NÃO PUBLICADO
1976-11-16	*Nomina non sunt consequentia rerum*	6	Opção Lacaniana	28	Os textos "As identificações" (**16/11/1976**) e "O sistema tórico e a contra-psicanálise" (**14/12/1976**) foram extraídos de Omicar? n° 12/13; "Efeitos de significantes" (**11/01/1977**) de Ornicar' n° 14; "O real continua o imaginário" (**18/01/1977**) de Ornicar? n° 15 e "Nomina non sunt conse-quentia rerum" (**08/03/1977**) de Ornicar' n° 16. Todos foram traduzidos por Mário Almeida. As quatro aulas subsequentes a estas estão publicadas em Opção Lacaniana, n° 22 sob o título "Rumo a um significante novo".
1977-02-04	Entrevista sobre a ficção científica	9	Opção Lacaniana	80,81	Em janeiro de 1976, Igor e Grichka Bogdanoff pediram a Jacques Lacan, no final de uma seção de seu Seminário, que lhes falasse a respeito da ficção científica. Lacan os recebu em 4 de fevereiro de 1977. Esta entrevista foi oublicada no livro: **O efeito de ficção científica** (Paris, Robert Laffont, 1979, p.280-281). Reproduzimos essas páginas com a autorização de Jacques-Alain Miller.
1977-05-17	Rumo a um novo significante	6	Opção Lacaniana	22	Extraído de Omicar?, Reme du Champ freudien, nº 17/18, p. 7 a 23.
1977-11-01	SEM25 - Le moment de concluire		Seminário	25	NÃO PUBLICADO
1977-12-31	Abertura da sessão clínica	6	Opção Lacaniana	30	**1977**
1977-12-31	Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*	567	OutrosEscritos	VIII	Publicado em *Ornicar?* , nº12/13, **1977**, p.124-6. A edição em língua inglesa do *Seminário 11* foi lançada em 1977, sob o título *The Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis* , pela Hogart Press (The Random House Group, Ltd.) e, mais tarde, em 1979, pela editora Penguin. Com o mesmo título, a editora norte-americana Norton também publicou esse seminário em 1978.
1978-11-01	SEM26 - La topologie e le temps		Seminário	26	NÃO PUBLICADO
1978-12-31	O sonho de Aristóteles	8	Opção Lacaniana	79	
1979-11-01	SEM27 - Disolution		Seminário	27	NÃO PUBLICADO
1979-12-31	Joyce, o Sintoma	560	OutrosEscritos	VIII	Publicado em **1979** na coletânea *Joyce & Paris, 1902... 1920-1940... 1975* , em co-edição da editora do *CNRS* e das Publications de l'Université Lille-3, das atas do V Simpósio Internacional James Joyce, realizado em Paris de 16 a 20 de junho de 1975, p.13-7. Igualmente publicado em *Joyce avec Lacan* , pela editora Navarin, na coleção Bibliotèque des Analytica, 1987,p.3-7.
1980-01-08	Carta de dissolução	319	OutrosEscritos	V	Essa carta, dirigida sob forma mimeografada aos membros da Escola Freudiana de Paris, foi lida no seminário de **8 de janeiro de 1980**; foi impressa no *Annuaire 1982* da Escola da Causa Freudiana.
1980-06-10	O mal entendido		Opção Lacaniana	72	*Ornicar?* , (22/23):11-14. Pronunciado cm 10/06/1980.
1981-12-31	Considerações sobre a histeria	17	Opção Lacaniana	50	Este texto foi estabelecido a partir de uma primeira transcrição publicada com minha autorização no segundo número de Quarto em 1981: esta transcrição utiliza\'a notas manuscritas de M. Cornet e Gilson-JAM.
1981-12-31	Aviso ao leitor japonês	498	OutrosEscritos	VII	Lançado em françês na Lettre Mensuelle, publicada pela Escola da Causa Freudiana, nº3, **1981**, p.2-3.

ANEXO 2 - TESAURO

A palavra *Ensino* nos Escritos e Outros Escritos de Jacques Lacan

João Paulo Desconci

Método: foram localizadas as ocorrências da palavra **ensino** nas seguintes publicações brasileiras de Jacques Lacan: *Escritos*, *Outros Escritos,* coleção *Paradoxos* (Editora Zahar) e *Revista Brasileira Internacional de Psicanálise - Opção Lacaniana*, somando aproximadamente *398* citações ao todo. Devido ao grande número de citações da palavra **ensino** na Obra de Lacan, foram selecionadas as que foram consideradas articuladas especificamente ao *ensino* da psicanálise nesta pesquisa.

Dando início, tomamos os textos de conexão, datados explicitamente de 1966, escritos quando o *Escritos* estava em construção. *De nossos antecedentes* (LACAN, 1998, pg.69); *Do sujeito enfim em questão* (LACAN, 1998, pg.229); *De um desígnio LACAN, 1998, pg.365);* e *De um silabário a posteriori* (LACAN, 1998, pg.725). Estes que funcionam como pontes conceituais entre e junto com as seções iniciais do livro, fazem parte do cimento que mantém o edifício coeso. Antecipo igualmente a ocorrência no *Índice ponderado dos principais conceitos* (LACAN, 1966/1998) e em seguida os demais escritos.

A apresentação das citações obedece à cronologia aproximada das aparições do termo **ensino**, sempre indicada a paginação dos textos referenciados, bem como para cada título são apresentados os dados históricos e informações oficiais de publicações anteriores localizadas nas Referências Bibliográficas na ordem cronológica (Escritos, pg.930; Outros Escritos, pg.595 e nos demais encontrados no início ou final de cada publicação). No caso das ocorrências em Notas de Rodapé, isto é, acrescentadas na publicação dos Escritos ou Outros Escritos, elas foram identificadas com recuo e preenchimento em cinza.

De nossos antecedentes

p.71

"Sucede a nossos alunos enganarem-se em nossos escritos, por encontrarem "já presente" aquilo a que depois nos levou nosso **ensino**. Não será o bastante que o que ali se encontra não lhe tenha bloqueado o caminho? Que se possa ver, no que aqui se desenha de uma referência à linguagem, o fruto da única imprudência que nunca nos enganou: a de não nos fiarmos a nada senão à experiência do sujeito que é a matéria única do trabalho analítico".

p.76

"A bem da verdade, nenhum **ensino**, afora o apressado de rotina, veio à luz antes que, em 1951, inaugurássemos o nosso a título privado".

Do sujeito enfim em questão

p. 236

"É necessário o restabelecimento do status idêntico da psicanálise didática e do **ensino** da psicanálise, na abertura científica de ambos".

p. 236-237

"Se o leitor pode surpreender-se aqui com o fato de essa questão lhe chegar tão tardiamente – e com o mesmo caráter que faz com que tenha tido que haver duas repercussões das mais improváveis de nosso **ensino**, recebendo de dois estudantes da Universidade nos EUA a tradução cuidadosa (e bem feita) que mereceram dois de nossos artigos (dentre eles o presente) –, saiba ele que pusemos no quadro de nossa ordem preferencial: antes de mais nada, que haja psicanalistas.

De um desígnio

p. 365

As duas amostras que se seguem de nosso seminário incitam-nos a transmitir ao leitor alguma ideia do desígnio de nosso **ensino**.

p. 365

"A essa tarefa em andamento, juntemos as dificuldades pessoais que podem criar obstáculo ao acesso de um sujeito a uma noção como a *Verwerfung*, em exata proporção ao fato de ele estar mais interessado nela. Drama cotidiano onde se lembra que este **ensino**, que a todos abre sua teoria, tem por desafio prático a formação do psicanalista".

De um silabário a posteriori

p.726

"Ora, é aí mesmo que a estocada certeira que Jones tenciona desferir-lhe, por ser o defensor de Freud, adquire o valor que faz com que lhe dediquemos nosso interesse aqui: por ela confirmar *ab ovo*, quer dizer, no tempo de germinação da análise, a opção inflexível de nosso **ensino**. Jones adianta-se aí, expressamente, para enunciar o princípio pelo qual Jung se exclui da psicanálise".

p. 731

"Seu preconceito é baconiano. Recebemos sua marca na escola, onde nos **ensinam** que a vertente decisiva da ciência é o recurso ao *sensorium*, qualificado de experimental".

Índice ponderado dos principais conceitos

p. 908

"Esteja esse ponto do lado de dentro, isto é, dali de onde a psicanálise é aplicada, a mediação se inverte, portanto, mas resta ainda distinguir os praticantes que seguem nosso **ensino** daqueles que se abstêm de fazê-lo. Ela será, para os primeiros, uma provável oportunidade de avaliar o excesso de um texto do qual eles sabem qual é a experiência. E oportunidade, para os últimos, de ter o que fazer com ele na sua.

Para além do "Princípio de realidade"

ESCRITOS

Marienbad-Noirmoutier, agosto-outubro de 1936. Publicado em *Évolution Psychiatrique*, 1936, fascículo III, número especial de estudos freudianos, p.67 a 86.

p. 86-87

"Mas o psicanalista, por não desvincular a experiência da linguagem da situação que ela implica, a do interlocutor, toca no fato simples de que a linguagem, antes de significar alguma coisa, significa para alguém. Pelo simples fato de estar presente e escutar, esse homem que fala dirige-se a ele, e, já que ele impõe a seu discurso não querer dizer nada, resta o que esse homem *quer lhe dizer*. O que ele diz, com efeito, pode "não ter nenhum sentido" , mas o que ele *lhe* diz contém um sentido. É no movimento de responder que o ouvinte o sente; é suspendendo esse movimento que ele compreende o sentido do discurso. Então, reconhece neste uma intenção, dentre aquelas que representam uma certa tensão da relação social: intenção reivindicatória, intenção punitiva, intenção propiciatória, intenção demonstrativa, intenção puramente agressiva. Sendo essa intenção assim compreendida, que se observe como a transmite a linguagem. De duas maneiras, das quais a análise é rica em **ensinamentos**: ela se exprime, mas sem ser compreendida pelo sujeito, naquilo que o discurso relata do vivido, na medida em que o sujeito assume o anonimato moral da expressão: é a forma do simbolismo; ela é concebida, mas negada pelo sujeito, no que o discurso afirma do vivido, na medida em que o sujeito sistematiza sua concepção: é a forma da denegação. Assim, a intenção revela-se, na experiência, inconsciente enquanto expressa, consciente enquanto reprimida. Ao passo que a linguagem, por ser abordada por sua função de expressão social, revela ao mesmo tempo sua unidade significativa na intenção e sua ambigüidade constitutiva como expressão subjetiva, depondo contra o pensamento, sendo mentirosa com ele. Note-se de passagem que essas relações, que a experiência oferece aqui ao aprofundamento fenomenológico, são ricas em diretrizes para qualquer teoria da " consciência", especialmente a mórbida, vindo seu reconhecimento incompleto tomar caduca a maioria dessas teorias".

p. 91

"Essas relações podem ser opostas às que constituem, no sentido estrito, o conhecimento, como relações de co-naturalidade: queremos evocar com esse termo sua homologia com as formas mais imediatas, mais globais e mais adaptadas que caracterizam em seu conjunto as relações psíquicas do animal com seu meio natural, e pelas quais estas se distinguem das mesmas relações no homem. Voltaremos a falar do valor desse **ensinamento** da psicologia animal. De qualquer modo, no homem, a idéia de um mundo unido a ele por uma relação harmoniosa deixa adivinhar sua base no antropomorfismo do mito da natureza; à medida que se realiza o esforço que impulsiona essa idéia, a realidade dessa base revela-se na subversão cada vez mais vasta da natureza que é a hominização do planeta: a " natureza" do homem é sua relação com o homem".

Complexos familiares na formação do indivíduo

OUTROS ESCRITOS

A edição publicada desse texto em 1984, na editora Navarin, abria-se com a seguinte nota, assinada por J.-AM.: "Esse texto foi escrito por Jacques Lacan para o volume VIII da Encyclopédie française, dedicado à 'vida mental' e lançado em 1938; ocupa, em sua segunda parte, 'Circunstâncias e objetos da atividade psíquica', a seção A: 'A família', título pelo qual é comumente designado. Para esta edição, resgatei o título dado por Lacan;

resgatei também a continuidade do texto, rompida pela paginação da Encyclopédie por iniciativa do editor, em razão de sua extensão."

p. 32

"Por outro lado, se a extensão e a estrutura dos grupos familiares primitivos não excluem a existência, em seu seio, de famílias limitadas a seus membros biológicos - fato tão incontestável quanto o da reprodução bissexuada -, a forma assim arbitrariamente isolada nada nos pode **ensinar** sobre sua psicologia, e não podemos assimilá-la à forma familiar atualmente existente".

O número treze e a forma lógica da suspeita

OUTROS ESCRITOS

Contribuição para os Cahiers d'Art, 1945-46, p.383-93.

p. 97-98

"O Sr. Le Lionnais, quer por haver obedecido ao preceito tradicional que ordena que, quando alguém sabe dez coisas, só deve **ensinar** nove, quer por benevolência ou malícia, mostra ter-nos facilitado demais as coisas".

Formulações sobre a causalidade psíquica

ESCRITOS

Pronunciado em 28 de setembro de 1946 nas Jornadas Psiquiátricas de Bonneval. Publicado em *Le Problème de la psychogenèse des névroses et des psychoses*, de Lucien Bonnafé, Henri Ey, Sven Follin, Jacques Lacan e Julien Rouart, Paris Desclée de Brouwer, 1950, p.123 a 165.

p. 152-153

"Eis por que me inclinarei, primeiramente, perante um esforço de pensamento e de **ensino** que é a honra de uma vida e o fundamento de uma obra, e, se lembro a nosso amigo Henry Ey que, por nossas sustentações teóricas primeiras, entramos juntos do mesmo lado da iça, não é apenas por me surpreender por nos encontrarmos tão opostos hoje".

A psiquiatria inglesa e a guerra

OUTROS ESCRITOS

Publicado em L'Évolution Psychiatrique, vol.I, 1947, p.293-312 e 313-8, e em La Querelle des diagnostics, Navarin, 1986.

p. 118

"Eles tinham de ser submetidos, durante esses três dias, a uma série de exames que visavam antes e sobretudo ressaltar a personalidade deles, isto é, especialmente o equilíbrio das relações com os outros que domina a disposição das próprias aptidões, sua taxa utilizável no papel do líder e nas condições de combate, do que suas aptidões técnicas, seu quociente de inteligência ou mesmo, mais precisamente, o que a análise de Spearman nos **ensinou** a isolar no famoso fator *g* como o pivô da função intelectual. Todas as provas centralizavam-se, portanto, na detecção dos fatores da personalidade".

p. 119

"Eles tinham de ser submetidos, durante esses três dias, a uma série de exames que visavam antes e sobretudo ressaltar a personalidade deles, isto é, especialmente o equilíbrio das relações com os outros que domina a disposição das próprias aptidões, sua taxa utilizável no papel do líder e nas condições de combate, do que suas aptidões técnicas, seu quociente de inteligência ou mesmo, mais precisamente, o que a análise de Spearman nos **ensinou** a isolar no famoso fator g como o pivô da função intelectual. Todas as provas centralizavam-se, portanto, na detecção dos fatores da personalidade".

A agressividade em psicanálise

ESCRITOS

Relatório teórico apresentado no XI Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa, reunido em Bruxelas em meados de maio de 1948. Publicado na *Revue Française de Psychanalyse*, nº 3, julho-setembro de 1948, p.367 a 388.

p. 125

"Além do mais, não parece que o indivíduo humano, como material de tal luta, seja absolutamente infalível. E a detecção dos " maus objetos internos" , responsáveis pelas reações (que podem ser muito caras em equipamentos) de inibição e escalada dos acontecimentos, detecção à qual recentemente aprendemos a proceder mediante os elementos das tropas de choque, da aviação de caça, do pára-quedas e dos grupos de assalto, prova que a guerra, depois de muito nos haver **ensinado** sobre a gênese das neuroses, mostra-se talvez exigente demais em matéria de sujeitos cada vez mais neutros numa agressividade cujo patético é indesejável".

Intervenção no I Congresso Mundial de Psiquiatria

OUTROS ESCRITOS

Publicado em 1952 nas atas do Congresso de 1950, vol.V: *Psychothérapie-Psychanalyse/Médecine psycho-somatique*, Hermann, col. "Actualités scientifique et industrielles", 1172, p.103-107

p. 135

"Essa teoria nos interessa por evidenciar que toda ciência dita psicológica deve estar impregnada dos ideais da sociedade em que se produz, não, certamente, porque a relacionemos com o que a literatura especializada nos **ensina** sobre as manifestações do sexo na América, porém, sobretudo, pelo que se deduz dela ao tomá-la ao pé da letra, ou seja: que os animais mecânicos que vêm sendo montados, mais ou menos por toda parte, impulsionados pelo *feedback*, uma vez que já vêem, agitam-se e sofrem por suas necessidades, não deixarão de manifestar, dentro em pouco, uma nova vontade de fazer amor".

Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia

ESCRITOS

Comunicação para a XIII Conferência dos Psicanalistas de Língua Francesa (29 de maio de 1950), em colaboração com Michel Cénac. Publicado na *Revue Française de Psychanalyse*, vol.IV, nº 1, janeiro-março de 1951, p.7 a 29.

p. 141-142

"Observe-se que um dos primeiros elementos cuja autonomia psíquica essa experiência o **ensinou** a apreender, ou seja, o que a teoria aprofundou progressivamente como representando a instância do eu, é

também aquilo que, no diálogo analítico, é declarado pelo sujeito como sendo dele mesmo, ou, mais exatamente, aquilo que, tanto por seus atos quanto por suas intenções, possui a declaração do sujeito. Ora, dessa declaração Freud reconheceu a forma que é mais característica da função que ela representa: é a Verneinung, a denegação".

O mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose

PARADOXOS azul

1952. A conferência foi proferida Collège Philosophique "onde se cruzavam, a convite de Jean Wahl, as febris agitações de então", diz Lacan. (Escritos, p.76) Um texto mimeografado dessa conferência foi difundido em 1953, s.d., sem o consentimento do autor e sem ter sido corrigido por ele. A presente versão é aquela que estabeleci e publiquei na época na revista Ornicar?, nº17-18, Seuil, 1978, p.290-307. Esse "mito individual", assinala Lacan, marca nele "o início de uma referência estruturalista em forma". A expressão encontra-se em seu artigo de 1949, "A eficácia simbólica" (in Antropologia estrutural, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p.215-36). No tratamento psicanalítico, explica Lévi-Strauss, p.230, "é um mito individual que o paciente constrói com a ajuda de elementos de seu passado", ao passo que "no tratamento xamanístico", ele recebe "um mito social".

p. 11

"A dificuldade dessa exposição não lhe é tão intrínseca. Deve-se ao fato de ela tratar de algo novo de que pude me aperceber tanto por minha experiência analítica quanto pela tentativa que faço, ao longo de um **ensino** chamado seminário, de aprofundar a realidade fundamental da análise. Extrair essa parte original para fora desse **ensino** e dessa experiência, para fazer vocês sentirem seu alcance, comporta dificuldades muito específicas na exposição".

p. 15-16

"Essas observações são periodicamente objeto de um interesse renovado no **ensino** o que não impediu um de nossos eminentes colegas de manifestar recentemente a seu respeito - ouvi-o de sua própria boca - uma espécie de desprezo. A técnica, dizia ele, é nelas tão inepta quanto arcaica. Isso quem sabe se sustenta se pensarmos nos progressos que fizemos ao tomar consciência da relação intersubjetiva e só interpretar através das relações que se estabelecem entre o sujeito e nós na atualidade das sessões. Mas será que meu interlocutor deveria levar as coisas até o ponto de dizer que os casos de Freud eram mal escolhidos? Pode-se decerto dizer que estão todos incompletos, que para muitos são psicanálises que pararam no meio do caminho, pedaços de análise. Porém, justamente isso deveria nos incitar a refletir e a nos perguntar por que Freud fez tal escolha. Isso, bem entendido, se confiarmos em Freud. E é preciso confiar nele".

p. 38-39

"O sistema quaternário, tão fundamental nos impasses, nas insolubilidades da situação vital dos neuróticos, tem uma estrutura bem diferente daquela dada tradicionalmente - o desejo incestuoso pela mãe, a interdição do pai, seus efeitos de barreira e, em torno disso, a proliferação mais ou menos luxuriante de sintomas. Creio que essa diferença deveria nos levar a discutir a antropologia geral que se depreende da doutrina analítica tal como foi **ensinada** até agora. Numa palavra, todo o esquema do Édipo deve ser criticado. Não posso me pôr a fazer isso hoje à noite, mas nem por isso posso deixar de tentar introduzir aqui o quarto elemento de que se trata.

Algumas considerações sobre o ego

Opção Lacaniana 24 junho de 1999

Comunicação feita na Sociedade Inglesa de Psicanálise em 2 de maio de 1951, publicada no International Journal of Psychoanalysis, 3, 1953. Texto extraído de Uno por Uno, nº41, inverno 94-95.

p. 07

"Este era exatamente o processo envolvido no Diálogo Socrático: abordando a ciência, a política, ou o amor, Sócrates **ensinava** os mestres de Atenas a se tomarem o que deviam desenvolvendo sua consciência do mundo e de si mesmos através de formas que eram constantemente redefinidas. O único obstáculo que ele encontrou foi a atração do prazer".

pg. 12

Não queremos complicar as questões nos afastando muito de nosso assunto principal, e assim nos limitaremos a mencionar o que a antropologia comparativa nos **ensinou** quanto às funções, em outras culturas, das ditas "técnicas corporais" as quais o sociólogo Mauss dedicou um pormenorizado estudo. Estas técnicas corporais podem ser encontradas por toda pane, podemos vê-las sustentando o estado de transe em um indivíduo, assim como as cerimônias de grupo, que estão presentes nos rituais funerários e nas experiências iniciáticas. Tais ritos nos parecem hoje em dia misteriosos. Nos surpreende que manifestações que entre nós seriam consideradas patológicas possam ter em outras culturas uma função social na promoção da estabilidade mental. Deduzimos que tais técnicas ajudam o indivíduo a atravessar fases críticas do desenvolvimento, o que as revela como obstáculos para nossos pacientes.

O simbólico, o imaginário e o real

PARADOXOS verde

8 de julho de 1953. Precede imediatamente a redação, durante o verão, do relatório de Roma sobre "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise", que marcava o início público do "**ensino** de Lacan", como diríamos mais tarde. A conferência constitui a apresentação temática inaugural da famosa tríade que sustentará de ponta a ponta a elaboração de Lacan ao longo das três décadas seguintes, até se tomar seu objeto essencial não apenas conceitual, mas matemático e material, sob a forma do nó borromeano e seus derivados.

O título é o original; a conferência havia sido estenografada, depois datilografada; o texto aqui publicado foi estabelecido por mim; indicada no texto, permanece uma lacuna (p.32), possivelmente de pouca extensão. Esta foi a primeira comunicação dita científica da nova Sociedade Francesa de Psicanálise, recém-oriunda da cisão ocorrida no movimento psicanalítico francês. O conflito devia repercutir dez anos mais tarde, conduzindo dessa vez à "excomunhão" de Lacan e à fundação por este de sua própria Escola, que batizará de Escola Freudiana de Paris. A fonte de inspiração da tríade lacaniana encontra-se no artigo de Lévi-Strauss, "A eficácia simbólica" (publicado em 1949, retomado em Antropologia Estrutural, 1958), que propõe a definição sucinta, porém inédita, de um inconsciente vazio, sem conteúdo, puro órgão da função simbólica, impondo leis de estrutura a um material de elementos inarticulados proveniente tanto da realidade como do reservatório de imagens acumuladas por cada um (ver p.223-5 da ed.fr.). O conceito de "mito individual", que figura nessas mesmas páginas, fora retomado por Lacan em sua conferência de 1952

intitulada "O mito individual do neurótico". Na esteira de sua conferência de julho de 1953, Lacan lançou-se à redação do relatório que devia apresentar dos meses mais tarde em Roma, no primeiro Congresso da nova Sociedade, e que marcará época ("Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise", in Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p.23-324; "Discurso de Roma", in Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p.139-72). Lacan refere-se ao seminário que acaba de concluir, sobre o Homem dos Ratos, e ao do ano precedente, sobre o Homem dos Lobos. Esses seminários eram realizados em sua casa, rua de Lille, e não eram estenografados; ao que eu saiba, subsistem apenas algumas notas de ouvintes; não podiam portanto figurar na lista dos seminários cuja publicação foi prevista e anunciada.

p. 11

"Assim, começarei em primeiro lugar por me desculpar por isso, pedindo-lhes que considerem esta comunicação ao mesmo tempo como um resumo de pontos de vista que aqueles que são meus alunos aqui conhecem bem, com os quais já estão familiarizados há dois anos por intermédio do meu **ensino**, e também como uma espécie de prefácio ou introdução a certa orientação de estudo da psicanálise.

Com efeito, creio que o retomo aos textos freudianos, que são objeto do meu **ensino** há dois anos, proporcionou-me, ou melhor, proporcionou a todos nós que trabalhamos em conjunto, a idéia cada vez mais clara de que não há apreensão mais completa da realidade humana que a feita pela experiência freudiana, e que não podemos deixar de retomar às fontes e apreender esses textos em todos os sentidos da palavra".

Discurso de Roma

OUTROS ESCRITOS

Redação do discurso proferido por ocasião da apresentação do relatório "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (*Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.237-322 [*Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p.238-324], mo I Congresso da Sociedade Francesa de Psicanálise, realizado em Roma em 26 e 27 de setembro de 1953. Publicado na revista *La Psychanalyse*, PUF, vol.1, 1956, p.202-11 e 241-55.

p. 140

"É que, embora seja aludida quase sempre por um dos interlocutores no obscuro sentimento de poupar ao outro sua dificuldade, nem por isso *uma* pergunta fica menos presente, essencialmente, em todo o **ensino** analítico, e se deixa transparecer na forma intimidada *das* perguntas em que é cunhada a aprendizagem técnica. 'Senhor (subentenda-se: que sabe o que acontece com estas realidades veladas - a transferência, a resistência), o que se deve fazer, o que se deve dizer (entenda-se: que faz o senhor, que diz o senhor) num caso assim?"

p. 150

"De fato, não é com a psicologia que Freud se preocupa, nem em reforçar o eu de sua paciente, nem em lhe **ensinar** a suportar a frustração ao ser cobrado por Dora a propósito da situação escandalosa em que a má conduta do pai dela a prostitui. Muito pelo contrário, é a essa mesma situação que Freud a remete para obter dela a confissão do apoio ativo e constante que ela lhe dá, sem o qual essa situação não poderia ter se perpetuado nem por um instante".

p.153

"Uma verdade de fato é o centro único em que meu discurso encontra sua coerência interna, e pelo qual pretende ser para vocês o que será, se fizerem o obséquio de recorrer a ele em nossos trabalhos futuros: esse ABC, esse rudimento cuja falta às vezes se faz sentir num **ensino** sempre comprometido com algum problema atual, e que concerne aos conceitos dialéticos – fala, sujeito, linguagem – nos quais esse **ensino** encontra suas coordenadas, suas linhas e seu centro de referência. Isso, não para lhes propor esses conceitos em definições formais nas quais vocês encontrariam oportunidade para renovas as entificações que eles almejam desfazer, mas colocando-os a seu alcance no universo de linguagem em que eles se inscrevem a partir do momento em que eles pretendem reger o movimento desse universo, pois é ao se referirem à articulação deles nesse discurso que vocês perceberão o emprego exato em que poderão retomá-los, na nova significação em que lhes será facultado servirem-se deles".

p. 167

"O primado da técnica não é questionado aqui, mas sim as mentiras de seu **ensino**. Não se trata de reintroduzir nela o devaneio, mas de afastar seus mistérios. Ora, o mistério é solidário de privilégios de que todo o mundo tira partido, sem o que não se faria tanta questão dele, e cuja desmistificação é inoportuna por atentar contra isso".

Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise

ESCRITOS

Relatório do Congresso de Roma, realizado no Instituto di Psicologia della Università di Roma, em 26 e 27 de setembro de 1953. Publicado em *La Psychanalyse*, Paris, PUF, vol 1. 1956, p.17 a 28 e 41 a 49.

p. 238-239

"Contudo, não pareceu àqueles que desde então haviam fundado a nova Sociedade Francesa de Psicanálise que eles devessem privar da anunciada exposição a maioria estudantil que aderia a seu **ensino**, nem tampouco que devessem abdicar do lugar eminente em que ela fora prevista".

p. 241

"É essa, sem dúvida, a função de quem **ensina**, da qual todas as outras dependem, e é nela que melhor se inscreve o valor da experiência".

p. 242

"Sem dúvida, essa última novidade nos parece inspirar-se no respeito devido àqueles que efetivamente sofreram o que chamaremos, moderando nosso pensamento, uma pressão sobre o **ensino** que os submeteu a uma rude prova, mas também podemos indagar-nos, ao ouvir o trêmolo na boca dos mestres, se os limites do infantilismo não terão sido recuados, sem aviso prévio, até a parvoíce".

p. 242

"Método de verdade e de desmistificação das camuflagens subjetivas, manifestaria a psicanálise uma ambição desmedida ao aplicar seus princípios à sua própria corporação, isto é, à concepção que têm os psicanalistas de seu papel junto ao doente, de seu lugar na sociedade dos espíritos, de suas relações com seus pares e de sua missão de **ensino**?"

p. 247

"É que, se a incomunicabilidade dos motivos pode sustentar um magistério, ela não se equipara à mestria, ao menos àquela exigida por um **ensino**. Aliás, percebemos isso quando foi preciso, no passado, para sustentar sua primazia, dar, quanto à forma, ao menos uma lição".

p. 258

"É justamente essa assunção de sua história pelo sujeito, no que ela é constituída pela fala endereçada ao outro, que serve de fundamento ao novo método a que Freud deu o nome de psicanálise, não em 1904 - como antigamente **ensinava** uma autoridade que, por ter rejeitado o manto de um silêncio prudente, pareceu nesse dia só conhecer de Freud o título de suas obras -, porém em 1895.

p. 261

"O estudante que tiver a ideia – tão rara, é verdade, que nosso **ensino** se empenha em difundi-la – de que, para compreender Freud, a leitura de Freud é preferível à do Sr. Fenichel, poderá aperceber-se, ao empreendê-la, de que o que acabamos de exprimir é tão pouco original, mesmo em sua verve, que não aparece nisto uma única metáfora que a obra de Freud não repita com a freqüência de um motivo onde transparece sua própria trama".

p. 263

"O que **ensinamos** o sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história - ou seja, nós o ajudamos a perfazer a historicização atual dos fatos que já determinaram em sua existência um certo número de "reviravoltas" históricas. Mas, se eles tiveram esse papel, já foi como fatos históricos, isto é, como reconhecidos num certo sentido ou censurados numa certa ordem".

p. 269

"Mas isso ainda é apenas a decifração do instrumento. É na versão do texto que o importante começa, o importante que Freud nos diz ser dado na elaboração do sonho, isto é, em sua retórica. Elipse e pleonasmo, hipérbato ou silepse, regressão, repetição, aposição, são esses os deslocamentos sintáticos, e metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque, as condensações semânticas em que Freud nos **ensina** a ler as intenções ostentatórias ou demonstrativas, dissimuladoras ou persuasivas, retaliadoras ou sedutoras com que o sujeito modula seu discurso onírico".

p. 270

"Pois se, para admitir um sintoma na psicopatologia psicanalítica, seja ele neurótico ou não, Freud exige o mínimo de sobredeterminação constituído por um duplo sentido, símbolo de um conflito defunto, para-além de sua função, num conflito presente *não menos simbólico*, e se ele nos **ensinou** a acompanhar, no texto das associações livres, a ramificação ascendente dessa linhagem simbólica, para nela detectar, nos pontos em que as formas verbais se cruzam novamente, os nós de sua estrutura, já está perfeitamente claro que o sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada".

p. 289

"O conjunto dessas matérias, que determina o *cursus* de um **ensino** técnico, inscreve-se normalmente no triângulo epistemiológico que já descrevemos, e que nos forneceria seu método a um **ensino** superior de sua teoria e sua técnica".

p. 293-294

"Ao que parece, isso já não poderia ser esquecido, não fosse precisamente o **ensino** da psicanálise que é passível de esquecimento - coisa da qual se verifica, por um retomo mais legítimo do que se supõe, que a confirmação nos vem dos próprios psicanalistas, pelo fato de suas " novas tendências" representarem esse esquecimento".

p. 296

"Poderíamos obter uma referência disso no que a tradição hindu **ensina** sobre o *dhvani** por distinguir a propriedade que tem a fala de fazer ouvir o que ela não diz. Assim é que ela a ilustra com uma historieta cuja ingenuidade, que parece ser a regra nesses exemplos, mostra um humor suficiente para nos induzir a penetrar na verdade que ela contém".

*Trata-se do **ensinamento** de Abhinavagupta, no século X. Cf. a obra do dr. Kanti Chandra Pandey, " Indian aesthetics", *Chowkhamba Sanskrit Series*, Studies, vol.II, Benares, 1950.

p. 296

"Essa técnica exigiria, tanto para ser **ensinada** quanto para ser aprendida, uma profunda assimilação dos recursos de uma língua, e especialmente dos que se realizaram concretamente em seus textos poéticos. Sabemos que foi esse o caso de Freud quanto às letras alemãs, incluindo-se nelas o teatro de Shakespeare, em virtude de uma tradução ímpar. Toda a sua obra é testemunho disso, ao mesmo tempo que do recurso que ele encontra incessantemente ali, não menos em sua técnica do que em sua descoberta. E sem prejuízo do apoio de um conhecimento clássico dos Antigos, de uma iniciação moderna no folclore e de uma participação interessada nas conquistas do humanismo contemporâneo no campo etnográfico"

p. 300

"Sabemos do uso que é feito, nas tradições primitivas, dos nomes secretos em que o sujeito identifica sua pessoa ou seus deuses, a tal ponto que revelá-los é se perder ou traí-los, e as confidências de nossos sujeitos, senão nossas próprias lembranças, **ensinam**-nos que não é raro a criança encontrar espontaneamente a virtude desse uso".

p. 306

"Seria impossível dizer melhor, com efeito. A análise transforma- se na relação de dois corpos entre os quais se estabelece uma comunicação fantasística, onde o analista **ensina** o sujeito a se apreender como objeto; a subjetividade só é admitida no parêntese da ilusão, e a fala é excluída de uma investigação da vivência que se torna a meta suprema, mas o resultado dialeticamente necessário disso aparece no fato de que, sendo a subjetividade do psicanalista livre de qualquer freio, livra o sujeito a todas as intimações de sua fala".

Introdução e Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung"de Freud.

ESCRITOS

Quinta lição, homônima, do Seminário 1.
Seminário de técnica freudiana de 10 de fevereiro de 1954, realizado na clínica da Faculdade do Hospital Sainte-Anne e dedicado, durante o ano de 1953-54, aos *Escritos técnicos* de Freud. Publicado em *La Psychanalyse*, Paris, PUF, vol.1, 1956, p.17 a 28 e 41 a 49.

p. 370

"Seminário de técnica freudiana*...

*Fornecemos aqui o texto colhido de um dos colóquios do seminário realizado na clínica da Faculdade, no hospital Sainte-Anne, e dedicado, durante o ano de 53-54, aos escritos técnicos de Freud e à atualidade a que a concernem. Ele foi apenas ampliado com algumas remissões, que pareceram úteis, a lições anteriores, sem que por isso tenha sido possível eliminar a dificuldade de acesso inerente a todo e qualquer fragmento escolhido de um **ensino**".

p. 374

"Seja como for, é na medida em que o sujeito chega ao limite do que o momento permite a seu discurso efetuar com a fala que se produz o fenômeno no qual Freud nos mostra o ponto de articulação entre a resistência e a dialética analítica. Pois esse momento e esse limite equilibram-se na emergência, fora do discurso do sujeito, do traço que pode dirigir-se mais particularmente a vocês naquilo que ele está dizendo. E essa conjuntura é promovida à função de pontuação de sua fala. Para tornar apreensível esse efeito, servimo-nos da imagem de que a fala do sujeito báscula para a presença do ouvinte*

*Aí se há de reconhecer a fórmula pela qual introduzimos, nos primórdios de nosso **ensino**, aquilo de que se trata aqui. O sujeito, dizíamos, começa a análise falando de si sem falar com vocês, ou falando com vocês sem falar de si. Quando puder falar de si com vocês, a análise estará terminada.

p. 377

"O humor obsidional que se deixa trair na morosidade da análise das defesas daria, portanto, com certeza frutos mais encorajadores para os que nela se fiam, se ao menos eles a pusessem na escola da luta real mínima, que lhes **ensinaria** que a resposta mais eficaz a uma defesa não é fazer-lhe uma demonstração de força.

p. 384

"Eis por que os textos de Freud revelam ter, no final das contas, um verdadeiro valor formativo para o psicanalista, ao habituá-lo, como ele deve estar - nós o **ensinamos** expressamente -, ao exercício de um registro fora do qual sua experiência não é mais nada".

p. 391-392

"As correlações do fenômeno nos **ensinarão** mais, quanto ao que nos interessa, do que o relato que o submete às condições de transmissibilidade do discurso. Que seu conteúdo se dobre a este tão facilmente, que chegue até a se confundir com os temas do mito ou da poesia, decerto levanta uma questão, que se formula prontamente, mas que talvez exija ser reformulada num segundo tempo, nem que seja por sabermos, logo de saída, que a solução simples não é suficiente aqui".

Do símbolo e de sua função religiosa

PARADOXOS azul

Contribuição de Lacan ao Congresso de Psicologia Religiosa, realizado em Paris, em setembro de 1954. O título e o estabelecimento são meus. O zelo com que Lacan foi acolhido pelo reverendo padre Bruno dá uma ideia do clima: em certos meios católicos, esperava-se muito da cisão de 1953.

p. 80-81

"Não espere de mim que lhe explique a emergência da surpreendente inspiração que faz com que, no plano dos símbolos, o Cão celeste seja um cão tanto quanto o cão terrestre. É assim. Chegamos dentro disso, e imediatamente nos **ensinam** a falar. Pelo simples fato de nos **ensinarem** a falar, Do símbolo e de sua função religiosa somos introduzidos no universo do símbolo. Conforme os vários acidentes de nossa vida, seremos ou não levados a nos indagar sobre isso, ou mesmo a não abordá-lo de jeito nenhum, não importa"

Variantes do tratamento-padrão

ESCRITOS

Dias antes da aula XVI – A carta roubada, do Seminário 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise.
Redigido na Páscoa de 1955 (10 de abril). Publicado na *Encyclopédie médico-chirurgicale, Psychiatrie,* vol.III, 2-1955, fascículo 37812-C10. Suprimido em 1960.

p. 330

"Esse fundamento de tempo é aquele com que Freud a inaugurou e que nós modulamos: retorno ou memorial? Outros se detêm na coisa neste ponto ultrapassado: será real ou irreal? Lagache indaga quanto ao conceito: necessidade de repetição ou repetição de necessidade?*".

*Em 1966, não há quem siga nosso **ensino** sem ver nele que a transferência é a imisção do tempo de saber. Esse texto, apesar de reescrito, segue escrupulosamente nossos enunciados de então.

p. 332-333

"No caminho da que é verdadeira, não é preciso procurar muito pela ambigüidade insustentável que se propõe à psicanálise; ela está ao alcance de todos. É ela que se revela na questão do que falar quer dizer, e todos a encontram ao simplesmente acolher um discurso. Pois a própria locução em que a língua recolhe sua intenção mais ingênua - a de entender o que ele " quer dizer" - já deixa claro que ele não o diz. Mas o que quer dizer esse " quer dizer" pode ainda ser entendido de duas maneiras, e compete ao ouvinte que seja uma ou outra: ou o que o falante quer lhe dizer através do discurso que lhe dirige, ou o que esse discurso lhe **ensina** sobre a condição do falante. Assim, não apenas o sentido desse discurso reside naquele que o escuta, como é também de sua acolhida que depende quem o diz, ou seja, ou é o sujeito a quem ele dá sua confiança e autorização, ou é esse outro que lhe é dado por seu discurso como constituído".

p. 358

"Não menos nos interessará o mal-estar reinante em tudo o que conceme à formação do analista, e, para colhermos apenas seu último eco, deter-nos-emos nas declarações feitas em dezembro de 1952 pelo Dr. Knight, em sua mensagem presidencial à Associação Psicanalítica Norte-Americana. Dentre os fatores que tendem a "alterar o papel da formação analítica", ele aponta, ao lado do aumento do número de candidatos em formação, a "forma mais estruturada do **ensino**" nos institutos que o dispensam, opondo-o ao tipo anterior de formação por um mestre ("*the earlier preceptorship type of training*").

p. 358

"Vê-se muito bem, nesse discurso inteiramente público, como o problema se afigura grave, e também como é pouco ou nada apreendido. O desejável não é que os analisados sejam mais " introspectivos" , mas que compreendam o que fazem; e o remédio não é que os institutos sejam menos estruturados, mas que não se **ensine** neles um saber pré-digerido, mesmo que resuma os dados da experiência analítica".

p. 361

"E como haveria ele de se surpreender com isso, ele cuja ação, na solidão em que tem que responder por seu paciente, não depende apenas, como se diz do cirurgião, de sua consciência, já que sua técnica lhe **ensina** que a própria fala que ela revela é obra de um sujeito inconsciente? Por isso, o analista, mais do que outros, deve saber que ele não pode ser em suas palavras senão ele mesmo".

p. 363-364

"Mas é propriamente a teoria do símbolo, retomada da faceta de curiosidade em que ela se oferece no que podemos chamar de período

paleontológico da análise, e sob o registro de uma pretensa " psicologia das profundezas" , que a análise deve reintroduzir em sua função universal. Nenhum estudo será mais adequado a isso que o dos números inteiros, sobre cuja origem não empírica lhe é impossível meditar demais. E, sem chegar aos exercícios fecundos da moderna teoria dos jogos, ou às formalizações muito sugestivas da teoria dos conjuntos, ele encontrará matéria suficiente para fundamentar sua prática simplesmente aprendendo, como se empenha em **ensinar** o signatário destas linhas, a contar corretamente até quatro (isto é, a integrar a função da morte na relação ternária do Édipo)".

p. 364

"Não se trata aí de definir as matérias de um programa, mas de indicar que, para situar a análise no lugar eminente que os responsáveis pelo ensino público têm a obrigação de reconhecer-lhe, é preciso abrir-lhe à crítica de seus fundamentos, sem o que ela se degrada em efeitos de suborno coletivo".

O seminário sobre "A carta roubada"

ESCRITOS

Lição XVI – A carta roubada, do Seminário 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise.
Pronunciado em 26 de abril de 1955. Escrito (e datado de Guitrancourt – San Casciano) em meados de maio e meados de agosto de 1956. Publicado em *La Psychanalyse*, Paris, PUF, vol.2, 1957, p.1 a 44.

p. 13

"O **ensino** deste seminário serve para sustentar que essas incidências imaginárias, longe de representarem o essencial de nossa experiência, nada fornecem que não seja inconsistente, a menos que sejam relacionadas à cadeia simbólica que as liga e orienta".

p. 20

"Se é patente, com efeito, que cada uma das duas cenas do drama real nos é narrada ao longo de um diálogo diferente, basta estar munido das noções que estipulamos em nosso **ensino** para reconhecer que isso não se dá pelo simples prazer da exposição, mas que esses próprios diálogos adquirem, no uso oposto que neles é feito das virtudes da fala, a tensão que os transforma num outro drama: aquele que nosso vocabulário distingue do primeiro como sustentando-se na ordem simbólica".

p. 33

"Isso é justamente o que acontece no automatismo de repetição. O que Freud nos **ensina**, no texto que comentamos, é que o sujeito segue o veio do simbólico, mas isso cuja ilustração vocês têm aqui é ainda mais impressionante: não é apenas o sujeito, mas os sujeitos, tomados em sua intersubjetividade, que se alinham na fila - em outras palavras, nossos avestruzes, aos quais eis-nos de volta, e que, mais dóceis que carneiros, modelam seu próprio ser segundo o momento da cadeia significante que os está percorrendo".

p. 39

"Que isso seja um artifício, Dupin com efeito não deixa de salientá-lo, falando-nos, por trás desse falso quilate, da vigilância do animal predador prestes a dar o bote. Mas, seja isso o próprio efeito do inconsciente, no sentido exato em que **ensinamos** que o inconsciente é que o homem seja habitado pelo significante, como encontrar-lhe imagem mais bela do que a forjada pelo próprio Poe para nos fazer compreender a proeza de Dupin? Pois para tanto ele recorre a esses topônimos que um mapa geográfico, por não ser mudo, superpõe a seu desenho, e que se podem transformar no objeto de um jogo de adivinhação para quem conseguir descobrir aquele que um parceiro escolheu - assinalando desde logo que o nome mais apropriado para enganar um principiante será aquele que, em letras grandes, largamente espaçadas no campo do mapa, fornecer, muitas vezes sem que o olhar sequer se detenha nele, a denominação de um país inteiro…"

p. 46

"Os rodeios dessa aventura, ou mesmo seus acidentes, levaram-nos a uma posição de **ensino**".

p. 58

"Foi por haverem confundido esses dois pares que os legatários de uma práxis e de um **ensino** – o qual ressaltou, tão decisivamente quanto podemos ler em Freud, a natureza fundamentalmente narcísica de todo enamoramento (Verliebtheit) – puderam divinizar a quimera do amor genital, a ponto de lhe atribuir a virtude da oblatividade, de onde saíram tantos descaminhos terapêuticos".

p. 61-62

"Mas apenas estamos, neste momento, no lançamento de um arco cuja ponte somente os anos edificarão*.

*O texto de 1955 é aqui retomado. A introdução, através desses exercícios, do campo de abordagem estrutural na teoria psicanalítica foi acompanhada, com efeito, por importantes desenvolvimentos em nosso **ensino**. O progresso dos conceitos referentes à subjetivação caminhou de mãos dadas com uma referência à *analysis situs*, onde pretendemos materializar o processo subjetivo".

p. 65

"Mas reação fundamentada, se pensarmos que nada os **ensinou** a se desvencilhar da opinião comum, distinguindo o que ela ignora, ou seja, a natureza da sobredeterminação freudiana, isto é, da determinação simbólica, tal como a promovemos aqui".

A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise

LACAN, Jacques. ESCRITOS

Ampliação de uma conferência proferida na Clínica Neuropsiquiátrica de Viena em 7 de novembro de 1955. Publicado no *Évolution Psychiatrique,* nº1, 1956, p.225 a 252.

p.404

"Não lamentaremos com vocês esse esquecimento, se ele nos deixa mais à vontade para lhes apresentar o projeto de um retorno a Freud, tal como alguns o propõem no **ensino** da Sociedade Francesa de Psicanálise. Não é de um retorno do recalcado que se trata para nós, mas de onde nos apoiarmos na antítese constituída pela frase percorrida desde a morte de Freud no movimento psicanalítico, para demonstrar o que a psicanálise não é e, junto com vocês, buscar o meio de recolocar em vigor aquilo que não cessou de sustentá-la em seu próprio desvio, ou seja, o sentido primeiro que Freud preservava nela por sua simples presença, e que se trata aqui de explicar".

p. 405-406

"Estaria eu lhes **ensinando** alguma coisa, ao lhes dizer que esses textos - aos quais dedico há quatro anos um seminário de duas horas, todas as quartas-feiras, de novembro a julho, sem haver ainda empregado mais de um quarto deles, supondo-se que meu comentário pressuponha seu conjunto - nos deram, a mim e aos que me seguem, a surpresa de verdadeiras descobertas? Elas vão de conceitos que se mantiveram inexplorados a detalhes clínicos deixados ao sabor de nossa exploração, e

que atestam a que ponto o campo de que Freud teve a experiência ultrapassava as vias que ele se encarregou de nos abrir, e a que ponto sua observação, que às vezes dá a impressão de ser exaustiva, pouco se suscitava ao que ele tinha que demonstrar. Quem não se comoveu, dentre os técnicos de disciplinas alheias à análise que levei a ler esses textos, com essa investigação em ação - seja a que ele nos faz seguir na *Traumdeutung*, seja a da observação do "Homem dos Lobos" ou de *Para-além do princípio do prazer*? Que exercício para formar espíritos, e que mensagem à qual emprestar sua voz! Que controle, também, do valor metódico dessa formação e do efeito de verdade dessa mensagem, quando os alunos a quem vocês as transmitem trazem-lhes o testemunho de uma transformação, às vezes sobrevindos da noite para o dia, de sua prática, simplificada e tornada mais eficaz antes mesmo de se lhes tornar mais transparente. Seria impossível eu lhes oferecer uma exposição extensa desse trabalho na palestra que devo à amabilidade do prof. Hoff estar-lhes fazendo neste lugar de dileta memória, que devo à concordância de minhas visões com a do dr. *Dozent* Arnold, por ter tido a idéia de produzi-la perante vocês, e que devo às minhas relações excelentes e já antigas com o sr. Igor Caruso, sabendo a acolhida que ela teria em Viena".

p. 410

"Mas eis que a verdade, na boca de Freud, pega o dito touro à unha: "Sou para vós, portanto, o enigma daquela que se esquiva tão logo aparece, homens que tanto consentis em me dissimular sob os ouropéis de vossas conveniências. Nem por isso deixo de admitir que vosso embaraço seja sincero, pois, mesmo quando fazeis de vós meus arautos, não valeis mais ao portar minha bandeira do que essas roupas que vos pertencem e que se parecem convosco, fantasmas que sois. Por onde, afinal, irei passar em vós, onde estava eu antes dessa passagem? Será que um dia vo-lo direi? Mas, para que me encontreis onde estou, vou **ensinar**-vos por que sinal reconhecer-me. Homens, escutai, eu vos dou o segredo! Eu, a verdade, falo".

p. 419

"O que a concepção lingüística que deve formar o trabalhador em sua iniciação básica lhe **ensinará** é a esperar que o sintoma comprove sua função de significante, isto é, aquilo pelo qual ele se distingue do indício natural que esse mesmo termo comumente designa na medicina. E, para satisfazer a essa exigência metódica, ele se comprometerá a reconhecer-lhe o emprego convencional nas significações suscitadas pelo diálogo analítico. (Diálogo cuja estrutura tentaremos formular.) Mas essas mesmas significações, ele as tomará como só podendo ser apreendidas com certeza em seu contexto, ou seja, na seqüência constituída, para cada uma, pela significação que remete a ela e por aquela a que ela remete no discurso analítico".

p. 431

"Por isso **ensinamos** que não há na situação analítica apenas dois sujeitos presentes, mas dois sujeitos providos, cada um deles, de dois objetos, que são o eu e o outro, tendo esse outro o índice de um a minúsculo inicial. Ora, em razão das singularidades de uma matemática dialética com as quais será preciso nos familiarizar, a reunião deles no par de sujeitos S e A conta, ao todo, com apenas quatro termos, em razão de que a relação de exclusão que opera entre a e a ' reduz os dois pares assim notados a um só no confronto dos sujeitos".

p. 436

"Que a história da língua e das instituições, bem como as ressonâncias, atestadas ou não na memória, da literatura e das significações implicadas nas obras de arte, são necessárias ao entendimento do texto de nossa experiência, esse é um fato que Freud, por ter ele próprio buscado nelas sua inspiração, seus métodos de pensamento e suas armas técnicas, atesta tão maciçamente que é possível tocá-lo ao simples folhear das páginas de sua obra. Mas ele não julgou supérfluo colocá-las como condição a qualquer instituição de **ensino** da psicanálise".

p. 437

"Mas tal direção só se manterá através de um **ensino** verdadeiro, isto é, que não pare de se submeter ao que se chama novação. Pois o pacto que institui a experiência deve levar em conta o fato de que ela instaura os próprios efeitos que a capturam para afastá-la do sujeito".

Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956

ESCRITOS

A segunda versão foi publicada em *Les êtude Philosophiques*, número especial de outubro-dezembro de 1956, para a comemoração do centenário do nascimento de Freud. A primeira versão existe apenas como separata.

p. 465

"Não mais acreditando em seus dois ouvidos, eles quiseram recuperar o para-além que de fato o discurso sempre possuíra, mas sem que soubesse o que era isso. Eis por que inventaram para si um terceiro ouvido, supostamente convocado a percebê-lo sem intermediação. E, para designar esse imediatismo do transcendente, nada se poupou das metáforas a partir do compacto: o afeto, a vivência, a atitude, a descarga, a necessidade de amor, a agressividade latente, a armadura do caráter e o ferrolho da defesa – deixemos a cartola e passemos ao coelho - , cujo reconhecimento, a partir daí, já não era acessível senão a esse não-sei-quê do qual um estalido da língua é a prova suprema, e que introduz no **ensino** uma exigência inédita: a do inarticulado".

p. 470

"Esse rudimento é a distinção entre o significante e o significado, pela qual se rendem justificadas homenagens a Ferdinand de Saussure, pelo fato de, em virtude de seu **ensino**, ela estar hoje inscrita no fundamento das ciências humanas. Note-se apenas que, mesmo feita uma menção a precursores como Baudoin de Courtenay, essa distinção era perfeitamente clara para os antigos e é atestada em Quintiliano e santo Agostinho".

p. 475

"Pois o erro teórico que apontamos na doutrina coloca-nos na falha do **ensino**, que lhe corresponde reciprocamente. Ou seja, no segundo tema de nossa formulação, no qual entramos há pouco".

p. 484

"É por essa razão que, da enorme quantidade de experiência que atravessou a análise (pois aqui não se pode dizer que nada se tenha tirado do bode por ordenar), seu **ensino** não conseguiu reter quase nada em sua peneira..."

p. 484-485

"É por essa razão que, da enorme quantidade de experiência que atravessou a análise (pois aqui não se pode dizer que nada se tenha tirado do bode por ordenhar), seu **ensino** não conseguiu reter quase nada em sua peneira. Observação de que nos dispensará, em seu foro íntimo, qualquer um que tenha tido que travar conhecimento com ele, nem que tenha precisado buscar, contra nossa diatribe, o refúgio cujo segredo uma dessas naturezas a quem a covardia **ensina** tanto quanto conduz deixou escapar um dia diante de nós, nos seguintes termos: " Não há campo em que alguém se *exponha* mais totalmente do que ao falar da análise."

p. 485

"O de que os programas nele impostos à docência tomam essencialmente por objeto o que chamaremos de *matérias de ficção*, nada se encontrando ali de positivo senão um **ensino** médico que, por não passar de repeteco, é do **ensino** público uma cópia supérflua, o que é de admirar que seja tolerado";

p. 486
"Sucedeu a uma Beatitude do tipo 2 julgar-se intimada pelas circunstâncias a mostrar sua capacidade num **ensino** do tipo 1, cuja promoção devia trazer-lhe grande lustro".

p. 492
"Se, por outro lado, as variações que mostramos nas abordagens teóricas da psicanálise dão a impressão externa de uma progressão conquistadora, sempre na fronteira de novos campos, é ainda mais impressionante constatar como é estacionário o que se articula de **ensinável**, para uso interno dos analistas, em relação à enorme quantidade de experiência que, por assim dizer, passou por suas mãos".

p. 492-493
"Entretanto, na negligência em que um método, apesar de revolucionário na abordagem dos fenômenos, deixou a nosografia psiquiátrica, já não se sabe se é de surpreender que seu **ensino** nesse domínio se limite a alinhavar a sintomatologia clássica ou que venha assim a costurar como uma duplicação o **ensino** oficial".

A psicanálise e seu ensino

LACAN, Jacques. ESCRITOS

Comunicação apresentada à Sociedade Francesa de Filosofia em sua sessão de 23 de fevereiro de 1957. Publicado no *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, vol.XLIX, 1957, p.65 a 85.

p. 438
"A PSICANÁLISE, O QUE ELA NOS **ENSINA** ..."

p. 439
"... COMO **ENSINÁ**-LO?"

p. 440
"Sem interromper para me perguntar se o texto de meu argumento partiu ou não de uma ideia correta quanto à plateia que me espera, esclarecerei ao indagar isto: "O que a psicanálise nos **ensina**, como **ensiná**-lo?", não pretendi dar uma ilustração do meu modo de **ensino**. Esse argumento instaura, para que nelas se situe a discussão, como alertei no final, as teses sobre a ordem que institui a psicanálise como ciência e, depois, extrai delas os princípios por onde manter nessa ordem o programa de seu **ensino**. Ninguém, penso eu, se tal afirmação se aplicasse à física moderna, qualificaria o uso discreto de uma fórmula algébrica para indicar a ordem de abstração que ela constitui: por que, então, se haveria aqui de mantê-lo frustrado de uma experiência mais suculenta?"

p. 442
"Não obstante, suponho que os defensores de disciplinas muito diversas, por quem hoje tenho que me fazer entender, tenham vindo até aqui, visto o local, como filósofos o bastante para que eu possa abordá-los com esta pergunta: qual é, em sua opinião, esse algo que a psicanálise nos **ensina** ser-lhe próprio, ou o mais próprio, o verdadeiramente próprio, verdadeiramente o máximo, o mais verdadeiramente?"

p. 449
"Sem dúvida, as lições de uma mulher de talento que revolucionou nosso conhecimento das formações imaginárias na criança, e cujos temas qualquer iniciado há de reconhecer, se eu tiver a extravagância de chamá-la de tripeira, nos **ensinarão** a dizer à criança que as uvas-objetos-maus devem realmente ser arrancadas das tripas da cegonha, e que é por isso que ela tem medo da raposa. Não digo que não. Mas tenho mais confiança na fábula de La Fontaine para nos introduzir nas estruturas do mito, isto é, naquilo que exige a intervenção desse inquietante quarto elemento cujo papel, como significante na fobia, parece-me muito mais instável".

p. 458
"Para responder a essa pergunta, mencionemos primeiro que nenhum " instituto" atualmente patrocinado no mundo por essa instituição sequer tentou, até hoje, montar o ciclo de estudos cuja intensão e extensão Freud definiu, tantas e tantas vezes e em detalhes, como exclusivas de todo e qualquer substituto, mesmo político, de uma integração no **ensino** médico oficial, tal como ele podia vê-lo em sua época, por exemplo.

O **ensino** nesses institutos não passa de um **ensino** profissional e, como tal, não mostra em seus programas nem planejamento nem metas que ultrapassem aqueles, sem dúvida louváveis, de uma escola de dentistas (referência que foi não apenas aceita mas proferida pelos próprios interessados): na matéria em questão, no entanto, isso não vai além da formação do enfermeiro qualificado ou do assistente social, e os que nela introduzem uma formação, de hábito e felizmente mais elevada, pelo menos na Europa, sempre extraem de uma origem diferente".

p. 460
"Qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um **ensino** digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem. Ela se chama: um estilo".

A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud

ESCRITOS

Um dia depois da XVIII lição, Circuitos, do Seminário 4 – A relação de objeto.
Pronunciado em 9 de maio de 1957 no anfiteatro Descartes, na Sorbonne, a pedido do Grupo de Filosofia da Federação dos Estudantes de Letras. Redação datada de 14-16 de maio de 1957. Publicado no volume 3 de *La Psychoanalyse* (sobre o tema "Psicanálise e ciências humanas"), Paris, PUF, 1957, p.47 a 81.

p. 496-497
"Pois a urgência de que agora extraio como pretexto para deixar de lado esse propósito só faz encobrir a dificuldade de que, ao sustentá-lo na escala em que devo aqui apresentar meu **ensino**, ele não se distancie demais da fala, cujas medidas diferentes são essenciais para o efeito de formação que procuro".

p. 500
"O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos, dos anos de 1906-7, 1908-9 e 1910-11, que a devoção de um grupo de seus discípulos reuniu sob o título de *Curso de linguística geral*: publicação primordial para transmitir um **ensino** digno desse nome, isto é, que só pode ser detido em seu próprio movimento".

p. 531

"Ou melhor, o isto que ele nos propõe atingir não é o que possa ser objeto de um conhecimento, mas isto - acaso ele não o diz? - que constitui meu ser, e sobre o qual ele nos **ensina** que eu testemunho tanto ou mais em meus caprichos, minhas aberrações, minhas fobias e meus fetiches quanto em meu personagem vagamente policiado".

De uma questão preliminar a todo tratamento da psicose

ESCRITOS

Alguns dias depois da lição XXV, A significação do falo no tratamento, do Seminário 5 – As formações do inconsciente.
Remissão ao seminário dos dois primeiros semestres do ano de 1955-1956. Redação: dezembro de 1957 - janeiro de 1958. Publicado em La Psychanalyse, Paris, PUF, vol.4, 1959, p.1 a 50.

p. 562

"É justamente isso que demonstra que a atribuição da procriação ao pai só pode ser efeito de um significante puro, de um reconhecimento, não do pai real, mas daquilo que a religião nos **ensinou** a invocar como o Nome-do-Pai".

p. 581-582

"**Ensinamos**, seguindo Freud, que o Outro é o lugar da memória que ele descobriu pelo nome de inconsciente, memória que ele considera como objeto de uma questão que permanece em aberto, na medida em que condiciona a indestrutibilidade de certos desejos. A essa questão respondemos com a concepção da cadeia significante, na medida em que, uma vez inaugurada pela simbolização primordial (que o jogo do Fort! Da!, evidenciado por Freud na origem do automatismo de repetição, torna manifesta), essa cadeia se desenvolve segundo ligações lógicas cuja influência sobre o que há por significar, ou seja, o ser do ente, se exerce pelos efeitos de significante descritos por nós como metáfora e metonímia".

Juventude de Gide ou a letra e o desejo

ESCRITOS

Alguns dias depois da lição XXV, A significação do falo no tratamento, do Seminário 5 – As formações do inconsciente.
Publicado no nº 131 da revista Critique, abril de 1958, p.1958, p.291 a 315.

p. 762

"Por três vezes o menino ouviu-lhe a voz pura. Não foi a angústia que o acolheu, mas um tremor vindo do fundo do ser, um mar que tudo inundava, o *Schaudern* em cuja significação alofônica Jean Delay se pauta para confirmar sua significação de aloctonia - **ensinando**-nos semiologia, especialmente a relação com a " segunda realidade" , e também o sentimento de ser excluído da relação com o semelhante, pelo qual esse estado se distingue da tentação ansiosa".

A direção do tratamento e os princípios de seu poder

ESCRITOS

Alguns dias depois da lição XXV, A significação do falo no tratamento, do Seminário 5 – As formações do inconsciente.
Primeiro relatório do Colóquio Internacional de Royaumont, reunido de 10 a 13 de julho de 1958, a convite da Sociedade Francesa de Psicanálise. Publicado em *La Psychanalyse,* vol.6, Paris, PUF, 1961, p.149 a 206.

p. 602

"*Primum vivere*, sem dúvida: há que evitar o rompimento. Que se classifique com o nome de técnica a civilidade pueril e honesta que **ensina** com tal finalidade, ainda passa. Mas, quando se confunde essa necessidade física da presença do paciente na hora marcada com a relação analítica, comete-se um engano e se desencaminha o novato por muito tempo".

p. 604

"Que nos perdoem aqueles que nos lêem e os que acompanham nosso **ensino**, se eles encontram aqui exemplos um tanto repisados por mim em seus ouvidos".

p. 604-605

"O que se pode dizer é que as novas vias em que se pretendeu legalizar a marcha aberta pelo descobridor demonstram uma confusão nos termos, que requer a singularidade para se revelar. Retomaremos, pois, um exemplo que já contribuiu para o nosso **ensino**; naturalmente, ele foi escolhido de um autor qualificado e que é especialmente sensível, por sua origem, à dimensão da interpretação. Trata-se de Ernst Kris e de um caso que ele não nos dissimula haver retomado de Melitta Schmideberg".

p. 607

"Tomar partido do objetivo, é um abuso, nem que seja pelo fato de o plágio ser relativo aos costumes vigentes.*

*Eis um exemplo: nos EUA, onde acabou Kris, publicação tem valor de título, e um **ensino** como o meu deveria, toda semana, garantir sua prioridade contra a pilhagem a que não deixaria de dar ensejo. Na França, é à maneira da infiltração que minhas ideias penetram num grupo onde são obedecidas as ordens que proíbem meu **ensino**. Por serem malditas ali, as ideias só podem servir de adorno para alguns dândis. Não importa: o vazio que elas fazem ressoar, quer me citem ou não, faz ouvir uma outra voz".

p. 608

"Tal trabalho, a acreditamos haver sabido em nosso **ensino** extrair as consequências que ele acarreta, torna bem evidente, pela ordenação que introduz, a que ponto são frequentemente parciais os aspectos em que se concentram os debates e, em especial, o quanto o emprego comum do termo, na própria análise, continua aderido à sua abordagem mais discutível, se bem que mais vulgar: fazer dela a sucessão ou a soma dos sentimentos positivos ou negativos que o paciente volta a seu analista".

p. 614

"Sendo desconhecida,, não sem motivo, a natureza da incorporação simbólica, e não havendo possibilidade de que se consuma seja o que for de real na análise, evidencia-se, pelas balizas elementares de meu **ensino**, que nada mais pode ser reconhecido senão de imaginário naquilo que se produz. Pois não é necessário conhecer a planta de uma casa para bater a cabeça contra as paredes: para isso, aliás, prescinde-se muito bem dela".

p. 617

"Meus alunos hão de aqui deplorar que o **ensino** de meu seminário não tenha podido ajudá-la na época, já que eles sabem com base em que princípios lhes **ensinei** a distinguir o objeto fóbico como significante para todo uso, para suprir a falta do Outro, e o fetiche fundamental de toda perversão como objeto percebido no corte do significante".

p. 622

"Não pretendemos **ensinar** aos psicanalistas o que é pensar. Eles o sabem. Mas não é que o tenham compreendido por si. Aprenderam essa lição com os psicólogos. O pensamento é uma tentativa de ação, repetem

eles gentilmente. (O próprio Freud cai nessa esparrela, o que não o impede de ser um pensador rigoroso e cuja ação se consuma no pensamento.)"

p. 628

"A metonímia, como lhes **ensino**, é o efeito possibilidade por não haver nenhuma significação que não remeta a outra significação, e no qual se produz o denominador mais comum entre elas, ou seja, o pouco de sentido (comumente confundido com o insignificante), o pouco de sentido, que se revela no fundamento do desejo e lhe confere o toque de perversão que é tentador denunciar na histeria atual".

p. 630

"Um sonho, portanto, é apenas um sonho. Pode-se até ler, na pena de um psicanalista que se mete a **ensinar**, que ele é uma produção do Eu. Isso prova que não se corre grande perigo ao querer despertar os homens do sonho: ei-lo que prossegue à luz do dia, e entre aqueles que nem se comprazem em sonhar".

p. 639

"Mas isso lhe **ensinaria** menos do que o que lhe diz sua amante: que, em seu sonho, ter esse falo não fez com que o desejasse menos. Com o que, é sua própria falta-a-ser que é tocada".

p. 649

"Este relatório é uma seleta de nosso **ensino**".

Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade"

ESCRITOS

Alguns dias depois da lição XXV, A significação do falo no tratamento, do Seminário 5 – As formações do inconsciente.
Relatório do Colóquio de Royaumont, 10-13 de julho de 1958. Redação definitiva: Páscoa Ed 1960. Publicado em *La Psychanalyse*, vol.6, Paris, PUF, 1961, p.111 a 147.

p. 659

"Mas, por ora, não estará Daniel Lagache professando a mesma coisa que o que **ensino**, quando defino o inconsciente como discurso do Outro? Pois, para que Daniel Lagache possa, com base na experiência da criança "em si, por si e para si", conferir a "essa existência por e para outrem", senão a precedência, ao menos uma precessão lógica, sua relação inteiramente futura com o círculo de semelhantes que a espera e que a destina ao lugar que ela ocupa nos projetos dele não é suficiente. É que, na dimensão imaginária que aí se manifesta, essa relação de existência é inversa, na medida em que o não nascido permanece basicamente fechado à visão dela. Mas o lugar que a criança ocupa na linhagem segundo a convenção das relações de parentesco, o prenome, talvez, que já a identifica com o avô, os funcionários do registro civil e até o que nela denotará seu sexo, aí está algo que se preocupa muito pouco com o que ela é em si: ela que apareça hermafrodita, pra ver só!".

p. 669

"Admite-se relevar que o pai Freud se contentasse com o juízo de atribuição e com o juízo de existência, e até desse ao primeiro a vantagem de uma antecedência lógica em relação à negação em que se basearia o segundo. Não somos nós, na psicanálise, que iremos nos oferecer à chacota dos lógicos, nem tampouco nos arriscarmos no **ensino** de Brentano, o qual, no entanto, sabemos que brilhava em Viena e que até Freud o frequentou".

p. 677

"É da própria rotina de nosso **ensino** fazer a distinção entre o que a função do Eu impõe ao mundo em suas projeções imaginárias e os efeitos de defesa que elas retiram de mobilizar o lugar onde se produz o juízo".

p. 679

"Sabemos que um espelho esférico pode produzir, de um objeto situado no ponto do seu centro de curvatura, uma imagem que lhe é simétrica, mas sobre a qual o importante é que ela é uma imagem real. Em certas condições – como as de uma daquela experiências que só tinham valor por um interesse ainda inocente pelo domínio do fenômeno, relegadas que estão hoje à categoria da física de entretenimento –, essa imagem pode ser fitada pelo olho em sua realidade, sem o médium comumente empregado de uma tela. É o caso da chamada ilusão do buquê invertido, que encontraremos descrita, para lhe dar uma referência séria, em *L'Optique et photométrie dites géométriques* (eis de novo nossa geometria), de Bouasse, personagem aliás curioso da história do **ensino**, e obra a ser consultada na página 86, para o que diz respeito a nosso objeto, restando nas outras alguns dispositivos que, apesar de menos inúteis, seriam igualmente propícios ao pensamento (4ª.ed., Delagrave, 1947)".

p. 680-681

"É que as ligações que ali irão aparecer, à maneira analógica, relacionam-se claramente, como veremos, com estruturas (intra-) subjetivas como tais, representando a relação com o outro e permitindo distinguir nela a dupla incidência do imaginário e do simbólico. Distinção cuja importância **ensinamos** para a construção do sujeito, a partir do momento em que é preciso pensarmos o sujeito como o sujeito em que isso pode falar, sem que ele nada saiba a respeito (e do qual até convém dizer que nada sabe a seu respeito enquanto fala).

p. 685-686

"Se nossos analistas de hoje desconhecem, com essa dimensão, a experiência que retiram de Freud, a ponto de só encontrarem nela pretexto para renovar um genetismo que só pode ser sempre o mesmo, já que é um erro, sua falha se denuncia pelo simples ressurgimento, em suas teorias, de velhos estigmas, como a famosíssima cenestesia, onde se assinala a falta do ponto terceiro naquilo que, afinal, nunca é mais do que um recurso canhestro à noese. Mas, sem dúvida, nada pode **ensinar**-lhes coisa alguma, já que eles nem sequer acusam o golpe que sua idéia do desenvolvimento recebe das chamadas realidades do hospitalismo, onde, no entanto, os cuidados prestados aos bebês não conseguem revelar outra carência senão o anonimato em que eles se distribuem".

p. 688

"Isso quer dizer que nosso modelo destacou-se numa fase preliminar de nosso **ensino** em que nos era preciso desentulhar o imaginário como demasiadamente valorizado na técnica. Já passamos deste ponto".

A psicanálise verdadeira, e a falsa

OUTROS ESCRITOS

Texto redigido para um congresso realizado em Barcelona em setembro de 1958; permaneceu inédito em francês até sua publicação na revista L'*Ane*, nº51, junho-setembro de 1992, p.24-7

p. 176-177

"As posições aqui expostas sob forma radical resumem o duplo trabalho de um comentário de textos a que vimos dando seguimento há sete anos, num seminário semanal, cobrindo por ano cerca de trezentas páginas de Freud, e de um **ensino** de apresentação clínica e supervisão terapêutica que é feito há cinco anos, sob a égide da Clínica de Doenças Mentais e do Encéfalo (prof. Jean Delay) da Faculdade de Medicina de Paris".

p. 179

"**Ensino** tão árduo que os áugures da psicanálise de hoje acabaram dizendo a si mesmos: 'Um sonho, afinal, é apenas um sonho', e até fazendo disso uma senha com que se saúdam".

À memória de Ernest Jones: Sobre sua teoria do simbolismo

ESCRITOS

Guitrancourt, janeiro-março de 1959

p. 712

"Esse rigor lógico, acaso o mínimo que se pode exigir do analista não é que ele o mantenha nessa angústia, ou, dito de outra maneira, que ele não poupe da angústia aqueles a quem **ensina**, nem mesmo para assegurar sobre eles seu poder?"

p. 713

"Perde-se, ao contrário, repetindo uma falsa lei do deslocamento do semantema, segundo a qual este sempre iria de uma significação particular para uma mais geral, de uma concreta para uma abstrata, de uma material para outra mais sutil, chamada de figurada ou até moral. Como se o primeiro exemplo a pescar nas notícias do dia não mostrasse sua caducidade: a palavra lourd [pesado], porquanto é esta que se nos oferece, atestada como havendo a princípio significado lourdeau [rude] 16, ou até étourdi [aturdido] 17 (no século XIII), e portanto, ter tido um sentido moral, antes de ser aplicada, em época não muito anterior ao século XVIII, como nos **ensinam** Bloch e Wartburg, a uma propriedade da matéria - a qual, para não nos determos em tão belo caminho, convém notar que é enganosa, na medida em que, por se opor ao leve, conduz à tópica aristotélica de uma gravidade qualitativa. Iremos nós, para salvar a teoria, creditar ao uso comum das palavras um pressentimento da pouca realidade de uma física assim?"

Discurso aos católicos

PARADOXOS laranja

Compreende as duas conferências pronunciadas em 9 e 10 de março de 1960 em Bruxelas, a convite da Faculdade Universitária Saint-Louis, e anunciadas como "aulas públicas". Lacan se refere a elas nos capítulos XIII e XV do Seminário A ética da psicanálise.
Ao evocar em seu Seminário, em 23 de março de 1960, as aulas que acabava de dar em Bruxelas,Lacan as designa com estas palavras: "meu discurso aos católicos" (Seminário 7, p.211, Seuil, 1986). Duas versões sucessivas foram publicadas em Quarto, órgão da Escola da Causa Freudiana na Bélgica (nºVI, 1982, p.5-24, e nº50, inverno 1992, p.7-20).

p. 11

"A perspectiva aberta por Freud sobre a determinação, pelo inconsciente, do homem em sua conduta afetou quase todo o campo de nossa cultura. Restringir-se-á ela na prática analítica aos ideais de uma normatização, curiosos em seguir em sua difusão vulgar? Sabemos que o dr. Jacques Lacan propõe à comunidade dos psicanalistas a experiência de um **ensino** bastante exigente quanto aos princípios de sua ação. No seminário em que formou uma elite de clínicos e que ele conduz há sete anos no serviço do professor Jean Delay, trouxe à baila este ano as incidências morais do freudismo, julgando dever ultrapassar o abrigo de um falso objetivismo para apresentar objetivamente a ação a que dedicou sua vida".

p. 13

"Quando o cônego Van Camp veio me pedir, com as formas de cortesia refinada que lhe são próprias, para que falasse na Universidade Saint-Louis sobre alguma coisa relacionada ao meu **ensino**, não encontrei, meu Deus, nada mais simples a dizer senão que falaria do próprio assunto que havia escolhido para o ano que começava - estávamos então em outubro - a saber, sobre a ética da psicanálise".

p. 14

"Meu **ensino** deste ano, portanto, está focalizado precisamente sobre o tema, em geral evitado, das incidências éticas da psicanálise, da moral que esta pode sugerir, pressupor, conter e, talvez, de um passo adiante, grande audácia, que ela nos permitiria efetuar referente ao domínio moral".

p. 16

"Sim, sei que segundo a fórmula de Hegel tudo o que é real é racional. Mas sou daqueles que pensam que a recíproca não deve ser depreciada - que tudo o que é racional é real. Há apenas um pequeno incômodo, é que vejo a maioria daqueles que são capturados entre um e outro, o racional e o real, ignorar essa combinação tranqüilizadora. Chegaria eu a dizer que isso é culpa dos que raciocinam? Uma das mais preocupantes aplicações dessa famosa recíproca é que aquilo que os professores **ensinam** é real e, como tal, tem efeitos como qualquer real, efeitos intermináveis, indetermináveis, ainda que esse **ensino** seja falso. Eis sobre o que me interrogo".

p. 18

"O desejo não é coisa simples. Não é nem elementar, nem animal, nem especialmente inferior. É a resultante, a composição, o complexo de toda uma articulação cujo caráter decisivo tentei demonstrar no antepenúltimo termo do meu **ensino** - do que digo lá, onde absolutamente não me calo -, e talvez seja preciso que lhes diga em algum momento por que o faço".

p. 23-24

"Sem dúvida é um progresso, refletido na tolerância, a coexistência de dois **ensinos** que se separam, um por ser e o outro por não ser confessional. Minha má vontade em contestar isso é ainda maior na medida em que nós mesmos, na França, optamos bem recentemente por caminho similar. Acho, porém, que tal separação desemboca numa espécie de mimetismo dos poderes que nela se representam, daí resultando o que chamaria de uma curiosa neutralidade, acerca da qual parece-me menos importante saber em benefício de que poder ela joga do que ter certeza de que, em todo caso, não joga em detrimento de todos aqueles pelos quais esses poderes se afirmam".

p. 30

"O que *Totem e tabu* nos **ensina** é que o pai só proíbe o desejo com eficácia porque está morto, e, eu acrescentaria, porque nem ele próprio sabe disso - ou seja, que está morto. Tal é o mito que Freud propõe ao homem moderno, considerando que o homem moderno é aquele para quem Deus está morto - isto é, que julga sabê-lo".

p. 34

“A moral, como a tradição antiga nos **ensina**, tem três níveis, o do soberano bem, o da honestidade e o da utilidade”.

p. 39

“Nada de surpreendente no fato de ser nada mais que eu mesmo que amo em meu semelhante. Não apenas na devoção neurótica, se indico o que a experiência nos **ensina**, mas igualmente na forma extensiva e utilizada do altruísmo, seja ele educativo ou familiar, filantrópico, totalitário ou liberal, à qual freqüentemente almejaríamos ver corresponder algo como a vibração da garupa magnífica do animal desafortunado, o homem só faz passar seu amor próprio. Provavelmente esse amor já foi há muito tempo detectado em suas extravagâncias, mesmo gloriosas, pela investigação moralista de suas pretensas virtudes. Mas a investigação analítica do eu permite identificá-lo com a forma do odre [*outre*], com o excesso [*outrance*] da sombra cuja vítima será o caçador, com a vaidade de uma forma visual. Eis a face ética do que articulei, para ser compreendido, sob a expressão "estádio do espelho".

p. 39-40

“O eu é feito, Freud nos **ensina**, das identificações superpostas à maneira de casca, espécie de armário cujas peças trazem a marca do tudo-pronto, embora a combinação não raro seja bizarra. Nas identificações com suas formas imaginárias, o homem julga reconhecer o princípio de sua unidade sob a aparência de um domínio de si mesmo da qual ele é o tolo necessário, seja ou não ela ilusória, pois essa imagem de si mesmo não o contém em nada. Embora seja imóvel apenas seu esgar, sua flexibilidade, sua desarticulação, seu desmembramento, sua dispersão aos quatro ventos esboçam indicar qual é seu lugar no mundo. Ser-lhe-á necessário ainda muito tempo para que abandone a idéia de que o mundo foi fabricado à sua imagem e para que reconheça que o que ele encontrava, dessa imagem, sob a forma dos significantes que sua indústria começara a espalhar pelo mundo, era, desse mundo, a essência”.

p. 52

“Não seria esta a chave da função da sublimação em que estou em vias de deter aqueles que me seguem em meu **ensino**? Sob diversas formas o homem tenta compor com a Coisa - na arte fundamental, que a faz representar no vazio do vaso em que se fundou a aliança de sempre - na religião, que lhe inspira o medo da Coisa e o fato de se manter à distância correta - na ciência, que não acredita nisso, mas que vemos agora confrontada com a maldade fundamental da Coisa”.

p. 53

“**Ensino** algo cujo termo é obscuro. Devo desculpar-me aqui- fui levado a isso por uma necessidade premente, da qual a que me fez aparecer aqui diante de vocês não passa de um pequeno momento, que os ajudará, espero, a compreender”.

A metáfora do sujeito

ESCRITOS

Este texto é a reescrita, feita em junho de 1961, de uma intervenção proferida em 23 de junho de 1960 e resposta ao Sr. Perelman, que arguia a *ideias de racionalidade e da regra de justiça* perante a Sociedade de Filosofia.

p.905

“*Learning*, **ensino**, na verdade não é ciência, o que confirma que esse termo tem tão pouco a ver com o oceano quanto a mosca com a sopa.

A catedral submersa do que se **ensinou** até aqui, no tocante a essa matéria, decerto também não ressoará em vão em nossos ouvidos por se reduzir à alternância de sino surdo e sonoro pela qual a frase nos penetra - *lear-ning, lear-ning* -, porém não das profundezas de uma camada líquida, e sim da falácia de seus próprios argumentos”.

p. 906

“Não digamos que é aí que escolho meus termos, não importa o que eu tenha a dizer. Embora não seja inútil, neste ponto, lembrar que o discurso da ciência, na medida em que reivindica a objetividade, a neutralidade, a monotonia ou até o gênero sulpiciano*, é tão desonesto e mal-intencionado quanto qualquer outra retórica”.

*Da ordem de Saint-Sulpice, dedicada ao **ensino**; o adjetivo também dá em francês a idéia de objeto " de mau gosto" . (N.E.)

Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina

ESCRITOS

Colóquio Internacional de Psicanálise, de 5 a 9 de setembro de 1960, na Universidade Municipal de Amsterdam. Escrito dois anos antes do Congresso. Publicado no n.7 de *La Psychanalyse*, Paris, PUF, 1962, p.3 a 114.

p. 736

“Imaginário, real ou simbólico, no que concerne à incidência do falo na estrutura subjetiva em que se acomoda o desenvolvimento, não são aqui palavras de um **ensino** específico, mas justamente aquelas em que se assinalam, na redação dos autores, os deslizes conceituais que, por não terem sido criticados, conduziram à atonia da experiência depois da pane do debate”.

Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano

ESCRITOS

Comunicação feita num congresso reunido em Royaumont, por obséquio dos “Colóquios filosóficos internacionais”, sob o título “A dialética”, a convite de Jean Wahl, 19 a 23 de setembro de 1960.

p. 807

“Foi a data deste texto, anterior ao Congresso de Bonneval do qual saiu o que o sucede, que nos fez publicá-lo: para dar ao leitor uma ideia do avanço em que sempre se manteve nosso **ensino** em relação ao que dele podíamos dar a conhecer”.

p. 815

“Qual seja, a maneira certa de responder à pergunta "Quem está falando?" , quando se trata do sujeito do inconsciente. Pois essa resposta não poderia provir dele, se ele não sabe o que diz e nem sequer que está falando, como nos **ensina** a experiência inteira da análise”.

p. 819

“É portanto preciso levar muito mais longe, diante de vocês, a topologia que elaboramos para nosso **ensino** neste último lustro, ou seja, introduzir um certo grafo que prevenimos garantir apenas, entre outros, o emprego que faremos dele, tendo sido construído e ajustado a céu aberto

para situar, em sua disposição em patamares, a estrutura mais amplamente prática dos dados de nossa experiência. Ele nos servirá aqui para apresentar onde se situa o desejo em relação a um sujeito definido por sua articulação pelo significante".

p. 827
"– É o Pai morto – responde Freud, mas ninguém o escuta, e, quanto ao que Lacan retoma disso sob a rubrica do Nome-do-Pai, é lamentável que uma situação pouco científica continue a deixá-lo privado de seu público normal.*

*Que nessa digressão tenhamos ligado tal característica àquela época, ainda que em termos mais vigorosos, assume um valor de encontro, por ter sido precisamente com base no Nome-do-Pai que, três anos depois, recebemos a sanção de pôr em banho-maria as teses que havíamos prometido a nosso **ensino**, em razão da permanência dessa situação".

p. 837
"Se assim lhe é dado estabelecer a proibição do gozo, não é, contudo, por essas razões de forma, mas porque a ultrapassagem delas expressa o que reduz qualquer gozo cobiçado à brevidade do auto-erotismo: as vias completamente traçadas pela conformação anatômica do ser falante, ou seja, a mão mais aperfeiçoada do macaco, na verdade não foram desprezadas, numa certa ascese filosófica, como vias de uma sabedoria abusivamente qualificada de cínica. Alguns, na atualidade, sem dúvida obcecados com essa lembrança, acreditaram, falando conosco, poder fazer o próprio Freud derivar dessa tradição: técnica do corpo, como diz Mauss. Mas o fato é que a experiência analítica nos **ensina** o caráter original da culpa gerada por sua prática".

Posição do inconsciente

LACAN, Jacques. ESCRITOS

Congresso reunido no hospital Bonneval sobre o tema do inconsciente freudiano, entre 30 de outubro e 2 de novembro de 1960. Intervenções condensadas em março de 1964, a pedido de Henri Ey, para o livro sobre o congresso, *L'Inconscient*, publicado em Paris pela Desclée de Brouwer em 1966.

p. 846-847
"Dado que não se pode manter afastado do exame do tema em pauta. Não mais do que este outro: o de dever-se a nosso **ensino** que este colóquio tenha derrubado tal corrente. E não apenas para assinalar esse aspecto - muitos o fizeram -, mas pelo tanto que isso nos obriga a prestar contas das vias que tomamos".

p. 850
"É nisso que todo discurso tem o direito de se considerar, por esse efeito, irresponsável. Todo discurso, exceto o daquele que **ensina**, quando ele se dirige a psicanalistas".

p.851
"Eis por que somente um **ensino** que abale essa *Koiné* traça a via da análise que se intitula didática, uma vez que os resultados da experiência são falseados pelo simples fato de se registrarem nessa *Koiné*.

Essa contribuição doutrinal tem um nome: trata-se, muito simplesmente, do espírito científico, que falha por completo nos locais de recrutamento dos psicanalistas.

Nosso **ensino** é anátema por se inscrever nessa verdade".

p. 857-858
"*Separare*, *se parare*: para se enfeitar com o significante sob o qual sucumbe, o sujeito ataca a cadeia, que reduzimos à conta exata de um binarismo, em seu ponto de intervalo. O intervalo que se repete, estrutura mais radical da cadeia significante, é o lugar assombrado pela metonímia, veículo, ao menos como o **ensinamos**, do desejo".

p. 864
"Um resultado disso, não obstante, foi que a ordem de silêncio dessa borda oposta a nosso **ensino** neles se rompeu".

Maurice Merleau-Ponty

OUTROS ESCRITOS

Contribuição para o número de homenagem publicado por *Les Temps Modernes* após o falecimento do filósofo, nº184-5, outubro 1961, p.245-54.

p.190
"Tais efeitos são, como o **ensino**, os efeitos do inconsciente, aí encontrando a posteriori, pelo rigor que se restabelece na estrutura da linguagem, a confirmação de tê-las dela extraído foi bem fundado".

Kant com Sade

OUTROS ESCRITOS

Deveria servir de prefácio a La Philosophie dans le boudoir (Paris, Cercle du livre précieux, 1963, 15 vols.) R.G. setembro de 1962. Publicado na revista Critique, nº 191, abril de 1963.

p. 796
"O qual só podemos introduzir, aqui, relembrando o que **ensinamos** sobre o desejo, a ser formulado como desejo do Outro, por ser, originalmente, desejo de seu desejo. O que torna concebível a harmonia dos desejos, mas não sem perigo. Pela simples razão de que, ao se ordenarem numa cadeia que se assemelha à procissão dos cegos de Bruegel, cada um, sem dúvida, tem a mão na mão daquele que o precede, mas ninguém sabe para onde todos estão indo".

p. 797
"A nos atermos à alcova, para um bosquejo bem incisivo dos sentimentos de uma jovem para com sua mãe, o fato é que a maldade, tão justamente situada por Sade em sua transcendência, não nos **ensina** aqui muito de novo sobre suas modulações amorosas".

Introdução aos Nomes-do-Pai

PARADOXOS verde

A primeira e única lição do Seminário sobre os Nomes-do-Pai. Interrompido em circunstâncias dramáticas - a perda de sua função de "didata" (na época, psicanalista habilitado a formar psicanalistas) -, o Seminário deveria ter um novo ponto de partida em janeiro de 1964, na rua d'Ulm, nas dependências da École Normale Supérieure, sob o título Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Lacan sempre se recusou a retomar o tema do Seminário subitamente abortado, e até mesmo em publicar em vida o texto da única lição pronunciada. Ao concluir, em função de seus dissabores, que o credenciamento do "discurso psicanalítico" não lhe havia dado para erguer, como tinha a intenção, o véu com que Freud recobrira o verdadeiro fundamento da psicanálise, e que

tinha sido punido por se mostrar sacrílego, assinalou, para bom entendedor - sobretudo com o título irônico que deu ao Seminário posterior, Les non-dupes errent [nota de rodapé do tradutor: Literalmente, "Os não-tolos erram", expressão, em francês, homófona a "Os nomes-do-pai". (N.T) Mais discreto, o questionamento dos limites do complexo edipiano e do mito paterno nem por isso deixou de continuar a correr através de seminários e escritos, até a depreciação do Nome-do-Pai em sintoma e utensílio (cf. o Seminário Le Sinthome).
Ao descobrir a estenografia dessa lição no dossiê dos Quatro conceitos fundamentais da psicanálise que Lacan me dera, propus-lhe colocá-la na abertura desse Seminário, que foi o primeiro a ser publicado, em 1973. Lacan concordou, ajudou-me a estabelecer o texto, depois, in extremis, reconsiderou: não, disse-me ele, não chegou o tempo de se ler isso, ficará para mais tarde. Manteve essa posição até a morte, a despeito das reapresentações que lhe fazia de tempos em tempos... Lacan começa sua conferência evocando a notícia que lhe fora dada "na noite passada, bem tarde": acabava de ser riscado da lista dos didatas da Sociedade Francesa de Psicanálise pela "comissão de ensino" da qual fazia parte; depois de anos de transações sórdidas, sua cabeça revelara-se efetivamente o preço a ser pago pelos colegas a fim de obterem seu reconhecimento internacional como "French Study Group". Era o que Lacan chamaria alguns meses mais tarde sua "excomunhão" (ver primeira lição do Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979, p.9-20). Ele voltaria a esse assunto por diversas vezes. Vou me contentar em retomar aqui os termos de sua conferência em Nápoles em dezembro de 1967 ("O engano do sujeito suposto saber", in Outros Escritos, p.329-40). Citando Pascal, como na "Introdução aos Nomes-do Pai, ele opõe o Deus dos filósofos (em outros termos, o sujeito suposto saber) e o Deus de Abraão, Isaac e Jacó (Deus-Pai), e escreve: "Esse lugar do Deus Pai é aquele que designei como Nome-do-Pai e que me propus ilustrar no que deveria ser meu décimo terceiro seminário (o décimo primeiro em Sainte-Anne), quando uma passagem ao ato de meus colegas psicanalistas forçou-me a pôr um fim nele, depois da primeira lição. Nunca mais retomarei esse tema, vendo nisso o sinal de que esse lacre ainda não pode ser retirado para a psicanálise."

p. 58

"Uma vez que hoje está decidido que ficarei por aqui, serei talvez mais cuidadoso do que jamais o fui ao assinalar, no meu **ensino** passado, as balizas nas quais vocês poderão fundar os delineamentos do meu Seminário deste ano. Gostaria este ano de amarrar para vocês os seminários dos dias 15, 22, 29 e 5 de fevereiro de 1958, referentes ao que chamei de metáfora paterna, os meus seminários de 20 de dezembro de 1961 e os que se seguem, referentes à função do nome próprio, os seminários de maio de 1960 referentes ao que, do drama do pai está implicado na trilogia claudeliana e, finalmente, o seminário de 20 de dezembro de 1961, seguido pelos seminários de janeiro de 1962, referentes ao nome próprio".

p. 59

"Esse passo seguinte encadeia-se ao meu seminário sobre a angústia. Eis por que eu tinha a intenção - e vou manter minha afirmação - de lhes mostrar em que era necessário que fosse desenhado o relevo que meu **ensino** introduziu no ano passado".

p. 62

"O que escapa a quem recebe esse **ensino** é o efeito de obscurantismo que ele sofre por isso. Sabemos aonde esse efeito desemboca - nos empreendimentos cada vez mais intencionais de uma tecnocracia, na padronização psicológica dos sujeitos desajustados no trabalho, no ingresso nos quadros da sociedade existente, na cabeça curvada sob a norma do psicólogo.

Isto é para fazê-los perceber sentir que os primeiros passos do meu **ensino** caminharam nas vias da dialética hegeliana. Era uma etapa necessária para investir contra o mundo dito da positividade".

p. 65

"Mas esse mesmo Agostinho, que pode formular essa coisa contra toda piedade intelectual, abranda-se contudo a ponto de traduzir *Ehyeh acher ehyeh*, que há tempos **ensinei**-os a ler, por *Ergo sum qui sum, Sou aquele que sou*, com que Deus afirma-se idêntico ao Ser. Este ano eu pretendia articular para vocês todo tipo de exemplos de outras fórmulas análogas nos textos hebreus, que lhes teriam mostrado que, tanto em latim como em francês, soam falsos e claudicantes, ao passo que Agostinho era excelente escritor. O *Sou aquele que sou* com que Deus afirma-se idêntico ao Ser motiva um puro absurdo quando se trata do Deus que fala a Moisés na sarça ardente".

p. 67

"Em contrapartida, é no nível genital que o **ensino** de Freud, e a tradição que dele se conserva, situa a hiância da castração.

Os psicofisiologistas contemporâneos de Freud reduzem o obstáculo ao que chamaram de mecanismo da falsa detumescência, ao passo que Freud, por sua vez, desde o início de seu **ensino**, articula o que, do orgasmo, representa exatamente a mesma função que a angústia em relação ao sujeito. Acho que lhes mostrei isso ano passado. O orgasmo é em si mesmo angústia, na medida em que o desejo está para sempre separado do gozo por uma falha central".

p. 85

"São, entretanto, alguns deles que agora voltam essa marca contra mim, alimentados por palavras e conceitos que lhes **ensinei**, **ensinando** pelas vias e caminhos por onde os levei".

p. 86

"Num desses debates confusos durante os quais um grupo, o nosso, mostrou-se verdadeiramente em sua função de grupo, arrastado, daqui, dali, por turbilhões cegos, um de meus alunos - peço-lhe desculpas por ter depreciado seu esforço, que seguramente teria sido capaz de carregar um eco e reconduzir a discussão a um nível analítico - achou por bem dever dizer que o sentido do meu **ensino** seria que a verdade, sua verdadeira apreensão, é que não a agarraremos jamais".

Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista

ESCRITOS

Resumo das intervenções num colóquio convocado pelo professor Enrico Castelli sob o título de “Técnica casuística”, de 7 a 12 de janeiro de 1964, na Universidade de Roma. Publicado em *Atti del colloquio Internazionale su “Técnica e casistica”*, Roma, 1964.

p.868

“Não somos mais inaptos nisso do que outros, mas, no campo da formação analítica, esse processo de deslocamento cria a cacofonia do **ensino**”.

Ato de fundação

OUTROS ESCRITOS

21 de junho de 1964, parte anexada em 28 de fevereiro de 1971.

p.236

“Serão propostos para o estudo assim instaurado os aspectos pelos quais eu mesmo rompo com os Standards afirmados na prática didática, assim como os efeitos imputados a meu **ensino** sobre o curso de minhas análises, quando sucede a meus analisantes, a título de alunos, assistir a eles. Incluiremos nisso, se necessário, os únicos impasses a serem destacados de minha posição em tal Escola, ou seja, aqueles que a própria indução a que visa meu **ensino** engendraria em seu trabalho”.

p.242

“O **ensino** da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho”.

p.242

“Desta fundação podemos destacar, antes de mais nada, a questão de sua relação com o **ensino**, que não deixa sem garantia a decisão de seu ato.

Diremos que, por mais qualificados que sejam o que estiverem em condições de discutir esse **ensino**, a Escola não depende dele, nem tampouco o dispensa, já que ele se desenrola fora dela.

Se para esse **ensino**, com efeito, a existência de uma plateia que ainda não tomou sua medida revelou-se no mesmo momento decisivo que impôs a Escola, é ainda mais importante marcar aquilo que os separa”.

p. 244

“Não, em absoluto, que a Escola não disponha do que lhe assegura não romper nenhuma continuidade - ou seja, de psicanalistas irreprocháveis, seja qual for o ponto de vista em que nos coloquemos, posto que lhes teria bastado, como aconteceu com o resto dos sujeitos formados por Lacan, que renegassem o **ensino** deste para serem reconhecidos por uma certa " Internacional" , e que é notório que eles devem apenas a sua escolha e a seu discernimento haverem renunciado a esse reconhecimento”.

p.246

“Quaisquer que tenham sido os agentes pelos quais ganhou corpo o que por seis nos lhe criara um obstáculo, convém reconhecer que isso não se deu em detrimento de apenas um grupo, mas à custa de todos aqueles que se sustentam num **ensino**, na França, naturalmente”.

Homenagem a Marguerite Duras

OUTROS ESCRITOS

Publicado nos *Cahiers Renaud-Barrault*, nº5, dezembro 1965, p.3-10 e 15.

p.200

“Foi precisamente isso que reconheci no arrebatamento de Lol V. Stein, onde Marguerite Duras revela saber sem mim aquilo que **ensino**”.

p. 203

“Eu **ensino** que a visão se cinde entre a imagem e o olhar, que o primeiro modelo do olhar é a mancha de onde deriva o radar, que o corte do olho oferece a extensão”.

A ciência e a verdade

ESCRITOS

Estenografia da aula inaugural do seminário realizado no ano de 1965-1966 na École Normale Supérieure (rua d’Ulm), sobre “O objeto da psicanálise”, na posição de charge de conférences da École Pratique dês Hautes Études (VIº seção), em 1ª de dezembro de 1965. Publicado no primeiro número dos *Cahiers pour l’Analyse* pelo Círculo de Epistemologia da École Normale Supérieure, em janeiro de 1966.

p.880

“Trata-se de *A Coisa Freudiana*, discurso cujo texto é o de um discurso segundo, por ser o da vez em que o repeti. Preferido pela primeira vez (possa esta insistência fazê-los sentirem, sem sua trivialidade, o contrapé temporal gerado pela repetição) ele o foi para uma Viena em que meu biógrafo há de situar meu primeiro contato com o que realmente se deve chamar de a escória mais rasteira do mundo psicanalítico. Especialmente com um personagem cujo nível de cultura e responsabilidade correspondia ao que se exige de um soldado da guarda real*, mas isso não me importava, eu estava falando por falar. Tinha apenas querido que fosse ali, no centenário do nascimento de Freud, que minha voz se fizesse ouvir como homenagem. E isto, não para marcar o lugar de um lugar deserto, mas deste outro agora delimitado por meu discurso.

*Agente, mais tarde, da operação de destruição de nosso **ensino**, cuja maquinação, conhecida pelo auditório presente, só interessa ao leitor pelo desaparecimento da revista *La Psychanalyse* e por nossa promoção à tribuna de onde esta lição é proferida”.

p.882

“É por isso mesmo que o inconsciente que a diz, o verdadeiro sobre o verdadeiro, é estruturado como uma linguagem, e é por isso que eu, quando **ensino** isso, digo o verdadeiro sobre Freud, que soube deixar, sob o nome de inconsciente, que a verdade falasse”.

A lógica da fantasia

Opção Lacaniana 58, outubro de 2010.

Lições do Seminário 14 - A Lógica da fantasia, 1966-67.

p. 25

“Uma revirada é um sentido. Antes dela, é possível não haver nenhum sentido subjetivável. Afinal, talvez seja a isso que se deva reportar

o fato, chocante, do qual lhes falei há pouco, a saber: as psicanalistas não nos **ensinaram** nada a mais sobre seu gozo do que o que os psicanalistas foram capazes de elucubrar Ou seja, pouca coisa. Mas, a partir de uma revirada, há uma orientação. Por pouco que seja, se for tudo o que possa orientar o gozo da mulher no ato sexual, então compreende-se que, até nova ordem, é com isso que temos de nos contentar".

Problemas cruciais para a psicanálise

OUTROS ESCRITOS

Annuaire 1966 da École Pratique de Hautes Études, p.270-3.

p. 208

"É precisamente a dimensão que desconcerta, em nosso **ensino**, pôr à prova essa fundação, na medida em que ela está em nossa platéia".

Respostas a estudantes de filosofia

OUTROS ESCRITOS

Publicado nos *Cahiers pour l'Analyse*, boletim do Círculo de Epistemologia da ENS, nº3, 1966, p.5-13, sob o título, fornecido pela redação, de "Réponses à des étudiants en philosophie sur l'objet de la psychanalyse" [Respostas a estudantes de filosofia sobre o objeto da psicanálise"]. Uma nota da redação esclarecida: "As perguntas aqui reproduzidas foram redigidas ao Dr. Lacan por um grupo de alunos da Faculdade de Letras de Paris. O texto foi redigido pelo Sr. G. Contesse. Agradecemos a este por haver concordado em que o retomássemos".

p.211

"É por isso que o que **ensino** não se dirige primeiramente aos filósofos. Não é, se assim posso dizer, em seu front que eu combato".

p. 212

"Índice aparentemente insuficiente: os psicanalistas rara vez souberam servir-se de uma chave, quando Freud não lhes **ensinou** de que maneira ela abria. Talvez o avanço que empreendo este ano, rumo a um certo objeto chamado *a*, com minúscula, permita algum progresso a esse respeito"..

p.217

" – *Como no âmbito do* ***ensino*** *da filosofia, concebe o senhor o da psicanálise?...*

Não sei o que se pode esperar do âmbito do **ensino** da filosofia, mas tive recentemente uma experiência que me deixou tomado por uma dúvida: a de que a psicanálise não possa contribuir para a chamada hermenêutica senão reduzindo a filosofia a seus laços de obscurantismo".

Apresentação das Memórias de um doente dos nervos

OUTROS ESCRITOS

Cahiers pour l'analyse, nº5, 1966, p.69-72. Texto redigido para apresentar a primeira tradução francesa do livre do presidente Schreber, lançada como folhetim da revista antes de ser publicada na coleção Champ Freudien (trad. De Paul Duquenne) pela Seuil. Publicado sob o título de "Présentation", fornecido pela redação.

p. 219

"Seja como for, esse seminário, o quinto de nosso **ensino** e o terceiro sob o teto do Sainte-Anne, mostra-nos, como nos acontece aos nos reportamos aos textos gravados, muitos temas não apenas necessários naquele momento à ampliação das categorias aceitas em nosso auditório, mas também, quanto a alguns dentre esses temas, a data a partir da qual eles deveriam seguir a carreira que agora os fazem correrem as revistas – isto é, as de belo aspecto, ou, se preferirmos, de belo espírito".

p. 222

"Foi preciso que a insuficiência do **ensino** psicanalítico eclodisse na luz para que nos empenhássemos na tarefa de exercê-lo. Os anos de 1956-1966 marcaram a mesma distância. Ainda nos restam dois anos para dar à 'questão preliminar' sua sequência plena".

p. 222-223

"É nesse campo, concebe-se, que a prova é mais delicada; mas como não ver uma prova na estranha indiferença ao texto das Memórias do Presidente Schreber que faz com que, em inglês, ele tenha sido publicado por uma pessoa de fora do grupo (a Sra. Ida Macalpine, a título de aluna de Edward Glover, apegando-se muito vivamente a certas exigências científicas, não está inscrita, salvo alguma novidade, na sociedade de Londres), e faz com que na França seja uma zona muito sensível, mas periférica em relação a um grupo (aquele garantido por nosso **ensino**), zona essa representada pelo *Cahiers pour l'Analyse*, que enfim vêm à luz as Memórias a que consagramos tanto cuidado?".

Pequeno discurso no Office de Radiodiffusion Télévision Française

OUTROS ESCRITOS

Publicado no primeiro número de *Recherches*, nº 3/4, p.5-9, com autorização da ORTF. O texto foi precedido por uma nota da redação: "Essa entrevista foi ao ar em 2 de dezembro de 1966, no contexto das Manhãs da France-Culture, durante o programa de Georges Charbonnier, 'Sciences et techniques', por ocasião da publicação dos *Escritos* de Jacques Lacan pela editora Seuil. Agradecemos ao Dr. Lacan, assim como a Georges Charbonnier, a gentileza de nos autorizarem a publicação em *Recherches*."

p.226

"Fui chamado, pelas condições difíceis com que se deparou o desenvolvimento dessa prática na França, e assumir nela uma posição que é uma posição de **ensino**".

p.231

"E eu ainda não teria publicado esta coletânea de meus *Escritos*, se o que neles se emite – especialmente há quinze anos, por ter sido recebido por mim do lugar do Outro em que se inscreve o discurso daqueles que escuto, e nos termos em que cada psicanalista reconhece justamente os termos que a cada semana meu seminário lhes fornece – não tivesse acabado correndo sozinho para fora do campo onde se pode controlá-lo. A despeito de mim mesmo, devo dizer, mas não sem uma certa razão, já que nesse **ensino** se joga o desatino a todos reservado pelo futuro da ciência - a qual também corre, e muito à frente da consciência que temos de seus progressos".

Entrevista sobre a psicanálise

Opção Lacaniana 50, dezembro de 2007

A gravação desta entrevista, dada por J. Lacan no dia 14 de dezembro de 1966 na Radio-Télévision belga (RTB III) foi datilografada por Ph. De Villers; ela foi relida e ligeiramente

corrigida por mim. O estilo dessas proposições indica, a meu ver, que Lacan lia um texto redigido anteriormente.

p. 11-12

"Digo essas coisas em alto e bom som agora que trouxe soluções prestes a começar a tarefa para que elas mudem. Foi por respeitar esta miséria escondida que me obstinei tanto em retardar a publicação de meus tratados até que sua reunião fosse suficiente. Talvez, seja ainda esperar demais do que de meu **ensino** passou para o domínio comum. Qual o quê! Foi para que ele não se perdesse nisso que consagrei toda a minha paciência. Vez em quando, preciso fazer tal esforço".

p. 13

"Um apaixonado com o retomo da filosofia, pelo menos é assim que ele se anuncia, leva-nos a intuição do ser sem encontrar nada melhor agora do que atribuí-lo a Bergson, que teria se enganado de **ensino** e não de porta, tal como o mesmo, entretanto, lhe havia significado outrora. Não nos fiemos até o fim na intuição do ser. isto jamais é sua última fífia. Apenas indicamos aqui, com um tom que não é o nosso, mas daquele que evoca um doutor Pantalon na transformação que nos detém, todo o coitejo de irnpasses manifestos que se desenvolvem a este respeito com uma coerência, é preciso dizer, conservada; será feito dito o balanço ao qual se deve reportar. Esta dissimulação para nós recobre simplesmente a ausência, ainda na lógica, de uma negação adequada. Escuto daquela que seria própria para ordenar um "*vel*" - escolhi "*vel'* e não "*aut*', em latim - um "*vel*', para colocar a estrutura nestes termos: ou eu não sou, ou eu não penso - dos quais o cogito cartesiano seria a intersecção. Penso que os lógicos nie ouvem, e o equívoco da palavra "ou" em francês é o único propício para enganchar a estrutura nesta indicação topológica: penso onde - aí onde- não posso dizer que sou, onde- aí onde - preciso colocar no seu enunciado o sujeito da enunciação como separado do ser por uma barra. Mais do que nunca, evidentemente, surge de novo aí não a intuição; mas a exigência do ser E é com isto que se contentam aqueles que não vêem além do próprio nariz. O inconsciente permanece no âmago do ser, para alguns, e outros vão crer que me seguem fazendo dele o "outro" da realidade. A única maneira de sair disto é situar que ele é real, o que não designa realidade alguma".

p. 15-16

"Isto para dizer que Racine, assim como Sartre, foi sem dúvida ultrapassado em suas intenções. Mas, eles não têm que responder pelo que ultrapassa a intenção e, sim, por este gênero chamado teatro, esforço vendido por demonstrar a assistência de um modo muito cru, como representá-la. Também sou ultrapassado por minha intenção quando escrevo, mas, quando se está em análise comigo, é legítimo interrogar-me como analista sobre meu esforço de **ensino**, em relação ao qual todos, sem exceção, arrancam os cabelos, não é para nenhum crítico, para nenhum modo inicialmente legítimo de meus enunciados, nem de meu estilo, exceto para situar que eles são do gênero do qual são provenientes. É tudo o que há de mais regular na didática!"

Acerca da estrutura como imisção de uma alteridade prévia a um sujeito qualquer

Opção Lacaniana 77, agosto de 2017

Conferência em Baltimore, 1966.

p. 10

"Em primeiro lugar, permitam-me começar por uma advertência relativa à estrutura, que é o tema deste encontro. Pode acontecer que vocês verem se produzir erros, confusões, usos cada vez mais aproximativos dessa noção e acho que haverá logo uma espécie de embaraço em tomo dessa palavra. Para mim é diferente, pois já utilizo esse termo há bastante tempo - desde o início ele meu **ensino**".

p. 11

"Quando comecei a **ensinar** algo sobre a psicanálise, perdi uma parte de meu público, pois havia percebido muito tempo antes esse simples fato de que, quan 10 se abre um livro ele Freud, e sobretudo os textos que tratam propriamente do inconsciente, pode-se estar absolutamente certo - não se trata de probabilidade, mas de certeza - de deparar-se com uma página em que não se trata apenas de uma questão de palavras - naturalmente, em um livro, há sempre palavras, várias palavras impressas -, mas de palavras que são O objeto mesmo através do qual buscamos um meio de abordar o inconsciente. Nem sequer O sentido das palavras, mas as palavras na sua carne, em seu aspecto material. Grande parte das especulações de Freud referem-se a jogos de palavras em um sonho, ou a lapsos, ou isto que em francês se chama *calembour*, homonímia, ou ainda a divisão ele uma palavra em várias partes das quais cada uma tem um sentido novo depois do recorte".

p. 12-13

"A questão diante da qual a natureza do inconsciente nos situa é, em poucas palavras, que algo pensa o tempo todo. Freud nos **ensinou** que o inconsciente são sobretudo pensamentos e que isto que pensa está barrado da consciência. Essa barra tem várias aplicações, ela oferece inúmeras possibilidades em relação ao sentido. A principal é que se trata realmente de uma barreira, barreira que é preciso saltar ou atravessar. É importante, pois se não destaco essa barreira, tudo vai bem para vocês. 'Isto lhes convém' (*ça vous arrange*), como se diz em francês. Com efeito, se a barreira não existe e algo pensa no andar ele baixo ou no subsolo, as coisas são simples o pensamento está sempre ali e tudo de que precisamos é ter um pouco de consciência do pensamento de que o ser vivo pensa naturalmente e tudo vai bem. Se fosse esse o caso, o pensamento seria preparado pela vida, pensando naturalmente, um pouco à maneira pelo instinto, por exemplo se o pensamento é um processo natural, então inconsciente não tem dificuldade. Mas o inconsciente não tem nada a ver com o instinto nem com um saber primitivo, nem com a preparação do pensamento em um subsolo qualquer. É um pensamento com palavras, com ideias que escapam à sua vigilância, a seu estado de atenção. A questão da vigilância é importante. É como se um demônio jogasse com sua atenção. A questão é encontrar um estatuto preciso para esse outro sujeito que é exatamente o tipo ele sujeito que podemos determinar tomando a linguagem como ponto de partida.

p. 15

"Após quinze anos de **ensino**, ensinei meus alunos a contar, pelo menos até cinco, o que é difícil - quatro é mais fácil - e eles entenderam até aí. Mas esta noite, permitam-me ficar no dois. É claro que o que está em jogo aqui é a questão do número inteiro e, como penso que grande parte de vocês sabe disto, a questão dos números inteiros não é simples. Contar, evidentemente, não é difícil. Basta ter, por exemplo, certo número de séries e uma correspondência biunívoca. Assim, é verdade que há neste cômodo

tantas pessoas sentadas quanto são as cadeiras. Mas é necessário que haja uma coleção composta de números inteiros para constituir um número inteiro, também chamado de número natural. Um número desses é, evidentemente, em parte natural, no sentido em que não entendemos por que ele existe. O fato de contar não tem nada de empírico, e é impossível deduzir o ato de contar unicamente dos dados empíricos. Hume tentou, mas Frege demonstrou perfeitamente a inépcia dessa tentativa".

p. 16

"Contudo, debrucemo-nos mais precisamente sobre o que é necessário ao segundo para repetir o primeiro a fim ele obter uma repetição. Não se pode responder rápido demais a esta questão. Se vocês a respondem rápido demais, dirão que é necessário que sejam os mesmos. Neste caso o princípio do dois seria o dos gêmeos - e por que não triplicados ou mesmo quintuplicados? Na minha época, **ensinava**-se às crianças que não se deve somar microfones com dicionários. Mas isto é perfeitamente absurdo porque a adição não existiria se não pudéssemos somar microfones com dicionários ou, como escreve Lewis Carroll, couves-flores e reis. A *mesmidade* não está nas coisas, mas na marca que possibilita somá-las sem considerar suas diferenças. A marca tem por efeito apagar a diferença e aí está a chave do que acontece com o sujeito, o sujeito do inconsciente, na repetição".

Então, vocês terão escutado Lacan

PARADOXO roxo

10 de junho de 1967 na Faculdade de Medicina de Estrasburgo. Havia em Estrasburgo um importante grupo lacaniano, desenvolvido a partir da segunda metade dos anos 1950 em torno de Lucien Israel, professor de psiquiatria e psicanalista. Este foi o incentivador do convite feito a Lacan.

p. 105

"A idéia de que as camadas que se depositaram ao longo da história, com a superposição dos séculos, constituiriam aquisições que se adicionam e que ao mesmo tempo podem se juntar para fazer esta Universidade - Universidade das letras, *Universitas litterarum*, isso está no princípio da organização do **ensino** que leva esse nome -, essa idéia é contrariada pelo mais simples exame da história.

Nessa palavra "história", peço-lhes, não ouçam o que lhes **ensinaram** sob o nome de "história da filosofia" ou do que quer que seja, que é uma remodelagem feita para lhes dar a ilusão de que as diversas etapas do pensamento engendram-se uma à outra. O menor exame prova que não é nada disso, e que tudo procedeu, ao contrário, por fissura, por uma sucessão de tentativas e aberturas, que deram a cada vez a ilusão de que se podia começar a discorrer sobre uma totalidade".

p. 106

"Então, exerço um **ensino** que se refere a alguma coisa que nasceu nesse momento da história e em séculos em que já se estava até o pescoço no contexto da ciência, antes mesmo que se pudesse dizê-lo como acabo de dizer. Trata-se da psicanálise".

p. 107

"Eu me exercitei para me colocar em uma posição de **ensino** bem particular, pois ela consiste em partir de novo sobre um certo ponto, um certo terreno, como se nada houvesse sido feito. A psicanálise quer dizer isso.

Não é a isso que meu **ensino** serve, mas de que é servo. Ele está a serviço, serve para valorizar alguma coisa que aconteceu e que tem um nome, Freud".

p. 108

"O ponto de vista "fontes" também pode servir no **ensino** corrente, o que chamei ainda há pouco de gênero "conferência". Só que de tempos em tempos há fissuras, há pessoas que, com efeito, souberam pegar emprestadas coisinhas aqui e ali para alimentar seu discurso, é tão-somente a essência desse discurso que parte de um ponto de ruptura.

Se meu **ensino** serve para valorizar Freud, e se declara a serviço disso, nesse caso o que querem dizer as fontes? Querem dizer precisamente que o que me interessa não é reduzir Freud às suas fontes".

p. 109-110

"Freud nos **ensinou** que, dentre esses doentes, há doentes do pensamento. Só que é preciso prestar atenção à função assim designada. Será que se fica doente do pensamento no sentido em que se diz "ele está pirado", no sentido em que isso se passa no nível do pensamento? Será que é isso que isso quer dizer?"

p. 115-116

"Isso ocorre para espanto daqueles que querem que a literatura continue a ser feita para responder a certas necessidades. Eles se perguntam por que meus *Escritos* venderam bem. Quanto a mim, sou gentil quando um jornalista vem me perguntar isso, ponho-me no meu lugar, digo-lhe - "Sou como você, não sei." E depois lembro a ele que esses *Escritos* não passam de alguns fios, flutuadores, ilhotas, pontos de referência que apresentei de tempos em tempos às pessoas a quem **ensinava**. Deixei de reserva num cantinho o comprimido, para que eles se lembrassem que eu já havia dito aquilo em tal data".

p. 116-117

"Meu **ensino**, se a visada for valorizar Freud, não está evidentemente no nível do "grande público". O grande público não precisa de mim para isso. Isso funciona muito bem com o que fazem os outros, os colegas. Como acabo de explicar a vocês, não importa o que se faça, e inclusive deixando a responsabilidade das coisas para a corporação dos psicanalistas da qual sou um dos florões, não importa o que se faça, entendam como quiserem, e mesmo como eu entendo, Freud está bem presente".

p. 117

"O esforço do meu **ensino** até aqui não consiste em valorizar Freud no nível da grande imprensa. Não haveria motivo para isso, e na verdade não vejo por que eu próprio me teria imposto essa preocupação e esse esforço caso ele não se dirigisse aos psicanalistas".

p.123-124

"Como é ridícula a voracidade com que alguns que escutam o que **ensino** há tantos anos já se precipitam sobre minhas formulações para delas fazer artiguetes, ninguém pensa em outra coisa a não ser nisso, em se enfeitar com minhas plumas, e tudo isso para se atribuir o mérito de ter feito um artigo que se sustenta de pé. Nada é mais contrário ao que se

trataria de obter deles, ou seja, que conquistassem a justa situação de despojamento, de "desmuniciamento" eu diria, que é a do analista enquanto um homem entre outros, que deve saber que não é nem saber nem consciência, mas dependente tanto do desejo do Outro quanto de sua fala".

Lugar, origem e fim do meu **ensino**

PARADOXOS roxo

No Vinatier, em Lyon, asilo fundado sob a monarquia de Julho; a conferência é seguida por um diálogo com o filósofo Henri Maldiney.

A primeira conferência foi realizada em outubro de 1967 no Centre Hospitalier du Vinatier, em Lyon; Uma transcrição da conferência lionesa foi reproduzida em 1981 em uma publicação fotocopiada do CES de psiquiatria da Faculdade de Medicina de Lyon-I; esta foi reproduzida com minha autorização na revista Essaim. O Asile du Vinatier, criado pela lei de 30 de junho de 1838 que previa um asilo de alienados em cada departamento da França, foi por muito tempo vítima de uma "imagem negativa" sob o nome de "Asile de Bron". Renovado após a Libertação, já havia se tornado o Centre Hospitalier du Vinatier quando Lacan lá esteve. O estabelecimento é desde então o primeiro centro psiquiátrico da região de Rhône-Alpes. O filósofo Henri Maldiney, nascido em 1912, por muito tempo professor na Universidade de Lyon, é vinculado à corrente fenomenológica. Dedicou-se à estética, escrevendo principalmente sobre poesia, belas-artes, a paisagem ocidental e a paisagem chinesa.

p.11

"Não penso entregar-lhes meu **ensino** sob a forma de um comprimido, o que me parece difícil. Talvez alguém faça isso mais tarde. É sempre assim que termina. Quando se está fora de cena há algum tempo, você se resume a três linhas nos manuais - no que me diz respeito, manuais não se sabe de quê. Não posso prever em que manuais serei inserido pela razão de que não prevejo nada do futuro que se refira ao meu **ensino**, isto é, a psicanálise. Não se sabe o que essa psicanálise se tornará. Quanto a mim, almejo que se torne alguma coisa, mas não é certo que tome esse caminho.

Por aí vocês vêem que este título, "Lugar, origem e fim do meu **ensino**", pode começar a assumir um sentido que não é apenas o de um resumo. Trata-se, para mim, de colocá-los no curso de uma coisa que está engajada, que está em vias, alguma coisa de não-finda, que só findará provavelmente comigo, caso eu não seja vítima de um desses lamentáveis incidentes que nos fazem sobreviver a nós mesmos".

p. 12-13

"Certamente não irei muito longe esta noite, uma vez que não posso simplesmente oferecer-lhes um comprimidinho do meu **ensino**. "Lugar" terá assim um alcance bem diverso na topologia, no sentido da estrutura, em que se trata por exemplo de saber se uma superfície é uma esfera ou um anel, pois o que se pode fazer com ambos não é em nada semelhante. Mas não se trata disso. O lugar pode ter um sentido completamente diferente. Trata-se simplesmente do lugar aonde cheguei, o que me põe na postura de **ensinar**, uma vez que **ensino** há".

p. 32

"Isso nos conduz imediatamente ao meu segundo capítulo, a origem do meu **ensino**".

p. 33

"Clérambault apontou-me algumas coisas. **Ensinou**-me simplesmente a ver o que eu tinha à minha frente, um louco. Como convém a um psiquiatra, **ensinou**-me interpondo, entre eu e isso, um louco, que afinal é tudo o que há de mais preocupante no mundo. Um psiquiatra sempre interpõe alguma coisa".

p. 34

"No que diz respeito à origem do meu **ensino**, bem, não se pode falar dela, assim como não se pode falar de nenhuma outra questão das origens.

A origem do meu **ensino** é bem simples, está presente desde sempre, uma vez que o tempo nasceu com aquilo de que se trata. Com efeito, meu **ensino** é muito simplesmente a linguagem, nada além disto".

p. 53

"O fim do meu **ensino**. Se empreguei a palavra "fim", não é que vamos fazer um drama aqui. Não se trata do dia em que isso fará vupt, não, fim é *thelos*, para que é feito. O fim do meu **ensino**, pois bem, seria fazer psicanalistas à altura dessa função que se chama "sujeito", porque se verifica que só a partir desse ponto de vista se enxerga bem aquilo de que se trata na psicanálise".

p. 57

"Vocês podem encontrar esse a posteriori nas primeiras páginas de um certo vocabulário que foi lançado recentemente. Inútil dizer-lhes que ninguém nunca teria posto esse a posteriori num vocabulário freudiano se eu não o houvesse lançado no meu **ensino**. Ninguém antes de mim observara o alcance desse *nachtraglich,* embora ele esteja em todas as páginas de Freud. Não obstante, é importantíssimo destacar o a posteriori neste caso".

p. 63

"Digo que o sujeito, ao mesmo tempo em que é o sujeito, funciona como dividido. Aí reside, inclusive, todo o alcance do que instauro. Devo inclusive dizer-lhe que essa divisão do sujeito, eu a consagro, denuncio, demonstro por outras vias que não esta, reduzida, de que me sirvo aqui e que, aliás, não dá conta absolutamente da divisão em si. Eu precisaria ter feito algo cuja referência me proibi taxativamente de trazer esta noite, pois não se deve pensar que falei daquilo que, se me permitem, eu chamaria, para ir mais rápido, não apenas meu **ensino**, mas minha doutrina, e do que daí resultasse. Isso não pude absolutamente fazê-lo".

p. 64-65

"Com minhas razões, as que estou em vias de articular para o senhor. O senhor me fez, nessa linha, certo número de objeções ao fazer intervir alguns registros da doutrina freudiana, o recalque, a *Verneinung* e muitas outras coisas. É muito evidente que tudo isso desempenhou seu papel e foi passado no crivo da minha reflexão ao longo dos dezessete anos, desculpe, desde que dura o que vim apresentar aqui, ou antes evocar, em três referências que chamei sucessivamente de "lugar, origem e fim do meu **ensino**". As objeções que o senhor pode erguer, e que detêm, claro, toda sua pertinência, vêm de uma certa perspectiva. Não ignoro nada do que pretende preservar com isso, mas só para demonstrá-lo o senhor

necessitaria certamente de um diálogo bem mais longo do que o que podemos manter aqui".

Primeira versão da "Proposição de 9 de outubro de 1967"

OUTROS ESCRITOS e Opção Lacaniana 16, agosto de 1996.

p.571

"Ela pode e, portanto, deve fazê-lo, pois a Escola não o é apenas no sentido de distribuir um **ensino**, mas de instaurar entre seus membros uma comunidade de experiência cujo cerne é dado pela experiência dos praticantes.

Para dizer a verdade, seu próprio **ensino** não tem outra finalidade senão trazer para essa experiência a correção, e para essa comunidade, a disciplina a partir da qual se promove, por exemplo, a questão teórica de situar a psicanálise em relação à ciência.

Todos sabem, com efeito, que foi por uma votação, em que estava em jogo apenas permitir ou proibir a presença de meu **ensino**, que foi suspensa a aceitação deles na IPA, sem outra consideração extraída da formação recebida e, especialmente, sem objeção a que ela fosse recebida de mim. Uma votação, uma votação política, bastava para que se fosse aceito na Associação Psicanalítica Internacional, como mostraram os acontecimentos subseqüentes".

p. 571-572

Daí resulta que os que se agrupam em minha fundação não atestam outra coisa, através disso, senão o valor que conferem a um **ensino** – o meu, que é de fato sem rival – para sustentar sua experiência. Esse apego é de pensamento prático, digamos, e não enunciados conformistas: foi pelo sopro – chegaremos até mesmo a essa metáfora – que nosso **ensino** leva para o trabalho que houve quem preferisse ser excluído a vê-lo desaparecer, ou mesmo a separar-se dele. Isso é fácil de concluir, por não dispormos até o momento de nenhuma outra vantagem com que possamos compensar a oportunidade assim declinada".

p.572

"Assinalo que nada fiz, ao produzir o **ensino** que me foi confiado num grupo, para extrair dele uma luz para mim, em especial por um apelo qualquer ao público, nem tampouco para enfatizar demais a arestas que poderiam contrariar o reingresso na comunidade, a qual, durante esses anos, continuou a ser a única preocupação verdadeira daqueles a quem me havia reunido um infortúnio anterior (ou seja, a sanção dada pela Srta. Anna Freud a uma besteira de manobra, cometida, por sua vez, sob a instrução de que eu não fosse alertado)".

p. 576

"Mas um psicanalista, pelo menos daqueles a quem **ensinamos** a refletir, deve reconhecer aqui a razão da prevalência de pelo menos um texto, o de Freud, em sua cogitação".

p.578

"Essa ordenação da ordem do saber que funciona no processo analítico, eis aquilo em torno do qual deve girar a admissão na Escola. Ela implica toda sorte de aparelhos, cuja alma deve ser encontrada nas funções já delegadas na diretoria – **Ensino**, Direção dos Trabalhos, Publicação.

p.586

"A saber, a ordem de inflação literária a que meu **ensino** se opôs, até uma crise cujo sucesso se apreende melhor ao ver onde salta a tranca".

Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola

OUTROS ESCRITOS e Opção Lacaniana 17, novembro de 1996.

Publicada em *Scilicet*, nº1, Paris, Seuil, 1968, p.14-30.

p.250

"Encontram-se agrupados nela por não terem querido através de uma votação aceitar o que esse voto pautaria: a pura e simples sobrevivência de um **ensino**, o de Lacan.

Foi, portanto, a um grupo para o qual meu **ensino** era tão precioso ou tão essencial que cada um, deliberando, marcou preferir a vantagem oferecida - e isto sem enxergar adiante, tal como, sem enxergar adiante, interrompi meu seminário em seguida à referida votação -, foi a esse grupo em dificuldade de encontrar uma saída que ofereci a fundação da Escola.

Por essa escolha, decisiva para os que aqui estão, marca-se aqui o que está em jogo. Pode haver algo que está em jogo que vale para alguns a ponto de lhes ser essencial, e este é meu **ensino**.

Se o referido **ensino** é sem rival para eles, ele o é para todos, como provam os que aqui se comprimem sem haverem pago o preço, ficando suspensa para eles a questão do lucro que lhes é permitido.

Sem rival, aqui, não significa sem avaliação, mas um fato: nenhum **ensino** fala do que é a psicanálise. Em outros lugares, e de maneira declarada, cuida-se apenas de que ela seja conforme".

p.251

"Podemos encontrar os tempos idos e revolvidos em que aquilo a que se tratava de não causar dano era a entidade mórbida. Mas o tempo do médico está mais implicado do que se supõe nessa revolução – pelo menos, a exigência, tornada mais precária, do que torna médico ou não um **ensino**. Digressão".

p. 253

"Suposto, **ensinamos** nós, pelo significante que o representa para outro significante".

p. 255

"A razão disso encontra-se na confusão a respeito do zero, onde se fica num campo em que ela não tem vez. Não há ninguém que se preocupe, no *gradus*, em **ensinar** o que distingue o vazio do nada - o que, no entanto, não é a mesma coisa -, nem entre o traço referencial da medida e o elemento neutro implicado no grupo lógico, nem tampouco entre a nulidade da incompetência e o não-marcado da ingenuidade, a partir do que muitas coisas assumiriam seu lugar".

p. 256

"Mas, quem sabe melhor do que Sócrates que ele só detém a significação que gera por reter esse nada, o que lhe permite remeter Alcibíades ao destinatário presente de seu discurso, Agatão (como que por acaso)? Isto é para lhes **ensinar** que, ao se obcecarem com o que lhes concerne no discurso do psicanalisante, vocês ainda não chegaram lá".

Meu **ensino**, sua natureza e seus fins

PARADOXOS roxo

20 de abril de 1968, em Bordeaux. Lacan foi a Bordeaux a convite de um grupo de residentes do Hospital Psiquiátrico (CHS) Charles-Perrens. A conferência foi realizada numa sala municipal situada em frente ao estabelecimento.

p. 70

"É de fato completamente inverossímil, mas é a requisição que faço, como sempre que me acontece de falar, o que não é tão freqüente, num contexto que, cabe dizer, me é estranho, pois não creio que haja muitos dentre vocês que tenham acompanhado o que eu **ensino**.

O que eu **ensino** fez um certo barulho".

p. 70-71

"Reuni sob esse título as coisas que havia escrito, à guisa de estabelecer alguns pontos de referência, alguns marcos, como estacas que enfiamos na água para amarrar os barcos, para o que eu **ensinara** de forma hebdomadária durante cerca de vinte anos. Não julgo haver-me repetido muito. Tenho inclusive bastante certeza disso, pois dei-me como linha, como imperativo, nunca dizer de novo as mesmas coisas. Mesmo assim isso causou certa sensação".

p. 71

"Durante esses longos anos de **ensino**, de tempos em tempos eu compunha um escrito que me parecia importante colocar como um pilono, a marca de uma etapa, o ponto alcançado em tal ano ou em tal época de tal ano. Depois juntei tudo isso. Caiu num contexto em que as coisas já tinham percorrido caminho desde o tempo em que eu começara no **ensino**".

p. 72-73

"Essa frase, vocês poderiam me dizer, talvez carregue uma desculpa. Isso poderia querer dizer que digo a mim mesmo que deveria ter feito um para o consumo comum, ou mesmo que vou fazer um. Sim, é possível. Talvez eu tente. Mas não tenho esse hábito. Não há certeza alguma de que isso vá dar certo. Talvez valesse mais a pena eu tentar não forçar o meu talento. Tampouco julgo que isso seja muito recomendável em si, pois o que **ensino** vai acabar entrando no consumo comum. Haverá pessoas que se envolverão com isso, que o farão circular. Não seria absolutamente a mesma coisa, claro, será um pouquinho mais laminado. Tentarão dar um tom sensacionalista. Tentarão o máximo possível ressituá-lo em relação a certo número de convicções bem sólidas que formam a base de cada um nesta sociedade, como em qualquer uma".

p. 78

"Esse mecanismo que lhes faço observar opera de uma forma totalmente atual. Isso não é teoria, não estou aqui para encher a bola da teoria. Vocês podem vê-lo diante dos olhos, sem irem à faculdade, onde aliás encontra-se grande parte do que lhes **ensinam** sob o nome de "filosofia".

p. 81

"O que eu **ensino**, salta aos olhos que se relaciona com o que se chama de experiência psicanalítica.

Trata-se, no que **ensino**, de coisa completamente diferente, de procedimentos técnicos e precisões formais referentes a uma experiência, que ou bem é séria ou então é uma incrível errância, uma coisa louca, delirante. Aliás, tem todo o aspecto disso quando a vemos do exterior. O traço fundamental da análise é que as pessoas acabam se dando conta de que trombetearam besteiras anos a fio".

p. 84-85

"Isso, isso é interessante, e não se deve descartar que interessar-se por isso tenha valor formador para alguém como o psicanalista. Mas por ora é sem saída, porque há aí um problema bem particular que eu chamaria de a questão da idade. Para fazer lógica seriamente, assim como para tudo o que, de resto, existe na ciência moderna, é preciso instalar-se nela antes de ter sido completamente cretinizado, e precisamente pela cultura. Evidentemente, cretinizados o somos sempre um pouquinho, não escapamos ao **ensino** secundário. Decerto isso talvez também tenha o seu valor, pois aqueles que sobrevivem a isso com uma verdadeira vivacidade científica são verdadeiros casos, cada um deles lhe dirá. Por exemplo, meu bom amigo Leprince-Ringuet, que se cretinizava ao mesmo tempo que eu no colégio em que usei calças curtas, logo escapuliu de forma viva e brilhante. Já eu precisei da psicanálise para cair fora. Convém dizer que não há muitos que se aproveitaram dela como eu".

O engano* do sujeito suposto saber

LACAN, Jacques. OUTROS ESCRITOS

Publicado em *Scilicet*, nº1, Paris, Seuil, 1968, p.31-41, 42-50 e 51-9.

p.329

"O termo *méprise*, que ocupa lugar importante no **ensino** de Lacan, será neste volume preferencialmente traduzido por 'engano'. Apostamos, assim, menos em uma multiplicidade de termos que o traduziriam adequadamente em diferentes situações (equivocação, tapeação, enganação, confusão), e mais na capacidade da própria língua portuguesa em engendrar a *méprise* a partir de um termo comum. (N.E.)

p. 340

"Por isso é que há toda uma parte de meu **ensino** que não é ato analítico, mas tese, e polêmica inerente a ela, sobre as condições que redobram o engano próprio do ato com um fracasso em sua recaída".

A psicanálise. Razão de um fracasso

OUTROS ESCRITOS

Publicados em Scilicet, nº1, Paris, Seuil, 1969, p.31-41, 42-50 e 51-9. Uma nota final do autor trazia os seguintes esclarecimentos: "estes textos não foram lidos, a isso se opondo o número e a diversidade das platéias (de estudantes, na maioria) com que fui honrado. Distinguem-se, pois, do que efetivamente pronunciei, e do qual resta a gravação. "Tiveram lugar dois outros encontros que eu não havia preparado. Um no dia 16, em Pisa, sede da Escola Normal Superior da Itália, que devo à amizade de Jean Roudaut; ali procedi por uma maiêutica à qual meus ouvintes se mostraram propícios, diálogo este igualmente gravado. "No dia 18, o Instituto Psicanalítico de Milão foi o cenário de outro, onde não consegui uma platéia informada. "Agradeço seu diretor, o professor Fornari, por me havê-la fornecido numerosa, para um debate de melhor

tom. O professor Musatti esteve presente. "Os serviços dos Assuntos Culturais de que fui hóspede estão acima de qualquer elogio: que os Srs. Vallet e Dufour, dentre todos aqueles a quem sou grato, recebam aqui a homenagem por isso".

p. 344

"Sendo o tráfico de autoridade a norma de seu mercado, vi-me, dez anos depois, negociado a seus cuidados, e, como isso se deu nas condições soturnas próprias da gangue annafreudiana, foi simplesmente minha cabeça que foi entregue como propina para a conclusão de um gentlemen's agreement com a IPA, do qual preciso indicar aqui a incidência política no processo de meu **ensino**".

O que compete a meu nome são as partes caducas de meu **ensino** que eu pensava que ficariam reservadas a uma propedêutica, posto que elas nada mais são do que o que me recaiu de uma incumbência preliminar: ou seja, tirar a crosta de ignorância com que não é desfavorável que sempre tenha procedido o recrutamento para a psicanálise, mas que adquiriu valor dramático por predominar em suas instalações primárias - na medicina e na psicologia, nominalmente.

p. 346

"O patético de meu **ensino** é que ele opera nesse ponto. E é isso que, em meus Escritos, em minha história e em meu **ensino**, retém um público que está além de qualquer crítica. Ele sente que aí se desenrola alguma coisa da qual todo o mundo terá seu quinhão".

p. 358

"Ele não lhe **ensina** nada a esse respeito, não fazendo mais do que espreitá-lo, quando lhe sucede transgredir um ou o outro".

Introdução de Scilicet como título da revista da EFP

OUTROS ESCRITOS

Publicado em *Scilicet*, nº1, Éd. Du Seuil, 1968, p.3-13.

p. 288

"*Scilicet*: tu podes saber, eis o sentido deste título. Podes saber agora que fracassei num **ensino** que por doze anos dirigiu-se apenas a psicanalistas, e que, por obra deles, há quatro anos encontrou aquilo a que, em dezembro de 1967, na Escola Normal Superior onde falo, prestei homenagem como ao número".

p. 292

"Não lembrarei aqui o que resulta, ali onde um sistema simbólico ganha ser por necessitar que o falemos, em se operar nele uma *Verwerfung*, ou seja, a rejeição de um elemento que lhes é substancial. A fórmula é pedra angular de meu **ensino**: ele reaparece no real".

p. 293

"Essa formulação lacaniana é a de uma transcrição tal que, depois de haver reunificado o campo da psicanálise, confere ao ato que a sustenta o status cujo ápice culmina nos últimos traços de meu **ensino**".

p. 294

"A cada inverno a passar, portanto, coloca-se a questão do que há de negociável em ser aluno de Lacan. Trata-se de uma ação, no sentido da bolsa de valores, que se concebe que seja mantida, quando se sabe (é preciso saber disso, para seguir a mecânica aqui) que meu **ensino** é o único que, pelo menos na França, deu a Freud alguma continuidade".

p. 294-295

"Imagina, bacharel – pois é preciso que eu te ajude para que saibas o que acontece no lado do qual teria o direito de esperar um ar diferente da safadeza a que tudo te promete –, imagina o que quiseres da "formação" do psicanalista, a partir da obediência obtida de uma sala dos plantonistas (sala dos plantonistas significava revolta permanente, em certa época), a obediência, dizia eu, obtida de uma sala dos plantonistas, da Sala dos Plantonistas do Sainte-Anne, para explicitar seu nome, pela Sociedade que representava em Paris a dita International, para que se proferisso ali, em nome desta, a proibição de se cruzar a porta em que se realizava, a cada quarta-feira no horário do meio-dia a dois passos dali, um **ensino**, o meu, que por esse fato, é claro, era objeto de um comentário mais ou menos apropriado, porém permanente".

p.295

"Podes conceber, creio eu, o poder de penetração assumido pelo dizer assim circunscrito, pois não basta esconder-se num buraco, é preciso andar na linha, e como fazê-lo quanto não se sabe o que é proibido pensar? É que, ao ignorá-lo, não é impensável que se passe a pensá-lo sozinho: torna-se até mais do que provável, admitindo-se que possa haver num **ensino**, aliás aberto a toda e qualquer crítica, nem que seja o grão único de verdade com que queria homenagear Freud, embora guardando o espinho de ter sido repelido por ele, o responsável por uma 'formação' – que, afinal, corresponde a seu título numa certa finalidade".

p.297

"Dessa cepa provieram rebentos excelentes, muito dignos de ser conservados e geralmente citados com proveito, se não sempre com pertinência, pelos que tentam traduzir meu **ensino** para o exterior".

A lógica da fantasia

OUTROS ESCRITOS

Annuaire 1969 da Escola Prática de Estudos Superiores, p.189-94.

p. 327

"A fantasia, para tomar as coisas no nível da interpretação, desempenha nisso a função do axioma, isto é, distingue-se das leis de dedução variáveis, que especificam em cada estrutura a redução dos sintomas, por figurar neles de um modo constante. O menor dos conjuntos, no sentido matemático do termo, **ensina** o bastante a esse respeito para que um analista, exercitando-se, encontre nele seu germe".

Alocução sobre o ensino

OUTROS ESCRITOS

Publicado em *Scilicet*, nº2/3, Paris, Seuil, 1970, p.391-9.

p.302

"Numa palavra, este congresso foi para mim um **ensino**. Talvez pareça muito apropriado dizer isso de um congresso sobre o **ensino**.

Pois observemos, segundo Nemo, que por sua juventude nos dá esperança, que nosso congresso se anunciou como: **ensino**. Nada menos: não **ensino** da psicanálise, mas **ensino** puro e simples.

"Que algo seja para vocês, ao nos exprimirmos assim, um **ensino** não significa que com ele vocês tenham aprendido alguma coisa, que dele resulte um saber".

p.303

"Dou a isso uma reflexão, balística, entendam-na, ao me espantar de que a todo instante tenha parecido evidente que o **ensino** era a transmissão de um saber, tomando-se por horizonte o pêndulo que vai e vem entre aquele que **ensina** e o **ensinado***: a relação entre eles – por que não? – é o barco que convém, ao encontrar, na grande feira de nossa época, seu impulso, não mais disparatada do que a relação médico-paciente, por exemplo.

*Traduz-se via de regra o par *enseignant-enseigné* como "professor-aluno". Fugimos aqui a esse uso para esvaziar sua oposição, como faz Lacan. (N.E.)

Uma observação para sanear nosso caso: pode ser que o **ensino** seja feito para estabelecer uma barreira ao saber. O mais humilde dos pedagogos, como diríamos sem rir, pode dar a qualquer um essa suspeita.

Donde brota a pouca evidência, digamos, da relação saber-**ensino**.

Talvez pareça exagerado postular que o saber é a coisa mais disseminada no mundo do que imagina o **ensino**?

Se parece que o psicanalista poderia ter atentado mais cedo para aquilo em que o implica quase todo o que ele diz, não caberá também levar em conta que **ensino** cria aí obstáculo a que ela saiba o que diz?

Basta ver que, por esse viés, é o instinto que o desorienta, ideia que decorre apenas da fabricação do **ensino**.

Naturalmente, está em meus princípios não esperar nada do fato de meu discurso ser tomado como um **ensino**. Mas não passemos de imediato a esse ponto, que gerou debate..."

p. 304

"Portanto, professores, vocês me fizeram. Não sem que um certo des-ser me agarrasse; isso já deve estar sendo notado há algum tempo. Sou eu mais **ensinado** por vocês? Pois esse não é o par obrigatório com que acabam de lhes martelar os ouvidos".

Só posso ser **ensinado** à medida de meu saber, e professor [*enseignant*], já faz um tempão que todos sabem que isso é para eu me instruir.

p.305

"Resta saber se isso se **ensina**. É aí que convém voltar à observação de Nemo. Para o professor, procurá-lo além de sua tarefa, de sua tarefa quanto ao saber, isto é: ele é efeito do **ensino**".

p.306

"O saber serve de agente, convergindo com nossa formulação, por se revelar como **ensino**. O **ensino** é o saber que é descaracterizado, em suma, pelo lugar de onde ele impera. Perdoem-me aí o sumário, mas esse em suma é também o saber colocado como Suma, com S maiúsculo, e – por que me privar nessa via? – a suma, por estar presente, equivale à soma. O sono do saber gera monstros, na verdade civilizados: seguindo o guia de meu $ barrado, vocês podem ver que o professor encontra-se aqui no registro da produção, o que não sai do verossímil.

Dizer por qual receita se organiza essa produção não seria nada além de deixar a atual crise da Universidade revelar-se como estrutura, para fazer a seu respeito um refrão que é o nosso: é um **ensino**.

p. 306-307

"É evidente que é no que o mais-de-gozar, que se encarna nos aluninhos-de-professor, se mantém em nada **ensinado**, exceto utilizando-se do professor, que aqueles que têm de família essa receita destacarão os significantes-mestres que são não a produção, mas a verdade da Universidade (cf. S 1 no quadrípode). Isso, por ser difundido por Oxford e Cambridge, ou seja, exageradamente estendido para não ter se distendido, guarda ímpeto igualmente vivo em lugares de não menor impudência".

p.307

"Mas convém notar aqui que, para chegar ao **ensino**, o saber deve, por algum aspecto, ser um saber de mestre, ter algum significante-mestre que constitua verdade. Essa é a marca das chamadas artes liberais na Universidade medieval. A liberalidade que lhes confere seu mandato não é outra coisa... Podemos deter-nos nos exemplos em que a usura do tempo permite discernir muito bem os fios da estrutura, ali onde eles já não têm interesse por não conduzirem mais nada. Um saber que passa pelo companheirismo faz da mestria outra função".

p.308

"Pela relação do saber com a verdade adquire verdade aquilo que se produz de significantes-mestres no discurso analítico, e fica claro que a ambivalência daquele que **ensina** para o **ensinado** reside onde, por nosso ato, criamos caminho para o sujeito, ao lhe pedir que se associe livremente (o que significa: que os faça mestres) aos significantes de seu percalço.

Essa produção, a mais louca por não ser **ensinável**, como muito bem experimentamos, nem por isso nos libera da hipoteca do saber.

É pois um lapso que, ao ensaiar o **ensino**, alguns cometem, ao propor sabe-se lá que subversão do saber.

Nosso discurso não se sustentaria se o saber exigisse a intermediação do **ensino**. Daí o interesse do antagonismo que enfatizo aqui entre o **ensino** e o saber. Não obstante, é sobre a relação entre o saber e a verdade que nosso discurso levanta a questão, por não poder resolvê-la senão pelos caminhos da ciência, isto é, do saber do mestre.

É preciso saber se esse discurso cai nas malhas do **ensino**.

Uma vez que, em suma, trata-se apenas disso: do embaraço que meu **ensino** causa na Escola".

p. 308-309

"No que Kaufmann está bem servido para ventilar que, afinal, não faço um "curso de psicanálise" (é justamente o que reivindico, e vê-se o mal-entendido) e que o melhor daquilo que inspiro satisfaz ao discurso universitário – prova disso é que o grafo é de bom-tom e até de bom uso em muitos campos de **ensino** enquadrados pela Universidade.

p. 309

O que me salva do **ensino** é o ato, e o que atesta o ato é que nunca tive dia seguinte para meu abrigo, nem abrigo que eu tenha daquilo que, permanecendo surdo a minha contribuição, dá-se ao luxo de ostentar

que pode prescindir da falta dele para subsistir essencialmente: o que é evidente quanto à Universidade, sendo visível, de resto, para todo mundo".

p.310
"O que realmente me cabe acentuar é que, ao se oferecer ao **ensino**, o discurso psicanalítico leva o psicanalista à posição do psicanalisante, isto é, a não produzir nada que se possa dominar, malgrado a aparência, a não ser a título de sintoma".

Discurso na Escola Freudiana de Paris

OUTROS ESCRITOS

Publicado em *Scilicet,* nº2/3, Paris, Seuil, 1970, p.9-29.

p.274
"Isso me faz lembrar um certo pateta (em inglês) de quem tive de suportar, em julho de 1962, as propostas sujas, antes que uma comissão de inquérito de que ele era o intermediário pusesse em ação seu capanga. No dia previsto para o veredito, combinado desde o início da negociação, ele saldou sua dívida para com meu **ensino**, então com mais de dez anos, outorgando-me o papel de sargento-recrutador, parecendo surdos os ouvidos dos que com ele colaboravam, já que, por essa via, lhes competia, da história inglesa, bancar recrutas bêbados".

p. 278
"Pois afinal não está o psicanalista sempre à mercê do psicanalisante, ainda mais que o psicanalisante de nada pode poupá-lo quando ele tropeça como psicanalista, e menos ainda quando ele não tropeça? Pelo menos, é isso o que nos **ensina** a experiência".

p.279
"Ou ainda então, imaginem-me em 1961 sabendo que eu servia a meus colegas para que voltassem à International, ao preço de meu **ensino**, que dela seria proscrito. Continuei esse **ensino**, no entanto, eu, ao preço de cuidar exclusivamente dele, sem querer me opor ao trabalho de separarem dele meu auditório".

Prefácio à edição dos Escritos em livro de bolso

OUTROS ESCRITOS

Redigido para *Écrits I,* Paris, Seuil, col. Points Essais, 1970. P.7-12. Igualmente publicado em *Écrits II*, texto integral, col. Points, Paris, Seuil, 1999, p.364-369.

p. 385
"Em suma, ler-se-á meu chamado discurso de Roma de 1953 sem que mais possa importar eu ter sido rigorosamente impedido – desde o término imposto na França aos prazeres de uma Ocupação cuja nostalgia ainda iria assombrá-la durante vinte anos pela pluma de Sartre, tão precisa em seu refinamento –, rigorosamente barrado, dizia eu, de toda e qualquer tarefa, por menor que fosse, de **ensino**. A oposição a isso me foi notificada como sendo proveniente de um certo Sr. Piéron, de quem, aliás, não tive nenhum sinal direto a mim, a pretexto de minha incompreensibilidade".

p. 387
"Eu disse 'para quem quiser ouvir', pois tal articulação pressupõe um discurso que já tenha surtido efeitos, efeito de λέκτον precisamente. Pois é por prática de **ensino**, na qual se demonstra que a insistência do que é enunciado não deve ser tida como secundária na essência do discurso, que ganha corpo, embora eu o tenha assinalado por essa qualidade desde seu primeiro aparecimento, um termo meu: o ponto de basta. Com o qual o λέκτον viu-se traduzido a meu gosto, sem que me gabe disso, sendo mais estoico do que estoicólogo diante do que se possa censurar nele".

Prefácio a uma tese

OUTROS ESCRITOS

Publicado sob o título de "Préface" na abertura do livro de Anika Rifflet-Lemaire, *Jacques Lacan*, Bruxelas, Charles Dessart, 1970, p.9-20. O livro foi reeditado com o mesmo título pela editora Pierre Mardaga, Bruxelas, 1977, incluindo o prefácio (p5-16).

p. 390
"Discurso impensável, por só ser possível sustentá-lo no que se é ejetado dele. Perfeitamente **ensinável**, no entanto, a partir de um meio-dizer: ou seja, a técnica que leva em conta que a verdade só se diz pela metade. Isso supõe que o psicanalista só se manifeste por um discurso assintomático, o que é, de fato, o mínimo que se espera dele".

p. 391
"Não se trata, nesta data, de nada menos do que fazer com que se ouça meu **ensino**, que é enunciado do lugar mais eminente da psiquiatria francesa a cada oito dias, já se vão sete anos, numa aula inédita, para seus destinatários explícitos, psiquiatras e psicanalistas, que, no entanto, deixam-na à margem.

O campo do psicanalista, se pensarmos bem, é muito mais na configuração política do que na conexão praticante que se motiva o hábitat que ele encontrou na psiquiatria. Ele foi obrigado a isso por sua antipatia pelo discurso universitário, antipatia esta que, apesar de só ter recebido de meu **ensino** a sua razão, não tem menos eficácia quando, como sintoma, traduz-se em instituições que veiculam ganhos secundários".

Radiofonia

OUTROS ESCRITOS

Publicado em *Scilicet*, nº2/3, Paris, Seuil, 1970. P.55-99. Lacan havia concordado em responder, para a rádio belga, às perguntas do Sr. Robert Georgin.

p.404
"Se eu fraquejasse agora, não deixaria outra obra senão esses resíduos *[rebuts]* selecionados de meu **ensino** dos quais fiz trave para a informação, sobre a qual diz-se tudo ao afirmar que ela a difunde".

p. 408
"Qualificar essa particularidade de arbitrária é um lapso que Saussure cometeu, por se haver - decerto a contragosto, porém, com isso, ainda mais exposto aos tropeços - "emuralhado" (já que me **ensinaram** que essa é uma palavra minha) no discurso universitário, cujo abrigo mostrei ser justamente o significante que domina o discurso do mestre - o do arbítrio".

Lituraterra

OUTROS ESCRITOS

Escrito para o número dedicado ao tema "Literatura e psicanálise", da revista *Littérature*, Larousse, nº3, out 1971, p.3-10; publicado na abertura do número.

p.16

“Aqui, meu **ensino** pode ser situado numa mudança de configuração que ostenta um lema de promoção do escrito, mas do qual outros testemunhos – por exemplo, que seja em nossos dias que finalmente se lê Rabelais – mostram um deslocamento de interesses com que me afino melhor.

Estou ali, como autor, menos implicado do que se imagina, e meus *Escritos* são um título mais irônico do que se supõe, já que se trata seja de relatórios, função de congressos, seja, digamos, de “cartas abertas” em que faço um apanhado de uma parte de meu **ensino**”.

p.21

“Como dizer o que me fascina nessas coisas que pendem, *kakémono*, como são chamadas, que pendem das paredes de qualquer museu nesses lugares, trazendo inscritos caracteres chineses de formação, que conheço um pouco, mas que, por menos que os conheça, permitem-me avaliar o que deles se elide na escrita cursiva, na qual o singular da mão esmaga o universal, ou seja, propriamente aquilo que lhes **ensino** só ter valor pelo significante? Não o encontro mais ali, mas é por eu ser novato. Não é nisso, aliás, que está o importante, pois, mesmo no que esse singular apóia uma forma mais firme, e lhe acrescenta a dimensão, a dizmansão, já disse eu, a diz-mansão do nãomaiskium [*papeludun*], aquela pela qual se evoca o que instauro do sujeito no Hum-dePlus, para que ele preencha a angústia d' Acoisa, ou seja, aquilo que conoto com o pequeno a, é aqui objeto por ser o cacife de qual aposta a ganhar com tinta e pincel?”

Da incompreensão e outros temas

PARADOXOS amarelo

> Convidado a fazer no Hospital Sainte-Anne uma série de seminários mensais, destinados aos internos de psiquiatria, Lacan escolheu como título "O saber do psicanalista". É que alguns de seus alunos, talvez inspirados pela leitura de Bataille, haviam, na época, levantado a bandeira do "não saber". De fato, se as três primeiras dessas "conversas", como as chamou Lacan, corresponderam mais ou menos à sua idéia inicial, as quatro seguintes, em contrapartida, gravitaram em torno das questões abordadas no grande Seminário que ele conduzia na praça do Panthéon, nos espaços da Faculdade de Direito, sob o título de "...ou pior". Respeitei essa cesura, inserindo as quatro em seu lugar cronológico, o livro 19 do Seminário, onde fariam falta. As três primeiras, ao contrário, constituíram nele uma digressão. Foram estas que reuni neste pequeno volume. Elas foram pronunciadas na capela do hospital nos dias 4 de novembro de 1971, 2 de dezembro do mesmo ano e 6 de janeiro de 1972.

p. 43

“Sublinho, de imediato, que esta fala é uma fala de **ensino**. O **ensino**, no caso, eu o distingo do discurso. Como estou falando aqui no Sainte Anne - e talvez tenham podido sentir o que isso significa para mim, através do que eu disse da vez passada-, optei por tomar as coisas no nível, digamos, do elementar. Isso é completamente arbitrário, mas é uma escolha”.

p. 43-44

"Quando foi à Sociedade de Filosofia fazer uma comunicação sobre o que eu chamava na época de meu **ensino**, fiz a mesma opção. Falei como se me dirigisse a pessoas muito atrasadas. Elas não estavam, não mais do que vocês, mas foi antes a ideia que tenho da filosofia que quis assim. E não sou o único. Um de meus melhores amigos, que fez uma comunicação recente na Sociedade de Filosofia, passou-me um artigo sobre o fundamento da matemática a respeito do qual observei ser de um nível dez ou vinte vezes mais elevado do que o que ele apresentara nessa Sociedade. Ele me respondeu que eu não devia me espantar com isso, em vista das respostas que havia obtido. Como obtive respostas da mesma ordem no mesmo local, foi justamente isso que me tranquilizou, por ter articulado no mesmo nível certas coisas que vocês podem encontrar nos meus Escritos”.

p. 47

“Foi em torno do que é o sintoma que giraram os primeiros tempos do meu **ensino**. De fato, os analistas se encontravam em tamanho nevoeiro quanto a esse ponto que o sintoma se articulava em sua boca como recusa do citado valor de verdade. No fim das contas, talvez se deva ao meu **ensino** que isso já não se exiba com tanta facilidade. Mas a verdade não tem nenhuma relação com a equivalência, num único sentido, do sintoma com o valor de verdade. A verdade faz entrar em jogo o ser do ente”.

p. 48

“Seria um erro ironizarmos, porque, se ela deixou nervosos os filósofos, é porque eles enervam todo mundo. É isso que se mostra na denúncia, por parte dos analistas, do que eles chamam de resistência. Se briguei durante toda uma etapa desse **ensino** do qual meus *Escritos* carregam o vestígio, foi exatamente para interrogá-los sobre o que sabiam do que estavam fazendo, ao introduzirem o ser desse maldito ente de que falavam, não inteiramente a torto e a direito. De vez em quando, eles dão a isso o nome de homem, porém, ele é cada vez menos chamado assim, desde que passei a ser um dos que fazem algumas reservas a isso. Esse ser não tem um tropismo especial com relação à verdade. Não falemos mais nisso”.

Estou falando com as paredes

PARADOXOS amarelo

> Convidado a fazer no Hospital Sainte-Anne uma série de seminários mensais, destinados aos internos de psiquiatria, Lacan escolheu como título "O saber do psicanalista". É que alguns de seus alunos, talvez inspirados pela leitura de Bataille, haviam, na época, levantado a bandeira do "não saber". De fato, se as três primeiras dessas "conversas", como as chamou Lacan, corresponderam mais ou menos à sua idéia inicial, as quatro seguintes, em contrapartida, gravitaram em torno das questões abordadas no grande Seminário que ele conduzia na praça do Panthéon, nos espaços da Faculdade de Direito, sob o título de "...ou pior". Respeitei essa cesura, inserindo as quatro em seu lugar cronológico, o livro 19 do Seminário*, onde fariam falta. As três primeiras, ao contrário, constituíram nele uma digressão. Foram estas que reuni neste pequeno volume. Elas foram pronunciadas na capela do hospital nos dias 4 de novembro de 1971, 2 de dezembro do mesmo ano e 6 de janeiro de 1972.

p. 73

“Não se sabe se a série é o princípio da seriedade. Entretanto, encontro-me diante dessa pergunta. Ela se propõe a mim pelo fato de que, evidentemente, não posso dar continuidade aqui ao que se define noutro lugar do meu **ensino**, chamado de meu Seminário, até porque nem todo mundo está informado de que faço aqui uma conversinha por mês. E como há pessoas que às vezes se dão o trabalho de vir de muito longe para

acompanhar o que digo alhures sob o nome de Seminário, não seria correto continuá-lo aqui".

p. 75-76
"Do nosso ponto de vista de sujeitos, o que é que pode começar em três para o próprio Deus? Essa é uma velha pergunta que formulei muito depressa na época em que iniciei meu **ensino**, e depois não a renovei. Eu lhes direi logo a resposta - é somente a partir de três que ele pode acreditar nele mesmo".

p. 79-80
"Vocês ouviram? Estou falando com a capela. É esta a resposta. Estou falando com a capela, quer dizer, com as paredes. Tem cada vez mais sucesso o ato falho. Agora sei com quem vim falar, é com aquilo com que sempre falei no Sainte Anne - com as paredes. Faz um bom tempo. Uma vez ou outra voltei aqui com um títulozinho de conferência sobre o que estava **ensinando**, e depois com alguns outros, não vou fazer a lista. Sempre falei com as paredes.

Conferência de Lovaina

Opção Lacaniana 78.

Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Esta conferência foi pronunciada no dia 13 de outubro de 1972, na Grande Rotunda da Universidade Católica de Lovaina. Até onde sei, ela foi filmada pela RTBF sem a autorização de Lacan.

p. 8
"Nunca tive a menor intenção de fazer-lhes uma conferência. Tenho um **ensino**. Faço isto há ... sim, há muito tempo. Enfim, fiz isto durante dezessete anos e acreditem que preparo essas aulas. Mas é diferente vir falar com pessoas que, a princípio, não têm disso tudo necessariamente mais do que esta coisa curiosa, não é mesmo? Esta coisa que se propaga por meios impessoais, por meios imperceptíveis e, certamente, por mim desconhecidos, aquilo que faz com que eu tenha visto sobretudo crescer o que se denomina minha audiência".

p. 17
"Entre nós, quem busca o gozo? Resposta: o perverso. Isto é o **ensino** de Freud. Há alguns que são fãs do gozo e por ele estão prestes a fazer qualquer coisa. Isto os leva longe, sem dúvida, mas não os conduz por um certo caminho com o qual se poderia imaginar que mesmo assim tenham alguma relação, a via do gozo sexual. Inicialmente, há em Freud isto, que consiste em mostrar que o gozo sexual é o ponto ideal em relação ao qual se referenciam os diversos gozos perversos, isto de um lado, e de outro que todos os tipos de comportamento que lidam com o desejo colocam-no em jogo de tal maneira que o de que se trata é que em nenhum caso se atinge o gozo, e isto se chama neurose. Estes são os dois avanços, as duas lacunas que Freud introduz. *Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, é isto que isso quer dizer".

p. 30
"É a revelação dessa estrutura que é aquilo sobre o que - em casos privilegiados que são precisamente aqueles que defini há pouco pela neurose - se funda , gira e se edifica o discurso analítico. Por isso, é evidente que é preciso acentuar, precisar quais são os membros situáveis pela atividade linguageira, no âmbito mais elementar da função da linguagem. É isto que a análise nos **ensina** a situar, é isto que define o analista".

O aturdito

OUTROS ESCRITOS

Publicado em *Scilicet*, nº4, Paris, Seuil, 1973, p.5-52.

p. 473
"Não há outro estofo a lhe dar senão esta linguagem de puro matema, com o que me refiro àquilo que é o único a poder ser **ensinado**: isto, sem recorrer a nenhuma experiência, a qual, por ser sempre, tenha ela o que tiver, fundada num discurso, permite as locuções que, em última instância, não visam outra coisa senão estabelecer esse discurso".

p. 480
"É nisso que os matemas com que se formula em impasses o matematizável, ele mesmo a ser definido como o que de real se **ensina** de real, são adequados para se coordenar com essa ausência tomada do real".

p. 483
"Não podemos negar que há nisso um progresso em relação ao que, no *Ménon*, fica por questionar sobre o que constitui o **ensinável**. Certamente, a última coisa a dizer é que existe um mundo entre eles dois: o que se trata é de que nesse lugar vem o real, do qual o mundo é apenas um decaído derrisório".

p.484
"Assim, um dizer como o meu, é por ex-sistir ao dito que ele permite o materna, mas não constitui materna para mim e, assim, coloca-se como não-**ensinável** antes que o dizer se tenha produzido, e como **ensinável** apenas depois de eu o haver matematizado segundo os critérios menonianos, os quais, no entanto, não me haviam certificado disso.

Do não-**ensinável** criei um materna por assegurá-lo pela fixão da opinião verdadeira - fixão escrita com x, mas não sem recorrer ao equívoco.

Daí procedeu minha fixão desse ponto δόξα – o que eu não disse –; eu não o conheço e, portanto assim como Freud, não posso dar conta 'daquilo que **ensino**" a não ser acompanhado seus efeitos no discurso analítico: efeitos de sua matematização, que não vem de uma máquina, mas que revela algo de troço, uma vez que ele a produziu.

p. 486
"O que a topologia **ensina** é o vínculo necessário que se estabelece entre o corte e o número de voltas que ele comporta, para que se obtenha uma modificação da estrutura ou d'asfera (com d e apóstrofo), único acesso concebível ao real, e concebível pelo impossível no que ele o demonstra".

Televisão

OUTROS ESCRITOS

Esse texto foi publicado num volume da coleção Champ Freudien, Éd. Du Seuil, 1974 [Rio de Janeiro, Jorge Zahar, col. Campo Freudiano no Brasil, 1993].

p.509
"Irei mais longe: nada mais espero dos analistas supostos senão que sejam o objeto graças ao qual aquilo que **ensino** não é uma auto-análise. Com certeza, quanto a esse ponto, é apenas por eles, aqueles que me escutam, que serei ouvido. Mas, mesmo não ouvindo nada, um analista

desempenha esse papel que acabo de formular, e a televisão, portanto, o desempenha tão bem quanto ele".

p. 515

" Eu não o amo" , **ensina** Freud, vai longe nessa série, ao se repercutir ali".

p.520

"É que, como o senhor sabe, pelo menos na SAMCDA de Paris, os únicos elementos com que as pessoas se sustentam provêm de meu **ensino**. Ele se infiltra por toda parte, é um vento que se torna cortante, quando sopra com muita força. Então elas voltam aos velhos gestos, vão se reaquecer amontoando-se em Congressos.

p. 535

"Será possível dizer, por exemplo, que, quando O homem quer *A* mulher, ele só a alcança ao encalhar no campo da perversão? É o que se formula a partir da experiência instituída pelo discurso psicanalítico. Se isso se confirmar, acaso será **ensinável** a todo o mundo, isto é, será científico, já que a ciência abriu caminho partindo desse postulado?"

O triunfo da religião

PARADOXOS laranja

Provém de uma "entrevista coletiva" realizada em Roma em 29 de outubro de 1974, no Centro Cultural Francês, por ocasião de um congresso [onde pronunciou A Terceira]. Lacan foi interrogado por jornalistas italianos.
Tanto o título como o subtítulo são de J.-A. Miller. Uma primeira versão foi publicada no boletim interno da Escola da Causa Freudiana, Les Lettres de l'École, nº16, 1975, p.6-26.

p. 73-74

"Na Escritura judaica, a Escritura sagrada, vê-se muito bem para que serve que o Verbo tenha sido não no começo, mas antes do começo. É que, como ele era antes do começo, Deus se julga no direito de fazer todo tipo de reprimenda às pessoas, a quem dá um pequeno presente, do gênero "perit-petit-perit", como se dá às galinhas. Ele **ensinou** Adão a nomear as coisas. Não lhe deu o Verbo, porque seria um negócio grande demais, **ensinou**-o a nomear. Não é grande coisa nomear, está totalmente na medida humana. Os seres humanos não pedem mais que isso, que as luzes sejam moderadas. A luz em si é absolutamente insuportável. Por sinal, nunca se falou de luz no século das Luzes, falou-se de *Aufklärung*. "Tragam-me uma Luzinha, por favor." Isso já é muito. Mais até do que podemos suportar".

p. 80

"Claro que aí ficamos completamente sem rumo. Como estamos situados num ponto preciso do tempo, como dizer o que quer que seja a propósito de uma lei que, no dizer de Poincaré, não seria mais uma lei? Mas, afinal de contas, por que não pensar também que um dia talvez saibamos um pouquinho mais sobre o real? - graças a cálculos, sempre. Auguste Comte dizia que nunca se saberia nada da química das estrelas, e eis que, coisa curiosa, chega um troço chamado espectroscópio que nos **ensina** coisas bem precisas sobre a composição química das estrelas. Então, convém desconfiar, acontecem coisas, lugares de passagem absolutamente insensatos, que sequer imaginávamos e de forma alguma previámos. Isso fará talvez com que tenhamos um dia uma noção sobre a evolução das leis".

p. 83

"O que mais me espanta é ter tantos ainda ao meu lado. Não posso dizer que nada fiz para retê-los. Não ando pendurado nos casacos deles. Não temo absolutamente que as pessoas partam. Ao contrário, alivia-me quando se vão. Mas, enfim, sou grato aos que ali estão por me devolverem alguma coisa de tempos em tempos, o que me dá a sensação de que não sou completamente supérfluo no que **ensino**, que lhes **ensino** algo que lhes presta serviço".

A terceira

Opção Lacaniana 62, dezembro de 2011

outubro de 1974. Intervenção no VII Congresso da Escolha Freudiana de Paris, Roma.

p. 19

"É por isso, inclusive, que não há uma verdadeira sociedade fundada no discurso analítico. Há uma Escola, que justamente não se define por ser uma Sociedade. Ela se define pelo fato de que nela **ensino** alguma coisa".

O fenômeno lacaniano

Opção Lacaniana 68 e 69, dezembro de 2014

Conferência realizada no dia 30 de novembro de 1974, no Centre Universitaire Méditerranéen de Nice, e publicada originalmente nos Cahiers Cliniques de Nice nº1, em 1998. Uma nova edição foi publicada em setembro de 2011 nessa mesma revista, e foi esse texto que traduzimos.

p. 13

"Isto não tem nada a ver com o fenômeno no sentido, digamos, o mais sério que é dado a esse termo. Como há aqui, suponho, algumas pessoas para desconfiar disso, é aquele que se opõe ao noumenon. São questões filosóficas, dessas coisas que se arrastam no **ensino**".

p. 14

"O que eu queria era fazer com que o discurso analítico se mantivesse suficientemente para que fosse **ensinado** de modo tão rigoroso quanto a ciência. O que, no entanto, faz desse meu desígnio algo difícil ele realizar, é que, ainda que pense a respeito, a ciência ainda não estabeleceu o seu próprio estatuto".

Conferência em Genebra sobre o sintoma

Opção Lacaniana 23, dezembro de 1998

Segundo as indicações que me foram fornecidas, a conferência, anunciada sob o título "O sintoma" foi pronunciada no dia 4 de outubro de 1975, no Centro Raymond de Saussure, num fim de semana de trabalho organizado pela Sociedade Suíça de Psicanálise, perante uma audiência composta por membros da dita Sociedade e de convidados; o Sr. Olivier Flournoy fez a abertura. Extraído de Le Bloc:Notes de la psychanalyse, nº 5, 1985.

p. 6-7

“Escrever não é, de modo algum, a mesma coisa, não se parece em nada com o dizer, como ilustrarei mais adiante. Sucede que, durante a época em que eu estava em Sainte-Anne, desejei que algo do que eu dizia permanecesse. Nessa época, eu editava uma revista para a qual, propriamente falando, escrevia. Recolhi um certo número de artigos publicados nessa revista. Como eu também havia escrito bastante coisas antes, a metade dessa coletânea constitui-se desses escritos anteriores - que, estritamente falando, são escritos, e é simplesmente a isso que se deve meu título, *Escritos*. Esse título escandalizou um pouco uma pessoa de minhas relações, uma charmosa moça japonesa. É provável que a ressonância da palavra *Escritos* não seja a mesma em japonês e em francês. Por Escritos, eu queria apenas assinalar que era, de algum modo, o resíduo de meu **ensino**”.

p. 7

“É pela via do olhar, à qual Olivier Flournoy, há pouco, se ~. referiu, que o corpo ganha sua importância. A maior pane - mas não tudo - do que o homem pensa enraíza-se aí. É, de fato, muito difícil para um analista, visto o que ele tem a fazer, não ser aspirado - no mesmo sentido a que aludi agora mesmo - pelo *gluglu* dessa fuga, dessa coisa que o capta, em última instância, narcisicamente, no discurso daquele que Olivier Flournoy denominou, há pouco - lamento - o analisado. Lamento, pois já faz algum tempo que o termo *analisante*, que proferi, um dia, em meu seminário, adquiriu o direito de cidadania. Não somente na minha Escola - eu só outorgaria a isso uma importância relativa, relativa a mim - mas também porque esse *analisante* produziu uma espécie de efeito relâmpago na mesma semana em que o articulei. O Instituto Psicanalítico de Paris, que está informado de tudo que falo - diria, inclusive mais, que o que digo é o principal do que ali se **ensina**, esse instituto deleitou- se com esse *analisante* que lhe serviu como um anel no dedo, mesmo que fosse somente para desincumbir o analista de ser o responsável, na ocasião, pela análise”.

p. 12

“É um nome que não me é desconhecido. O Dr. Bovet fez-me uma pergunta que acho muito boa, por assim dizer. Até que ponto, disse-me, você se leva a sério? Não é nada mal e espero que isso encoraje vocês. Esse é o tipo de pergunta para a qual não estou nem aí. Continuar a ponto de estar no vigésimo segundo ano de meu **ensino** implica que me levo a sério. Se não respondi foi porque ele tinha de tomar um trem. De todo modo, porém, já respondi a essa pergunta, implicitamente, identificando o sério com a série. Uma série matemática, seja ela convergente ou divergente, quer dizer algo. O que enuncio é absolutamente dessa ordem. Tento delimitar cada vez mais, tento fazer uma série convergente. Será que consegui? Naturalmente, quando se está cativado... Contudo, mesmo uma série divergente tem seu interesse, a sua maneira, ela também converge - digo isso para as pessoas que teriam alguma idéia das matemáticas. Por se tratar do Dr. Bovet, que se lhe transmitia esta resposta”.

Talvez em Vincennes...

OUTROS ESCRITOS

Constituiu a abertura do nº1 do *Ornicar?*, boletim periódico do "Champ Freudien”, janeiro de 1975, p.3-5; o texto indicava, sob o título dado pela redação, “Proposição de Lacan”.

p.316

“Talvez em Vincennes venham a se reunir os **ensinamentos** em que Freud formulou que o analista deveria apoiar-se, reforçando ali o que extrai de sua própria análise, isto é, saber não tanto para que ela serviu, mas de que se serviu.

Não há discussão aqui sobre o que **ensino** a esse respeito. Até os que lhe erguem obstáculos são forçados a levá-los em conta”.

Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*

OUTROS ESCRITOS

Publicado em Scilicet, nº5, Paris, Seuil, 1975, p.11-7; o título original esclarecia, entre parênteses, o nome da editora: Walter Verlag. A edição alemã do primeiro volume dos Escritos foi lançada em 1973 pela Walter Verlag, sob o título de Schriften I.

p. 552-553

“Nada lhes **ensina** - nem mesmo o fato de Freud ter sido médico e de que o médico, tal como a apaixonada, não enxerga muito longe - que é a outro lugar, portanto, que eles precisam ir para ter o talento dele: notadamente, fazendo-se sujeitos não de um repisamento, mas de um discurso, de um discurso sem precedentes, pelo qual sucede às apaixonadas tornarem-se geniais, ao se orientarem nele - que estou dizendo? -, ao inventá-lo muito antes que Freud o estabelecesse, sem que quanto ao amor, aliás, ele lhes sirva para nada, o que é patente.

Nomina non sunt consequentia rerum

Opção Lacaniana 28, julho de 2000

Os textos "As identificações" (16/11/1976) e "O sistema tórico e a contra-psicanálise'' (14/12/1976) foram extraídos de Ornicar? n° 12/13; "Efeitos de significantes" (11/01/1977) de Ornicar' n° 14; "O real continua o imaginário" (18/01/1977) de Ornicar? n° 15 e "Nomína non sunt consequentia rerum" (08/03/1977) de Ornicar' n° 16. Todos foram traduzidos por Mário Almeida. As quatro aulas subsequentes a estas estão publicadas em Opção Lacaniana, n° 22 sob o título "Rumo a um significante novo".

p. 11

“O que é que regra o contágio de certas fórmulas? Não acho que seja a convicção com a qual se as pronuncia, porque não se pode dizer que esteja aí o suporte do qual propaguei meu **ensino**. Cabe a Jacques-Alain Miller testemunhar a esse respeito - considera ele que o que tagarelei ao curso desses vinte e cinco anos de seminário traz esta marca?”

p. 13

“Tem uma coisa que me surpreende ainda mais que a difusão, a qual se sabe que se faz a partir do que se chama meu **ensino** ou minhas idéias, nesta coisa que caminha sob o nome de Instituto de Psicanálise e que é o outro extremo dos agrupamentos analíticos. O que me surpreende ainda mais, é que (...) o tal Jacques Derrida fez para esse "palavreado" um prefácio fervoroso, entusiasta, (...). Eu não acho, devo dizê-lo, apesar de que empenhei as coisas nesta via, que este livro nem este prefácio sejam de muito bom tom. No gênero delírio, é um extremo. E estou assustado por isso, de me sentir mais ou menos responsável por ter aberto as comportas.

Poderia também fechá-la. Poderia também reservar completamente só para mim a satisfação de jogar com o inconsciente sem explicar a farsa, sem dizer que é por esse truque dos efeitos de significante que se opera. Em suma, se não houvessem verdadeiramente me forçado, jamais teria feito **ensino**. Ao ler o que Jacques-Alain Miller publicou sobre a cisão de

53, não se pode dizer que seja com entusiasmo que tomei o resgate (*relève*) sobre o assunto do inconsciente".

p. 15
"Sr Z - Também acredito, mas a via não passa pelo processo do simbólico. Não é para pôr em dúvida ou em falta seu **ensino**.. .

Dr Lacan - Não há nenhuma razão para que não se ponha meu **ensino** em falta. Eu tento dizer que a arte está além do simbólico. A arte é um *savoir-faire*, o simbólico está no princípio do fazer. Acredito que há mais verdade no dizer que é a arte que em qualquer *blá-blá-blá*. Não é dizer que isso se faça por qualquer via. E não é pré-verbal - é um verbal a segunda potência".

Entrevista sobre ficção científica

Opção Lacaniana 80-81

Em janeiro de 1976, Igor e Grichka Bogdanoff pediram a Jacques Lacan, no final de uma seção de seu Seminário, que lhes falasse a respeito da ficção científica. Lacan os recebu em 4 de fevereiro de 1977. Esta entrevista foi oublicada no livro: O efeito de ficção científica (Paris, Robert Laffont, 1979, p.280-281). Reproduzimos essas páginas com a autorização de Jacques-Alain Miller.

p. 10
"O inconsciente é a constatação de um saber, na medida em que ele chega, em grande parte, ao ser falante. A ficção científica é o que articula coisas que vão muito mais longe do que a ciência suporta como saber enunciado: a ficção científica é o mistério do ser falante. Certamente esse discurso 'científico' tem algo a ver com o saber; a questão que ele coloca é a da introdução, pelo outro (e não o outro), da diferença no campo do gozo. Falei em algum lugar sobre o que diz respeito ao outro e não arriscarei dizê-lo novamente. Se o inconsciente nos **ensinou** algo, é que em algum lugar no outro *isso se sabe,* mas só podemos recolher fragmentos desse saber".

Carta de dissolução

OUTROS ESCRITOS

Essa carta, dirigida sob forma mimeografada aos membros da Escola Freudiana de Paris, foi lida no seminário de 8 de janeiro de 1980; foi impressa no *Annuaire 1982* da Escola da Causa Freudiana.

p.319
"É por isso que dissolvo. E não me queixo dos referidos "membros da Escola Freudiana" – antes, agradeço-lhe por ter sido por eles ensinado, donde eu, eu fracassei, ou seja, me enrolei.

Esse **ensino** me é precioso. Tiro dele proveito".

p.320
"Eu os abandono a fim de que eles me mostrem o que sabem fazer, afora me estorvarem e fazerem desandar um **ensino** em que tudo é sopesado".

O mal entendido

Opção Lacaniana 72, março de 2016

Pronunciado em 10 de junho de 1980.

p. 9
"Interessa-me ver o que se passa quando minha pessoa não serve ele anteparo para o que **ensino**. É possível que meu matema ganhe com isso".

Considerações sobre a histeria

Opção Lacaniana 50, dezembro de 2007

Essa carta, dirigida sob a forma mimeografada a partir de uma primeira transcrição publicada com minha autorização no segundo número de Quarto, em 1981.

p. 19
O que é **ensinar**?

Tentamos provocar nos outros o saber haver-se aí, quer dizer, saber se virar neste mundo que absolutamente não é um mundo de representações, mas um mundo de escroqueria".

CONTRACAPA

OUTROS ESCRITOS

"Lacan resumia em uma frase a lição dos *Escritos*: "o inconsciente decorre do puro lógico, em outros termos, do significante." Os ***Outros Escritos*** **ensinam** que o gozo também decorre do significante, mas em sua junção com o vivo; que ele se produz a partir de "manipulações" não genéticas mas linguageiras, afetando o vivo que fala, aquele que a língua traumatiza".